

# **IGREJA LUTERANA**

---

Revista Semestral de Teologia

# SEMINÁRIO CONCÓRDIA



## **Diretor**

Gerson Luis Linden

## **Professores**

Acir Raymann, Anselmo Ernesto Graff, Clóvis Jair Prunzel, Gerson Luis Linden, Leopoldo Heimann, Norberto Heine (CAAPP), Paulo Gerhard Pietzsch, Paulo Proske Weirich, Paulo Wille Buss, Raul Blum, Vilson Scholz

## **Professores Eméritos**

Donaldo Schüler, Paulo F. Flor

---

## **IGREJA LUTERANA**

ISSN 0103-779X

Revista semestral de Teologia publicada em junho e novembro pela Faculdade de Teologia do Seminário Concórdia, da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil.

## **Conselho Editorial**

Paulo Wille Buss (Editor), Paulo Proske Weirich (Editor Homilético)

## **Assistência Administrativa**

Nara Coelho e Cárin Fester

A Revista *Igreja Luterana* está indexada em *Bibliografia Bíblica Latino-Americana* e *Old Testament Abstracts*.

Os originais dos artigos serão devolvidos quando acompanhados de envelope com endereço e selado.

*Solicita-se permuta*

*We request exchange*

*Wir erbitten Austausch*

---

## **CORRESPONDÊNCIA**

*Revista Igreja Luterana*

**Seminário Concórdia**

Caixa Postal 202

93001-970 – São Leopoldo/RS

Telefone: (0xx)51 3592 9035

e-mail: revista@seminarioconcordia.com.br

www.seminarioconcordia.com.br

# ÍNDICE

---

## **ARTIGOS**

POR QUE LUTERANOS NÃO SÃO PÓS-MILENARISTAS? 7

---

*Gerson L. Linden*

OS CATECISMOS DE LUTERO:  
A ARTE DE ENSINAR A VIVER POR FÉ 33

---

*Clécio Leocir Schadech e Clóvis Jair Prunzel*

APROXIME-SE DO ALTAR: UMA REFLEXÃO SOBRE  
A TEOLOGIA E PRÁTICA DA SANTA CEIA 61

---

*Joel D. Biermann*

**AUXÍLIOS HOMILÉTICOS** 75

---

**IGREJA LUTERANA**

Volume 67 – Junho de 2008 – Número 1

---



## NOTA DO LEITOR

---

É com satisfação e gratidão a Deus que a congregação de professores da Faculdade de Teologia do Seminário Concórdia lança mais um número de **Igreja Luterana**. Nosso objetivo continua sendo o de oferecer subsídios para a reflexão teológica e a prática pastoral. Temos a convicção de que os artigos incluídos nesta edição identificam-se plenamente com este objetivo.

O diretor e professor Gerson Luis Linden examina a história e os ensinamentos do pós-milenarismo e os confronta com a teologia e prática luterana. Num artigo que é fruto de um trabalho de conclusão de curso de especialização em teologia, Clécio L. Schadech e seu orientador Prof. Clóvis J. Prunzel refletem sobre os Catecismos de Lutero. Embora tenham sido escritos há quase quinhentos anos, estes catecismos continuam a ter um importante lugar na teologia e no ensino da igreja luterana. Os autores convidam o leitor a re-examinar o conteúdo destes manuais catequéticos para perceberem a relação harmoniosa entre suas partes, unidas em torno do tema central da justificação do pecador pela fé em Cristo. Os dois últimos artigos são traduções de textos originalmente publicados em revistas teológicas da Igreja Luterana Sínodo de Missouri (LCMS). Embora seus autores, ao escreverem estes artigos, tivessem em mente a realidade norte-americana e, mais diretamente, a da LCMS, julgamos importante e relevante reproduzi-los aqui, tendo em vista que os assuntos enfocados neles também se constituem em tema de debate e se evidenciam na prática da vida congregacional e nacional da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Agradecemos aos editores do **Concordia Journal** de Saint Louis e do **Concordia Theological Quarterly** de Fort Wayne por gentilmente terem autorizado a tradução e publicação dos artigos de suas revistas. Finalmente, os auxílios homiléticos procuram ir ao encontro das necessidades dos pastores que “se afadigam na palavra e no ensino”.

Reconhecemos, agradecidos, o esforço de todos os colaboradores que generosamente ofertaram dons e tempo precioso para viabilizar mais esta edição. Aos leitores, uma boa e proveitosa leitura!

*Paulo Wille Buss*  
Editor



# POR QUE LUTERANOS NÃO SÃO PÓS-MILENARISTAS?

*Gerson L. Linden<sup>1</sup>*

“A Confissão de Augsburgo ... é basicamente pós-milenarista. Grupos luteranos tendem a seguir esta posição.”<sup>2</sup> Esta afirmação causa surpresa se comparada àquela da Comissão de Teologia e Relações Eclesiais da Igreja Luterana, Sínodo de Missouri, de que “a escatologia apresentada nas Confissões Luteranas é claramente amilenarista (CA XVII)”.<sup>3</sup> A confusão manifestada por Erickson possivelmente se deve ao fato de que, assim como os pós-milenaristas, teólogos luteranos normalmente interpretam o “milênio” como um período não literal de mil anos e entendem que a segunda vinda de Cristo acontecerá após este período.

Uma questão a ser feita é se realmente importa a diferença entre as três diferentes correntes.<sup>4</sup> Clouse chama a atenção para o fato de que não é simplesmente uma questão da ordem dos acontecimentos futuros: “muitas atitudes que um cristão tem a respeito da sociedade, igreja e seu propósito, educação e cultura, e mesmo a respeito dos

---

<sup>1</sup> O Professor Gerson Luis Linden, Mestre e Doutorando em Teologia, é Diretor Geral do Centro Educacional Concórdia de São Leopoldo, RS, e Professor de Exegese Bíblica (Novo Testamento) e Sistemática no Seminário Concórdia e na ULBRA.

<sup>2</sup> Erickson, *Opções Contemporâneas na Escatologia*, 51. Erickson não é o único autor que classifica a teologia luterana como sendo pós-milenarista. Judisch argumenta contra uma tal posição mostrando que a Confissão de Augsburgo explicitamente “exclui da Igreja Luterana todos os que advogam o milenarismo (incluindo o pós-milenarismo)”, não apenas no artigo específico sobre o assunto (XVII), mas em outras partes (“Postmillennialism and the Augustana,” 159).

<sup>3</sup> CTRE – LCMS, *Os Tempos do Fim*, 11. As designações pré-, pós- e amilenarismo caracterizam diferentes posições teológicas quanto à relação entre a segunda vinda de Cristo e o milênio mencionado em Apocalipse 20. Assim, resumidamente, o pré-milenarismo sustenta que a vinda de Cristo acontecerá antes do milênio, ou seja, inaugurará um período (normalmente entendido como literal) de mil anos de paz sobre a terra. O pós-milenarismo sugere que a segunda vinda de Cristo acontecerá após o milênio, entendido este como um período não literal de tempo. E o amilenarismo interpreta o milênio como sendo todo o período entre a ascensão de Jesus e sua segunda vinda: “algumas vezes chamado ‘milenarismo realizado’ porque o período referido em Apocalipse 20 está agora em um processo de realização. [...] aqueles que adotam esta posição concordam que os ‘mil anos’ referidos em Apocalipse 20 é uma expressão figurada para o presente reino de Cristo, que começou com sua ascensão ao céu e será manifesto plenamente na sua segunda vinda” (Ibid., p. 11).

<sup>4</sup> É importante lembrar que há outras subdivisões nestas posições teológicas. A mais importante delas diz respeito à distinção entre o pré-milenarismo histórico e o dispensacionalismo (pré-milenarismo dispensacional). Para maiores detalhes, ver: CTRE, *Os Tempos do Fim*, pp. 7-10.

eventos contemporâneos estão condicionadas pelo tipo de escatologia que ele sustenta”.<sup>5</sup> Davis chama a atenção para as implicações práticas do posicionamento escatológico que alguém assume, visto que tal posicionamento pressupõe “uma filosofia da História e um entendimento do senhorio de Cristo que têm implicações práticas e amplas para o envolvimento do crente na expansão missionária, no evangelismo e na renovação social”.<sup>6</sup> Rousas John Rushdoony, defendendo a posição pós-milenarista, caracteriza a diferença prática (homilética) entre as três principais linhas de interpretação desta forma:

O pregador pré-milenarista quer salvar as almas antes que venha o ‘arrebamento’. O amilenarista procura salvar almas como se tira ramos de uma fogueira, como homens resgatados do dilúvio do mal para dentro da igreja, a arca de Deus. O pós-milenarista vê como sua obrigação trazer todas as áreas da vida e pensamento cativas a Cristo, o Redentor-Rei, assim que ele possa governar sobre todas as coisas e introduzir seu reino de justiça e paz através de Seu povo.<sup>7</sup>

O objetivo do presente trabalho é descrever a posição teológica conhecida como pós-milenarismo e comparar sua abordagem àquela da teologia luterana. Num primeiro capítulo procuraremos caracterizar o pós-milenarismo, incluindo um dos seus ramos contemporâneos (teologia reconstrucionista). Em seguida observaremos os principais questionamentos a esta posição, a partir do ponto de vista amilenarista. Ao final, o pós-milenarismo será avaliado a partir de aspectos distintivos da teologia luterana.

## **1. PÓS-MILENARISMO**

### **1.1. Origens do pensamento pós-milenarista**

Davis cita Calvino como sendo alguém que, apesar de não articular idéias especificamente pós-milenaristas, “prenunciou desenvolvimentos subsequentes”.<sup>8</sup> Pode-se questionar se isto é historicamente correto. É comum observar em estudos pós-milenaristas a tentativa

---

<sup>5</sup> Clouse, *Four Views*, 209.

<sup>6</sup> Davis, *Christ’s Victorious Kingdom*, 9.

<sup>7</sup> Sandlin, *A Postmillennial Primer*, 1.

<sup>8</sup> Davis, *Christ’s Victorious Kingdom*, 17.



dos autores de demonstrar que Calvino pode ser entendido como sendo pós-milenarista, ao menos nos princípios básicos desta posição teológica.<sup>9</sup> Outros teólogos Reformados estão convencidos que Calvino era amilenarista.<sup>10</sup> O que parece mais correto é dizer que a teologia pós-milenarista é basicamente de matriz Reformada. Isto é especialmente verdade em se considerando a “Teologia da Reconstrução”, a respeito da qual trataremos com mais detalhe abaixo, com sua forte ênfase no uso e importância da lei para a transformação do mundo de uma forma agradável a Deus.

Alguns importantes teólogos do século XVII tinham uma perspectiva pós-milenarista. Podem ser citados: Daniel Whitby (1638-1726), Thomas Brightman<sup>11</sup>, William Gouge<sup>12</sup>, John Cotton<sup>13</sup> e John Owen<sup>14</sup>.

Um dos principais teólogos do século XVII, Daniel Whitby, sustentou a tese de que haveria uma conversão geral no mundo, incluindo os judeus, que retornariam a sua terra. Os inimigos do cristianismo (entre os quais Whitby lista o papa e os turcos) seriam derrotados. O mundo teria então um período de paz universal. Cristo retornaria pessoalmente para o julgamento final ao término deste período.<sup>15</sup> A De-

<sup>9</sup> Bahnsen, “The Prima Facie Acceptability of Postmillennialism”, 69-76.

<sup>10</sup> Por exemplo, Barker e Godfrey, *Theonomy – A Reformed Critique*.

<sup>11</sup> “Em 1609, uma exposição otimista de Thomas Brightman sobre o livro de Apocalipse foi publicada, *Apocalypsis Apocalypseos*; nela ele tentou criar coragem na igreja em meio a perseguições, apontando para a promessa da Escritura de uma era de triunfo para a igreja na terra. Esta era seria caracterizada pela conversão dos judeus e da plenitude dos gentios, pela queda do papado e dos turcos, por tranquilidade e por uma igreja revitalizada, tendo Cristo governando as nações pela sua palavra” (Bahnsen, “The Prima Facie Acceptability of Postmillennialism”, 77).

<sup>12</sup> Um dos delegados ingleses à Assembléia de Westminster: “Gouge falava das ‘promessas específicas a respeito de um futuro de glória para a igreja cristã’, encontradas nas profecias do Antigo Testamento, nas palavras de Cristo e de seus apóstolos, e especialmente no livro de Apocalipse; de acordo com ele, elas não se aplicam ao mundo porvir, mas ao ‘estado glorioso’ da igreja antes do dia do julgamento – um estado caracterizado pelo chamado e conversão dos judeus e da plenitude dos gentios para dentro de uma igreja visível” (Bahnsen, 79,80).

<sup>13</sup> De acordo com Bahnsen, “o mais famoso teólogo dos anos 1630 e 40 ... o líder puritano em Boston”. “Os textos que aparecem na página título de seu sermão de despedida para aqueles que partiam para a Nova Inglaterra no navio *Arbella* em 1630 (2 Sm 7.10; Sl 22.27,30,31) evidenciam sua crença de que todas as nações do mundo virão para reconhecer o verdadeiro Deus vivo; os colonizadores deveriam guardar na mente que os propósitos de Deus em relação ao milênio deveriam ser servidos através dos seus esforços (especialmente na evangelização dos índios)” (78).

<sup>14</sup> “O principal teólogo independente” na Inglaterra na última metade do século XVII: “Ele explicou o reino de Deus como o controle espiritual dos cristãos, resultando na conformidade obediente à palavra de Cristo. Os reinos anticristãos serão então abalados, conforme Owen, e serão substituídos com o triunfo do reino de Cristo, sinalizado pela conversão dos judeus” (Bahnsen, 84).

<sup>15</sup> Clouse, *Four Views*, 11.

claração de Savoy, de 1658, adotada pelas Igrejas Congregacionais Americanas, adaptou a Confissão de Westminster para as necessidades das Igrejas Congregacionais da Inglaterra e incorporou uma declaração pós-milenarista:

De acordo com sua promessa, esperamos que nos últimos dias o anticristo será destruído, os judeus serão chamados e os adversários do Reino de Seu amado Filho serão derrotados, as Igrejas de Cristo crescerão e serão edificadas através de uma livre e abundante comunicação de luz e graça e desfrutarão neste mundo de uma condição mais tranquila, pacífica e gloriosa do que jamais desfrutaram antes. [26.5]<sup>16</sup>

De acordo com Bahnsen,

o pós-milenarismo foi um grande estímulo para as missões americanas. [...] Se alguém quer encontrar evidências do pós-milenarismo precisa apenas olhar para os grandes movimentos missionários da Igreja antes do século XX. O crescimento das missões cristãs não pode ser propriamente compreendido à parte da escatologia que o estimulou.<sup>17</sup>

## 1.2. O Declínio do Pós-milenarismo no Século XX

Este que foi um posicionamento teológico de muito vigor até o século XIX sofreu um declínio especialmente na primeira metade do século XX. Este fato é normalmente explicado como uma consequência da Primeira Guerra Mundial e o pessimismo e desilusão que resultaram daquele período. "A perspectiva otimista e esperançosa da visão pós-milenarista não mais parecia encaixar no tempo presente."<sup>18</sup>

Greg L. Bahnsen reconhece três fatores principais que foram responsáveis pelo declínio da defesa pública do pensamento pós-milenarista: 1) o liberalismo teológico, com sua negação do testemu-

---

<sup>16</sup> Davis, *Christ's Victorious Kingdom*, 18.

<sup>17</sup> Bahnsen, "The Prima Facie," 98, 99. Uma pergunta que se poderia fazer é qual o posicionamento específico sobre a escatologia está por detrás da visão luterana a respeito da missão!

<sup>18</sup> Davis, *Christ's Victorious Kingdom*, 21.

nho bíblico sobre a intervenção de Deus no mundo. 2) O progressivismo evolucionista – dada a influência de Kant e Hegel, com a idéia que a humanidade segue um caminho natural de desenvolvimento e liberdade. Um dos resultados foi a teoria da evolução. 3) A aceitação de tais idéias por teólogos influentes do século XIX e o entendimento da religião como um assunto de ética promoveram um visão de reforma social, que produziu a secularização do pós-milenarismo. Exemplos práticos disto foram o movimento socialista cristão na Inglaterra e do evangelho social nos Estados Unidos.<sup>19</sup> Uma das conseqüências, de acordo com Bahnsen, foi que o pós-milenarismo começou a ser visto como um tipo de teologia liberal.<sup>20</sup>

### 1.3. Ensinos Básicos do Pós-milenarismo

Davis<sup>21</sup> lista quatro equívocos comuns a respeito do pós-milenarismo, dizendo que ele não deveria ser identificado com: 1) “o otimismo evolucionário do século XIX”, pois o pós-milenarismo entende que Cristo dará melhores condições ao mundo através de Sua palavra e Espírito, não por uma evolução natural; 2) liberalismo e “evangelho social”. Desde 1815 a visão pós-milenarista também promoveu reformas sociais, mas não deve ser confundida com o evangelho social (que Davis chama de “uma forma secularizada de pós-milenarismo”);<sup>22</sup> 3) universalismo – visto que pós-milenarismo não sugere que toda a humanidade será salva, mas que perto do fim o cristianismo será a religião dominante do mundo; 4) “alguma versão de ‘destino manifesto’, que vê os Estados Unidos como a chave para o plano de Deus para ampliar seu reino no mundo”.

<sup>19</sup> “Walter Rauschenbusch, por exemplo, em seu *A Theology for the Social Gospel*, falou do ‘milênio’ vindo através do desenvolvimento natural de uma sociedade ideal que expressaria a irmandade pública do homem” (Bahnsen, “The Prima Facie”, 50).

<sup>20</sup> Bahnsen, “The Prima Facie”, 48-50.

<sup>21</sup> Davis, *Christ’s Victorious Kingdom*, 12-16.

<sup>22</sup> David Chilton argumenta fortemente contra a identificação do ‘evangelho social’ com o pós-milenarismo: “Tal identificação é completamente absurda, sem qualquer fundamento. Os líderes do movimento do evangelho social eram humanistas e socialistas evolucionistas e eram abertamente hostis ao cristianismo bíblico. É verdade que eles emprestaram alguns termos e conceitos do cristianismo, a fim de pervertê-los para seus próprios usos. Assim eles falavam a respeito do ‘reino de Deus’, mas o que eles queriam dizer com isto estava muito distante da fé cristã tradicional” (*Paradise Restored*, 228).

<sup>23</sup> Boettner, *The Millennium*, 4.

Um dos principais teólogos pós-milenaristas do século XX, Loraine Boettner, define o pós-milenarismo dizendo:

O Pós-milenarismo é aquela visão das últimas coisas que afirma que o reino de Deus está sendo agora entendido por todo o mundo através da proclamação do evangelho e da obra salvífica do Espírito Santo, de modo que o mundo será finalmente cristianizado, e que o retorno de Cristo ocorrerá ao final de um longo período de justiça e paz normalmente chamado de *Milênio*.<sup>23</sup>

Em sua definição, Boettner, assim como outros autores, mostra ser inadequada a abordagem popular que enfatiza o “pós” na designação (a vinda de Cristo *após* o milênio). O argumento pós-milenarista não está construído principalmente sobre a interpretação de Apocalipse 20, como é o caso do Dispensacionalismo.<sup>24</sup> Teólogos pós-milenaristas enfatizam aquelas passagens que prometem uma era extensa de justiça, paz e prosperidade terrenas. Nesta era ocorre o avanço do reino de Cristo na história humana e a presença de Deus impulsionando seu povo para o trabalho.<sup>25</sup> A idéia de progresso, considerada no sentido amplo, é mais importante que uma exegese específica daquela que é uma passagem bíblica central para o pré-milenarismo.

Para o pós-milenarismo, o milênio mostrará um aprimoramento nas condições de vida da humanidade, nos campos social, econômico, político e cultural. A abordagem pós-milenarista se baseia em textos bíblicos que apontam para um período de tempo de paz e progresso gerais no mundo, promovidos pela expansão do reino de Deus. De importância central são aquelas passagens que mostram: 1. As promessas de Deus a Abraão, de que sua descendência herdaria a terra (Gn 17.7,8; 22.15-18; Rm 4.13; Gl. 3.29); 2. As promessas de Deus de que o reino de Cristo iria invadir toda a terra (Dn 2.31s)<sup>26</sup>; 3. A aplicação feita pelo Novo Testamento das palavras do Salmo 110.1 à entronização de Cris-

---

<sup>24</sup> Para Boettner, o livro de Apocalipse tem de ser interpretado figurativamente também em referência aos mil anos. Para ele, aquele período se refere a um tempo do futuro sobre a terra e ao tempo em que as almas estão no estado intermediário (*The Millennium*, 66). Para uma interpretação de Apocalipse 20 do ponto-de-vista amilenarista e luterano, ver: Paulo F. Flor, *O Milenismo à Luz de Apocalipse 20.1-10*, *Vox Concordiana* 13/2 (1998), São Paulo, pp. 41-61.

<sup>25</sup> Sandlin, *A Postmillennial Primer*, 29.

<sup>26</sup> Sandlin considera o texto de Daniel como sendo “talvez o argumento mais persuasivo a favor do pós-milenarismo no AT” (*Ibid*, 32).

to na era presente (At 2.29-36; Ef 1.20-22; 1 Co 15.27; Hb 10.12-14); 4. Textos que apresentam o avanço gradual do reino de Cristo (Mt 13.31-33; Hb 2.8); 5) Passagens que prometem a presença de Deus com seu povo, assim que este povo seria habilitado a cumprir com sua missão ( Dn 7.27; Ap 2.26, 27; Mt 16.18 e 28.18-20).<sup>27</sup>

Criticando o amilenarismo, Sandlin enfatiza as promessas na Escritura que ele interpreta como sendo promessas que Deus faz para a realidade terrena:

O Novo Testamento ensina que a igreja da nova aliança substituiu o Israel da antiga aliança; ele não ensina que promessas eternas e celestiais tomaram o lugar das promessas terrenas, temporais. A principal esperança do povo de Deus é a esperança celestial (Tt 2.13). Isto era tão verdadeiro para os crentes do Antigo Testamento como o é para os cristãos de hoje (Hb 11.13-16). Isto não quer dizer que os cristãos não têm uma esperança terrena.<sup>28</sup>

#### 1.4. O Otimismo do Pós-milenarismo

Ao discutir as questões envolvidas nas diferenças de interpretação do milênio, Stanley Grenz destaca a visão específica da história do mundo que cada posição esposta: “colocado de maneira simples e sem dúvida por demais simplificado, elas expressam três disposições teológicas básicas: otimismo (pós-milenarismo), pessimismo (pré-milenarismo) e realismo (amilenarismo)”.<sup>29</sup>

Escrevendo do ponto de vista da teologia do domínio, de característica pós-milenarista, Bahnsen também reconhece a diferença entre as três posições teológicas na maneira como vêem a história:

O pós-milenarismo se distingue das outras duas escolas de pensamento pelo seu *otimismo* essencial no que se refere ao reino na *era presente*. Esta atitude confiante no poder do reino de Cristo, no poder do seu evangelho, na poderosa presença do Espírito Santo, no poder da oração e no progresso da grande comis-

---

<sup>27</sup> Sandlin, *Ibid.*, 30-38.

<sup>28</sup> Sandlin, *Ibid.*, 27.

<sup>29</sup> Grenz, *The Millennial Maze*, 184.

são distingue o pós-milenarismo do pessimismo essencial do amilenarismo e do pré-milenarismo.<sup>30</sup>

Bahnsen afirma que a marca distintiva do pós-milenarismo

é sua crença que a Escritura ensina *o sucesso da grande comissão nesta era da igreja*. A confiança otimista de que as nações do mundo se tornarão discípulas de Cristo, de que a igreja crescerá para encher a terra e que o cristianismo se tornará o princípio dominante e não a exceção à regra distingue o pós-milenarismo dos outros pontos de vista.<sup>31</sup>

### **1.5. O Milênio – Tempo de Expansão da Fé e Progresso na Vida em Geral**

Boettner sustenta que os pós-milenaristas não sugerem que haverá um tempo em que todas as pessoas serão cristãs; afirmam, sim, que o pecado será restringido e que “princípios cristãos serão a regra, não a exceção, e que Cristo voltará para um mundo verdadeiramente cristianizado”.<sup>32</sup> A “grande comissão” realmente inclui a evangelização de todas as nações, conforme a visão pós-milenarista. Como Boettner afirma, “não meramente como um anúncio formal e externo do evangelho, pregado como um ‘testemunho’ às nações, como pré- e amilenaristas sustentam”.<sup>33</sup>

Fundamentando-se em textos que mostram cenas de uma grande multidão como povo de Deus, Boettner argumenta que “os salvos suplantarão em muito o número dos perdidos”. Ele argumenta: “O céu é uniformemente representado como o novo mundo, um grande reino, um país, uma cidade; por outro lado, o inferno é uniformemente representado como um lugar comparativamente pequeno, uma prisão, um lago (de fogo e enxofre), um poço (talvez fundo, mas estreito)...”. Considerando aquelas passagens que mostram uma visão diferente (Mt 7.14; 22.14), Boettner argumenta que aquelas eram as condições existentes no tempo de Jesus, quando a maior parte das

---

<sup>30</sup> Bahnsen, “The Prima Facie”, 66, 67.

<sup>31</sup> Ibid., 68.

<sup>32</sup> Boettner, *The Millennium*, 14.

<sup>33</sup> O teólogo dispensacionista Herman A. Hoyt concorda que um grande número de pessoas será salvo. Entretanto, na visão pré-milenarista isto acontecerá no período da tribulação e durante o milênio (In Clouse, *Four Views*, 146).

peças estava caminhando no rumo errado. No entanto, diz Boettner, aquilo não se refere aos tempos do juízo final.<sup>34</sup>

O mesmo argumento preterista é utilizado para negar que devem ser esperados tempos de tribulação e não de paz. Chilton argumenta que as palavras de Jesus no discurso no monte das Oliveiras (Mateus 24 e paralelos) não se referem ao fim do mundo, mas exclusivamente à queda de Jerusalém. Esta mesma visão é empregada para negar a presença do anticristo e da grande apostasia no fim dos tempos.<sup>35</sup>

Pós-milenaristas insistem que o mundo está se tornando cada vez melhor. Boettner argumenta que grandes avanços podem ser observados:

Considere, por exemplo, as terríveis condições morais e espirituais que existiam na terra antes da vinda de Cristo – o mundo em geral crescendo desamparadamente na escuridão do paganismo, com escravidão, poligamia e condições opressivas sobre mulheres e crianças, com a quase completa falta de liberdade política e condições de cuidados médicos extremamente primitivas, que eram a situação de praticamente todas as pessoas, com exceção das que pertenciam às classes dominantes.<sup>36</sup>

Boettner tenta então mostrar como tais condições mudaram para melhor até os dias de hoje. Ele também procura demonstrar que as condições espirituais melhoraram, dando o exemplo da tradução e distribuição da Bíblia hoje, em contraste com o tempo da Reforma, por exemplo. Ele também cita o crescente número de escolas teológicas, de igrejas e do progresso nas missões estrangeiras. A respeito deste último ponto, ele conclui: “Quando contrastamos a rápida expansão do cristianismo em anos recentes, com a rápida desintegração que está ocorrendo em todas as outras religiões mundiais, torna-se muito claro que o cristianismo é a religião mundial do futuro”.<sup>37</sup>

Pós-milenaristas observam a referida prosperidade material já ocorrendo na agricultura, transporte, comunicação, equipamentos para o lar, conhecimento, administração da justiça, saúde e condições sa-

---

<sup>34</sup> Boettner, *The Millennium*, 36.

<sup>35</sup> Chilton, *Paradise Restored*, 107-113.

<sup>36</sup> Boettner, *The Millennium*, 38.

<sup>37</sup> Boettner, *The Millennium*, 40-44. Deve-se observar que o livro foi editado em 1958. Hoje – 50 anos depois – a situação mudou, tendo em vista, por exemplo, o rápido crescimento do Islamismo.

nitárias. Boettner argumenta que estes progressos vêm de “nações parcialmente cristianizadas” e não de nações onde as religiões pagãs estão na maioria. Ele completa: “Que maravilhas estão à frente, quando as nações por todo o mundo forem cristãs – quando o milênio se tornar uma realidade!”<sup>38</sup>

Boettner nega que o pós-milenarismo ensine a existência de um mundo perfeito durante o milênio. Nem toda pessoa se tornará cristã; nem será eliminado todo o pecado, visto que “a perfeição sem pecado pertence apenas à vida celestial”. A diferença será então de grau ou de extensão: “O milênio é, na verdade, simplesmente o desenvolvimento pleno do reino da graça, à medida em que ele é desfrutado neste mundo. Este reino começa bem pequeno, mas ele cresce e ao final domina o mundo inteiro”.<sup>39</sup>

Para aqueles que argumentam que as condições do mundo não estão melhorando, contrariando o que dizem os pós-milenaristas, estes respondem que “o pós-milenarismo oferece uma perspectiva global e de longo prazo a respeito do futuro da igreja e não predições locais de curto prazo para igrejas e nações específicas”.<sup>40</sup> Desta forma, de acordo com eles, podem existir tempos difíceis para as nações e para a igreja de tempos em tempos, mas ainda é verdade que olhando para o contexto mais amplo, pode-se reconhecer o progresso. A era milenar não vem de repente, dizem os pós-milenaristas, mas “como a vinda do verão, apesar de que bem mais vagarosamente e em muito maior escala”.<sup>41</sup>

---

<sup>38</sup> *Ibid.*, 50-53.

<sup>39</sup> *Ibid.*, 54,55.

<sup>40</sup> Davis, *Christ's Victorious Kingdom*, 16.

<sup>41</sup> Boettner, *The Millennium*, 58.



## 1.6. Reconstrucionismo (Teologia do Domínio, Teonomia)<sup>42</sup>

O reconstrucionismo é, talvez, o mais forte ramo do pós-milenarismo hoje. O impacto do reconstrucionismo (também conhecido como "Teonomia") fez-se sentir desde a publicação de dois livros muito influentes: *Institutes of Biblical Law*, de Rousas John Rushdoony, publicado em 1973, e *Theonomy in Christian Ethics*, de Greg L. Bahnsen, publicado em 1977.<sup>43</sup> Nos anos 80, as proposições da teonomia foram especialmente influentes entre os evangélicos, fundamentalistas e alguns carismáticos.<sup>44</sup> Grenz destaca o caráter caracteristicamente norte-americano do reconstrucionismo, como sendo "uma resposta ao domínio do dispensacionalismo dentro do evangelicalismo americano".<sup>45</sup>

---

<sup>42</sup> Outra subdivisão do pós-milenarismo é o "Restauracionismo". Conforme Stephen Hunt, "Em contraste com o reconstrucionismo, o restauracionismo formou um grupo sectário que propunha uma retirada do mundo social e político. [...] Os restauracionistas interpretaram seu movimento como precipitando um derramar do Espírito Santo, que assumiria uma expressão concreta através de estruturas eclesiais sem paralelo. O reino não seria deste mundo, mas existiria como uma sociedade alternativa, dirigida conforme as regulamentações de Deus, por Seu povo" ("The Rise, Fall and Return of Post-millennarianism", 57,58). Outros dois movimentos podem ser considerados como representando alguma forma de pós-milenarismo. Primeiro, a teologia da libertação, na América Latina. Operando com algumas bases da teologia da esperança, a teologia da libertação criticava a teologia européia por ser tímida em termos de ações práticas que provocariam uma mudança na sociedade. A teologia da libertação mudou a metodologia que era utilizada pela teologia européia, focalizando sua atenção na atividade correta (ortopraxis) e não na ortodoxia (a crença correta). Segundo, o movimento neopentecostal, com a teologia do 'reino agora'. "(Grenz, *The Millennial Maze*, 193,4.). Um exemplo pode ser visto na Igreja Universal do Reino de Deus. Fundada em 1977 por Edir Macedo, tem mais de cinco milhões de seguidores e é proprietária de diversas estações de rádio e de um canal de TV nacional. Uma de suas características principais é a teologia da prosperidade. Em sua tese de doutoramento, o teólogo e sociólogo Leonildo Silveira de Campos cita Edir Macedo: "Nós jamais teremos fé suficiente nas promessas de Deus para ter o que queremos se nossos lábios continuarem a confessar derrotas [...] Para um cristão não existe um 'eu não posso', nem o 'é difícil'. Não, não é. Você pode fazer qualquer coisa se você crer" (*Teatro, Templo e Mercado*, 366,7).

<sup>43</sup> Barker, William S. & W. Robert Godfrey. Eds. *Theonomy – A Reformed Critique*, p. 11. Na opinião destes autores, a Teonomia é uma visão distorcida da tradição reformada.

<sup>44</sup> *Ibid.*, p. 9.

<sup>45</sup> Grenz, *The Millennial Maze*, 194. Stephen Hunt chama a atenção para o fato que o "Reconstrucionismo tem pouca aceitação fora dos Estados Unidos e pode ser entendido como parte da nova direita cristã que surgiu nos anos 70" ("The Rise, fall and Return of Post-millennarianism", 55).

Em um livreto escrito com o objetivo de tornar o reconstrucionismo mais conhecido para não-teólogos, Andrew Sandlin dá a razão para a designação “Teologia do Domínio”. Baseado em Mt 28.18-20, ele afirma:

Temos a ordem de dominar em nome do Rei, Jesus Cristo. [...] como devemos fazer isto? Não pelo poder militar ou por revolução sangrenta. [...] Nós exercemos o domínio, como diz Mt 28.18-20, pela pregação do evangelho aos não-salvos, e obedecendo a lei de Deus em cada área de nossas vidas (Dt 5.31-33; 28.7; Mt 5.5).<sup>46</sup>

Sandlin deixa claro que um dos princípios fundamentais do pós-milenarismo se refere ao domínio do mundo. A tentação de Satanás a Adão e Eva foi o começo da “mãe de todas as conspirações”. O plano de Deus era que a raça humana tivesse domínio sobre toda a terra, sob a autoridade de Deus. Satanás ofereceu um domínio sem obediência. A grande conspiração continua hoje, sustenta Sandlin, com a noção humana de criar um paraíso sem Deus. Ele acusa a Igreja de ser negligente no que se refere ao domínio responsável e também por sua ênfase na salvação pessoal do homem. Segundo Sandlin, o propósito de Deus para o homem não é primariamente sua salvação, mas que ele seja restaurado à submissão e que ele tenha domínio, como agente de Deus na terra. Obediência à lei é central. A atitude antinomista é considerada como a tentação mais perigosa para a igreja e para os cristãos. Para uma mudança radical na sociedade, *teonomia* (a lei de Deus), ou, mais especificamente, *biblionomia* (a lei da Bíblia) é fundamental, pois

Uma “renovação” que não reorienta o homem no mais íntimo do seu ser para a *totalidade* da palavra de Deus é fútil. [...] O homem precisa ser salvo principalmente não de sua enfermidade pecaminosa, mas do seu *quebrar da aliança*. E ele será salvo deste seu quebrar da aliança à medida que ele for santificado pelo Espírito Santo a fim de obedecer e aplicar mais fielmente a lei de Deus.<sup>47</sup>

---

<sup>46</sup> Sandlin, *A Christian Reconstructionist Primer*, 36, 37.

<sup>47</sup> *Ibid.*, 47.

Seguindo uma forte ênfase na lei do Antigo Testamento, os reconstrucionistas enfatizam a permanente normatividade não apenas da lei moral, mas também da lei judicial do Israel do Antigo Testamento, incluindo suas sanções penais. Também é crido que tais leis não são designadas apenas para Israel, mas também para as nações gentílicas contemporâneas. Os governos civis de hoje deveriam executar aquele sistema legal com suas penalidades.<sup>48</sup>

Diversos artigos sobre o pós-milenarismo publicados no *The Journal of Christian Reconstructionism* vêm de autores alinhados ao ramo reconstrucionista do pós-milenarismo.<sup>49</sup> Em um dos artigos, Rushdoony chama as outras posições escatológicas (amilenarismo e pré-milenarismo) de “religião impotente”. Ele argumenta que “a tese pós-milenarista era forte na própria descoberta e exploração das Américas”, tendo em vista que Cristóvão Colombo tinha a idéia de que o mundo inteiro deveria ser colocado sob o domínio de Cristo. Depois disto, diz Rushdoony, o pensamento pós-milenarista esteve presente naqueles que vieram para construir a nação.<sup>50</sup>

Teólogos reconstrucionistas, seguindo o exemplo dos pós-milenaristas em geral, dão uma grande ênfase à aplicação da “grande comissão”. Para eles, ela não é apenas

uma ordem missionária. Ela é bem mais do que isto. Seu tema é *O Cristo Soberano*. Ela é uma declaração gloriosa de sua soberania. Sua autoridade não apenas está acima de qualquer outra autoridade, mas ela penetra todas as áreas da vida. Não é apenas na arena espiritual (a área interna da pessoa), mas em todas as esferas da vida. Ela serve de forma universal e compreensiva como a base para uma visão de mundo verdadeiramente cristã.<sup>51</sup>

Para a teonomia, o conceito de “aliança” é de vital importância. A aliança abraâmica tem um papel chave, pois ela começa a tornar concreta a “aliança do Éden”, que concluiu com a promessa da vinda de Cristo. Aquelas alianças dão suporte ao otimismo histórico do pós-milenarismo: “As manifestações históricas da vitória do evangelho tra-

---

<sup>48</sup> Barker & Godfrey, *Theonomy – A Reformed Critique*, 9.

<sup>49</sup> Esta revista era publicada pela “Chalcedon Foundation”, fundada em 1965 por Rousas John Rushdony. Hoje ela edita artigos através de uma página eletrônica: [www.chalcedon.edu](http://www.chalcedon.edu)

<sup>50</sup> Rushdoony, “Postmillennialism versus Impotent Religion”, 124.

<sup>51</sup> Gentry, “Postmillennialism”, 44,45.

zendo bênçãos às nações vêm *por uma conversão gradual*, não por uma imposição catastrófica (como no pré-milenarismo) ou por uma conclusão apocalíptica (como no amilenarismo).<sup>52</sup>

## 2. CRÍTICA AMILENARISTA AO PÓS-MILENARISMO<sup>53</sup>

Richard B. Gaffin Jr. levanta quatro críticas principais ao pós-milenarismo, do ponto de vista da teologia reformada conservadora. A primeira é que ele “de-escatologiza” a existência presente (e passada) da igreja.<sup>54</sup> Para o pós-milenarismo, a “era de ouro” está sempre no futuro. Isto contrasta com a visão do Novo Testamento, que afirma “que o reinado *escatológico* de Cristo inicia já na sua primeira vinda, culminando em sua ressurreição e ascensão”.<sup>55</sup> Gaffin reconhece que alguns pós-milenaristas realmente consideram o milênio já acontecendo durante todo o período entre os dois adventos de Cristo. Ele argumenta que a questão principal não é se o milênio iniciou quando Cristo veio pela primeira vez, mas “que implicações são tiradas deste reconhecimento [...] A vitória do milênio é apenas uma expectativa futura ou também uma realidade presente?”<sup>56</sup>

Uma segunda crítica é o que Gaffin considera sua “reserva mais substancial”. Refere-se à negação prática do aspecto do “sofrer com Cristo”, que caracteriza a Igreja durante o período entre os dois adventos. Gaffin usa passagens como 2 Co 4.7-11; Fp 3.10; Rm 8.17ss. para mostrar que uma visão triunfalista da igreja durante este tempo vai contra o testemunho do Novo Testamento.<sup>57</sup>

A terceira reserva que Gaffin tem em relação ao pós-milenarismo é que este priva a igreja da expectativa do retorno iminente de Cristo. A urgência e realidade da vigilância perdem seu valor diante destas

---

<sup>52</sup> Ibid., 29,30.

<sup>53</sup> Há pontos de contato entre o amilenarismo e o pós-milenarismo. Hoekema, em sua resposta ao capítulo de Boettner (no livro, *Four Views*), aponta quatro aspectos nos quais há concordância: (1) a maneira como o reino de Deus se amplia hoje, i.e., através da obra do Espírito Santo e da pregação do evangelho; (2) o retorno visível de Cristo e a subsequente ressurreição dos mortos e o julgamento geral; (3) uso tanto de interpretação literal como de figurativa da Escritura; (4) uma interpretação não-literal do milênio como um período que dura mais de mil anos. O ponto de discordância refere-se a “como devemos entender o milênio” (*Four Views*, 149).

<sup>54</sup> Gaffin, “Theonomy and Eschatology,” 202.

<sup>55</sup> Ibid., 202.

<sup>56</sup> Ibid., 207.

<sup>57</sup> Ibid., 210-214.

circunstâncias.<sup>58</sup> Chilton, em seu *Paradise Restored*, diz: “Este mundo tem dezenas de milhares, talvez centenas de milhares de anos de crescentes bênçãos a sua frente antes da segunda vinda de Cristo”.<sup>59</sup> Gaffin comenta apropriadamente: “Esta predição, ao contrário das profecias de Hal Lindsay e outros, pode ser imune ao embaraço da não-confirmação nos eventos do futuro imediato, mas está no mesmo nível de cálculos quiliásticos”.<sup>60</sup>

Uma dificuldade final na abordagem pós-milenarista, para Gaffin, é a negação prática de uma tensão importante que o Novo Testamento anuncia para a vida cristã neste mundo e em relação ao próprio mundo. Conforme 1 Co 7.29-31,<sup>61</sup> há uma tensão na maneira como os cristãos vivem durante este breve tempo, até que este mundo passe. Para Gaffin,

Parece que o pós-milenarismo reconstrucionista omite ou ao menos emudece substancialmente este “como se não” (*hos me*) paulino, esta tensão paradoxal do ‘desinteresse completamente envolvido’ ou, se preferir, ‘envolvimento desinteressado’ nas coisas deste mundo. [...] Esta tensão [...] reflete uma qualidade essencial do próprio Evangelho; ela exhibe uma dimensão daquela ‘ofensa’ e ‘loucura’ referidas por Paulo, que a incredulidade inevitavelmente atribui ao Evangelho (1.23). Certamente o equilíbrio que buscamos aqui é difícil de manter; não há fórmulas fáceis ou sistemas óbvios. O caminho que a igreja é chamada a seguir até a vinda de Cristo, caminho permanentemente exigente, que frequentemente nos deixa perplexos, pode ser negociado somente na medida em que vivemos por fé e não pelo que vemos (2 Co 5.7). [...] a fé permanecerá alerta para não ser tirada do equilíbrio – seja pelas tendências pré-milenaristas (ou amilenaris-

<sup>58</sup> *Ibid.*, 218. “Uma consideração básica é que de acordo com o Novo Testamento, Cristo poderia ter voltado a qualquer tempo desde o ministério dos apóstolos; tudo o que se esperava a partir das profecias, exceto o retorno de Cristo e suas consequências, foram satisfeitas no decurso da história da redenção, terminando com o ministério deles” (*Ibid.*, 219).

<sup>59</sup> Chilton, *Paradise Restored*, 221,2.

<sup>60</sup> Gaffin, “Theonomy and Eschatology”, 220.

<sup>61</sup> Especialmente as palavras “os casados sejam como se o não fossem; mas também os que choram, como se não chorassem ...”.

tas de-escatologizadas) em direção a uma renúncia ou negligência em relação ao mundo, ou pela disposição, mais pronunciada em alguns pós-milenaristas do que em outros, em direção a uma absorção ou sedução pelo mundo.<sup>62</sup>

Outra fraqueza do pós-milenarismo, ao tratar da escatologia futura, é o fato que ele se concentra demais no “reino milenar”, dando a impressão que a segunda vinda de Cristo é um evento secundário, apesar de necessário.<sup>63</sup> Uma consideração mais cuidadosa do Novo Testamento mostra que a segunda vinda de Cristo é o grande evento escatológico e o grande alvo da esperança cristã. E esta também é a posição que luteranos enfatizam, seguindo o artigo específico da Confissão de Augsburg (XVII).<sup>64</sup> Estas cinco críticas ao pós-milenarismo mencionadas acima são compartilhadas pelo ponto de vista luterano. Entretanto, a teologia luterana ressalta outros aspectos que a crítica reformada não chega a levantar.

### **3. TEOLOGIA E PRÁTICA LUTERANA A PARTIR DO PENSAMENTO AMILENARISTA**

Quão “escatológica” é a teologia luterana? Holsten Fagerberg argumenta que seria um grande equívoco concluir, a partir das poucas referências específicas a temas escatológicos nas Confissões Luteranas, que estas questões não são importantes para as Confissões.

A teologia da Reforma foi moldada tendo as coisas eternas em vista e ela tem uma clara direção escatológica. Melancthon escreveu a Apologia com o grande dia do juízo em vista [Ap Prefácio 10], e nos Artigos de Esmalcalde Lutero coloca os olhos no retorno de Cristo, esperando nele a solução para as dificuldades para

---

<sup>62</sup> Gaffin, “Theonomy and Eschatology”, 221, 2.

<sup>63</sup> Robert B. Strimple, “An Amillennial Response”, 65.

<sup>64</sup> Isto é exemplificado por um breve sumário da visão escatológica dos luteranos, conforme Walter A. Meier, em seu estudo, “Eschatological Events...”, 19,20. A mesma ênfase sobre a segunda vinda de Cristo pode ser notada no estudo de Jeffrey Gibbs, “Regaining Biblical Hope: Restoring the Prominence of the Parousia,” *Concordia Journal*, Outubro de 2001, 310-322. Traduzido em *Igreja Luterana*, 65/1 (2006), “A Proeminência da Parousia”, 28-43.

as quais não vê fim [AE Prefácio 15; AE II IV 15]. [...] Os reformadores estão convencidos de estarem vivendo nos últimos tempos.<sup>65</sup>

A teologia luterana tem uma ênfase escatológica bem definida. O amilenarismo presente na teologia luterana desafia tanto os pontos de vista pré-milenarista (histórico e dispensacional) como o pós-milenarista. E esta crítica não está relacionada apenas à maneira como a volta de Cristo e os “mil anos” estão relacionados.

Teólogos luteranos normalmente entendem que estamos já vivendo nos últimos dias ou, em outras palavras, no milênio. O que é característico deste tempo é que a igreja já vive na presença graciosa de Deus, em Seu reino, mas ainda espera a plena manifestação deste reino com a presença visível de Cristo, que acontecerá em um evento único da segunda vinda. O “já” da equação se refere a dois aspectos que este trabalho sugere serem características distintivas da escatologia luterana.

### **3.1. A Justificação e a Presença do Reino**

É digna de consideração a acusação feita por Judisch, de que os milenaristas “tiraram o cetro da justificação por graça através da fé em Cristo e entronizaram em seu lugar a realização do reino de Deus como o tema predominante da Escritura”.<sup>66</sup> Visto que o reino de Deus também se tornou um tema central para alguns teólogos luteranos,<sup>67</sup> poder-se-ia perguntar até que ponto a crítica de Judisch também se aplicaria a estes estudos. A teologia luterana entende o reino de Deus como Sua ação graciosa de aplicar os méritos de Cristo ao pecador, para perdão dos pecados. E isto é concedido por Deus através de Sua palavra e sacramentos. O milenarismo em suas diversas formas substituiu aquela ênfase por outras: “Progresso moral (pós-milenarismo e liberalismo protestante), ou arrebatamento e fuga (pré-milenarismo dispensacional e fundamentalismo), ou um reino político deste mundo (marxismo, capitalismo, etc.) todos se tornam as muito esperadas utopias que se colocam fora da igreja”.<sup>68</sup>

---

<sup>65</sup> Fagerberg, *A New Look at the Lutheran Confessions*, 297.

<sup>66</sup> Judisch, “Postmillennialism and the Augustana”, 161.

<sup>67</sup> Ver: W. Pannenberg, *Systematic Theology*, vol. III. Traduzido por George W. Bromiley. Grand Rapids: Eerdmans, 1998; também: James W. Voelz, “The Kingdom of God and Biblical Eschatology”, *What Does This Mean? Principles of Biblical Interpretation in the Post-Modern World*. 2 ed. St. Louis: Concordia, 1997.

<sup>68</sup> Nichols, “Sectarian Apocalypticism”, 328.

Na perspectiva luterana, justificação e escatologia andam juntas. George Forell o afirma desta forma:

Lutero nos ensina que a justificação pela fé sem esta dimensão escatológica é uma auto-hipnose subjetivista e individualista. Contra todos os esforços teológicos de nosso tempo de reduzir a justificação a uma experiência essencialmente psicológica, Lutero insiste em um evento objetivo no final da história. [...] A escatologia sem a justificação pela fé é mera utopia. Para Lutero, não é a história que é redentora, mas o Cristo que veio na história. É por causa da ação justificadora de Cristo que podemos ter esperança.<sup>69</sup>

A transição de Lutero, do desespero para uma confiança jubilante, através da compreensão da doutrina da justificação, pode ser considerada um movimento escatológico: "A grande mudança em sua teologia, a assim chamada 'experiência da torre', ocorreu precisamente em relação ao julgamento final. Sua descoberta do evangelho mudou fundamentalmente sua visão a respeito do retorno de Cristo e do juízo final".<sup>70</sup>

Se isto pode ser dito de Lutero, não é menos verdade referindo-se às Confissões Luteranas. Fagerberg mostrou que as Confissões operam com o pressuposto que a "justificação, que através do evangelho regenera o homem, é, por assim dizer, o início da vida eterna"<sup>71</sup>: "O evangelho não traz a sombra de coisas eternas, senão as próprias coisas eternas, o Espírito Santo e a justiça, pela qual somos justos diante de Deus" (Ap VII 15); "Esta regeneração é, por assim dizer, o começo da vida eterna" (Ap IV 352); "A vida eterna é realizada nos corações por coisas eternas, isto é, pela palavra de Deus e pelo Espírito Santo" (Ap XXVIII 10).

### **3.2. O ponto de vista Escatológico: Palavra e Sacramentos**

Teólogos amilenaristas, incluindo luteranos, têm utilizado a distinção entre escatologia inaugurada e escatologia futura para descre-

---

<sup>69</sup> George Forell, "Justification and Eschatology in Luther's Thought", citado em Lindberg, "Eschatology and Fanaticism in the Reformation Era," 276,7.

<sup>70</sup> Lindberg, "Eschatology and Fanaticism in the Reformation Era," 265, 6.

<sup>71</sup> A New Look at the Lutheran Confessions, 298.



ver a visão escatológica da Escritura.<sup>72</sup> Um atalho perigoso que pode ser observado no pensamento milenarista (especialmente no dispensacionalismo, mas também no pós-milenarismo) é sua concentração na escatologia futura, dando pouca ênfase à vida cristã sob a cruz, vivida a partir da palavra do evangelho e dos sacramentos.

As palavras de Lutero na explicação do sacramento do altar são escatológicas: "... por essas palavras nos são dadas no sacramento remissão dos pecados, vida e salvação. Pois onde há remissão dos pecados, há também vida e salvação" (Cm VI 6). Era evidente para Lutero e para as Confissões Luteranas que a escatologia não deveria ser vista simplesmente como algo futuro. Ela tem um aspecto presente, como Lutero mostra na explicação da segunda petição do Pai Nosso: "O reino de Deus vem, na verdade, por si mesmo, sem a nossa prece; mas suplicamos nesta petição que venha também a nós. Como sucede isto? Quando o Pai celeste nos dá o seu Espírito Santo, para crermos, por sua graça, em sua santa palavra e vivermos vida piedosa, neste mundo e na eternidade" (Cm III 7,8); "A vinda do reino de Deus a nós ocorre de duas maneiras: primeiro aqui, no tempo, mediante a palavra e a fé; em seguida, na eternidade, pela revelação" (CM III 53).

Pós-milenaristas afirmam a chegada do reino de forma gradual e crescente, através da ação de Deus – assim o dizem – através do Espírito Santo. Mas como foi visto acima, o objetivo em última análise é uma vida de obediência e de transformação da sociedade. Uma forte ênfase é colocada nas atividades dos redimidos. A teologia luterana testemunha a presença do reino na presença do Senhor através de palavra e sacramentos, que não têm como objetivo a transformação da sociedade, mas a salvação de cada indivíduo, trazendo cada um para a comunhão do Corpo. E isto não acontece de maneira gradual e crescente, mas é sempre dependente da proclamação do evangelho e administração dos sacramentos, levando em conta o *ubi et quando visum est Deo* (CA V).

A teologia luterana distingue-se do pós-milenarismo (e o mesmo é verdade considerando a teologia reformada amilenarista) por enfatizar a presença do reino vinculada à proclamação do evangelho (2 Co 6.2

---

<sup>72</sup> Por exemplo, o teólogo reformado Anthony Hoekema, em seu livro *A Bíblia e o Futuro*, usa esta distinção como critério para a principal divisão do livro. Entre os luteranos, podem ser citados, por exemplo, John R. Stephenson, *Eschatology. Confessional Lutheran Dogmatics*. Vol. XIII. Fort Wayne: Luther Academy, 1993; Comissão de Teologia e Relações Eclesiais – Lutheran Church-Missouri Synod. *Os Tempos do Fim - Um Estudo sobre Escatologia e Milenarismo*. Tradução de Gerson Luis Linden. Porto Alegre: Concórdia, 2003.

- “hoje”; Lc 10.16) e a administração dos sacramentos (Tt 3.5; Rm 6.4; Mt 26.28; 1 Co 10.16,17). O foco na vida sacramental da igreja é algo que realmente identifica a teologia luterana, quando comparada a outras posições teológicas. Ela não é proclamação pessimista “como sinal para o mundo”, nem um ativismo otimista, que espera mudar o mundo para algo muito melhor; é, sim, uma vida diária dependente unicamente da graciosa presença e ação de Deus através de sua palavra e sacramentos. Desta maneira, palavra e sacramentos não são apenas sinais para o mundo. E também não são simplesmente uma fonte de força para produzir determinada ação. Eles constituem o jeito de viver escatológico do povo de Deus. Cristo mesmo se manifesta por estes meios, reunindo pessoas ao seu corpo e preservando aqueles que já são membros deste corpo.

### **3.3. Conseqüências do Ponto de vista Escatológico Luterano**

A posição teológica luterana sobre escatologia tem conseqüências para as atividades diárias da igreja, para missão, mordomia (administração), ação social, etc. Ao tratar de tais questões, a teologia luterana entende a abordagem de lei e evangelho como sendo a única que faz justiça ao caráter do reino hoje. Isso quer dizer que toda ação da igreja deveria refletir duas convicções.

Primeira, de que Deus trata com pecadores. E estes continuam a ser pecadores mesmo sendo crentes. A perfeição não é conquistada pelas ações nas quais os cristãos estão envolvidos. O arrependimento e o diário perdão dos pecados é o real “progresso” que pode ser atingido na vida cristã.

Em seu estudo sobre o Pietismo dentro do contexto luterano, Lawrence R. Rast Jr. faz uma séria avaliação do pensamento milenarista no luteranismo nos séculos XVIII e XIX. Ele mostra que “a esperança pietista por melhores tempos para a igreja” era sua vigorosa raiz. De acordo com Rast, “ao comprometer a teologia da cruz, o milenarismo pietista compromete a distintiva doutrina luterana da justificação por graça mediante a fé”.<sup>73</sup> Ele sustenta que a definição evangélica da igreja precisa ser utilizada do começo ao fim, a fim de evitar um desvio:

Schmucker e Seiss referem-se à obra expiatória de Cristo em favor da humanidade. Ambos afirmam que é

---

<sup>73</sup> Rast, “Pietism and Mission”, 299. Rast cita teólogos luteranos dos séculos XVIII e XIX (Johann A. Bengel, J. George Schmucker, Joseph A. Seiss) que exemplificam a conexão entre pensamento pietista e uma interpretação milenarista da escatologia.

apenas através da graça que alguém se torna membro da igreja de Cristo. Entretanto, aquela igreja é uma reunião de indivíduos que se dedicaram a uma vida de obediência intencional. Em outras palavras, a verdadeira igreja é definida e iniciada pelas obras de seus membros – resposta fiel ao chamado de Cristo – e mantida pelo seu cumprimento voluntário e intencional das exigências da lei. A marca da igreja, portanto, é a obediência coletiva de seus membros consagrados, não a palavra e os sacramentos.<sup>74</sup>

Uma segunda convicção necessária, do ponto de vista da teologia luterana, é que toda ação da igreja é entendida como ação de Deus através dos meios que Ele constituiu. Um contraste marcante pode ser observado em relação ao pensamento pós-milenarista. Mesmo dizendo que é pela ação de Deus que o milênio será manifestado, o pós-milenarismo se orienta a partir da lei, não do evangelho. A teologia reformada é não apenas reconhecida pelos seus proponentes, como se viu acima, mas é de fato seguida em sua ênfase na soberania de Deus e na lei de Deus como o meio para atingir os propósitos de Deus no mundo.

A teologia luterana insiste na condução da vida sob o evangelho. Portanto, reconhecendo as bênçãos confessadas no primeiro artigo do Credo, os filhos de Deus têm boas razões para alegrar-se no mundo em que Deus os colocou para viver e com todas as bênçãos que Deus está derramando: casamento, família, governo, trabalho, estudo, etc. Ao mesmo tempo, as bênçãos do terceiro artigo são o fortalecimento diário para uma vida que aguarda o futuro e visível cumprimento pleno do reino de Deus.

Lindberg ressalta que a visão luterana sobre a escatologia tem consequências positivas para a vida diária:

O fato que aos olhos de Lutero o mundo está velho e perto de seu fim não produz desespero pessoal ou uma fuga da responsabilidade e ética social. A relevância da escatologia de Lutero para a vida no mundo é que ela liberta o discipulado e a ética das contingências do sucesso.<sup>75</sup>

---

<sup>74</sup> *Ibid.*, 318.

<sup>75</sup> "Eschatology and Fanaticism in the Reformation Era", 275.

Na conclusão deste trabalho, parece-nos importante um olhar crítico para a própria realidade dos luteranos, entre os quais este autor está incluído. Como se viu acima, algumas das principais idéias pós-milenaristas, especialmente do ramo reconstrucionista, são consequências de um teologia que enfatiza a lei como a palavra última e definitiva para guiar a vida da igreja no mundo.<sup>76</sup> Isto poderia parecer, à primeira vista, uma garantia de que luteranos facilmente evitariam ser pós-milenaristas. Entretanto, a realidade dos planos adotados pela igreja podem estar apontando para resultados que não são logicamente dependentes da teologia luterana. Antes de olharmos um pouco mais para esta questão de ordem prática, é importante observar um outro aspecto no pós-milenarismo. Trata-se de uma visão pessimista (apesar de seu caráter de forma geral otimista), especificamente no que se refere à igreja das eras anteriores à atual. Ele se apresenta como um chamado para a igreja estar atenta para sua missão e tornar-se mais ativa naquilo que ela deveria estar fazendo, mas não está, ou pelo menos não na medida que o Senhor espera.

Um teste para planos e projetos contemporâneos de igrejas cristãs (também de igrejas luteranas) seria perguntar se estão sendo lançados de uma maneira que tratam as ações do passado como sendo sempre ineficientes ou insuficientes dentro da fidelidade que se espera do povo de Deus no mundo. Ou se ao lançar planos de trabalho, a igreja parece implicar que os novos projetos causarão uma verdadeira revolução no futuro, coisa jamais realizada por trabalhos anteriormente feitos. Se porventura é isto em última análise que projetos atuais estão comunicando (ainda que implicitamente), não seriam eles tipicamente pós-milenaristas na sua avaliação do passado e na expectativa para o futuro? Se a realidade da igreja por décadas mostra uma determinada realidade, o que dizer de planos que projetam ter resultados qualitativa e quantitativamente superiores em um breve espaço de tempo? Mesmo se nestes planos uma ênfase na palavra e sacramentos é referida como a base para os esforços da igreja, não seria verdade que ao final o que realmente estaria contando seriam os resultados atingidos?

Planos práticos oriundos de uma teologia luterana sempre estão centralizados na pregação do evangelho e administração dos sa-

---

<sup>76</sup> Chilton deixa isto muito claro quando argumenta que "os profetas anunciaram o futuro a fim de estimular uma vida piedosa. O propósito da profecia é ético" (155, ênfase de Chilton).

cramentos, não nos resultados a serem atingidos. Isto não deixará de proporcionar uma visão crítica para a igreja a respeito de sua atuação, pois sempre será pertinente a pergunta se os meios dados por Deus, os meios da graça, estão realmente recebendo o destaque que merecem.<sup>77</sup> Mas ao mesmo tempo a igreja sempre olhará para o passado com gratidão ao Senhor do evangelho, que jamais deixou faltar a palavra da vida, o batismo de regeneração e a ceia do perdão e fortalecimento do seu povo.

O reconstrucionista Rousas J. Rushdoony afirma: "Nossa fé precisa ser escatológica ou ela será impotente. Uma fé cristã impotente é uma contradição em termos".<sup>78</sup> Em sua abordagem, fé impotente significaria uma ação tímida no mundo, que está em falta na tarefa de transformá-lo. No caso da escatologia luterana, a importância de uma visão escatológica da fé é afirmada levando em consideração o fato de que a obra de Cristo foi e é escatológica. O que esperamos para o futuro tem suas raízes na cruz e na ressurreição, torna-se contemporâneo através dos meios da graça e desta maneira se torna uma perspectiva concreta e prática de vida. Neste sentido, a fé não será impotente. Ela estará conectada à mais poderosa verdade, que é escatológica e plena da graça de Deus.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAHNSEN, Greg L. "The *Prima Facie* Acceptability of Postmillennialism". In *The Journal of Christian Reconstruction* III: 2 (Inverno 1976-77): 48-105.

BOETTNER, Loraine. *The Millenium*. Grand Rapids: Baker, 1975.

CAMPOS, Leonildo Silveira de. *Teatro, Templo e Mercado*. 2a edição. São Paulo: Simpósio, 1999.

CHILTON, David. *Paradise Restored – A Biblical Theology of Dominion*. Tylor: Reconstruction Press, 1985.

---

<sup>77</sup> É neste sentido que nos parece pertinente que a Igreja faça planejamento de suas ações e seja pró-ativa na sua atuação no mundo; ou seja, no aproveitar das oportunidades dadas por Deus para que a palavra da salvação seja veiculada de todas as maneiras e para o maior número de pessoas.

<sup>78</sup> Sandlin, A Postmillennial Primer, 2.

CLOUSE, Robert G. Ed. *Milênio- Significado e Interpretações*. Campinas: Luz para o Caminho, 1985.

COMISSÃO DE TEOLOGIA E RELAÇÕES ECLESIAIS – Lutheran Church-Missouri Synod. *Os Tempos do Fim - Um Estudo sobre Escatologia e Milenarismo*. Tradução de Gerson Luis Linden. Porto Alegre: Concórdia, 2003.

DAVIS, John Jefferson. *Christ's Victorious Kingdom – Postmillennialism Reconsidered*. Grand Rapids: Baker, 1986.

ERICKSON, Millard J. *Opções Contemporâneas na Escatologia – Um Estudo do Milênio*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1991.

FAGERBERG, Holsten. *A New Look at the Lutheran Confessions (1529-1537)*, traduzido por Gene H. Lund, St. Louis: Concordia, 1972.

GAFFIN JR., Richard B. "Theonomy and Eschatology: Reflections on Postmillennialism", pp. 197-224. In Barker, William S. & W. Robert Godfrey. Eds. *Theonomy – A Reformed Critique*. Grand Rapids: Zondervan, 1990.

GENTRY JR., Kenneth L. "Postmillennialism". Pp. 13-57. In Bock, Darrell L. Ed. *Three Views on the Millennium and Beyond*. Grand Rapids: Zondervan, 1999.

GRENZ, Stanley J. *The Millennial Maze – Sorting out Evangelical Options*. Downers Grove: InterVarsity Press, 1992.

HUNT, Stephen. "The Rise, Fall and Return of Post-millennarianism." In Stephen Hunt, ed. *Christian Millenarianism – From the Early Church to Waco*. Pp. 50-61. Bloomington: Indiana University Press, 2001.

JUDISCH, Douglas McC. Lindsay. "Postmillennialism and the Augustana." *Concordia Theological Quarterly* 47/2 (Abril, 1983): 158-162.

LINDBERG, Carter. "Eschatology and Fanaticism in the Reformation Era: Luther and the Anabaptists." *Concordia Theological Quarterly* 64/4 (Outubro, 2000): 259-278.

LIVRO DE CONCÓRDIA. *As Confissões da Igreja Evangélica Luterana*. Tradução de Arnaldo Schüler. São Leopoldo e Porto Alegre: Sinodal e Concórdia, 1980.

MEIER, Walter A. "Eschatological Events in New Testament Perspective." *Concordia Theological Quarterly* 661/1 (Janeiro 2002), pp. 17-39.

NICHOLS, Larry. "Sectarian Apocalypticism in Mainline Christianity." *Concordia Theological Quarterly* 64/4 (Outubro, 2000): 319-335.

RAST JR., Lawrence R. "Pietism and Mission: Lutheran Millennialism in the Eighteenth and Nineteenth Centuries." *Concordia Theological Quarterly* 64/4 (Outubro, 2000): 295-318.

RUSHDOONY, Rousas John. "Postmillennialism versus Impotent Religion" In *The Journal of Christian Reconstruction* III: 2 (Inverno de 1976-77): 121-127.

SANDLIN, Andrew. *A Christian Reconstructionist Primer*. Vallecito: Chalcedon Foundation, 1996.

\_\_\_\_\_. *A Postmillennial Primer*. Vallecito: Chalcedon Foundation, 1997.

STRIMPLE, Robert B. "An Amillennial Response to Kenneth L. Gentry Jr." Pp. 58-71. In Bock, Darrell L. Ed. *Three Views on the Millennium and Beyond*. Grand Rapids; Zondervan, 1999.





# OS CATECISMOS DE LUTERO: A ARTE DE ENSINAR A VIVER POR FÉ

*Clécio Leocir Schadech e Clóvis Jair Prunzel<sup>1</sup>*

## **INTRODUÇÃO**

Os Catecismos são uma das obras mais importantes de Lutero. Eles conseguem sintetizar as principais partes da fé cristã e apresentá-las numa perspectiva evangélica. Como tais, eles servem como instrumentos na pregação do Evangelho também às pessoas de hoje.

Lutero desenvolveu os Catecismos com a intenção de instruir as pessoas de maneira simples e objetiva sobre o artigo da justificação pela fé por causa de Cristo e a vida cristã. A necessidade de instrução é uma realidade sempre presente na Igreja de Cristo, que precisa refletir sobre a melhor forma de fazê-lo sem perder a essência da mensagem central. Nessa perspectiva, o Catecismo de Lutero aparece com grande propriedade, desenvolvendo a temática de viver pela fé e abordando assuntos do dia-a-dia sem perder a noção trinitária.

O presente trabalho tem por objetivo mostrar como as principais partes do Catecismo de Lutero estão harmoniosamente relacionadas entre si. De modo específico, procura-se refletir em como o artigo da justificação por causa de Cristo se torna central nessa obra, e também na vida das pessoas, bem como quais as implicações de tal abordagem no uso do Catecismo como manual na educação cristã e mapa na vida de cada cristão.

Compreender a estrutura e perceber os diferentes conceitos teológicos presentes nesta obra são contribuições importantes para os que estão envolvidos na educação cristã. Um aprofundamento no conhecimento de lei/evangelho, dois tipos de justiça (passiva/ativa), usos da lei, vocação cristã, etc., sem dúvida trará proveito no ensino das principais partes da doutrina cristã numa visão cristocêntrica.

Nesse sentido, algumas questões motivam esse trabalho: Como o

---

<sup>1</sup> Este artigo foi originalmente apresentado, em 2006, como um Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do grau de Especialização em Teologia no Seminário Concórdia de São Leopoldo. O Prof. Clóvis J. Prunzel serviu como orientador da pesquisa. Clécio Leocir Schadech, pastor da IELB cedido para a Igreja Evangélica Luterana de Portugal, exerce seu ministério na Ilha de Açores. O Prof. Clóvis Jair Prunzel é Mestre em Teologia e Professor de Teologia Sistemática no Seminário Concórdia e na ULBRA.

CM serviu e ainda hoje serve de instrumento na proclamação das principais partes da fé cristã, especialmente o artigo da justificação por fé por causa de Jesus Cristo? Como os principais paradigmas da Reforma Lutera são refletidos no Catecismo e quais as implicações destes na educação cristã? Terá o Catecismo perdido o seu valor no século 21? O que o Catecismo tem a nos oferecer ainda hoje como fonte de instrução? Como os princípios teológicos presentes no Catecismo podem contribuir na formação de um currículo para educação cristã?

Acima de tudo, o Catecismo de Lutero está baseado na palavra de Deus, portanto, pode ajudar a entendê-la e, por conseguinte, entender também a vontade de Deus. Como um mapa que mostra o caminho, o Catecismo abre as portas para as Escrituras de um modo rico e deslumbrante, colocando a criatura diante do Deus verdadeiro e Sua misericórdia.

Este trabalho tem três partes principais. A primeira parte destaca aspectos históricos do surgimento do Catecismo e o diferencial deste modelo em comparação com outros já existentes na época de Lutero. A segunda parte traz uma reflexão sobre o relacionamento entre as principais partes do Catecismo, bem como algumas ênfases que parecem ser importantes em sua estrutura. A partir disso, a terceira parte aponta para reflexões práticas relacionadas à arte de ensinar a viver pela fé.

## **1. UM MODELO EVANGÉLICO DE CATECISMO**

Os Catecismos de Lutero são escritos ocasionais e foram redigidos em resposta a uma situação bem específica, por isso é necessário entender o propósito e o impacto destes no contexto em que foram escritos. Sabe-se também que outros modelos de Catecismo com ênfases diversas circulavam na época de Lutero, por isso é interessante verificar algumas diferenças existentes entre esses modelos, a fim de se perceber o caráter evangélico do modelo de Lutero.

### **1.1 O surgimento do modelo de Lutero**

A Reforma havia começado nas universidades e as idéias de Lutero se espalhavam nas cátedras, envolvendo pessoas com conhecimento avançado de teologia. A maioria leiga ainda não havia se familiarizado ou entendido os princípios norteadores do movimento do século XVI. Depois de muitos sermões e escritos a respeito das principais partes da fé cristã, a saber, os Dez Mandamentos, o Credo e o Pai Nosso, Lutero chega ao texto do Catecismo, no ano de 1529.

Lutero viu a necessidade do preparo dos Catecismos quando visitou congregações na Saxônia Eleitoral em Meissen, entre 22 de outubro de 1528 e 09 de janeiro de 1529.<sup>2</sup> Segundo Lutero, “o homem comum simplesmente não sabe nada da doutrina cristã, especialmente nas aldeias”.<sup>3</sup> Ele também se dirigiu aos pastores dizendo que estes também sabiam pouco sobre o ensino evangélico e que eles estavam abusando da liberdade conquistada pela Reforma.<sup>4</sup>

Assim, os Catecismos tiveram uma importante função dentro da Reforma Luterana. Eles contribuíram para que as principais partes da fé cristã chegassem aos pastores e leigos. Alguns acreditam que este escrito tenha tido mais impacto que a própria tradução da Bíblia feita por Lutero para o alemão. Uma vez que grande parte da população da época tinha baixa escolaridade, a instrução catequética e a figura do pastor como educador eram de fato muito importantes no ensino dessas verdades, de modo que o Catecismo chegou a ser chamado a “Bíblia dos leigos”.<sup>5</sup>

No período em que os Catecismos foram escritos, Lutero lutava não apenas contra os católicos, mas já sentia a oposição dos sacramentários e antinomistas. A noção da presença real do corpo de Cristo na Ceia aparece muito forte na explicação de Lutero sobre a Santa Ceia e refuta totalmente a idéia da presença simbólica defendida por Zwinglio e seus seguidores.<sup>6</sup> Contra os antinomistas, Lutero enfatizou que a lei segundo os Dez Mandamentos é necessária para levar o crente a ver sua situação diante de Deus e perceber a necessidade do salvador.<sup>7</sup> Além disso, a noção de salvação por meio das boas obras foi totalmente negada e refutada com a ênfase trinitária empregada no Catecismo.

Com tal perspectiva, Lutero deu grande ênfase às ordens “co-

---

<sup>2</sup> Cm, Prefácio, 1.

<sup>3</sup> Cm, Prefácio, 2.

<sup>4</sup> Cm, Prefácio, 4.

<sup>5</sup> Robert Kolb, “Editor’s Introduction to the Large Catechism” in *The Book of Concord: The Confessions of the Evangelical Lutheran Church*. Minneapolis: Fortress Press, 2000, p. 379: “The catechisms represented a Bible for the laity because they dealt with material necessary for each Christian to know”.

<sup>6</sup> A controvérsia a respeito da Ceia do Senhor teve seu auge com o Colóquio de Marburg em outubro de 1529. O debate reuniu Lutero e Zwinglio para uma discussão sobre a doutrina da Ceia. Sobre a controvérsia sacramentária, ver: Kittelson, James. *Luther, The Reformer: The story of the man and his career*, p. 221-226. <sup>7</sup> A controvérsia antinomista aconteceu entre os anos 1530-1540. João Agrícola começou a ensinar que a lei não era necessária aos cristãos e ela não deveria ser pregada a estes. Robert Kolb, op.cit., p. 378: “Agrícola insisted that true repentance could not arise from fear of punishment but only from love of God”.

mundos”, transferindo o valor que era dado às ordens católicas, ou seja, à vida monástica, para as ordens regulares, a saber, a ordem econômica (o regimento do casamento e da família), política (da autoridade civil) e eclesiástica. A valorização da vida como criação de Deus ganhou muito mais ênfase na visão de Lutero do que no dualismo medieval, o qual reprimia as necessidades corporais em função de uma suposta santidade espiritual.

O subtítulo “Como o chefe de família deve ensiná-lo com simplicidade a sua casa”<sup>8</sup> retrata muito bem essa mudança de foco. O Catecismo foi preparado para ser usado não só nas congregações de uma forma geral, mas em cada casa. Os pais deveriam ensinar os filhos e todos aqueles que faziam parte da família sobre a fé cristã.

O impacto dos Catecismos não se restringe a estes dois fatores. Sem dúvida, uma das grandes contribuições deste manual está no fato dele retratar de forma simples e objetiva a verdade do Evangelho. Segundo Warth, Lutero “colocou diante do povo o essencial: a justificação pela fé e a vida cristã, de acordo com a teologia bíblica”.<sup>9</sup> Com o Catecismo, o *Solus Christus* foi apresentado ao povo simples daquela época.

## 1.2 O diferencial do modelo de Lutero

O Catecismo não era algo novo no tempo de Lutero. Outros modelos já haviam sido apresentados na Idade Média e também na igreja antiga. De uma forma especial, pode-se destacar que o Catecismo, desde a sua origem, sempre se constituía de algumas partes essenciais que caracterizavam tal obra como “Catecismo”. Lutero entendeu que um Catecismo deve conter aquelas partes que constituem a identidade do cristão, as quais são os Dez Mandamentos, o Credo e o Pai Nosso.

Esses elementos já eram considerados indispensáveis pela igreja antiga como vemos em Agostinho e muitos outros teólogos. Acima de tudo, esses textos foram considerados essenciais porque provaram e provam ter grande importância dentro do Cristianismo. Como Lutero mesmo sugeriu: “com o povo comum nos restringimos às três partes, que desde antigamente se conservaram na cristandade”.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> Essa frase aparece quase como um subtítulo nas partes principais do Catecismo. Ver Livro de Concórdia, Catecismo Menor, pp. 366, 370, 372, 375, 378, 379, 380.

<sup>9</sup> Martim Warth, “Catecismos: Introdução ao Assunto” in Obras Seleccionadas 7, p. 324.

<sup>10</sup> CM, Prefácio Menor, 6.

Segundo Arand, o Catecismo de Lutero “contém, e é definido por aqueles componentes da Escritura que a igreja aceitou em todos os tempos e em todos os lugares como textos formativos para moldar a identidade e a vida cristã”.<sup>11</sup> Além desses textos originalmente aceitos, Lutero ainda acrescentou os Sacramentos, uma Breve Forma de Confissão, Orações, a Tábua dos Deveres, um Manual de Casamento e de Batismo.

Em um dos seus Catecismos, *De Catechizandis Rudibus* (Catequizando os não instruídos), Agostinho coloca a seguinte ordem: Credo – Pai Nosso – Dez Mandamentos<sup>12</sup>. Nesse modelo, o amor assume o papel central na vida cristã. Agostinho explica que uma pessoa só pode ser considerada boa a partir daquilo que ela ama<sup>13</sup>, ou ainda, o crer e o esperar só têm valor porque eles capacitam o homem a amar. Posteriormente, na Idade Média, cunhou-se a expressão *fides caritate formata*, ou seja, fé ativada pelo amor. Por essa expressão entendia-se que a fé é apenas um poder inicial pelo qual o cristão é capacitado a realizar obras de amor pelas quais ele merece a salvação.

Na Idade Média ainda surgiram outros modelos. De forma especial, é importante destacar que nesse período a ênfase recaía sobre o sistema penitencial, com ênfase no mérito humano com relação à salvação. O sistema penitencial enfatizava a ordem: contrição – confissão – satisfação. Dentro desse contexto, os Dez Mandamentos assumiam o papel central do Catecismo. A obediência ao Pai Nosso, Credo e Dez Mandamentos era confirmada pelas obras visíveis realizadas pelos homens. Essa lógica enfatizava as obras preparatórias da fé e contrição, a confissão, as obras posteriores de satisfação (especialmente orações, jejuns, etc.) e finalmente preparação para uma boa morte.<sup>14</sup>

---

<sup>11</sup> Charles Arand, *That I May Be His Own: An overview of Luther's Catechisms*, 2000, p. 47. “It contains, and in turn is defined by, those components of Scripture that the church has at all times and in all places identified as formative texts for shaping a Christian identity and shaping a Christian life”.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 125. Arand explica que nessa ordem, o Credo está ligado à fé, história, passado, com as coisas que Deus fez; o Pai Nosso se refere à esperança, ressurreição e futuro, sobre as coisas que estão por vir; e os Dez Mandamentos se referem ao amor, à lei e ao presente, sobre o que o cristão deve fazer.

<sup>13</sup> Santo Agostinho, *A Instrução aos Catecúmenos*, Tradução de Maria da Glória Novak. Petrópolis: Vozes, 1978.

<sup>14</sup> Robert Kolb, *op.cit.*, p. 345: “In the late Middle Ages booklets written for catechetical instruction focused on the sacrament of penance: the preparatory works of faith and contrition, the thoroughness of confession, the succeeding works of satisfaction (especially prayers, fasting, almsgiving), and finally preparation for a good death”.

A estrutura que Lutero propõe no Catecismo parece revelar um sistema teológico diferente. A ordem Contrição – fé como parte do arrependimento está bem presente na ordem Dez Mandamentos – Credo – Pai Nosso. A ordem do Catecismo de Lutero reflete a teologia da cruz, a saber, que Deus mata o pecador pela lei e o faz ressurgir pelo evangelho. Assim, segundo a perspectiva humana, a sequência lógica do Catecismo de Lutero está baseada no paradoxo Lei (Dez Mandamentos) e Evangelho (Credo, Pai Nosso),<sup>15</sup> segundo a perspectiva de Deus, a dinâmica fica sob a ação do Deus Triúno revelado no Credo.

O acréscimo dos sacramentos como parte fundamental do Catecismo relembra “uma prática da Igreja Antiga que complementou a catequese pré-batismal com a instrução num quarto tópico, a saber, os sacramentos”.<sup>16</sup> Aparentemente, o ensino a respeito dos sacramentos não era muito comum na Idade Média.<sup>17</sup> Lutero mesmo acrescenta essa introdução à exposição do batismo: “Cumpra tenha cada cristão pelo menos uma instrução geral e breve sobre eles, visto sem eles não ser possível que haja cristão, ainda que até agora, infelizmente, nada se ensinou a respeito”.<sup>18</sup>

Com relação aos sacramentos, Lutero dá ênfase à palavra de Deus, que unida ao elemento, traz todos os benefícios da obra de Cristo ao crente. Essa nova ênfase fez com que o número de sacramentos também fosse reduzido. Ficaram apenas aqueles segundo os quais havia “o mandamento e a instituição de Deus”.<sup>19</sup> A preocupação aqui é mostrar que o sacramento não é obra humana, mas de Deus.

Diante de pensamentos teológicos divergentes, Lutero apresentou ao povo leigo o Catecismo como um mapa da Escritura Sagrada. Com tal instrumento Lutero queria ensinar o povo sobre os princípios básicos da fé cristã. Apesar de usar os mesmos elementos essenciais presentes na igreja desde o seu princípio, Lutero reordena esses elementos numa perspectiva evangélica na tentativa de levar ao povo simples a verdade redescoberta do Evangelho.

---

<sup>15</sup> Charles Arand, op. cit., p. 132.

<sup>16</sup> Charles Arand, op. cit., p. 39: “...a practice of the early church that supplemented prebaptismal catechesis with instruction on a fourth topic, namely, the sacraments”.

<sup>17</sup> Charles Arand, op. cit., p. 40: “...exposition of the nature and benefits of the sacraments were not commonplace”.

<sup>18</sup> CM, Do Batismo, 1.

<sup>19</sup> CM, Do Batismo, 6.

## **2. O CATECISMO E O EVANGELHO: "PARA QUE EU LHE PERTENÇA"**

O Catecismo de Lutero serve como um mapa das Escrituras. Ordenando as principais partes do Catecismo (Dez Mandamentos, Credo e Pai Nosso) de um modo a expressar sua convicção evangélica, Lutero enfatizou a ação do Deus Triúno na história. Sob o tema "para que eu lhe pertença e viva submisso a ele, em seu Reino", o Catecismo mostra a dinâmica presente na vida cristã no mundo. Essa dinâmica do Catecismo pode ser melhor entendida quando vista como um todo, sob uma perspectiva trinitária.

### **2.1 A relação entre as principais partes do Catecismo**

Uma vez que Lutero reordenou as principais partes do Catecismo sob uma ótica evangélica, cabe entender essa lógica e perceber o propósito de tal empreendimento. Segundo Arand, essa nova estrutura de Lutero sugere uma leitura holística do Catecismo, ou seja, cada texto do Catecismo deve ser lido e interpretado à luz de outros textos do próprio Catecismo.<sup>20</sup> Isso significa ler o texto dentro do seu contexto. Por exemplo, o Credo deveria ser visto como um texto que segue os mandamentos e está antes do Pai Nosso, sendo que uma interpretação correta deste depende da observância do contexto imediato, bem como de toda a obra.

Em *Breve Forma dos Dez Mandamentos, Credo e Pai Nosso* de 1520, Lutero explica que

[...] os mandamentos ensinam a pessoa e reconhecer a sua enfermidade, fazendo-a ver e perceber o que pode fazer ou não, o que pode deixar de fazer ou não, e a reconhecer-se como pecadora e má. Em seguida, o Credo lhe mostra e ensina onde deve encontrar o medicamento, a graça, que lhe ajude a tornar-se piedosa, para guardar os mandamentos. Indica-lhe Deus e a sua misericórdia, demonstrada e oferecida em Cristo. E, por fim, o

---

<sup>20</sup> Charles Arand, *That I May Be His Own: An overview of Luther's Catechisms*, 2000, p. 129.

Pai Nosso Ihe ensina como deve desejar a graça, como buscá-la e aproximá-la de si, a saber, por meio da oração regular, humilde e consoladora. Então ela Ihe é dada, e desse modo a pessoa é salva através do cumprimento dos mandamentos de Deus.<sup>21</sup>

Essa mesma lógica também pode ser vista na transição entre as principais partes do Catecismo. Ao iniciar a explicação do Credo, Lutero enfatiza que os Mandamentos estão numa posição tão alta que são impossíveis de serem cumpridos e existe, então, a necessidade do Credo. Pois “se pudéssemos cumprir os Dez Mandamentos com nossas próprias forças, tal como devem ser cumpridos, de nada mais precisaríamos, nem do Credo, nem do Pai-Nosso”.<sup>22</sup> Também na explicação do Pai-Nosso ele enfatiza que, “visto nossa situação ser tal, que ninguém pode cumprir os mandamentos perfeitamente, ainda que haja começado a crer, e visto o diabo, juntamente com o mundo e a nossa própria carne, a isso se opor com toda a força, nada é mais necessário do que viver continuamente nos ouvidos de Deus, clamando e pedindo que nos dê, preserve e multiplique a fé e o cumprimento dos Dez Mandamentos”.<sup>23</sup>

Nesses termos, o homem é confrontado com o paradoxo lei/evangelho, que mostra a sua doença e onde está o remédio, e a sua atenção é voltada para a ação do Criador, Redentor e Santificador. Segundo Arand, o relacionamento das principais partes do Catecismo acontece dessa forma: 1. Decálogo e Primeiro Artigo; 2. Segundo Artigo; 3. Terceiro Artigo e Pai-Nosso.<sup>24</sup> Ao fazer isso, Lutero estaria organizando o Catecismo conforme os grandes feitos de Deus, sob uma visão trinitária.

Conforme esse esquema, os Mandamentos estariam dentro da perspectiva da Criação, a qual se torna também o contexto onde acontece a redenção. Os benefícios de Cristo se tornam reais para a criatura através da ação do Espírito Santo, o qual ensina a clamar (Pai Nosso) por auxílio a Deus. O Segundo Artigo é o grande destaque,

---

<sup>21</sup> Martinho Lutero, “Breve Forma dos Dez Mandamentos; Breve Forma do Credo; Breve Forma do Pai-Nosso” in *Obras Seleccionadas* 2, p. 174.

<sup>22</sup> CM, Credo, 3.

<sup>23</sup> CM, Pai-Nosso, 2.

<sup>24</sup> Charles Arand, *op.cit.*, p. 136.



uma vez que através dele se conhece a Deus como Ele é. O evento objetivo e real da cruz mostra para a criação a face misericordiosa de Deus, ligando novamente Criador e criatura para uma nova vida.

Dentro dessa estrutura, os Dez Mandamentos são vistos segundo a lei natural. Eles assumem uma função de “manual de instrução” para o uso próprio da criação<sup>25</sup> e estão inscritos no coração do homem. Por outro lado, o Credo já é algo totalmente diferente e não pode ser conhecido se não for revelado. Conforme Lutero, “os Dez Mandamentos, ademais, estão inscritos nos corações de todos os homens; ao Credo, porém, nenhuma inteligência humana o pode compreender, devendo ser ensinado unicamente pelo Espírito Santo”.<sup>26</sup>

Os mandamentos de Moisés são úteis não porque foram promulgados por Moisés, mas porque são um resumo e um arranjo muito prático daqueles mandamentos que estão implantados no coração do homem.<sup>27</sup> Nesse sentido, eles se aplicam e podem ser conhecidos, ainda que parcialmente, por todos os homens, pois fazem parte da natureza. A revelação destes por Moisés não tira esse caráter natural do decálogo, apenas enfatiza uma lei já existente.

A dificuldade para a criatura é conhecer este Deus exigido nos Mandamentos. Pois ainda que a natureza revele que existe um Deus, ou ainda que o homem perceba que ele precisa confiar em um ser superior de onde provém cuidado e todo o bem,<sup>28</sup> ainda assim, ele não pode saber e nem descobrir pela própria vontade que Deus é esse. Na explicação do Primeiro Mandamento, Lutero enfatiza que onde o homem prende o seu coração e confia, ali está o deus dele. Nesse sentido, a fé é uma realidade para todas as pessoas. Entretanto, segundo Arand, onde o objeto da fé é o verdadeiro Deus, ali a fé também é verdadeira e ela encontrará o que precisa.<sup>29</sup>

---

<sup>25</sup> Charles Arand, *op.cit.*, p. 137.

<sup>26</sup> CM, Credo, 67.

<sup>27</sup> Martinho Lutero, “Breve Forma dos Dez Mandamentos; Breve Forma do Credo; Breve Forma do Pai-Nosso” in *Obras Seleccionadas 2*, p. 189. Também em LW 47:90: “And later when he wants to set up a special law and nation apart from all others, as he has been commanded to do, he first introduces God himself; he is the universal God of all the nations, who gives the universal Ten Commandments -which prior to this had been implanted at creation in the hearts of all men - to this particular people orally as well. In his day Moses fitted them nicely into his laws in a more orderly and excellent manner than could have been done by anyone else”. *Luther’s works*, vol. 47: *The Christian in Society IV* (J. J. Pelikan, H. C. Oswald & H. T. Lehmann, Ed.), Fortress Press: Philadelphia.

<sup>28</sup> CM, Dos Mandamentos, 2.

<sup>29</sup> Charles Arand, *op.cit.*, p. 155: “The question centers on true faith or false faith. Where the object of faith is the true God, there one’s faith is true. And their faith will find the support it needs”.

O Deus do Primeiro Mandamento é, em primeiro lugar, o Criador do céu e da terra, no qual se deve confiar e dele esperar todas as coisas, “pois é ele quem nos dá corpo, vida, comida, bebida, nutrição, saúde, proteção, paz e todo o necessário em bens temporais e eternos”.<sup>30</sup> A relação entre o Primeiro Mandamento e o primeiro artigo do Credo é muito próxima e na verdade reflete a lógica natural da existência humana, ou seja, em primeiro lugar o homem é criatura e precisa reconhecer sua posição na Criação de Deus.

Por isso, Lutero também coloca todos os mandamentos dentro dessa perspectiva da criação. Quebrar um mandamento significa não confiar no fato de que Deus está no comando da história e quer saciar as necessidades das criaturas. Por exemplo, alguém pode ser tentado a roubar ou desejar algo que é do próximo, em vez de esperar que Deus lhe dê conforme a vontade dele e através dos meios estabelecidos por Ele. Nesse sentido, os Mandamentos se tornam também um espelho da falta de fé da criatura em relação a seu Criador, uma vez que aquela não confia mais na ação deste.

Todos os Mandamentos estão fundamentados no “Eu sou o Senhor, teu Deus”, e sob a premissa “devemos temer e amar a Deus” conduzem a criação à verdade de que só existe um Deus, o verdadeiro Deus, Criador do céu e da terra. Lutero ainda acrescenta aos mandamentos o epílogo: “Porque eu sou o Senhor teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem e faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos”.

Estas palavras pronunciam uma ameaça e um consolo. A punição da iniquidade deve causar temor, pois a palavra dele é certa e não falha. Por outro lado, a misericórdia dele é bem maior, o que impulsiona o amor e a confiança nele. Segundo Lutero,

Deus não quer tolerar nenhuma presunção e nenhuma confiança em qualquer outra coisa, e não exige de nós coisa maior do que uma confiança cordial que dele espera todo o bem, por forma que sigamos o nosso caminho reta e diretamente e usemos os bens que Deus nos dá [...].<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> CM, Dos Mandamentos, 24.

O fato dos Dez Mandamentos aparecerem em Êxodo sob o prólogo "Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão" (Êx 20.2), impulsiona muitos teólogos a interpretar o decálogo como terceiro uso da Lei, uma vez que ele se encontra dentro do contexto de libertação do povo de Israel do Egito. Partindo desse pressuposto, muitos manuais de instrução apresentam o batismo como primeiro passo a ser estudado. Primeiro a libertação, depois a nova vida.

O interessante é que Lutero não menciona esse prólogo, mas adiciona o epílogo como conclusão dos mandamentos. Segundo Arand, Lutero mostra na explicação do primeiro mandamento Deus como Criador, não como Redentor. Além disso, Deus manifesta a sua ira e amor em coisas terrenas.<sup>32</sup> O "Deus Zeloso" é aquele que age na Criação, provendo todo o necessário para o corpo e a alma, segundo a sua vontade e maneira de agir. O problema aparece quando a criatura quer se passar por Deus e confia na sua própria capacidade criativa, uma inversão que prejudica não só a pessoa em si mesma, mas toda a criação.

## **2.2 A Cristocentricidade do Catecismo de Lutero**

O fato de o homem, em sua corrupção, se colocar numa posição de criador e dar à luz deuses do seu imaginário, exige a contínua ação do Deus Triúno. Sobretudo a relação entre Criador e criatura precisa ser restabelecida, o que acontece sob o evento objetivo e real da cruz. Em outras palavras, o segundo artigo serve como elo entre a parte caída e o mantenedor deste mundo. Os Mandamentos e o primeiro artigo do Credo montam o cenário onde o Salvador Jesus realiza a obra da salvação.

Segundo Lutero, "o evangelho todo que pregamos repousa sobre a compreensão acertada deste artigo, do qual depende toda a nossa salvação e bem-aventurança, e é tão rico e abrangente, que nunca o aprenderemos de todo".<sup>33</sup> Toda a fé cristã depende do fato de que Deus perdoa e aceita as pessoas por causa dos méritos de Cristo, afinal, diante do pecado e incapacidade humana em guardar os mandamentos de Deus, resta ao homem nenhuma solução, a não ser essa de que o próprio Deus venha até ele e o salve.

---

<sup>31</sup> CM, Dos Mandamentos, 47.

<sup>32</sup> Charles Arand, "The God behind the First Commandment", in *Lutheran Quarterly* 8, (Winter 1994): 397.

<sup>33</sup> CM, Credo, 33.

Nesse sentido, na *Breve forma dos Dez Mandamentos, Do Credo e do Pai Nosso*, Lutero intitula o Credo: "Jesus". Interessante ver que ele termina os Dez Mandamentos concluindo que nenhuma pessoa pode viver bem e que é necessário aprender onde se pode buscar a possibilidade de viver bem e cumprir os mandamentos. Então segue o Credo<sup>34</sup>, onde Jesus é revelado e anunciado ao homem.

A linguagem empregada por Lutero para explicar o Segundo Artigo destaca que Cristo comprou, ou pagou, o preço necessário para libertar a humanidade. Em vez de usar uma linguagem forense ou explicar a pessoa de Cristo em termos sistemáticos, Lutero simplesmente mostra que tudo o que Jesus fez tinha um objetivo: "... para que eu lhe pertença e viva submisso a ele...".<sup>35</sup> Esse Jesus do Segundo Artigo "... é meu SENHOR, que me remiu a mim...". Embora sejam mencionados alguns aspectos do Cristo que sofreu como vítima, como, por exemplo, quando Lutero explica que "... o Filho único e eterno de Deus, em sua insondável bondade, se compadeceu de nossa calamidade e miséria...",<sup>36</sup> a maior parte da explicação fala do Cristo que remiu a humanidade e a arrancou das fauces do inferno, libertando-a, a fim de ser Senhor dela.

O Terceiro Artigo descreve a ação do Espírito Santo como aquele que leva a pessoa ao conhecimento de Cristo e de sua obra, bem como, dá a fé que se apropria dos benefícios desta obra. Como propriedade de Cristo, sob a ação do Santificador os crentes são congregados em torno do Evangelho presente na Palavra e nos Sacramentos para receber perdão e perdoar, suportar e auxiliar uns aos outros. Da mesma forma, o Pai Nosso, que expressa a confiança no Deus do Primeiro Mandamento, se fundamenta na ordem e promessa de Deus. Ele ordenou que as pessoas pedissem a ele e prometeu que seriam atendidas. Assim, como eternos dependentes do Deus Triúno, perdoados e redimidos, os crentes cumprem a função de criaturas.

A visão trinitária de Deus presente no Catecismo de Lutero exclui totalmente a ação do homem no que se refere à salvação e o coloca na sua posição original, a saber, na criação. Segundo Lutero, "Deus se nos dá inteiramente, com tudo o que tem e pode, em auxílio e apoio, para o cumprimento dos Dez Mandamentos: o Pai, todas as

---

<sup>34</sup> Martinho Lutero, "Breve Forma dos Dez Mandamentos; Breve Forma do Credo; Breve Forma do Pai-Nosso" in *Obras Seleccionadas 2*, p. 184.

<sup>35</sup> Cm, Credo, 4.

<sup>36</sup> CM, Credo, 29.

criaturas; Cristo, todas as suas obras; o Espírito Santo, todos os seus dons".<sup>37</sup>

Com a Tábua dos Deveres, Lutero enfatiza as ações dos cristãos no mundo. Ele mostra como os Dez Mandamentos guiam a vida do cristão nas vocações diárias. O cristão faz parte da criação e participa das "ordens" criadas por Deus: ordem econômica (família), política (governo) e eclesial. Assim, a ação de Deus está presente em todas as esferas da vida, afinal, o Deus Triúno é responsável pela sua criação.

### **2.3 O Batismo e a Santa Ceia**

Os benefícios da obra de Cristo tornam-se presentes através da Palavra e dos Sacramentos. Os meios da graça são, sobretudo, meios pelos quais Deus se doa aos homens e se faz presente com seu perdão. Essa ênfase fica clara no Catecismo quando Lutero destaca que em ambos os sacramentos o ponto principal "é a palavra e a ordenação ou mandamento de Deus".<sup>38</sup>

Segundo Arand, a teologia sacramental de Lutero destaca que a Palavra de Deus não é apenas uma mera informação que requer uma decisão da nossa parte, mas é um poder dinâmico através do qual Deus opera em diferentes formas. Assim sendo, também a fé mantém o seu caráter de receptividade ou recepção daqueles dons. "Assim sobre e contra Roma, Lutero enfatizou a necessidade da fé para recebimento a apropriação das bênçãos dos sacramentos. No caso dos sacramentários, Lutero enfatizou a presença e obra de Deus nos elementos selecionados da ordem criada".<sup>39</sup>

A ligação entre os sacramentos e o artigo da justificação é evidente. O batismo é o meio "pelo qual de início somos recebidos na cristandade"<sup>40</sup> e o Sacramento do Altar nos é dado "para diária pastagem e alimentação".<sup>41</sup> Estes são os meios sem os quais não é possível que haja cristãos.<sup>42</sup>

---

<sup>37</sup> CM, Credo, 69.

<sup>38</sup> CM, Do Sacramento do Altar, 4.

<sup>39</sup> Charles Arand, *That I May Be His Own: An overview of Luther's Catechism*, 2000, p. 167: "Thus over and against Rome, Luther stressed the necessity of faith for receiving and appropriating the blessings of the sacraments. In the case of sacramentarians, Luther emphasized God's presence and work in selected elements from the created order".

<sup>40</sup> CM, Do Batismo, 2.

<sup>41</sup> CM, Do Sacramento do Altar, 24.

<sup>42</sup> CM, D Batismo, 1.

Quanto ao batismo, é interessante observar que Lutero usa a mesma linguagem para falar deste sacramento que ele usa no segundo Artigo do Credo. Nesse sentido, Arand destaca que “Cristo e o batismo fazem a mesma coisa. Cristo nos resgatou do pecado, morte e do poder do diabo. Da mesma forma, o batismo nos resgatou do pecado, morte e do poder do diabo. No batismo Deus liga nosso destino ao destino de Jesus Cristo”.<sup>43</sup>

Assim sendo, o batismo é sinal divino para toda a vida, com o qual o cristão consola sua consciência e lembra a si próprio que já não pertence a nenhum outro senhor, mas é propriedade exclusiva de Jesus. Lutero ainda explica que

todo cristão tem matéria suficiente para aprender e exercitar-se a vida inteira, pois sempre tem o que fazer para crer convictamente o que ele promete e traz: vitória sobre o diabo e a morte, remissão dos pecados, a graça de Deus, o Cristo inteiro e o Espírito Santo com seus dons.<sup>44</sup>

Aqui também merece destaque a instrução sobre a confissão de pecados que aparece no Catecismo Menor logo após a exposição sobre o Batismo. A confissão aqui compreende duas partes: “primeiro, que confessemos os pecados; segundo, que se receba a absolvição ou remissão do confessor como de Deus mesmo, sem duvidar de modo algum, mas crendo firmemente que por ela os pecados são perdoados perante Deus nos céus”.<sup>45</sup> Nesse novo modelo, o pastor já não mais age como alguém que examina, julga e executa a consciência do cristão, mas ele existe por um propósito apenas – oferecer o perdão dos pecados.<sup>46</sup>

Já no Catecismo Maior, Lutero faz menção ao terceiro sacramento, que se chamou de penitência, enfatizando que o arrependimento outra

---

<sup>43</sup> Charles Arand, *op.cit.*, p. 168: “Christ and Baptism do the same thing. Christ rescued us from sin, death, and the power of the devil. Similarly, Baptism also rescues us from sin, death, and the power of the devil. In Baptism God links our destiny to the destiny of Jesus Christ.”

<sup>44</sup> CM, Do Batismo, 41.

<sup>45</sup> Cm, Como se Deve Ensinar as Pessoas Simples a se Confessarem, 16.

<sup>46</sup> Charles Arand, *op.cit.*, p. 169: “First, the pastor no longer functions as examiner, judge, and executioner over the Christian’s conscience. Instead, he exists for one purpose and one purpose only – to offer the forgiveness of sins.”

coisa não é que um retorno ao batismo.<sup>47</sup> A absolvição anunciada pelo pastor, que agora assume o papel de mensageiro do Evangelho, torna os cristãos aquilo que eles realmente são – batizados.<sup>48</sup>

Quanto à Santa Ceia, Lutero destaca que “por maior que seja o tesouro em si mesmo, deve ser compreendido na palavra oferecido a nós; de outro modo não o podemos conhecer nem buscar”.<sup>49</sup> O consolo deste sacramento certamente está nas próprias palavras de Cristo: “Dado e derramado por vós para remissão dos pecados”. Primeiro, nessas palavras ele quer assegurar a todos da sua presença e, segundo, que este tesouro é dado de presente. O sacramento, por isso, está fundamentado não na dignidade do participante, nem do oficiante, mas nas palavras de Cristo. Segundo Lutero, “reflete, portanto, e coloca-te também no ‘VÓS’, a fim de que ele não fale em vão contigo. Porque aí nos oferece todo o tesouro que para nós trouxe do céu e ao qual também nos atrai...”.<sup>50</sup>

Os sacramentos são, acima de tudo, pura ação de Deus em favor das pessoas, pelos quais ele se oferece do céu aos homens, para criar e manter a nova vida. A dignidade já não é mais definida por uma série de atos penitencias de purificação, mas por fé.<sup>51</sup> É através destes sinais, por meio da fé, que Deus, em Cristo, restabelece a ordem de toda a sua criação, recolocando o homem novamente no seu devido posto como criatura de Deus.

## 2.4 A Vocação Cristã

No Catecismo, Lutero transfere a atenção das pessoas para Deus e para a Sua criação. Interessante que Lutero fala muito pouco da primeira criação, ou seja, do início desse mundo, mas procura enfatizar a *creatio continuata*, ou seja, o fato de que Deus preserva esse mundo através de meios. Por exemplo, os pais se tornam um meio da ação de Deus quando geram um filho.

É dentro dessa perspectiva que se destaca a noção de vocação. A desvalorização das ordens monásticas e a afirmação das ordens econômica, política e eclesiástica mostram bem como Lutero entendia a vida dos cristãos. Com o acréscimo das Orações e das Tábuas dos

---

<sup>47</sup> CM, Do Batismo, 79.

<sup>48</sup> Charles Arand, op.cit., p. 170: “In absolution we become what we are - baptized”.

<sup>49</sup> CM, Do Sacramento do Altar, 30.

<sup>50</sup> CM, Do Sacramento do Altar, 65.

Deveres, ele enfatiza que o cristão não vive para si mesmo, mas para o próximo, dando e recebendo todos os benefícios do Deus Criador, Deus Redentor e Deus Santificador. Como criaturas de Deus, o homem agora é incentivado a aceitar a sua vocação e fazer parte da criação divina como instrumento de amor e misericórdia.

Embora pareça muito óbvio, é interessante notar que as pessoas estão inseridas dentro do contexto da criação e, evidentemente, é nesse contexto que todas as suas imperfeições se manifestam, especialmente a tentação de querer ser deus. Para evitar esse mal, as pessoas são sempre de novo lembradas de que são criaturas e que precisam agir como tal, desenvolvendo funções específicas dentro dos limites da criação. Essas funções controlam e direcionam a vida cristã em prol do próximo, servindo de canais da ação de Deus. Wingren destaca que o evangelho e a vocação são colocados lado a lado. Segundo ele, a vocação é a forma concreta da lei e a igreja é a forma concreta do evangelho<sup>52</sup>.

Isso, sem dúvida, é um reflexo daquilo que Lutero identificou como Dois Reinos. O primeiro tem a ver com a criação e o segundo com a salvação. A tentação de querer ser Deus precisa ser controlada sob a vocação, que coloca a criatura numa situação de receptora e doadora dos bens divinos. Quando alguém apresenta boas obras diante de Deus no Reino do céu, a ordem de Deus é quebrada em ambas as realidades, nem Deus nem o próximo recebem a devida atenção.<sup>53</sup> Foi isso que aconteceu na Idade Média, quando a vida monástica foi incentivada.

A igreja tem o papel de nutrir o crente com o Evangelho de Jesus Cristo. No Catecismo isso aparece claro no Terceiro Artigo, no Pai Nosso, que é uma arma do crente contra o Maligno, nos Sacramentos, nas Orações e na Confissão. Especialmente nos Sacramentos, o crente tem acesso direto a Cristo e recebe perdão dos pecados. A Confissão também tem papel importante por causa do Evangelho que conforta o pecador. Assim, o crente é nutrido com a Palavra de Deus para

---

<sup>51</sup> Charles Arand, op.cit., p. 151 "...worthiness is no longer defined by a series of penitential acts of purification, but as believing".

<sup>52</sup> Gustav Wingren, Luther on vocation, 2004, p. 123: "A Christian lives in vocation and in the church. Vocation is the concrete form of the law, and the Church is the concrete form of the gospel".

<sup>53</sup> Ibidem, p. 13: "When one presents works before God in the Kingdom of heaven, God's order is disrupted in both realms...Neither God nor one's neighbor receives that which is properly his".



a vida como criatura. O Espírito Santo congrega as pessoas em torno de Cristo para que estes recebam o perdão e a certeza de que o Pai Criador, que preserva este mundo, não está mais irado com eles, mas os aceita por causa de Cristo. Na realidade do evangelho as pessoas recebem o perdão e a promessa da vida eterna.

É importante destacar a conexão existente entre estas duas realidades. Em primeiro lugar, tanto a vocação quanto o evangelho são expressões do amor de Deus a sua criação. Por meio das vocações, Deus serve as pessoas com bens materiais, como, por exemplo, quando uma mãe alimenta seu filho, mostrando qual a função específica de cada um dentro da criação divina.

Segundo Wingren, para entender o que significa a cruz da vocação é preciso lembrar que vocação é algo ordenado por Deus para beneficiar, não aquele que cumpre a vocação, mas o próximo.<sup>54</sup> É certo que ninguém escolhe ser filho, ser irmão, e muitas outras ocupações. Elas são impostas por Deus e confrontam o homem com a realidade de que ele é criatura e não criador. Nas relações dinâmicas, a lei dos Dez Mandamentos se apresenta de forma bem concreta e muitas vezes imperceptível. Como criatura, um pai, muitas vezes, está diante da realidade de que ele não pode criar nem fazer existir algo melhor para o seu filho. Como pecador, ele reconhece que a sua condição é a de imperfeição e desgraça.

De uma forma especial, pode-se destacar que não há lugar no Catecismo para um pensamento baseado em justiça própria diante de Deus. Ele aponta única e exclusivamente para a ação do Deus Triúno: Criador, Redentor e Santificador. A vida do cristão gira em torno desse centro. Por outro lado, a pessoa é chamada a servir o próximo, conforme as recomendações das Tábuas dos Deveres. Ali Lutero reúne passagens bíblicas que são, na verdade, reflexos dos Dez Mandamentos e os ordena dentro da perspectiva das três principais ordens da criação: Ordem econômica (o regime do Casamento e da família); política (da autoridade civil) e eclesiástica.

A nova lógica de Lutero apresenta uma perspectiva para a vida cristã diferente daquela conhecida na Idade Média. A estrutura evangélica do Catecismo mostra que o homem é totalmente dependente de Deus e do próximo. Nesse sentido, o homem é incentivado a dei-

---

<sup>54</sup> Gustav Wingren, *Luther on vocation*, 2004, p. 29: "to understand what is meant by the cross of vocation, we need only remember that vocation is ordained by God to benefit, not him who fulfils the vocation, but the neighbor who, standing alongside, bears his own cross for the sake of others".

zar de olhar para si mesmo e olhar para o único Deus, e também para o próximo que também foi criado por Deus. A estrutura do Catecismo Menor é muito rica nesse sentido, pois ela une partes essenciais e as coloca dentro da dinâmica Lei/Evangelho, numa perspectiva trinitária.

Além disso, o Catecismo se torna muito prático, porque ele fala de coisas concretas do dia-a-dia das pessoas. Acima de tudo, ele é um manual que ensina como viver por fé. Ele ensina o que o homem é de fato, o que ele recebe de Deus e como ele pode clamar a Deus. Além disso, o homem pode ver no Catecismo um guia para sua vida em diferentes vocações. Cada pessoa foi comprada por Cristo e cada pessoa foi colocada numa vocação específica que não pode ser imitada nem transferida. O que Deus criou, ele o criou "para mim"; o que Jesus fez, ele o fez "por mim"; o que o Espírito Santo fez, ele o fez "por mim". Essa ênfase na primeira pessoa do singular enfatiza a ação de Deus na vida de cada pessoa numa relação íntima e única, que não pode ser imitada, nem copiada ou comparada.

Muito mais do que um livro que dita normas, o Catecismo aponta para a dinâmica existente na criação de Deus antes e depois do evento salvífico: Jesus Cristo comprou a humanidade com seu santo e precioso sangue para que esta lhe pertença e viva submissa a ele. O "viver submisso a Ele" implica a existência de um Ser superior, do qual se espera todo bem. Esse ser é o Deus Triúno exigido no Primeiro Mandamento e revelado no Credo: O Deus Criador dá existência e vida a tudo que existe; o Redentor compra a humanidade para dentro do seu Reino; o Espírito Santo revela esse Deus através dos meios da graça.

Essa perspectiva trinitária ajuda a entender melhor o Catecismo de Lutero e enfatiza a dinâmica da nova vida da criatura de Deus como propriedade de Cristo. Em especial, ele destaca a ação divina na vida de cada pessoa e guia os cristãos em seu dia-a-dia como agentes de Deus na família, na sociedade e na política, enfim, em todo o mundo.

### **3. O DESAFIO: ENSINAR A VIVER POR FÉ**

A perspectiva trinitária presente no Catecismo de Lutero enfatiza a ação de Deus em todas as esferas que envolvem a humanidade. Como criatura restaurada e beneficiada por Deus, o cristão vive neste mundo como agente de Deus na família, na sociedade e na política, enfim, em todo o mundo. O desafio é transmitir essa mensagem e ensinar a viver pela fé.

### 3.1 O Catecismo nos dias atuais

A intenção do Catecismo de Lutero é mostrar como o segundo artigo restaura as relações do homem no Primeiro Artigo. O perdão de Cristo liga a criatura ao Criador e estabelece novas relações entre as criaturas, colocando o cristão como instrumento vivo que Deus usa na manutenção do mundo. O desafio nos dias de hoje é continuar mantendo esse diferencial presente de forma que seja apresentado às pessoas, seja na instrução ou pregação. Especialmente em tempos atuais, em que se nega a verdade absoluta, não se pode deixar de pregar esse artigo tão caro não só para luteranos, mas também para todo cristianismo. A igreja precisa se preocupar, confessar e se envolver no mundo com essa mensagem “diferente”.

Infelizmente, o “escândalo da particularidade”, de que apenas em Cristo há salvação, é minimizado com o intuito de tornar o cristianismo uma religião de bem-estar. Além disso, alguns enfatizam a teologia da prosperidade, onde uma vida repleta de bênçãos representa um sinal da presença de Deus. Assim como já foi em épocas passadas, o “eu” da criatura toma espaço, enquanto que o “Eu” do Primeiro Mandamento é marginalizado.

Nesse sentido, o papel do Catecismo não se restringe ao ensino confirmatório, mas ele é útil também para toda a vida do cristão. Ele não é um simples livrete, mas um guia que mostra como viver pela fé. “O propósito do Catecismo é o de estimular a aquisição de uma estrutura interpretativa à base e por meio da qual o jovem cristão apreenderá as realidades de fé e vida da comunidade”.<sup>55</sup> É acertado afirmar também que o Catecismo é uma fonte muito rica para todos os momentos da vida, não apenas no período que antecede à confirmação ou à profissão de fé. O seu conteúdo está ligado ao dia-a-dia das pessoas e pode servir como mapa que guia a vida desde o Batismo até a morte.

Ele ensina a viver pela fé e mostra o que o Deus Triúno faz, remetendo os crentes para a palavra de Deus. Como Veith destaca, “a igreja assumiu a tarefa de ensinar seus membros a pensar biblicamente”.<sup>56</sup> Destaca-se também que o Catecismo Menor foi e continua

---

<sup>55</sup> Vilson Scholz, “O Papel Hermenêutico do Catecismo Menor de Lutero” in Igreja Luterana, ano 1992, número 1, p. 5-12.

<sup>56</sup> Gene Edward Veith, “Catequese, Pregação e Vocação” in BOICE, James (org.). Reforma Hoje: Uma Convocação feita pelos Evangélicos Confessionais, 1999, p. 84. Também Charles Arand, *That I May Be His Own: An overview of Luther’s Catechisms*, 2000, p. 147: “The genius of the Small Catechism lies in the way that it pulls together the chief parts of the catechism so as to concentrate their focus on a singular biblical theme woven through the entire Scriptures”.

sendo o mais importante instrumento para a formação da comunidade luterana de fé. Diante disso, “para entender adequadamente a Bíblia e a vida cristã à luz de lei e evangelho, *simul iustus et peccator*, o Catecismo Menor é chave hermenêutica fundamental”.<sup>57</sup>

Por isso, o Catecismo Menor merece ser considerado com máxima diligência. Ele anuncia às pessoas aquilo que Deus fez por elas e ainda continua fazendo. A dinâmica Lei/Evangelho presente no Catecismo revela o Deus que mata e faz viver. Acima de tudo, mostra que somente Deus é o agente na história, enquanto que o homem recebe apenas, numa posição de criatura, tudo aquilo que o Deus Criador, Redentor e Santificador oferecem a ele.

Nos dias atuais, assim como o foi também no tempo de Lutero, correntes divergentes procuram dar asas aos deuses do imaginário humano. É necessário, portanto, enfatizar a dinâmica “Criador – criatura”, que se torna real por causa de Cristo, e ensinar que a ação do cristão nesse mundo é fundamental e necessária.

### **3.2 O Catecismo como instrumento na proclamação do Evangelho**

O Catecismo talvez seja um dos escritos mais conhecidos de Lutero. Em épocas passadas, já foi conhecido como a Bíblia dos leigos. Mesmo que a necessidade talvez force os ministros a buscarem novos modelos de Catecismo, o Catecismo de Lutero ainda continua sendo uma das mais ricas fontes para a qual se pode recorrer na educação cristã tanto de adultos como de crianças.

É interessante perceber que o Catecismo traz textos que são aceitos desde o início da era cristã e que são retirados da própria Escritura ou a resume, aparecendo também na liturgia do culto cristão. Por exemplo, o Credo, Pai Nosso, Santa Ceia, Batismo fazem parte da vida de culto do povo de Deus e precisam ser entendidos e apreciados. Além disso, como parte da vida diária das pessoas, o Catecismo fala de coisas práticas do dia-a-dia. Ele ensina a ver a vida numa perspectiva de Deus e coloca as pessoas nas suas devidas vocações. A vida do cristão passa a girar em torno de Deus e do próximo, de quem ele recebe todos os benefícios necessários.

Especialmente diante de uma cultura que menospreza os valores familiares, a igreja pode e deve incentivar a ação dos cristãos no mundo, ensinando-os a participar ativamente como agentes e forma-

---

<sup>57</sup> Vilson Scholz, *op.cit.*, p. 5-12.

dores de opinião e cultura. Eles têm um potencial enorme que precisa ser aproveitado, incluindo, acima de tudo, a vocação de esposo, pai e mãe como esfera de ministério cristão, um modo de servir a Deus e ao próximo fundamentado na verdade de Deus.<sup>58</sup>

Nesse sentido, o Catecismo acompanha o cristão em toda a sua vida. Ele traz as partes principais que o cristão precisa saber a fim de ser salvo. Segundo Arand, "usar os Catecismos como textos primários aponta para o fato que estes são os companheiros, nutrimentos, equipamentos de luta e roupa".<sup>59</sup> Lutero também disse que precisava ser eterno aluno do Catecismo. Assim ele confessa: "de manhã, e quando quer que tenha tempo, leio e profiro, palavra por palavra, o Pai-nosso, os Dez mandamentos, o Credo, alguns Salmos".<sup>60</sup> E ele acrescenta: "É que o Espírito Santo está presente com esse ler, recitar e meditar, e concede luz e devoção sempre nova e mais abundante, de tal forma, que a coisa de dia em dia melhora em sabor e é recebida com apreço cada vez maior".<sup>61</sup>

O Catecismo é uma ferramenta muito rica na proclamação do Evangelho. Ele foi elaborado como manual que ensina qual é a vontade de Deus e como o homem tem acesso a Ele em todos os momentos. Ele ensina a receber os benefícios do Deus Triúno e a pedir nas necessidades. Por isso, internalizar o Catecismo significa, acima de tudo, aprender a viver por fé.

### 3.3 Uma proposta Holística

De forma geral, é interessante notar que o Catecismo tem um grande tema e se subdivide em partes, as quais não podem ser interpretadas isoladamente, mas precisam ser entendidas sob esse grande tema. A dificuldade aparece quando essas partes principais não são vistas dentro dessa perspectiva holística. Segundo Arand, quando se gasta muito tempo em determinada parte do Catecismo pode-se per-

---

<sup>58</sup> Gene Veith, *op.cit.*, p. 92.

<sup>59</sup> Charles Arand, "Meeting the challenge for Tomorrow: Formation through Catechesis" in *Formation in the Faith: Catechesis for Tomorrow*. Concordia Seminary Publications, Symposium Papers, Number 7, 1997, p. 65: "To use the catechisms as our primary texts brings out the point that these are the Christian's companions, nourishment, battle gear, and clothing"

<sup>60</sup> CM, Prefácio Maior, 7.

<sup>61</sup> CM, Prefácio Maior, 9.

der o foco de todo o Catecismo e também das principais partes da fé cristã.<sup>62</sup>

Segundo Arand, a mensagem central do Catecismo é esta: A arte de viver pela fé<sup>63</sup>. Sob esse tema, ele sugere uma visão holística do Catecismo e assim ordena as partes para o ensino do mesmo:

A) Os Mandamentos (a necessidade da fé): 1. Discutir os mandamentos no contexto da criação e as obrigações das criaturas; 2. Enfatizar o Primeiro Mandamento; enfatizar como este está ligado aos outros nove; 3. Tratar cada mandamento dentro do contexto das ameaças e promessas de Deus. B) O Credo (o Dom da Fé): 1. Focar no tema 'Deus dá, nós recebemos'; 2. Discutir como o tema 'Criador' integra todos os vários verbos do Primeiro Artigo; começar com a primeira pessoa do singular (eu) como sendo milagre da criação; 3. Focar em Cristo como 'Nosso Senhor' e o tema *Christus Victor*; 4. Explicar o Espírito como aquele que implementa o Reino de Cristo através dos meios especificados; 5. Mostrar como o Credo todo é uma resposta ao Primeiro Mandamento. C) O Pai Nosso (Clamor da fé): 1. Focalizar na oração como a voz da fé que procura todas as coisas em Deus (e cumpre o Primeiro Mandamento); 2. Unir a oração a Cristo e ao Espírito, os quais respectivamente nos dão o direito e privilégio de orar; 3. Tratar as

---

<sup>62</sup> Charles Arand, *That I May Be His Own: An overview of Luther's Catechisms.*, 2000, p. 141. "When the catechist or pastor devotes several months at a time to the study of one particular portion of the catechism, it may become easy to lose sight of the forest on account of the trees".

<sup>63</sup> Charles Arand, "Meeting the challenge for Tomorrow: Formation through Catechesis" in *Formation in the Faith: Catechesis for Tomorrow*, 1997, p. 75: "Overall message of Catechism: The Art of Living from Faith to Faith".

petições individualmente dentro da estrutura da batalha entre Deus e Satã”.<sup>64</sup>

Lutero sugere várias etapas no ensino do Catecismo. Em primeiro lugar, é importante que o instrutor ensine os jovens palavra por palavra para que possam guardar o texto. Depois ele destaca que é importante ensinar o sentido para que saibam o que significa o texto, sendo possível acrescentar outro conteúdo além o CM e Cm.<sup>65</sup> É importante destacar que naquela época grande parte do ensino se dava oralmente, por isso a importância de guardar as palavras do Catecismo no coração. Lutero também usou gravuras<sup>66</sup> como auxílio didático, a fim de inculcar o Catecismo no coração das crianças. Mesmo que a oralidade pareça não ser mais a realidade atual, ainda assim essas idéias parecem úteis. Gravuras ajudam a fixar o assunto para que ele esteja não só na mente, mas também no coração.

O Catecismo também pode ser encaixado no modelo antigo do *Trivium*.<sup>67</sup> A primeira parte se refere a conhecer o “básico” da fé cristã, se familiarizar com o texto e procurar internalizar as palavras. A segunda parte tem a ver com processar as idéias destas partes, como se vê nas perguntas e respostas do Catecismo, bem como na própria ordem deste. A terceira tem a ver com a profissão da fé ou confirmação, onde as pessoas afirmam que conhecem e também confessam concordar com este ensino.

---

<sup>64</sup> Ibidem, p. 75: A) Commandments (Need for Faith): 1. Discuss the commandments in the context of creation, creaturely obligations; 2. emphasize First Commandment; discuss how it is integrated into subsequent nine commandments; 3. deal with each commandment within the context of God's threat and promises. B) Creed (Gift of Faith): 1. Focus on the theme 'God gives; we receive'; 2. discuss how theme of 'Creator' integrates all the various verbs of the First Article together; begin with my person as miracle of creation; 3. focus on Christ as 'Our Lord' and the Christus Victor theme; 4. stress the Spirit as one who implements reign of Christ through the means enumerated; 5. show how the entire Creed is the Christian answer and response to the First Commandment. C) Lord's Prayer (Cry of Faith): 1. Focus on prayer as the very voice of a faith that seeks everything in God (And fulfills the First Commandment); 2. Tie prayer to Christ and Spirit who give us respectively the right and privilege to pray; 3. Deal with the individual petitions within the framework of the battle between God and Satan”.

<sup>65</sup> Cm, Prefácio, 7-17.

<sup>66</sup> Para exemplos de gravuras ver Charles Arand, *That I May Be His Own: An overview of Luther's Catechisms*, 2000, p. 200-211.

<sup>67</sup> Gene Edward Veith, op.cit., 1999, p. 86. Aplicação do Trivium na catequese: Gramática: decorar – lógica: perguntas e respostas – retórica: confirmação e profissão de fé. “Gramática” se refere ao conhecimento básico de certa área do conhecimento; “Lógica” refere-se à capacidade de pensar e processar idéias a respeito de certa área do conhecimento; “Retórica” é saber expressar aquilo que se sabe. Nesse sentido, o Trivium pode ser entendido como conhecimento, pensamento e expressão.

A ideia aqui não é propor um modelo de ensino, mas apenas apontar para algumas reflexões a partir daquilo que já foi tratado anteriormente nesse trabalho. Em primeiro lugar, é importante se familiarizar com o Catecismo, especialmente com as palavras dele. Depois, pode-se perceber quais as partes que o formam, reconhecendo a relação entre elas. Finalmente, aprender a usar esse manual para a vida, explorando as várias dimensões da vida cristã.

Arand sugere o ensino do Catecismo em ciclos. Por exemplo, no primeiro ciclo se estudaria o Catecismo e suas palavras. No segundo ciclo, mostrar-se-ia como os elementos do Catecismo estão relacionados à Escritura. No terceiro, poder-se-ia ver a relação entre Catecismo e culto. Quarto, o Catecismo e o evangelismo. Quinto, o Catecismo e a interpretação da vida; sexto, o Catecismo e a oração; sétimo, o Catecismo e a teologia da igreja.<sup>68</sup>

Esse modelo permite uma maior familiaridade com o Catecismo, bem como com outras esferas da vida cristã. Por exemplo, no segundo ciclo pode-se aprofundar mais nas Escrituras, sobre os livros da Bíblia e assim por diante. No terceiro ciclo existe a possibilidade de ensinar sobre o culto e a sua importância. Enfim, existem muitas possibilidades segundo esse modelo; basta ter criatividade e perceber as necessidades de cada contexto. De modo significativo, cada ciclo apresenta uma faceta da vida cristã e o Catecismo todo pode ser repassado várias vezes, o que ajuda a imprimir nos corações e mentes as partes principais da fé cristã.

A perspectiva trinitária presente no Catecismo de Lutero enfatiza a ação de Deus em todas as esferas que envolvem a humanidade. Como criatura restaurada e beneficiada por Deus, o cristão vive neste mundo como agente de Deus na família, na sociedade e na política, enfim, em todo o mundo. O desafio é transmitir essa mensagem e ensinar a viver pela fé. Parece que a visão holística facilita a ênfase do tema central do Catecismo.

A arte de viver pela fé sob a ação do Deus Triúno se manifesta naqueles que foram comprados pelo sangue de Jesus. Essa arte é dinâmica e imprevisível, particular e comunitária, ensinada pelo Deus Criador, Redentor e Santificador por meio da Sua Palavra e Sacramentos. A Igreja e todos os seus membros são instrumentos vivos que praticam todos os dias essa arte. Eles são participantes do desafio de ensinar a viver por fé.

---

<sup>68</sup> Charles Arand, "Meeting the challenge for Tomorrow: Formation through Catechesis" in *Formation in the Faith: Catechesis for Tomorrow*, 1997, p. 77-82.



## CONCLUSÃO

Os Catecismos são uma das obras mais importantes de Lutero. A sua importância não se limita ao fato de que eles são obras de Lutero, mas porque sintetizam as principais partes da fé cristã numa perspectiva evangélica e servem como instrumento na pregação do Evangelho também nos dias atuais.

Os Catecismos foram muito importantes na época de Lutero, pois através deles as principais partes da fé cristã foram anunciadas sob o prisma do artigo da justificação pela fé ao povo simples nas congregações que haviam aderido às idéias do Reformador. A ordem do Catecismo de Lutero reflete a teologia da cruz, a saber, que Deus mata o pecador pela lei e o faz ressurgir pelo evangelho. Assim, o homem é confrontado pela Lei (Dez Mandamentos) e confortado pelo Evangelho (Credo, Pai Nosso), segundo a ação do Deus Triúno revelado no Credo.

A necessidade de instrução é uma realidade sempre presente na Igreja de Cristo, que precisa refletir sobre a melhor forma de fazê-lo sem perder a essência da mensagem central. Nessa perspectiva, o Catecismo de Lutero aparece com grande propriedade, desenvolvendo a temática de viver pela fé.

Essa dinâmica do Catecismo pode ser melhor entendida quando vista como um todo, sob uma perspectiva trinitária. Os Mandamentos estariam dentro da perspectiva da Criação, a qual se torna também o contexto onde acontece a redenção. Os benefícios de Cristo se tornam reais para a criatura através da ação do Espírito Santo, o qual ensina a clamar (Pai Nosso) por auxílio a Deus. O segundo artigo é o grande destaque, uma vez que através dele se conhece a Deus como Ele é. O evento objetivo e real da cruz mostra para a criação a face misericordiosa de Deus, ligando novamente Criador e criatura para uma nova vida.

Essa perspectiva trinitária ajuda a entender melhor o Catecismo de Lutero e enfatiza a dinâmica da nova vida da criatura de Deus como propriedade de Cristo. Sob a orla da ação divina, o cristão é restaurado para seu posto original e usufrui, juntamente com as outras criaturas, de todos os benefícios disponibilizados por Deus. Portanto, o Catecismo de Lutero precisa ainda hoje servir de mapa na vida dos cristãos e guiá-los em seu dia-a-dia como agentes de Deus na família, na sociedade e na política, enfim, em todo o mundo.

Enquanto texto-base na educação cristã, o Catecismo é uma ferramenta muito útil e versátil. A proposta de ver o Catecismo de forma holística permite uma melhor apreciação do seu conteúdo e maior di-

nâmica na sua apresentação. A sugestão de ensinar o Catecismo em ciclos permite muitas possibilidades, o que depende da criatividade e percepção das necessidades de cada contexto. De modo significativo, cada ciclo apresenta uma faceta da vida cristã e o Catecismo todo pode ser repassado várias vezes, o que ajuda a imprimir nos corações as partes principais da fé cristã.

“Ser eterno aluno do Catecismo” precisa ser o lema também nos dias atuais. Isso significa ir além do conhecimento e chegar ao coração. Muito mais do que uma ciência, o Catecismo ensina a sabedoria da vida diária sob a ação do Deus Triúno. Como um mapa que mostra o caminho, o Catecismo abre as portas para as Escrituras de um modo rico e deslumbrante, colocando a criatura diante do Deus verdadeiro e Sua misericórdia. Por isso, ainda hoje a relevância do Catecismo precisa ser destacada e apreendida em toda a sua riqueza.

## **BIBLIOGRAFIA**

AGOSTINHO. *A Instrução aos Catecúmenos: Teoria e Prática da Catequese*. Tradução de Maria da Glória Novak. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

ARAND, Charles P. *That I May Be His Own: An Overview of Luther's Catechisms*. Saint Louis: CPH, 2000.

ARAND, Charles. “The God behind the First Commandment” in *Lutheran Quarterly* 8, (Winter 1994): 397-424.

FORMATION IN THE FAITH: CATECHESIS FOR TOMORROW. Concordia Seminary Publications, Symposium Papers, Number 7. Saint Louis: 1997.

KITTELSON, James M. *Luther, The Reformer: The story of the man and his career*. Minneapolis: Fortress Press, 2003.

LIVRO DE CONCÓRDIA. Traduzido por Arnaldo Schüler. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1980.

LUTERO, Martinho. “Catecismo Maior e Catecismo Menor” in: *Livro de Concórdia*. Traduzido por Arnaldo Schüler. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1980.

LUTERO, Martinho. “Catecismos” in *Obras Seleccionadas*. v. 7. São

Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000.

LUTERO, Martinho. "Breve Forma dos Dez Mandamentos; Breve Forma do Credo; Breve Forma do Pai-Nosso" in *Obras Seleccionadas*. v. 2. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000.

LUTERO, Martinho. "Instrução sobre como os Cristãos devem lidar com Moisés" in *Obras Seleccionadas*. v. 8. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2003.

LUTHER, Martin. "The Christian in Society IV" in *Luther's Work* (J. J. Pelikan, H. C. Oswald & H. T. Lehmann, Ed.) v. 47. Fortress Press: Philadelphia.

SCHOLZ, Vilson. "O Papel Hermenêutico do Catecismo Menor de Lutero" in *Igreja Luterana*, n.1, 1992, p. 5-12.

THE BOOK OF CONCORD. Edited by Robert Kolb and Timothy J. Wengert. Minneapolis: Fortress Press, 2000.

VEITH, Gene Edward. Catequese, Pregação e Vocação. In: BOICE, James (org.). *Reforma Hoje: Uma Convocação feita pelos Evangélicos Confessionais*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999. 205p. Cap. 4, p. 75-96.

WARTH, Martim Carlos. *A Ética de Cada Dia*. Canoas: ULBRA, 2002.

WINGREN, Gustaf. *Creation and Law*. Translated by Ross Mackenzie. Oregon: Wift and Stock Publishers, 1961.

WINGREN, Gustaf. *Luther on Vocation*. Translated by Carl C. Rasmussen. Oregon: Wift and Stock Publishers, 2004.



# A PROXIME-SE DO ALTAR: UMA REFLEXÃO SOBRE A TEOLOGIA E PRÁTICA DA SANTA CEIA

Joel D. Biermann<sup>1</sup>

Uma das alegrias incomparáveis em estudar Teologia é a profundidade e amplitude do assunto. Escolha um tema, ou seja, um *locus* – pode ser qualquer um – e as possibilidades de exploração e discussão são infinitas. E este é o caso, porque a Teologia não é (como bem sabemos, mas, algumas vezes, parece que esquecemos) um amontoado de artigos separados e diferentes unidos por costume ou por antiga tradição. Agostinho não escreveu Teologia, nem Melanchthon ou Pieper; cada um deles simplesmente explicou e articulou o que já existia. Teologia é, de fato, nada além do que a realidade de Deus, sua verdade. Ela é uma unidade simples, e quando seus componentes são estudados de maneira desatada, há o risco de se sacrificar a verdade em seu todo. Assim, não importa tanto qual porta alguém escolhe para entrar na sua investigação; cedo ou tarde cada tópico será focado e cada *locus* se torna relevante. Eu suponho que tudo isto serve tanto como uma advertência como para uma justificativa para o que segue abaixo. Pode até parecer que perdi o meu rumo, ou que tenha entrado em caminhos irrelevantes para a presente discussão, mas a expectativa é de que as conexões se tornarão evidentes e convincentes para todos. A estrada que vamos tomar para esta contemplação teológica é a Santa Ceia, especificamente a sua “teologia e prática”. O tema é bem-vindo e este convite satisfaz meu crescente desejo de contribuir com algumas idéias para o vivo debate que continua a florescer em nosso meio.

---

<sup>1</sup>Este artigo, de autoria do professor Joel D. Biermann, professor de Teologia Sistemática no Concordia Seminary, St. Louis, USA, foi originalmente apresentado numa Conferência Teológica do Distrito Minnesota Sul, em setembro de 2007. O título original é: Step Up to the Altar: Thinking about the Theology and Practice of the Lord's Supper. O artigo foi publicado na revista teológica Concordia Theological Quarterly, Number 72, April 2008, pp. 151-162. A tradução é de Anselmo Ernesto Graff, professor de Teologia Prática no Seminário Concórdia e ULBRA. Algumas expressões que no texto original se referiam especificamente à realidade americana e da LCMS foram omitidas ou adaptadas ao contexto do leitor brasileiro. Usado com permissão.

## I. QUEM DEVERIA SER UM COMUNGANTE EM NOSSO ALTAR?

Pode até parecer que há pouco para se debater sobre nossa teologia e prática da Santa Ceia. Tudo está explicado maravilhosamente no Catecismo Menor:

O que é o Sacramento do Altar? Resposta: É o verdadeiro corpo e sangue de nosso Senhor Jesus Cristo sob o pão e o vinho, instituído pelo próprio Cristo para ser comido e bebido por nós, cristãos.

Como pode o ato físico do comer e beber efetuar tão grandes coisas? Resposta: O comer e o beber, em verdade, não as podem efetuar, mas sim as palavras: “dado em favor de vós” e “derramado para remissão dos pecados”. Essas palavras, juntamente com o comer e o beber físico, são a coisa essencial no sacramento. E o que crê nessas palavras, tem o que elas dizem e expressam, a saber, “remissão dos pecados”.

Quem recebe dignamente esse sacramento? Resposta: Jejuar e preparar-se corporalmente é, sem dúvida, boa disciplina externa. Mas verdadeiramente digno e bem preparado é aquele que tem fé nestas palavras: “dado em favor de vós” e “derramado para remissão dos pecados”. Aquele, porém, que não crê nessas palavras ou delas duvida, é indigno e não está preparado, pois as palavras “por vós” exigem corações verdadeiramente crentes [Catecismo Menor, *Livro de Concórdia*, Arnaldo Schüler, tradutor, 1993, pp.378-79.1-2, 7-10].

É isso. Tudo o que precisamos saber está explicado nessas palavras. Lutero nos fornece tudo o que precisamos saber sobre o Sacramento. *Satis est*. É o suficiente. Ou não? Bem, depende. Será que Lutero forneceu uma resposta completa e suficiente para o cristão que contempla sua recepção adequada da Santa Ceia? Com certeza não. Isto é uma questão de fé; uma simples confiança na promessa de Cristo e sede pelo perdão faz de alguém um recipiente digno. Ponto. Lutero atingiu seu propósito: ele ofereceu instrução para o cristão simples. Mas, será que as belas palavras formuladas por Lutero fornecem a resposta suficiente e completa para a congregação ou o pastor, que procuram por um entendimento sobre quem deveria comungar no altar que lhes foi confiado? Certamente não. Esta é uma outra questão. No primeiro exemplo a questão é “*eu sou digno para estar diante do altar e receber o Sacramento?*” A segunda situação, todavia, pergunta por algo totalmente diferente: “*Quem deveria comungar em nosso altar?*” A explanação de Lutero no Catecismo Menor provê parte da resposta – mas não toda a resposta – a essa última questão.

Encontrar uma resposta fiel e responsável para essa segunda pergunta exige uma consideração cuidadosa de algumas áreas a mais da

teologia. A questão não está relacionada simplesmente em estimular pessoas a honestamente verificar seu estado de arrependimento e seu entendimento da miraculosa presença de Cristo no Sacramento. Na verdade, seria razão para alguma esperança se todas as congregações da Igreja Luterana consistentemente fizessem um esforço para fazer pelo menos isso. Ainda assim, se isto é o mais longe que vamos em nossa prática da Santa Ceia, então nós somos culpados de interpretar mal o significado pleno da comunhão do Sacramento, culpados de encaminhar pessoas para um entendimento incorreto da unidade na confissão, e culpados por falhar no exercício do papel de “despenseiros dos mistérios de Deus” (1 Co 4.1). Não, para ser um despenseiro fiel do profundo mistério que é o Sacramento do Altar, deve-se levar em conta mais do que a compreensão sacramental daqueles que estão diante do altar. O simples teste que verifica a presença ou ausência de algo na “presença real” é inadequado. Para colocar isto de maneira direta: nem todo comungante digno segundo os princípios do Catecismo Menor é necessariamente um irmão cristão que deveria comungar em nosso altar.

Deveria ficar claro que esta forma de elaborar a questão está em total concordância com a posição desenvolvida no documento de 1999 da CTRE (Comissão de Teologia e Relações Eclesiais, da LCMS, USA), *Admissão à Santa Ceia: fundamentos do Ensino Bíblico e Confessional*.<sup>2</sup> Reconhecendo a disponibilidade deste importante documento e recomendando enfaticamente seu estudo e ávida assimilação dos seus argumentos e conclusões, este estudo tentará evitar redundâncias ao considerar pelo menos duas áreas adjuntas de interesse teológico não tratadas exaustivamente no documento da CTRE: primeiro, a falha em compreender a responsabilidade de supervisão, e segundo, uma aplicação equivocada de “lei e evangelho”. Estes tópicos que constituirão a maior parte deste estudo, não foram escolhidos por acaso ou arbitrariamente, mas nascem de uma necessidade em dar atenção a questões que continuam a aparecer em torno das práticas de comunhão adotadas por congregações individuais em nossa igreja.

Estas duas áreas de exploração adicional surgem diretamente de uma preocupação comum: o fato de que, apesar da sempre repetida posição da LCMS de implementar e encorajar a prática da comunhão fechada, estudos e evidências empíricas indicarem que

---

<sup>2</sup> Um relatório da Comissão de Teologia e Relações Eclesiais da LCMS: *Admissão à Santa Ceia: Fundamentos do Ensino Bíblico e Confessional* (St. Louis: The Lutheran Church-Missouri Synod, 2000), <http://www.lcms.org/graphics/assets/media/CTCR/admisup.pdf>.

um bom número de congregações da LCMS não concordam com essa prática. Se por um lado é possível que haja apenas alguns poucos pastores e congregações que estão dispostos a questionar aberta e verbalmente a posição sobre a comunhão fechada, é também significativo o número de congregações e pastores que na verdade estão praticando, o que melhor pode ser descrito como “comunhão funcionalmente aberta”. Claro, é necessário apresentar uma definição de comunhão funcionalmente aberta. A prática da Santa Ceia de uma igreja é funcionalmente aberta quando a determinação de quem é um comungante apropriado (e não simplesmente um comungante “digno”) é deixada exclusivamente nas mãos do indivíduo que pretende comer e beber, e quando a preocupação da igreja é limitada à dignidade do indivíduo, sem consideração mais profunda sobre a confissão daquele pessoa<sup>3</sup>. Em outras palavras, professar concordância com a idéia da comunhão fechada é irrelevante se a prática deixa ao encargo dos indivíduos a determinação sobre se eles deveriam comungar ou não.

## II. O PASTOR COMO DESPENSEIRO DOS MISTÉRIOS DE DEUS

A solução simples para o problema da comunhão funcionalmente aberta é redeclarar e reafirmar o papel da congregação e de maneira especial do seu pastor na supervisão da celebração do Sacramento. Isto significa que uma das principais influências por detrás de muitas congregações que praticam a comunhão funcionalmente aberta é, na realidade, o descrédito do Ofício do Ministério Pastoral, muitas vezes gerado pelos próprios pastores. As *sedes doctrinae* pertinentes são 1 Coríntios 4.1: “Assim, pois importa que os homens nos considerem como ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus”, e Atos 20.28: “Atendei por vós e por todo o rebanho sobre qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue”. Como se poderia esperar, as Confissões Luteranas reforçam o papel do pastor como o instrumento escolhido por Deus para administrar os sacramentos. O Artigo V da Confissão de Augsburg de fato conecta o artigo da justificação ao Ofício da Pregação: “Para conseguirmos essa fé, instituiu Deus o ofício da pregação, dando-nos o evangelho e os sacramentos” [Livro de Concórdia, Confissão de Augsburg V, p.30.1]. Além disso, o Artigo XXVIII

---

<sup>3</sup> Essa distinção é muito bem explicada e aplicada no Documento Admissão à Santa Ceia, pp.41-48, cujo endereço eletrônico está na nota anterior.



deixa claro que, se por um lado há muita coisa que não é de responsabilidade dos bispos (administração governamental ou liderar exércitos, por exemplo), por outro lado é do seu encargo administrar a graça de Deus: “Os nossos ensinam que, de acordo com o evangelho, o poder das chaves ou dos bispos é o poder e ordem de Deus de pregar o evangelho, remitir e reter pecados e administrar e distribuir sacramentos” [Livro de Concórdia, Confissão de Augsburgu XXVIII, p.56.5-6].

Como bispo ou supervisor da igreja em determinado lugar, é da responsabilidade do pastor ministrar para a sua congregação e garantir que o evangelho e os sacramentos estejam sendo administrados corretamente. Assim como aconteceu com os profetas fiéis de Israel, o pastor não atua baseado em sua própria iniciativa ou até de acordo com suas preferências ou idéias pessoais. Ele é porta-voz de Deus e deve acolher com seriedade a tarefa de administração e supervisão. Quando ele entrega a hóstia a um comungante, ele deveria estar completamente confiante que essa pessoa que está recebendo este dom do evangelho o está recebendo de forma correta: em fé e em confissão da verdade. Ele não pode distribuir livremente os bens, sem pensar naqueles que os estão recebendo, como se sua presença em si provasse a legitimidade de sua recepção. Ao contrário de muito pensamento popular, o Sacramento não é apenas uma relação entre Jesus e o indivíduo. O pastor não é uma insensível máquina de vender espiritual, sem responsabilidade por aqueles que estão recebendo a Ceia. O Sacramento é a presença de Cristo, sua dádiva à igreja; e a igreja celebra este presente na unidade de sua confissão. O Sacramento é a celebração daquela congregação de pessoas. O pastor supervisiona esta celebração e cuida para que ela seja compartilhada por aqueles que pertencem a esta unidade. Essa é sua tarefa. É isto que significa ser pastor. Fazer menos do que isto é esquivar-se da responsabilidade do ofício. Empurrar para o visitante a decisão sobre se ele pode comungar ou não é abdicar de sua responsabilidade pastoral.

Para refinar um ponto neste argumento, eu estou dizendo que a confiança num anúncio no boletim, ou ordem de culto, de que o Sacramento é para aqueles que são batizados, estão arrependidos e “crêem na presença real” é completamente inadequada. Tal prática claramente nada mais é do que uma comunhão funcionalmente aberta. A prática de se fiar num anúncio escrito em papel coloca a decisão inteiramente nas mãos do indivíduo. Esta prática torna óbvio para o visitante que é sua a escolha em comungar ou não – é claro que esse é precisamente o jeito que quase todo mundo quer que seja. Numa sociedade que celebra o indivíduo, desconsidera a função da comunidade.

de e age com uma mentalidade do direito, oferecer uma decisão como essa ao indivíduo é razoável e fácil. É um pensamento comum: "Deixa cada um decidir. Isso é assunto entre o visitante e Deus. Eu estou apenas ministrando o evangelho, apenas entregando as hóstias". Errado. O pastor é o mordomo. É sua a responsabilidade de convidar pessoas ao altar, excluir aqueles que não deveriam comungar e, claro, até mesmo recusar a comunhão àqueles que se apresentam de forma inapropriada. Isto não é fácil e nem divertido. Praticar a supervisão e administrar o Sacramento pode ser desconfortável e ter um alto grau de exigência. O pastor faria bem, então, em lembrar aqueles profetas antigos que freqüentemente se viam executando tarefas desagradáveis e impopulares, não por causa de sua escolha pessoal ou suas preferências, mas pela vontade do Senhor que os chamou e a quem eles eram compelidos a responder. Assim acontece com os servos do Senhor no século XXI, ou pelo menos assim deveria ser.

A mudança do pensamento na prática da Santa Ceia exigirá mudança correspondente na maneira em que pastores e pessoas enxergam o ofício. Sim, pastores estão lá para proclamar o evangelho, distribuir o perdão dos pecados e confortar almas. Mas é claramente óbvio nas Escrituras e Confissões que eles estão também "lá" para administrar o ofício das chaves: para declarar culpados os pecadores, excluir os impenitentes e supervisionar a prática correta dos sacramentos. Comunhão funcionalmente aberta significa negligência pastoral. O corretivo para isto não é pastores agindo como ditadores, mas como despenseiros responsáveis administrando diligentemente os meios da graça de Deus, a fim de que o quebrantado seja curado e o impenitente seja admoestado. Como despenseiros, os pastores cuidarão também para que a Santa Ceia, a refeição que alimenta e liga a igreja a Cristo e um ao outro na unidade de sua confissão, seja celebrada por aqueles a quem ela é prometida: aos membros da igreja naquele lugar. Aqueles que não fazem parte daquela comunidade de fé específica, mas que estão presentes na celebração do Sacramento, deveriam aprender a perceber sua participação como privilégio e não como um direito. Eles deveriam pressupor que esta celebração não os inclui a não ser que eles sejam especificamente convidados a participar – vem daí o antigo costume, agora, porém, tipicamente desconsiderado, da prática de falar com o pastor antes da celebração. Para deixar mais claro ainda, supondo que essa conversa ocorra, é imperativo que o pastor não perpetue a noção errada de que se o visitante "crê em Jesus e na presença real", então ele é bem-vindo. Há muito mais envolvido nisso e o pastor precisa comunicar este fato através de sua conversa e sua decisão ... e é *sua* decisão. Ao pastor foi confiado pelo

seu Senhor esta responsabilidade e o sacerdócio naquele lugar. Ele deverá prestar contas por sua prática na administração do Sacramento.

Embora essas conversas na sacristia raramente sejam o contexto ideal para reflexões detalhadas sobre a doutrina da igreja, sacramentos e comunhão, esse é um lugar para estabelecer um relacionamento com os visitantes que estão perguntando sobre sua participação no Sacramento. Àqueles que não estão em comunhão com a congregação deveria ser dito que a congregação deseja muito a sua participação e ficaria feliz em dar-lhes as boas-vindas quando houver clareza de que há unidade na confissão. Claramente, esse tipo de resposta exigirá uma conversa adicional, mas se isto é feito num tom adequado, isto não precisa ser automaticamente negativo e ofensivo. É preciso admitir que numa cultura democrática as pessoas freqüentemente têm dificuldades em aceitar tal posição "excludente". A melhor prática pastoral é certamente requerida nessas situações. É preciso lembrar-se de que a igreja é, pela própria definição de Cristo, exclusiva. Enquanto todos de fato são bem-vindos e encorajados a vir ao culto, somente aqueles que estão em Cristo fazem parte da comunidade.

### **III. NEGANDO O SACRAMENTO A VISITANTES CRISTÃOS**

Antes de entrar na próxima área maior de discussão, a aplicação equivocada do paradigma lei e evangelho, algumas palavras precisam ser ditas sobre a excessiva sensibilidade da igreja em falar, de fato, para uma pessoa real de que ela, no momento, não é bem-vinda à comunhão. Parece que a principal força motora para a maior parte dos cristãos do século XXI, incluindo aqueles que estão sentados nos bancos da Igreja Luterana, é a necessidade de ser gentil. Assim, muitos luteranos que levam a sério 1 Coríntios 11, reconhecem a necessidade de manter afastadas da comunhão as pessoas que não "discernem o corpo de Cristo". Estes luteranos gentis sabem que precisam reservar o Sacramento àqueles que são dignos segundo o sentido de dignidade do Catecismo Menor. Isto é feito em consideração ao visitante desinformado ou descrente. Deixar um descrente comungar para sua própria condenação, definitivamente não é ser gentil.

Estas mesmas pessoas e pela mesma razão, entretanto, podem se incomodar com a idéia de negar o Sacramento a um visitante cristão que crê na "presença real", mas que seja um Metodista ou um membro de outra denominação luterana. Falar para essas queridas pessoas "não" diante do Sacramento não é gentil e por isso considerado desnecessário ou até não-cristão. O administrador dos mistérios de Deus

precisa educar seu povo sobre a importância do Sacramento em muitos níveis e particularmente precisa enfatizar os aspectos corporativos e confessionais do Sacramento que estão presentes junto com a comunhão individual com Cristo. Basicamente, o alvo é ajustar a cultura da igreja da forma que pessoas gentis sejam aptas a reconhecer que uma pessoa não deveria esperar comungar em todo e qualquer altar onde ele porventura esteja presente. Convidados não abusam da hospitalidade de seus hospedeiros ou simplesmente esperam ser tratados assim como aqueles que já fazem parte da comunidade onde eles estão presentes. Curiosamente, pessoas parecem ser completamente capazes de aceitar este fato em muitas outras áreas. Convidados em country clubes, eventos de negócios e cerimônias militares, reconhecem e aceitam o fato de que alguns aspectos destas ocasiões são somente para aqueles que fazem parte daquela comunidade. Esta distinção é entendida mesmo dentro da vida da igreja. Por exemplo, um visitante presente numa cerimônia de batismo certamente não iria pensar que fosse apropriado trazer seu próprio filho imediatamente à pia batismal para que ele também pudesse participar nas atividades da comunidade, e nem o pastor e os que estivessem sentados próximos ao visitante o encorajariam para que fizesse isso. Esse processo de reeducação, necessariamente, progredirá lenta e sensivelmente, mas onde despenseiros fiéis estão honrando o chamado do Senhor, ele deveria começar.

Um pastor agindo como despenseiro dos mistérios de Deus é um *sine qua non* para uma prática aceitável do Sacramento. Tanto pastores como membros, contudo, demasiadas vezes trivializam essa função de despenseiro e a reduzem à tarefa de contar cálices ou hóstias para garantir que não haverá faltas embaraçosas durante a distribuição. Por outro lado, a função de despenseiro pode ser entendida como encontrar formas criativas para “agilizar” a liturgia sacramental e a distribuição, para que possa ser feita mais eficientemente e dentro dos limites da sagrada “regra dos 60 minutos”; isto é considerado necessário para satisfazer as necessidades de um visitante hipotético que é, como muitas vezes parece, o centro inconsciente e não reconhecido de todo o evento do culto. Administração que é marcada por um sério esforço para elevar o significado sacramental e assegurar sua distribuição somente àqueles que fazem parte da comunidade de fé naquele lugar, é uma tarefa difícil. Mas a dificuldade não é meramente a dura realidade de relacionamentos tensos ou a ameaça de ser considerado um “valentão” (bully), ou um teimoso e intolerante. Não, o que faz esse tipo de administração fiel ser extremamente difícil, se não completamente rara, é que, além das preferências pessoais, exi-

gências relacionais e pressão social, está envolvida a teologia. O raciocínio e argumentação de muitos que resistem ou rejeitam completamente a prática da comunhão fechada está baseada em mais do que em sentimentos ou medo; trata-se de uma questão de teologia. De fato, alguns insistiriam que a boa teologia luterana na verdade exige a prática da comunhão aberta. O argumento é que o evangelho de Cristo está disponível para todos e o papel do despenseiro é administrá-lo para todos. Certamente, tal raciocínio deveria se aplicar à Ceia do Senhor. Assim nós chegamos ao que eu creio ser o cerne da questão e que provoca esse tipo de debate passional e amargo sobre práticas de comunhão apropriadas em nossas igrejas. O problema central perturbando a unidade no entendimento e prática da Santa Ceia é uma confusão e uso equivocado do paradigma de lei e evangelho.

#### **IV. O USO INADEQUADO DO PARADIGMA DE LEI E EVANGELHO**

Os luteranos que foram fortemente influenciados por uma densa atmosfera de “somente a graça” e “o evangelho deve predominar” têm sido condicionados a desconfiar de qualquer coisa que é percebido como lei ou que mesmo remotamente possa parecer que seja lei. Se é lei deve ser ruim. Obviamente, estabelecer e aderir a critérios sobre quem pode e quem não pode participar da Santa Ceia, carrega consigo mais do que apenas um pouco de cheiro de lei. A aversão a tais idéias legalistas se torna ainda maior no caso da Santa Ceia pelo fato de que o Sacramento é um meio da graça dado por Deus. É puro evangelho: é a entrega do perdão, comprado com o sangue de Cristo, para pecadores indignos, sem merecimento e humildes que vêm ao altar com as mãos vazias e corações quebrantados. Contaminar o sagrado evangelho com a lei impura é inconcebível. Assim é que aqueles que defendem uma prática mais aberta da Santa Ceia são muitas vezes vistos como aqueles que seguem o caminho certo e que mais completamente entendem e valorizam a realidade do evangelho. Naturalmente, a implicação disto para aqueles que insistem na prática da comunhão fechada é que serão considerados ignorantes ou, até mais horrivelmente, tratados como simplesmente fariseus arrogantes que amam a tradição e a “doutrina” mais do que as pessoas e o evangelho. Por consequência, se alguém vai defender a comunhão fechada como a prática correta dos despenseiros fiéis que amam seu Senhor, sua congregação e os perdidos, então se deve considerar este aparente conflito entre lei e evangelho.

Claramente, tocamos agora numa área da teologia mais crítica, mais ampla e até mais fundamental do que a própria doutrina do Ofício do

Ministério. Um tratamento detalhado do problema da polarização de lei e evangelho e das, muitas vezes, devastadoras conseqüências de tal polarização para o povo de Deus, está além dos limites deste estudo. Mas, como este tópico é essencial para um correto entendimento de nossa prática da Ceia do Senhor, uma breve introdução ao assunto precisa ser feita. A contribuição principal para esta discussão apareceu em 1993, quando David Yeago, um teólogo da ELCA publicou um importante artigo, "Gnosticismo, Antinomismo e Teologia da Reforma".<sup>4</sup> Nesse estudo, Yeago argumentou convincentemente que a igreja protestante de hoje está perigosamente infectada com formas traiçoeiras e enganosas dos 'ismos' identificados em seu título. Sua presença difundida, mas muitas vezes irreconhecida, dentro do Protestantismo, provém, segundo ele, de uma má interpretação da polaridade entre lei e evangelho. Yeago argumenta que quando a lei e o evangelho são colocados um contra o outro, o evangelho inevitavelmente recebe sua definição em antítese à própria lei. O evangelho se torna nosso libertador não da nossa falha em guardar a lei e a conseqüente justa ira de Deus; antes, o evangelho se torna nosso libertador da lei *per se*. Por esta razão, qualquer palavra que um cristão ouve e que tem um tom de comando, direção ou instrução, é excluída pelo evangelho libertador. "Se a distinção lei/evangelho é uma antítese final", Yeago argumenta, "então *qualquer* chamado para um ordenamento da vida em vez de outro será, por definição, a lei da qual o evangelho nos liberta."<sup>5</sup>

Nesse clima teológico o antinomismo avança. "Certamente", Yeago ataca, "muito da teologia protestante ao longo do século XX tem sido antinomista; o antinomismo prático que agora reina em muitas igrejas é simplesmente um antinomismo já existente por longo tempo como teoria e que, agora, está ganhando a coragem das suas convicções".<sup>6</sup> A acusação de Yeago de gnosticismo deriva da mesma tese de um falso entendimento da dicotomia de lei e evangelho, mas essa discussão deve ser adiada. Yeago não tem paciência com as práticas na vida comum da igreja que derivam da teologia antinomista e gnóstica alastrada entre os luteranos. Ele lamenta a "retórica contemporânea sensível sobre todas aquelas '*peçoas que sofrem*', que precisam mais do

---

<sup>4</sup> David S. Yeago, "Gnosticism, Antinomianism, and Reformation Theology: Reflections on the Costs of a Construal" *Pro Ecclesia* 2, no. 1 (1993): 3749.

<sup>5</sup> Yeago, "Gnosticism, Antinomianism, and Reformation Theology". Uma vez libertadas da lei, nota bem, pessoas estão na liberdade de escolher o que lhes agrada e de tomar suas referências sobre comportamento aceitável da cultura ou de qualquer outra fonte que for conveniente ou confortável.

<sup>6</sup>Yeago, "Gnosticism, Antinomianism, and Reformation Theology", 42.

qualquer outra coisa ser liberadas de toda ordem e absolvidas de todas as expectativas pela 'inclusividade' redentora da igreja antinomista.<sup>7</sup> Yeago também denuncia os efeitos sobre o culto, a educação e a ética, quando congregações progressivamente abandonam a catequese prolongada e longas observâncias rituais/litúrgicas em favor de formatos considerados menos "exigentes," mais contemporâneos e, presumivelmente, mais "significativos". A análise incisiva de Yeago tem sido reafirmada por uma série de outros teólogos, incluindo Robert Benne<sup>8</sup>, Reinhard Hütter<sup>9</sup> e Gilbert Meilaender<sup>10</sup>. A lição é clara e desconcertante: lei e evangelho não podem ser tornados o paradigma final do qual depende toda a reflexão prática e teológica.

Estudiosos têm oferecido várias soluções para o problema do uso equivocado da distinção lei e evangelho e sua interpretação errada como uma polaridade. Eu apresentarei o que é, e estou completamente persuadido disto, o melhor jeito para resolver o dilema e que foi seguido pelos reformadores: a compreensão das duas espécies de justiça. Essencialmente, as duas espécies de justiça é o reconhecimento de que os indivíduos vivem em duas esferas distintas: uma diante de Deus e outra diante do mundo. Diante de Deus os seres humanos são sempre e totalmente dependentes e passivos, recebendo simplesmente a graça que Deus confere em Cristo através dos meios da graça. Diante de Deus o cristão está despreocupado com suas próprias obras, reconhecendo que somente a obra de Cristo é que importa. Entretanto na esfera deste mundo, pessoas cristãs vivem como criaturas responsáveis obrigadas a cumprir certas tarefas em consideração ao próximo que depende deste seu fiel serviço. Nesta esfera o cristão é ativo e está inteiramente preocupado com a qualidade e quantidade de suas obras.<sup>11</sup> A importância em mudar de um paradigma de lei e evangelho para um baseado nos dois tipos de justiça é profunda,

---

<sup>7</sup> Yeago, "Gnosticism, Antinomianism, and Reformation Theology", 42.

<sup>8</sup> Robert Benne, "Lutheran Ethics," in *The Promise of Lutheran Ethics*, ed. Karen L. Bloomquist and John R. Stumme (Minneapolis: Fortress Press, 1998), 11-30, esp. 27-28.

<sup>9</sup> Reinhard Hütter, "The Twofold Center of Lutheran Ethics," in *The Promise of Lutheran Ethics*, ed. Karen L. Bloomquist and John R. Stumme (Minneapolis: Fortress Press, 1998), 31-69, esp. 42-43.

<sup>10</sup> Gilbert Meilander, "Reclaiming the Quest for Holiness," *Lutheran Quarterly* 13 (1999): 483-492, esp. 488.

<sup>11</sup> Para maiores informações sobre as duas espécies de justiça alguém pode começar consultando Charles P. Arand and Joel Biermann. "Why the Two Kinds of Righteousness?" *Concordia Journal* 33 (2007): 116-135.

especialmente com relação à maneira como alguém pensa sobre a vida de obediência cristã e o lugar e a necessidade de boas obras.

É essencial reconhecer que a prática da Santa Ceia de uma congregação é moldada por ambas as espécies de justiça. Certamente, a recepção do Sacramento é a ação de Deus em entregar o evangelho por excelência. Esta é a justiça passiva diante de Deus em toda sua gloriosa e inexplicável graça. Contudo, a justiça cristã diante do mundo, a qual é diante das outras pessoas, também entra em cena. Aqui é importante lembrar que a congregação e seu pastor são considerados responsáveis pela prática correta da Ceia do Senhor. Em consideração aos semelhantes, eles devem cuidar para que o Sacramento seja celebrado e recebido de forma apropriada. Assim, a congregação que entende corretamente a Santa Ceia como dádiva de Deus e como sua celebração de unidade com Deus e um com o outro, estabelecerá diretrizes e orientações para a celebração correta que manterá e ensinará a verdade sobre o Sacramento. Em outras palavras, uma prática conscienciosa e séria da comunhão fechada não é antitética ao evangelho, mas é de fato necessária e dá apoio ao evangelho e sua comunicação graciosa.

Um pastor agindo como despenseiro dos mistérios de Deus está agindo em favor do evangelho, sua congregação e o visitante do culto quando ele pratica a comunhão fechada. Todos serão beneficiados quando a vontade de Deus para o Sacramento é seguida. Naturalmente, esta verdade é mais do que um pouco contrária à nossa intuição. Mesmo que nem todos possam alegremente reconhecer ou apreciar o valor de uma prática de comunhão fiel e cuidadosa, a vontade revelada de Deus deve sempre ser seguida, mesmo quando os resultados imediatos pareçam menos do que encorajadores e satisfatórios. A situação não é muito diferente do ministério pastoral em relação a um casal que mora junto. Poderia argumentar-se que o evangelho deve predominar e que qualquer tentativa de aplicar o corretivo da lei resultará somente no afastamento e na separação do casal. Assim, o pastor "orientado pelo evangelho" iria ignorar a violação da lei de Deus (isto é, a vontade de Deus!) e procederia com um plano de ação mais "amoroso". É claro que esse tipo de comportamento não seria nada mais do que um antinomismo óbvio, com todas as suas conseqüências, às vezes distantes, mas sempre desastrosas. Quando se impede a vontade de Deus, a criação de Deus sempre sofre. Motivações evangélicas não redimem uma escolha pecaminosa. Além disso, não se pode deixar de questionar se o medo não é uma motivação tão grande em tais situações como o alegado amor pelo evangelho. A mesma questão se aplica com força idêntica na presente discussão sobre a prática



correta da Santa Ceia. Talvez é mais do que um pouco conveniente que agir em nome do evangelho também seja, por acaso, o caminho fácil da menor resistência e que causa menos ofensa. Apelar ao evangelho como uma capa para covardia e preguiça é ainda, no fim das contas, puro e simples antinomismo e desobediência.

## **V. O ABUSO DA DISCRIÇÃO PASTORAL**

Para terminar, algumas breves palavras precisam ser ditas sobre os problemas da autonomia e do abuso da discricão pastoral. Mesmo que a autonomia congregacional possa estar abrigada em documentos e nos corações da igreja, ela tem efeitos nocivos na vida da igreja de Cristo quando reivindicada como um direito. Tanto pastores como congregações precisam reconhecer e estimar a interdependência e unidade que existe entre eles e todas as outras congregações e pastores. Uma congregação nunca age por conta própria. Qualquer coisa que ela faz ou deixa de fazer tem um impacto sobre cada uma das outras congregações da igreja de Cristo, mesmo se esse impacto não é diretamente ou imediatamente experimentado por qualquer um dos que estão envolvidos. Nenhum homem e nenhuma congregação têm o direito de "fazer a coisa do seu jeito", independente de outros pastores e congregações. Nós estamos ligados um ao outro e não devemos ignorar um ao outro em nosso desejo de andar fielmente nos caminhos do Senhor. Não havendo outra coisa para nos lembrar, regiões e distritos servem como firmes lembranças de nossa mutualidade e responsabilidade de um para com o outro. Não há lugar para o cavaleiro solitário e também não há espaço para ignorar ou desdenhar o irmão ou irmãos que parecem andar no passo errado em nossa caminhada conjunta como um sínodo.

A discricão pastoral, portanto, deve ser mantida e preservada como parte da melhor prática no cuidado pastoral. Porém, ela não deve ser abusada como uma desculpa para a inércia ou a relutância em lidar francamente com uma situação potencialmente difícil. Uma alegação de "discricão pastoral" também não é uma justificativa aceitável para ignorar de forma descarada e persistente a posição expressa da Igreja e de sua prática aprovada. Uma congregação com comunhão funcionalmente aberta não está exercendo a discricão pastoral. Essa congregação está agindo sem consideração para com suas congregações irmãs, está sendo desleal à vontade do sínodo e, sobretudo, desobediente à vontade de Deus. Casos de discricão pastoral deveriam ser raros e causa de muita reflexão cuidadosa e conversação entre colegas pastores. O recurso à discricão pastoral nunca deveria se tornar a

regra para a prática da Santa Ceia da congregação. Por outro lado, é também vital reiterar que existem casos em que a discrição pastoral é recomendada. Quando um pastor toma uma decisão que é claramente uma exceção à prática normal da comunhão fechada, ele deveria esperar e aceitar o questionamento e preocupação de seus colegas pastores, mas ele também deveria esperar deles sua confiança e disposição para interpretar suas ações da melhor maneira. Devemos estar dispostos a permitir um ao outro praticar livremente a administração de nosso compartilhado Ofício do Santo Ministério, sem temor de crítica desnecessária ou represália. Obviamente, tal confiança mútua é cultivada quando todos os envolvidos agem com um espírito de cooperação e uma consciência de nossa mútua interdependência e vida partilhada em Cristo.

## **VI. CONCLUSÃO**

A natureza deste tópico é de que muito necessita ser considerado e dito, e muita coisa está em jogo. A teologia e prática da Santa Ceia é um assunto carregado com sérias questões e preocupações doutrinárias, mas isso não a torna pouca prática ou irrelevante para a vida da igreja; espera-se que pelo menos isso tenha ficado claro até agora. De fato, se este estudo teve um pouco de sucesso em persuadir, mesmo que seja um só leitor, da séria importância da doutrina correta para uma prática correta, então seu propósito foi alcançado. A doutrina da igreja tem tudo a ver com a vitalidade da igreja e sua fidelidade. Não podemos nos permitir o esquecimento desta verdade em nossa consideração da teologia e prática da Ceia do Senhor.

## AUXÍLIOS HOMILÉTICOS

---

### SÉRIE ANUAL TRADICIONAL REFORMULADA

# P PRIMEIRO DOMINGO NO ADVENTO

Salmo 25.1-7, Isaías 62.10-12, Romanos 13.10-14a, Lucas 19.29-38

#### **Lucas 19.29-38**

#### **CONTEXTO LITÚRGICO**

Advento é vinda, chegada! O Senhor Jesus vem. Na santa noite de Natal é celebrada a chegada do Verbo, que em Maria se fez carne.

Advento também é início do ano da Igreja, começo de mais uma série de pregações, pelas quais o povo de Deus será conduzido na meditação da obra do Senhor em favor do Seu povo. O tempo de Advento celebra a contínua vinda de Jesus ao Seu povo através de palavra e sacramentos. Ele vem e sua vinda é graciosa, pois traz perdão e salvação. Cada culto neste novo ano da Igreja é uma festa da vinda do Senhor.

Na leitura do Evangelho do primeiro Domingo de Advento há referência a uma outra vinda, aquela no início da "semana santa", a semana da cruz! A recepção festiva a Jesus na sua entrada em Jerusalém por parte dos discípulos dá o tom da vida litúrgica da Igreja, que celebra a cada culto a vinda do seu Senhor. Além disso, o período se reveste de uma alegre expectativa pela futura e gloriosa vinda de Cristo, quando Ele há de buscar para Si o Seu povo e lhe dará vida plena e eterna.

#### **CONTEXTO LITERÁRIO**

A ligação com o texto imediatamente anterior é importante para a compreensão da entrada de Jesus em Jerusalém. Na parábola das dez minas (Lc 19.11-27), um homem nobre vai tomar posse de um reino. O texto diz que Jesus contou aquela parábola "visto estar perto de Jerusalém e lhes [i.e., aos seus ouvintes] parecer que o reino de Deus havia de manifestar-se imediatamente" (Lc 19.11). No texto em estudo, o Rei está chegando para tomar posse de seu reino. No entanto, de uma forma diferente da que se poderia esperar. Ele vem recebido com glória, mas vem também, e especialmente, para morrer na cruz – esta é a forma dele manifestar seu reinado!

## DESTAQUES DO TEXTO

“Um jumentinho” – a cena evoca textos do Antigo Testamento. Primeiramente, Gn 49.11, uma profecia messiânica associada à tribo de Judá; depois, a referência mais específica ao evento, em Zc 9.9. Na cena há realza ao mesmo tempo que humildade. Esta tensão fica evidenciada no ministério de Jesus e, especialmente, nos eventos da semana santa, iniciados pela assim chamada “entrada triunfal”. A verdadeira realza e glória se manifestará na cruz!

Há a referência específica ao fato do jumento não ter sido nunca montado. O mesmo evangelista Lucas, após o relato da morte de Jesus, faz referência ao túmulo no qual o Senhor seria sepultado. O evangelista se refere a ele como um túmulo “onde ainda ninguém havia sido sepultado” (23.53). Tanto o jumento, que nunca havia sido montado, como o túmulo, que não fora ainda usado, são separados para um uso muito especial, ou seja, para serem usados pelo Rei. No Antigo Testamento há referências ao uso de animais novos para um uso sagrado. Por exemplo, há o relato dos atemorizados filisteus, que ao devolverem a arca da aliança para Israel preparam um carro novo, a ser puxado por vacas “sobre as quais não se pôs ainda jugo” (1 Sm 6.7; ver também: Nm 19.2; Dt 21.3).

Pode-se observar uma possível ambiguidade no texto grego do relato da busca do jumentinho para ser usado por Jesus: **ο κύριος αὐτοῦ χρεῖαν ἔχει** “o Senhor tem necessidade dele”; mas o texto também poderia ser lido: “O seu (do jumentinho) Senhor tem necessidade”. Ainda que a primeira tradução seja a preferida pelas versões e comentaristas, pode-se notar um contraste entre 19.33 (“os senhores dele”), numa referência aos donos do animal e 19.31,34, na referência a Jesus. A expressão evoca no leitor a lembrança de que Jesus é o Senhor de tudo, também daquele jumentinho. Isto também fica evidenciado na própria forma como Jesus antecipa o que acontecerá quando os discípulos forem buscar o animal. Os acontecimentos que seguem estão dentro de um projeto, um plano divino, para o qual instrumentos humanos (e não humanos) são utilizados.

Há um reconhecimento da realza de Jesus na referência ao lançar das vestes pelo caminho (v. 36). O fato lembra o que fizeram algumas pessoas diante de Jeú, quando este foi ungido rei (2 Rs 9.13). Chama a atenção que não haja a referência aos ramos, mencionados nos outros relatos dos Sinóticos (cf. Mt 21.8; Mc 11.8).

Tornou-se um tanto popular o comentário: “os mesmos que aclamaram Jesus na sua entrada em Jerusalém são os que iriam pedir

sua crucificação alguns dias mais tarde". Os relatos da entrada de Jesus em Jerusalém apontam para um grupo específico de pessoas que aclamaram Jesus: "a multidão dos discípulos" (Lc 19.37); "a numerosa multidão que viera à festa" (Jo 12.12), isto é, peregrinos de outras regiões; os relatos de Mateus e Marcos não são tão específicos, mas deixam claro que eram pessoas que seguiam para Jerusalém. A verdade é que o próprio texto bíblico em nenhum momento faz uma relação entre as pessoas do texto em estudo e aquelas que pediram a morte de Jesus.

Lucas acrescenta que a multidão de discípulos "passou, jubilosa, a louvar a Deus em alta voz, por todos os milagres que tinham visto" (v. 37). O próprio Lucas deixa claro ao final do Evangelho, após a ressurreição de Jesus, que os discípulos não haviam ainda compreendido plenamente o que estava acontecendo (Lc 24.25; cf. Jo 12.16). Os milagres chamaram a atenção e produziram o louvor a Deus. Mas era preciso que o próprio Jesus abrisse os olhos e mentes dos discípulos após a ressurreição (cf. Lc 24.27ss.). Faltava na aclamação a Jesus a plena compreensão do que envolvia ser Ele o messias (o Rei), ou seja, sofrimento, morte e ressurreição (ainda que Jesus os houvesse alertado para tal, cf. Lc 9.22; 18.31-34).

O evento é narrado pelos quatro evangelistas. As precisas palavras que foram ditas pela multidão de discípulos diferem em cada relato. Certamente tudo o que está registrado nos quatro Evangelhos foi realmente dito, e provavelmente mesmo mais do que isto. No entanto, chama a atenção que uma frase é comum a todos os relatos: "Bendito o que vem em nome do Senhor" (Lucas acrescenta "o Rei"). As palavras são do Salmo 118.26, Salmo este que pode ter sido usado pelos peregrinos (ou para eles), que vinham para Jerusalém para as grandes festas do povo de Deus. Este Salmo será citado novamente (pelos Sinóticos) na parábola dos trabalhadores da vinha (Lc 20.17 e paralelos). Naquela situação, o Salmo é citado para marcar a rejeição a Jesus por parte dos judeus. Desta forma, os evangelistas usam o Salmo 118 para anunciar a chegada de Jesus como Messias, e os Sinóticos também o utilizam para mostrar que este mesmo Messias será rejeitado. No projeto do reino, o sofrimento vem antes da glória!

As palavras finais do texto ecoam o cântico dos anjos em Lc 2.14, por ocasião do nascimento de Jesus. "Glória nas alturas" é o ponto comum – na encarnação de Jesus e em sua vinda para a cruz há glória nas alturas, isto é, para Deus. Ele é glorificado na obra do Filho. O que chama a atenção é a primeira parte da frase: "Paz no céu" (em Lc 2.14: "Paz na terra"). Anjos (2.14) e discípulos (19.38) unem, em seus cânticos, céu e terra na paz que vem da obra do Messias.

## **APLICAÇÃO HOMILÉTICA**

Na chegada de Jesus a Jerusalém, uma série de contrastes (tensões):

- na forma de sua vinda há glória (referência a profecias messiânicas, especialmente Zc 9.9; o gesto e cântico dos discípulos) e humildade (a chegada num jumentinho, cercado de peregrinos, sem acolhimento pelas autoridades do povo);

- é a chegada do Rei, mas cujo reino significa para ele a morte de cruz;

- há paz e glória no céu e entre os homens por causa da sua vinda, mas para Ele o que está aguardado é rejeição, sofrimento e morte;

- o tempo de Advento que se inicia é próprio para esta tensão: aguardamos a celebração da Noite Feliz, mas não perdemos de vista que em meio aos alegres cânticos de Advento e Natal soa o solene tom da "fronte ensanguentada". E antecipada também está a coroação do Rei em sua gloriosa ressurreição.

*Gerson L. Linden  
São Leopoldo, RS*

# SEGUNDO DOMINGO NO ADVENTO

Salmo 105.1-7, Malaquias 4.1-6, Hebreus 12.25-29, Marcos 13.19-27

## Marcos 13.19-27

### CONTEXTO LITÚRGICO

Na liturgia da Igreja, o tempo de Advento é o período próprio para se falar sobre a vinda tripartite de Cristo ao mundo: na sua encarnação, em Palavra e sacramentos e no Último Dia. Falar sobre as duas primeiras é empolgante; falar sobre a última é sempre perturbador. Falar sobre o que é “último” é, em princípio, lei. Para alguns pregadores a Última Vinda de Cristo é um tema recorrente (as leituras dos domingos anteriores os levam ao tema), mas é preciso certo cuidado para não se enfatizar o aspecto amedrontador do tema em vez de assegurar aos seus ouvintes cristãos a certeza da promessa e presença salvíficas de Jesus.

Falar sobre a Segunda Vinda de Jesus é sempre oportuno e necessário, especialmente num contexto em que a sociedade e a cultura, como a nossa, prioriza tanto a perspectiva existencial em detrimento da perspectiva escatológica. Queiramos ou não, estamos vivendo numa cultura globalizada em que se busca segurança e conforto no que é visível e material e para quem a idéia de um “último dia” parece não fazer sentido.

### TEXTO

O contexto desta perícope inicia com Jesus saindo do templo com seus discípulos e estes se encantando com a beleza, pomposidade e esplendor da construção (13.1). E eles têm razão: o templo de Herodes é um ícone da grandiosidade e opulência do rei manifestada nas enormes pedras herodianas. Verdade é que quando um rei constrói um templo para Deus, é difícil dizer se é mesmo para Deus. O templo de Jerusalém era um monumento voltado muito mais para o próprio Herodes do que para Deus. Jesus desvia a atenção dos discípulos da solidez da construção para a certeza da sua destruição. Jesus faz o que se denomina em profecia de perspectiva abreviada, ou seja, acontecimentos do futuro são encaixados em uma única descrição no presente. Neste episódio Jesus projeta em uma cena tanto os anos 66 a 70 A.D., quando os romanos destroem Jerusalém, como a intensa perseguição contra os cristãos antes e coincidente com o Seu retorno final.

A pergunta dos quatro discípulos que abordaram Jesus “em particular”, ou seja, após o final da aula, é típica. “Dize a nós quando...” Curiosos esses discípulos! Mas quem de nós não gostaria de ter informação privilegiada? Sempre há a curiosidade em conhecer os tempos e mistérios de Deus. Alguns, já naquele tempo, achavam que tinham a resposta, e hoje não é diferente. Mas Jesus alerta: “que ninguém vos engane” (13.5). Haverá sinais, sim, mas sinais são alertas que antecipam uma realidade que não se sabe a que distância está. Mas a realidade existe, esteja ela perto ou não.

Há uma grande ênfase no texto para os sinais dos últimos dias. Mas o pastor deve cuidar para não estabelecer conexões literais entre determinados episódios catastróficos e a segunda vinda de Cristo. Eles até podem ser parte de sinais escatológicos. Entretanto, não está em nós o prever ou determinar anos, dias, horas ou minutos. Quantas vezes não nos vemos diante da ilustração de um relógio marcando 5 minutos para as 12h, até mesmo em programas e boletins da igreja? É sempre oportuno lembrar o que Jesus diz que “ainda não é o fim” (13.7). E sempre que não é o “fim”, o tempo da graça está estendido. Os sinais são manifestações penúltimas da vinda do Senhor. Eles são para os filhos de Deus, os que sofrem “por minha causa” (13.9). Ao contrário do que muitos cristãos hoje pensam, a vida da Igreja não se caracteriza por prosperidade e bem-estar físicos. Tribulação, perseguição é o que aguarda a Igreja de Deus no mundo. Mas haverá aqueles que não pensam assim: são falsos cristos e falsos profetas. É para nós que Jesus diz: “estai vós de sobreaviso” (v.23). É a terceira vez que Jesus usa o verbo βλέπετε (cf. vv. 5 e 9) “olhar para” sendo que aqui a ênfase está em ὑμεῖς, ou seja, “vós, de vossa parte” não importa o que os demais pensem. Por isso Jesus conclui: “tudo vos tenho preanunciado”. Nesse “preanunciado” está a graça sendo operada para que não haja decepção. Resumindo, é como o professor que diz a seus alunos no primeiro dia de aula: haverá teste nesta disciplina, mas não vou dizer em que dia. “Estai de sobreaviso”.

E após (ou “junto com”) a tribulação vem a descrição: o escurecimento do sol, o apagão da lua, a queda em seqüência das estrelas. Mas, nesse contexto de tensão, angústia e desolação, há consolo para o povo de Deus. A leitura do Antigo Testamento (Ml 4.1-6) aponta para o “Sol da justiça”. É uma nova Luz, uma nova criação, um novo gênesis. No texto, o evangelho está presente na pessoa de Jesus Cristo e na reunião dos seus “escolhidos” (ἐκλεκτοί) (13.27). É oportuno enfatizar que “escolhidos” devem ser vistos sempre na perspectiva da graça de Deus. Em meio à descrição, a Luz de Cristo sem-



pre nos direciona para o alto, para as nuvens (13.26). Nas nuvens Ele vem glorioso e vitorioso pela sua morte, ressurreição e ascensão. Assim nós o veremos. Foi assim na Sua primeira vinda; assim será na Sua última (At 1.10-11).

## SUGESTÕES HOMILÉTICAS

1. O mundo sempre tenderá a duvidar da Última Vinda de Cristo. Para os que não creem, o que importa é o aqui e agora; é a admiração e confiança nas conquistas humanas. Falsos cristos apresentarão mensagens que focalizam a luta pelo aqui e agora e falsos profetas anunciarão paz enquanto ela só poderá ser trazida pelo Príncipe da paz. A tribulação virá para o povo de Deus porque ela é, como diz Lutero, uma das marcas da Igreja.

2. Assim como os discípulos, nós gostaríamos de ter de Jesus informações privilegiadas dos mistérios de Deus. Sentimos-nos mais importantes que os demais. Como? Quando? Onde? Mas o que Jesus antecipa é decepção e tribulação para aqueles que Nele crêem.

3. Nosso texto pode ser ilustrado por uma pintura da arte moderna. Picasso, na sua talvez mais importante obra chamada *Guernica*, retrata a realidade da morte, da destruição, do aniquilamento. Não sei se é intenção do autor, mas está lá. Em meio ao desdobramento do terror e do desespero expressos com traços mórbidos aparece, no centro da pintura, uma pequena flor iluminada por uma luz que vem de cima. Em meio às tribulações e à descriação que antecipam a segunda vinda de Cristo, o cristão olha com esperança para Aquele que é o Sol da justiça a preservar a vida para a eternidade. É uma oportunidade para este tempo de Advento.

4. Em Jesus Cristo não precisamos temer o julgamento ou os acontecimentos catastróficos do Último Dia. Mesmo porque, o cristão não passa mais pelo julgamento divino, pois já foi julgado (Jo 3.18). Por isso, para o cristão, o Último Dia será um dia de vitória e celebração. Pela graça divina, podemos olhar para aquele dia com a mesma expectativa que olhamos para os dias que antecedem o Natal. E até mais do que isso, aquele dia será dia de cumprimento do Advento, do Natal da Quaresma e da Páscoa. Será o dia do fim e do começo, para toda a eternidade.

### Sugestão de tema

“Boas novas para tempos difíceis.”

Acir Raymann  
São Leopoldo, RS

# TERCEIRO DOMINGO NO ADVENTO

Salmo 50.1-6, Isaías 40.1-8, Romanos 15.4-13, Mateus 3.1-12

## Mateus 3.1-12

### APONTAMENTOS GRAMATICAIS E LÓGICOS (HERMENÊUTICOS, ISAGÓGICOS E EXEGÉTICOS)

O Natal vem aí... Mas, seguindo a orientação de Lutero, os preparativos para uma das festas maiores da cristandade ajudam a entender melhor o que se irá celebrar no Natal. Nessa perspectiva, a igreja cristã celebra seus cultos pré-Natal para ensinar o seu povo o que significa o Natal de verdade.

É isso que faz João Batista, ao preparar o povo a receber o Messias. E arrependimento é a palavra-chave.

As outras leituras nos ajudam a entender isso. No Salmo 50.1-6, palavras importantes são: o chamado, o fogo destruidor e o julgamento que vem de Deus. Isaías 40.1-8 é o consolo que vem de Deus: acabou-se a escravidão, os pecados foram perdoados. Paulo, na sua carta aos Romanos (15.4-13), também nos ensina que a paciência vem de Deus e a viver nossa identidade enquanto a festa está sendo preparada.

Concentremo-nos nas palavras de João Batista para um bom preparo para a festa do Natal.

Primeira observação é temporal: a presença de Cristo é real; ele já está em meio ao seu povo. Por isso, precisamos ler este terceiro capítulo de Mateus em conexão com os dois anteriores e também com todo o Antigo Testamento. Os sinais de sua presença estão no cumprimento das profecias do AT. Concepção, nascimento e primeiros anos de Jesus demonstram este cumprimento.

A irrupção do Reino dos Céus em Cristo Jesus é o tema do ministério de João Batista. "Sejam convertidos de descrentes em crentes" é a mensagem de João Batista. Assim como o profeta Isaías anunciava a ação restauradora de Deus em relação ao povo no Cativoiro Babilônico (Is 40.3), da mesma forma João Batista anuncia que o Reino dos Céus novamente está em atividade através do Filho, Jesus Cristo. Para os ouvintes do primeiro século, é uma mensagem escatológica: o Último Dia começou.

Esta perspectiva escatológica é uma boa nova anunciada a Sião (Is 52.7) porque Deus vem para sua criação, para restaurar o que havia feito, salvar o seu povo e julgar seus inimigos. Com isso, nota-

mos que a mensagem de João Batista possui uma perspectiva criacional, re-criacional e histórica. Assim como a mensagem escatológica de João Batista, também os leitores de Mateus estavam sendo preparados para o Último Dia e da mesma forma nós leitores do texto de Mateus precisamos aprender a adotar a perspectiva escatológica da mensagem de João Batista e do próprio Jesus.

O conteúdo da mensagem tem uma razão: um novo "êxodo" está em ação. Assim como o Filho de Deus volta do Egito (Mt 2.15), o mesmo deve ocorrer com o seu povo. Isaías já havia proclamado: preparem o caminho e abram estradas. No contexto de Isaías, o povo de Israel é consolado por Deus que o irá retirar da Babilônia, conduzindo-o de volta a Israel.

Positivamente, Mateus descreve o resultado do ministério de João. Assim como Elias, João também é anunciador da história da Salvação conforme o próprio Jesus atesta (Mt 11.7-15). Para Mateus é importante conectar o ministério de João (e assim todo o AT) com o ministério de perdão de pecados de Jesus (Mt 1.26).

Uma das dificuldades de interpretar o ministério de João está na complexidade ou sequência de acontecimentos, que para muitos é determinante. O importante é percebermos que a Palavra de Deus é anunciada através de João Batista e Deus está por trás deste anúncio. O verdadeiro arrependimento transparece numa complexa sequência de pregação de arrependimento, confissão de pecados e o sinal do batismo e depois a fé naquele a quem João está apontando. Esta sequência complexa não é temporal, mas simultânea e está no controle do próprio Deus.

O batismo de João é diferente do batismo cristão. Mateus nos diz isso no final de evangelho (Mt 28.19). Mas, como marca da escatologia inaugurada, o batismo é um selo de garantia para aguardarmos o julgamento vindouro para entrar no reino messiânico. E isto também vale para aqueles que ouviram João Batista e foram batizados por ele.

A denúncia de João (7-10) é destinada aos fariseus e saduceus. Mateus não está muito preocupado em nos informar muito a respeito deles. Afinal, seus primeiros leitores conheciam os grupos muito bem. Sobre os fariseus, basta apontarmos que eles desenvolveram uma leitura oral das escrituras hebraicas em busca de "um caminho próprio" para aplicar os mandamentos de Deus a situações específicas do dia-a-dia. Jesus os condena e aponta a correta interpretação da lei em Mt 5.21-48. Já os saduceus enfatizam o livre arbítrio do homem e um de seus ensinamentos mais proeminentes era a negação da ressurreição.

Se João havia convidado o povo a um novo êxodo até o rio Jordão para ser batizado, o nomismo dos fariseus e dos saduceus não teria

espaço. O ataque de João ocorre porque esses dois grupos leram muito mal o texto do AT e para eles não há espaço para a misericórdia do Senhor, o Deus de Israel.

Ironicamente, aqueles que diziam produzir os verdadeiros frutos foram considerados infrutíferos. O que esperar donde não há arrependimento? O que esperar se alguém não faz parte do êxodo? Frutos verdadeiros só podem seguir ao verdadeiro arrependimento, como afirmam as confissões luteranas (ver Apologia XII 28, 131).

As palavras finais, versículos 11 e 12, precisam ser interpretadas no contexto do ministério de João, visto que este ministério é contrastado ao ministério de Jesus. João está apontando não para o sacramento do Batismo. Isso Mateus nos resolve no final do evangelho. João está nos conduzindo ao momento final, ao Dia do Juízo quando Jesus mesmo irá batizar com o Espírito Santo e com fogo. A separação entre o trigo e a palha, entre aqueles que deram ouvidos à presença do Filho de Deus e aqueles que a rejeitaram

## **APONTAMENTOS RETÓRICOS (HOMILÉTICOS)**

O melhor da festa é esperar por ela! Mas que festa? Aquela que o Credo Niceno nos sugere: Cristo virá pela segunda vez, em glória, para julgar os vivos e os mortos !!! Esta é a festa, o Último Dia. Enquanto isso, nós estamos sendo preparados para sermos convidados a entrar nela. Alguns elementos apresentados no texto nos ajudam a estarmos preparados para esta festa. Primeiro, João Batista tem seu ministério de origem divina. Ele fala como Isaías falou, como Elias falou e anuncia a mesma coisa que Jesus irá anunciar a seu povo. Precisamos perceber a presença de Jesus – este é o verdadeiro arrependimento – tornarmos de descrentes em crentes. E este arrependimento nos coloca no ambiente de culto quando celebramos a presença de Cristo na Palavra e Sacramentos. Aqui temos o Pentecostes, quando o Espírito de Deus desce sobre o seu povo e abre seus olhos para ver quem até então não tinham visto, ao qual João Batista apontara. E este Pentecostes está diretamente conectado ao do Dia do Juízo. Portanto, todo o ministério, tanto o de João como o de Jesus e o nosso, conectando-nos diretamente com o Julgamento Final. Arrependimento, batismo e fé são os conteúdos principais de nossa mensagem e eles nos apontam para Cristo, hoje e eternamente. São eles que nos preparam para a festa final. Por isso, o melhor da festa é esperar por ela...

*Clóvis Jair Prunzel  
São Leopoldo, RS*

# QUARTO DOMINGO NO ADVENTO

Salmo 19.1-6, Jeremias 23.5-6, Filipenses 4.4-7, Lucas 1.26-38

## Lucas 1.26-38

O Dr. Otto A. Goerl elaborou, em um de seus livros intitulados “Púl-pito”, uma série de estudos homiléticos sobre *personagens* do Advento. Aproveitando a idéia, podemos perguntar: Quem seria o personagem do quarto domingo de Advento, a partir da leitura do Evangelho, Lucas 1.26-38? O anjo Gabriel? Isabel? José? Maria? Jesus? (E a mensagem de hoje poderia ser, num modelo indutivo, a busca conjunta – pregador e congregação – da resposta a esta pergunta: Quem é o personagem principal?)

Antes dos personagens, uma observação sobre o cenário. Trata-se do quadro da Anunciação. Uma rápida pesquisa na internet sobre “anunciação” revela dezenas, quem sabe centenas, de quadros que foram pintados a partir de nosso texto. Claro, quase tudo é fruto de imaginação artística, pois, em termos de cenário, o texto é altamente lacônico, limitado a um registro: uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré. E da cidade se passa diretamente para a virgem. Não há um cenário intermediário, como, por exemplo, uma casa.

Passando aos personagens, o primeiro a aparecer é o anjo Gabriel. Ele já é conhecido desde Lc 1.19. Como seria de esperar, ele está a serviço de Deus. E ele é exatamente o que o seu título diz: um *ângeles*, um mensageiro. Ele chegou (v.28), disse (v.28), disse mais uma vez (vv.30-33), tornou a falar (vv. 35-37), e foi embora (v.38). Nada é dito sobre como ele falou, em que língua, que aparência tinha (asas? como alguém já disse, os anjos de Deus não precisam de asas!).

O anjo fala com Maria. Mas antes de mencionar o nome de Maria, o narrador apresenta José. Até parece que a identidade de Maria passa por este “virgem desposada com certo homem da casa de Davi, cujo nome era José”. José não tem maior importância na narrativa. No entanto, esta menção no v. 27 prepara o leitor para o anúncio do v. 32 (“o trono de Davi, seu pai”), embora Lucas não explique de que forma o menino que haveria de nascer seria descendente de Davi (Mateus trataria disto).

Há uma série de informações que são transmitidas antes de se chegar ao nome de Maria (final do v. 27). Ela mora em Nazaré; é virgem (duas vezes o narrador frisa isto: no começo e no final do v.27, e parece que o motivo principal para tanto é preparar o terreno para a

reação de Maria, no v. 34); está de casamento marcado com José, da casa de Davi; recebe a saudação do anjo que a deixa perplexa e pensativa (com as palavras da saudação, e não com a visão em si, v.29); num segundo momento ela pede explicações; e, por fim, ela se coloca a serviço do Senhor. (Outra personagem, mencionada pelo anjo, é Isabel: parenta de Maria e grávida do sexto mês. No entanto, o que está em evidência não é o parentesco, mas o fato de a gravidez de Isabel confirmar a impossibilidade possível, pois, não haverá impossíveis para com Deus).

Parece que tudo se encaminha à conclusão de que Maria é a personagem principal desta narrativa. O só pensar nisto pode deixar qualquer protestante perplexo. No entanto, não fosse Maria, o Natal não teria se tornado realidade. E por mais que muitos dos evangélicos, ao ouvirem o nome “Maria”, tendam a pensar em Maria Madalena ou outra Maria, não há por que diminuir o papel e a importância da mãe de Jesus. Poucas vezes refletimos sobre ela. Provavelmente não passava de uma adolescente quando veio a ser a mãe de Jesus. Com certeza, uma menina inteligente, conhecedora dos caminhos de Deus e da história do seu povo. E “ao ser atribulada, ela refletiu. Ao ouvir o impossível, fez uma pergunta prática. Ao receber a oferta de um milagre de Deus, ela acreditou. Ao ser destinada à humilhação de uma gravidez ilícita, ela considerou Deus santo, e a si mesma serva, aceitando a vontade dele” (Manual Bíblico da SBB). Maria é santa, no espírito do Artigo 21 da Confissão de Augsburgurgo: modelo de filha de Deus, de mulher, e de mãe.

No Evangelho de hoje, destacam-se a saudação que o anjo dirigiu a Maria (uma saudação sem igual, na Bíblia, e que recebeu um bocado de atenção, em grande parte por ser o início da “ave Maria”; Lutero teve de explicar por que fez uma tradução diferente, uma tradução que se afastava da tradição da Vulgata); a calma com que Maria ouviu a mensagem até o final (v.34), quando poderia ter “protestado” logo ao final do v. 31; a maneira como ela se dirige ao anjo, pedindo maiores explicações (com certeza, a pergunta dela é bem diferente da pergunta de Zacarias em Lc 1.18, pois a reação deste foi interpretada como sinal de incredulidade, algo que não se aplica a Maria, que pediu mais informações); e, ainda, a humilde aceitação da missão que lhe foi confiada (v. 38).

No entanto, parece que a personagem principal desta narrativa é mesmo o anjo Gabriel. Na verdade, não é o anjo em si, mas o que ele tem a dizer. A estatística confirma isto: no texto, do total de 244 palavras (na Revista e Atualizada), mais da metade (134 palavras) é discurso do anjo.

Em primeiro lugar, Gabriel nos diz que vai nascer um menino. Isto é feito no mesmo padrão dos anúncios do Anjo do SENHOR no AT (Gn 16.11; Jz 13.3). Ao mesmo tempo, lembra o anúncio profético de Is 7.14 (a sequência "e chamarás o nome dele" é idêntica, aqui em Lucas, ao texto grego da Septuaginta, em Is 7.14). É, também, semelhante (e ao mesmo tempo diferente) do anúncio feito a Zacarias (Lc 1.13). No caso deste, o anúncio é resposta às orações, algo que não se repete com Maria.

O filho de Maria receberá o nome de Jesus. Era um nome comum naquele tempo, sendo a forma grega do nome "Josué" e significando "o SENHOR salva". Até aqui, nada de excepcional. Jesus será grande. Outra vez, há certa semelhança com o anúncio do nascimento de João Batista. No entanto, há, também, uma sensível diferença: João será "grande diante do Senhor" (Lc 1.15); Jesus será grande. E a diferença entre João e Jesus não pára por aí: Jesus será chamado Filho do Altíssimo. Ser chamado, neste caso, não é simplesmente receber o nome, mas ser o que o nome expressa. "Altíssimo" é a tradução para *Elyon*, um título para Deus que Lucas gosta de usar (Lc 1.32,35,76; 6.35; 8.28; At 7.48; 16.17) e que é comum, no AT, especialmente em Daniel. "Filho do Altíssimo" é, no mínimo, um título messiânico, a partir de 2Sm 7.13-16; Sl 89.26-29. Mas o seu significado pleno ficará evidente no que segue.

O menino que vai nascer é rei, e o seu reinado não terá fim (2Sm 7.13; Sf 3.15; Mq 4.7; 5.2). Ele será também santo e Filho de Deus. Por quê? Porque o Espírito Santo (também chamado, no paralelo, de poder do Altíssimo) virá sobre Maria. João descreve isto, em Jo 1.1-18, como a encarnação do Verbo. Lucas nos mostra a ação do Espírito Santo nesse processo. (Notar, outra vez, o contraste com João Batista, que será [apenas] "cheio do Espírito Santo, já do ventre materno" – Lc 1.15.) Quanto a santo, significa "separado para o serviço de Deus". (Mais tarde, em Lc 4.34, um demônio afirmará o vínculo entre santidade e Deus.) Todos os primogênitos eram "santos", pertenciam ao SENHOR (Êx 13.12; Lc 2.23). Porém Jesus será santo num sentido todo especial: ele é o primogênito de Maria (Lc 2.7), mas é, acima de tudo, o Filho de Deus. E este será, também, o motivo de sua condenação no Sinédrio (Lc 22.70-71). E a mensagem de Gabriel tem como ponto culminante o anúncio do Natal, nos seguintes termos: o ente santo que há de nascer (Natal!) será chamado Filho de Deus.

O quarto domingo de Advento é o início da semana do Natal. Agora, sim, é hora de começar a falar sobre o Natal, no período de Advento. Antecipar para o final de novembro é deixar que o comércio determine a pauta da Igreja! Neste domingo, os olhos e ouvidos devem se

voltar para o que anuncia o mensageiro Gabriel. Nas palavras dele está a explicação para a importância e o significado do Natal. Ele nos explica quem é este que estava por nascer. Tanto assim que poderíamos concluir que o personagem principal do texto é, de fato, Jesus. Porque Natal é Cristo que nasce, Natal é Cristo que vem.

*Vilson Scholz  
São Leopoldo, RS*



# VÉSPERA DE NATAL

Salmo 96.1-10, Isaías 9.2 (3-5) 6-7, Tito 2.11-14, Lucas 2.1-20

## Lucas 2.1-20

### CONTEXTO

Lucas desenvolve uma reflexão teológica, na qual afirma que as promessas de Deus se realizaram e, ao mesmo tempo, revela a dignidade superior de Jesus em relação a João Batista. O evangelista mostra que o Salvador não entrou na história dos homens pelo caminho trilhado pelos poderosos. A ordem de fazer um recenseamento, vinda de César Augusto, o centro do poder, tinha como objetivo arrecadar taxas nas cidades.

O nascimento de Jesus é um acontecimento que dividiu a história em duas partes: a.C. (**antes de Cristo**) e d.C. (**depois de Cristo**). É um acontecimento já anunciado pelos profetas nos séculos. No confronto com os outros personagens históricos, quem se lembra do nascimento de Alexandre Magno, de Júlio César, de Napoleão?

Mas por que o nascimento de Jesus é importante? Porque Ele não é um homem como os outros. É verdadeiro Deus. É o Verbo de Deus feito carne e concebido pelo Espírito Santo. Deus se tornou homem para que o homem novamente tivesse acesso a Deus. Deus se aproxima de nós para que nos aproximemos Dele. Veio ao encontro da nossa humanidade para que tivéssemos acesso à sua divindade.

Os antigos comemoravam a festa do *Natalis solis invicti*, o nascimento do sol invencível. Para os cristãos, o verdadeiro sol invencível é Jesus. Por isso, o seu nascimento e a realização do plano de Deus é a maior graça na vida dos homens. Por isso o Natal é: **Festa da Salvação** - Na liturgia Deus se mostra como a causa e agente da nossa salvação; **Festa da Luz** - No "*Nunc Dimitis*" nós cantamos: "Luz para a revelação aos gentios e para a glória de teu povo Israel". O Natal, com a sua Luz que é o Cristo, dissipa todas as trevas que encobrem o pecado em todas as suas formas de injustiça, desigualdades, poder e prazer; **Festa da renovação plena do homem** - A restauração da comunhão plena do homem com Deus é o tema que mais aparece na liturgia natalina. Por Cristo realizou-se o encontro de Deus com o homem. Nele a natureza humana recebeu uma dignidade incomparável, em que Deus se tornou de tal modo um de nós, que nos tornamos eternos.

Hoje, a Igreja revive em seu coração a alegria dos patriarcas, dos profetas, de Maria, de José, de João Batista, dos pastores e dos An-

jos que anunciam a glória de Deus. Não há espaço para a tristeza no dia em que nasce a vida, uma vida que destrói o medo da morte e leva às alegrias das promessas eternas.

## ÊNFASES

Jesus nasceu numa gruta em Belém, nasceu pobre, recebeu a visita de pastores e a notícia do nascimento foi dada pelo Anjo. Como se vê, a salvação não vem dos palácios, dos que têm poder secular, mas de um menino nascido em uma estrebaria. Nasceu de uma Virgem, como primogênito (*prototokos*), filho que segundo a Lei era propriedade particular de Deus e por isso devia ser resgatado com a oferta de um sacrifício no Templo, e seus pais, submissos a essa Lei, cumpriram o preceito plenamente.

A segunda parte deste relato apresenta uma teofania, uma aparição do Anjo que, através da mensagem do nascimento de um menino, culmina no canto de glória. "Hoje na cidade de Davi nasceu para vocês o Salvador..." Este era o tipo de anúncio do nascimento ou entronização dos reis e imperadores, vistos como epifania dos deuses. Mas a comunicação de Deus não se dirige aos poderosos, e sim, aos pobres e simples pastores. Assim, a salvação vem de Belém e não de Jerusalém. O Salvador entra na história longe dos palácios e dos berços dourados.

O nascimento de Jesus foi enfocado pelos evangelistas de maneira rica e até diversificada. Todos eles narram o mistério contido neste evento escondido através dos tempos e agora revelado. Lucas focaliza Jesus menino em Belém como Rei-Messias, esperado pelo povo, cumprindo as promessas antigas, trazendo a paz e a justiça. Os pastores voltaram glorificando a Deus. Devemos também voltar para o "mundo" glorificando Deus em nossa vida, levando a notícia alegre da salvação, da esperança.

Com o Natal foi lançada a ponte entre o céu e a terra, superando o abismo de separação. Por isso, o Natal não é uma simples lembrança, embora sugestiva e emocionante, mas é a erupção de Deus na história do homem para transformá-la e salvá-la. Uma inserção de Deus na história, de maneira simples, sem sinais grandiosos.

Os pastores reconheceram no Menino o sinal de Deus e com a força desse sinal anunciaram a Deus. Com Cristo iniciou-se a nova Aliança, que é eterna. Iniciaram-se o novo céu e a nova terra que os profetas anunciaram. Com o Natal renova-se uma espécie de jubileu, no qual nos é oferecido o perdão das dívidas. Assim, instaurou-se uma nova era de relações entre o céu e a terra.

## PARALELOS

As leituras da liturgia desta noite se abrem com a frase: “O povo que na escuridão viu uma forte luz...”. A escuridão significa a condição de pecado. Este povo recebeu a Luz, isto é, Deus. Quais são as consequências práticas da presença dessa Luz?

As leituras se referem aos tempos messiânicos. O acontecimento concreto do nascimento de uma criança é tido como o futuro concretizado cheio de glória e tendo Deus como protagonista. A graça de Deus é portadora da salvação para todos os homens.

### **ISAÍAS 9.1-6 - UM MENINO NASCEU PARA NÓS, O PRÍNCIPE DA PAZ.**

A situação do povo era de trevas e sombra da morte (9,1). O profeta anuncia a salvação para esse povo sem esperança. Isaías descreve a libertação em três momentos:

**a)** A libertação se traduz concretamente no fim da opressão, possibilitando que o povo viva em paz e na alegria; **b)** Uma luz vai brilhar, uma nova aurora vai surgir, colocando ordem no caos, como ocorreu na criação; **c)** O nascimento de um menino trará a libertação para o povo. Este é o motivo principal que explica e realiza o que havia sido anunciado. As esperanças reflorescem com esse nascimento, pois este menino-esperança tem algumas características. Traz em seus ombros o manto do rei. Sua identidade é manifestada através do seu nome, que envolverá ações em favor do povo. Sua identidade manifesta-se ainda como Conselheiro Admirável, Deus forte, Pai para sempre, Príncipe da paz.

### **TITO 2. 11-14 - A GRAÇA DE DEUS MANIFESTOU-SE.**

Paulo motiva a comunidade partindo do princípio da manifestação da graça de Deus em Cristo que dá a salvação para todos. Por isso, os cristãos são convidados a viver a novidade do Evangelho e viver isso é romper com o passado: abandonar a impiedade e as paixões mundanas, isto é, romper com os esquemas e propostas de vida apresentados pelo *status quo*, o modo de viver pagанизado que não se traduz na prática de uma sociedade justa e fraterna. Por isso, o cristão deve viver com equilíbrio, justiça e piedade (v.12), sintonizado com o projeto de Deus.

## SUGESTÃO HOMILÉTICA

**Tema:** Hoje nasceu para vocês o Salvador

a- Reconhecer Jesus como único Salvador, Guia e Rei

b- Segui-lo significa confiar nele e viver seus ensinamentos.

c- Viver com alegria (cujo tema permeia toda a liturgia de hoje).

## APLICAÇÃO

Celebramos o maior acontecimento da história. Jesus é hoje um personagem de quem todo mundo fala, e sem ele a nossa vida é vazia. Por isso:

- Somos convidados como os pastores a ir ao encontro de Jesus não mais em Belém, mas dentro de nós, para despertar nossos corações da apatia, do egoísmo, do pecado...
- Jesus se torna solidário com o homem. Entre nós e Deus em Jesus se dá uma comunhão de existência, uma identidade de destino que é Deus.
- Jesus feito homem é a expressão mais alta do amor de Deus por nós. Ele veio para estar conosco e estar em nós.
- Deus, mediante Jesus, se aproximou de nós, assumiu a nossa condição, vindo restituir à humanidade a imagem divina.

*Paulo Gerhard Pietzsch  
São Leopoldo, RS*

# DIA DE NATAL

Salmo 98.1-7, Miquéias 5.2-4, Hebreus 1.1-6, Lucas 2.1-20

## Lucas 2.1-20

### CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

São inúmeras e várias as objeções e controvérsias com respeito à data que Lucas aponta como aquela sendo a do nascimento de Jesus. Consideram ter havido confusão com os recenseamentos realizados em 8 AC com o realizado em 6-7 DC, estabelecendo uma significativa diferença, não só na data do nascimento, mas também na idade de Jesus.

Porém, não há necessidade de exaustivas e penosas pesquisas para entender as palavras do evangelista Lucas no seu estrito e atual senso. Ele sabia o que estava escrevendo, ou seja, relatando o maior e mais importante acontecimento da história humana, *o nascimento do Messias profetizado e prometido no Antigo Testamento, o Salvador do mundo*. E mais: o Espírito Santo, que supervisionava cada palavra, fixou o tempo na época adequada. A própria ciência da arqueologia moderna, em silêncio, tem superado os críticos e convencido os contraditores.

### TEXTO

Vv. 1-5: *"Naqueles dias, foi publicado um decreto de César Augusto, convocando toda população do império para recensear-se. Este, o primeiro [...] Todos iam alistar-se[...] José também subiu da Galiléia, da cidade de Nazaré [...] a fim de alistar-se com Maria, sua esposa, que estava grávida".*

Todas as afirmações do evangelista são feitas com tanto cuidado e certeza que não há razão em duvidar de seus registros, além do fato de que a "inspiração" avaliza o texto. Todo o povo que pertencia ao grande império romano deveria ser contado e registrado, provavelmente com dois propósitos principais: uma estatística geral para posterior taxação de impostos. O principal, porém, é que o decreto do imperador César Augusto levou a que José e Maria estivessem em Belém no tempo em que Maria daria à luz, e que o Messias desejado e prometido viesse a nascer em Belém, conforme a profecia de Miquéias 5.2: *"E tu Belém-Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade".*

Vv. 6,7: *"Estando eles ali, aconteceu completarem-se-lhe os dias, e ela deu à luz o seu filho primogênito, enfaixou-o e o deitou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria"*.

A simplicidade do relatório, sem dúvida, pode indicar a inspiração divina. Fosse só motivação e desejo humanos, a descrição estaria carregada de adjetivos laudatórios de louvor à glória do milagre. Lucas, porém, se limita a simplesmente descrever o acontecimento que traduz o cumprimento de incontáveis profecias do AT e da fé e confiança de todos os crentes até então. O Deus-homem que repousa como o filho primogênito de Maria é, ao mesmo tempo, o *milagre absoluto* e o mais *inestimável dos benefícios e presentes*: Deus e homem, a antiga e a nova aliança, céu e terra, encontram-se na pobre manjedoura. Quem nega essa fé e essa confiança, jamais poderá entender a verdadeira alegria do Natal.

Vv. 8-12: *"Havia, naquela mesma região, pastores que viviam nos campos [...] E um anjo do Senhor desceu onde eles estavam [...] O anjo, porém, lhes disse: Não temais [...] é que hoje vos nasceu o Salvador, que é Cristo, o Senhor. E isso [...] encontrareis uma criança envolta em faixas e deitada em manjedoura"*.

Não foram os grandes e poderosos das nações, nem a arrogante Jerusalém, que foram escolhidos para abrigar os acontecimentos maravilhosos que envolveram o nascimento de Jesus, porém a pequena Belém e os solitários pastores nos campos. Foi uma inesperada e solene aparição de "um anjo do Senhor", quando a glória do Senhor "brilhou" ao redor dos pastores. E temeram, como qualquer pecador teme na presença da glória de Deus. O temor, porém, transformou-se em alegria diante da mensagem que resume a substância do Evangelho: *"[...] hoje vos nasceu [...] o Salvador, que é Cristo, o Senhor"*.

Vv. 13-20: *"E subitamente [...] Glória a Deus nas maiores alturas, e paz na terra entre os homens, a quem ele quer bem [...]. E, ausentando-se [...] os anjos [...] diziam os pastores: Vamos [...] e vejamos [...]. Foram e acharam. E, vendo-o, divulgaram [...] Todos se admiravam [...]. Maria, porém, guardava todas essas palavras, meditando-as no coração. Voltaram [...] os pastores [...] glorificando e louvando a Deus [...]"*.

Desde então, o canto da milícia celestial acompanha liturgias e poemas sacros, de geração em geração, até nossos dias. Os pastores, assim que viram confirmadas as palavras do anjo, tornaram-se missionários, divulgadores da mensagem de Natal. É impossível para o cristão não evidenciar em palavras, ação e obras, a *fé* que toma conta de seu coração quando ele encontra e vê Jesus no Evangelho. A história dos pastores causou um grande tumulto em Belém e todos ficaram admirados, sendo o primeiro efeito da mensagem evangélica.

Maria é mencionada como uma exceção: todo povo admirava-se, mas Maria *guardava e meditava* em todas as palavras e maravilhosas coisas que aconteceram com ela própria e com os pastores. Esse fenômeno, esse jeito de aproximar-se aos acontecimentos de Belém, repetem-se ainda hoje: muitos encantam-se e ficam perplexos com a beleza da história do Natal e comemoram. É necessário, porém, ir além e tomar tempo para meditar no grande plano da salvação desenvolvido por Deus para nos recuperar para Si, tornando-nos novas criaturas pela fé nesse Salvador Jesus, nascido e anunciado da forma milagrosa e maravilhosa, conforme recordamos com o relato do evangelista Lucas sobre o nascimento de Jesus nesse **Dia de Natal**.

### **PENSAMENTOS HOMILÉTICOS**

Entre outros, o Dia de Natal nos recorda que:

- o nascimento do Salvador Jesus é um fato real, descrito resumida, simples, inspirada e maravilhosamente pelo evangelista Lucas;
- ao nos certificarmos do bem-aventurado anúncio do anjo e do canto da milícia celestial, é necessário irmos e divulgarmos que Cristo é para todos;
- além de comemorarmos segundo costumes de cada um e de cada família, a exemplo de Maria, vamos principalmente *guardar e meditar* nos acontecimentos e no seu significado eterno, no coração e na vida de cada um.

*Norberto E. Heine  
Porto Alegre, RS*

# PRIMEIRO DOMINGO APÓS O NATAL

Salmo 111, Isaías 63.7-9, 1 Coríntios 1. (18-20) 21-25, Lucas 2.25-38

## Lucas 2.25-38

### DESTAQUES DO TEXTO

V. 25: Simeão “esperava a consolação de Israel”, ou seja, o Messias prometido. Cf. v. 38 onde Ana fala a respeito de Jesus “a todos os que esperavam a redenção de Jerusalém”. Apesar de toda idolatria e abandono do Deus verdadeiro, a fé nas promessas salvadoras de Deus não se havia extinguido entre seu povo escolhido.

V. 26: Simeão não *veria* a morte antes de *ver* o Cristo. No v. 30, ele diz “os meus olhos já *viram* a tua salvação. O Espírito Santo “estava sobre ele” e, por isso, ele vê o que está oculto aos olhos de outros, ou seja, que aquele menino pobre nos braços de sua humilde mãe é o Salvador.

V. 27: José e Maria estavam no templo com o menino Jesus “para fazerem com ele o que a Lei ordenava”. A lei mosaica (Lv 12.2-8; Êx 13.2,12,15) prescrevia o ritual da purificação da mulher após o parto e a consagração do primogênito ao Senhor. A rigor, Maria, sendo virgem, não precisaria se submeter a essa lei. Ela o faz, provavelmente, para evitar escândalo. Jesus, sendo sem pecado, também não está sujeito à lei. Ele se submete à lei em nosso lugar e a nosso favor.

V. 28: A primeira reação de Simeão, ao tomar o menino em seus braços, é que ele “louvou a Deus”. Ana reage da mesma maneira (v. 38). Nada mais natural para alguém que vê, finalmente, cumprida a promessa divina que aguardava pela fé.

V. 29: “Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo”. Simeão está preparado para partir em paz. A morte não o assusta; ela é uma jornada para a casa do Pai fiel.

Vv. 30-32: A salvação, que o Espírito Santo lhe permite ver naquela pobre criança, é “para todos os povos”; é “luz para revelação aos gentios”. Esta luz não é uma pequena lanterna só para Israel; ela brilha como o sol, cuja luz chega a todos os pontos da terra e pode ser vista por todos. Ela é também “para a glória do teu povo de Israel”, porque “deles descende o Cristo, segundo a carne” (cf. Rm 9.4,5).

V. 33: José e Maria estão “admirados do que dele se dizia”. Esta é a primeira revelação explícita de que Jesus será o Salvador de todos os povos.



Vv.34-35: Estranha a bênção de Simeão. Jesus, o Salvador, será alvo de contradição. As pessoas irão se dividir diante dele. Ele “está destinado tanto para ruína como para levantamento de muitos em Israel”. Muitos rejeitarão a luz, outros se deixarão atrair por ela e andarão nela. Os “pensamentos de muitos corações” serão manifestados por causa dele. Pessoas reputadas como sábias, justas e piedosas serão manifestadas como não tendo justiça alguma diante de Deus porque confiam em si próprios e rejeitam a justiça que lhes é oferecida em Cristo.

Vv. 36-38: Assim como Simeão, Ana não é capaz de ver e saber por sua própria razão que aquele menino é o Cristo. É o Espírito Santo que lhe abre os olhos para vê-lo e a boca para louvar a Deus e testemunhar a respeito do Salvador. Nada nos é dito sobre a reação das demais pessoas que se encontravam no templo. Mas podemos presumir que aqueles “que esperavam a redenção de Jerusalém” se uniram a Simeão e Ana no louvor a Deus. Os demais devem ter olhado com estranheza e desprezo para aqueles dois velhos “gagás”.

## **PONTOS DE CONTATO COM AS OUTRAS LEITURAS DO DOMINGO**

Assim como Simeão e Ana, o salmista rende graças (Sl 111.1) porque “grandes são as obras do Senhor” (2) e porque ele “Enviou ao seu povo a redenção” (9). Da mesma forma, Isaías relembra os atos de Deus a favor de seu povo e anuncia: “Celebrarei as benignidades do Senhor e os seus atos gloriosos (63.7) porque “se lhes tornou o seu Salvador” (8). “Em toda angústia deles, foi ele angustiado” (9) e “ele os remiu”. A ação salvadora de Deus no Antigo Testamento aponta para a consumação dessa ação em Cristo. O apóstolo Paulo reflete sobre essa nova realidade em 1Co 1. (18-20) 21-25. “O mundo não o conheceu por sua própria sabedoria” por isso “aprouve a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação” (21). O menino pobre nos braços de Simeão só podia ser reconhecido como o Filho de Deus por revelação do Espírito Santo. O mesmo Espírito também revelou a Simeão que a missão do Cristo seria cumprida por meio de seu sofrimento. Paulo afirma: “Pregamos a Cristo crucificado” (23). Apesar das aparências em contrário (“escândalo para os judeus, loucura para os gentios”), Cristo é o “poder de Deus e sabedoria de Deus” (23-24). Nele se revela que “a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens” (25).

## SUGESTÕES DE USO HOMILÉTICO

Parte do texto do evangelho deste domingo é bem conhecido pela maioria dos luteranos por constituir o *Nunc Dimittis* da liturgia da Santa Ceia. Na Ceia, vemos e recebemos o mesmo Cristo que Simeão tomou em seus braços e podemos, então, expressar a mesma confiança serena de Simeão.

Uma das tentações que se apresenta ao pregador deste texto é se deixar cativar pelos dois simpáticos “velhinhos” da história e, assim, desviar o foco do personagem central para o qual os dois personagens secundários apontam e do qual testemunham.

A partir do testemunho de Simeão (cujas palavras nos são relatadas, pelo menos de forma resumida), o objetivo do pregador será o de mostrar que Jesus é a única salvação e luz para todos os povos. Ele cumpre a lei de forma ativa e passiva por nós. Ele é o sol da graça que ilumina o mundo inteiro. A salvação está disponível para todos assim como a luz solar chega a todos os pontos da terra. Mas, Cristo está destinado a ser alvo de contradição. Nem todos o recebem. Muitos se ofendem com ele e tropeçam nele.

Lutero, num sermão sobre este texto, diz que quem tropeça e se escandaliza com Cristo e seu Evangelho não são os inimigos declarados. Estes resistem à verdade que conhecem. Mas os que tropeçam, e resistem por ignorância, são os “sábios”, os “justos” e os “piedosos”.

Deus anuncia que em Cristo ele realiza uma grande obra, a maior obra da história universal. Mas, o que se vê? Uma pobre e frágil criancinha carregada, como qualquer bebê comum, nos braços de seus pobres pais. Parece loucura afirmar que aí está o Deus Todo-Poderoso. Que essa é a maior revelação de sua sabedoria. Que a salvação da opressão de todos os poderes do mal se realizará por meio desse menino. Os sábios do mundo só podem mesmo rejeitar isso como loucura. Mas, aqui vale a recomendação de Lutero de que precisamos fechar os olhos e abrir os ouvidos. Ou seja, aqui devemos julgar não de acordo com nossos sentidos, mas sim, conforme a orientação de Deus em sua Palavra. O Espírito Santo vem, com essa Palavra, e abre nossos olhos espirituais para ver a realidade de Deus.

Diante de Cristo e do seu Evangelho, se revelam os pensamentos dos corações. Diz Lutero, pessoas aparentemente sábias, justas e honradas (como os fariseus e escribas do tempo de Jesus) são expostas, pela luz do Evangelho, como hipócritas e fingidas. Elas confiam em si próprias: na sua sabedoria, justiça e piedade. Por isso, não podem tolerar o fato de que Cristo é o único Salvador e que

precisam depender inteiramente dele para sua salvação. Por essa razão, rejeitam a Cristo e combatem e perseguem seu Evangelho. Não podem tolerá-lo porque não são de Cristo mas do diabo. Lutero lembra que, onde Cristo não está presente - por mais nobre, elevado, honrado que possa parecer - ali há fingimento e a presença do diabo.

Mas, alguns aceitam o Rei, se apegam a ele, louvam a Deus e o confessam como Simeão e Ana. Esses são considerados tolos e ignorantes pela maioria. Junto com Maria ("uma espada traspassará a tua própria alma"), os cristãos sofrem com o desprezo que o mundo devota a Cristo. Junto com Cristo, eles são, muitas vezes, alvo de perseguição, maldade e morte. No entanto, com Simeão, eles encontraram a verdadeira luz e salvação com a qual podem viver neste mundo e se despedir do mesmo em paz.

## **SUGESTÃO DE TEMAS E PARTES**

### *A. OS PENSAMENTOS DOS HOMENS SE MANIFESTAM DIANTE DE CRISTO*

#### **1. Rejeição**

Confiança em si: na sua sabedoria. Um Cristo pobre e sofredor é loucura.

Confiança em sua própria justiça e piedade. Não reconhecem sua profunda perdição e a necessidade que têm da justiça de Cristo.

Vivem sem Cristo e sem paz e esperança verdadeira.

#### **2. Fé**

Reconhecem a necessidade do Salvador: são pecadores perdidos.

Recebem pela fé a justiça de Deus em Cristo Jesus.

Louvam e dão graças.

Estão preparados para despedir-se em paz.

### *B. O QUE VOCÊ VÊ NO NATAL?*

#### **1. Olhos naturais/físicos**

Vêm desgraça, destruição e morte por toda parte.

São olhos que deixam de ver ou se recusam a ver a salvação no servo sofredor.

Percebem e praticam apenas coisas externas no Natal: festas, brilho passageiro, enfeites, presentes, votos de uma paz sem Cristo.

#### **2. Olhos da fé**

São olhos iluminados pelo Espírito Santo agindo por meio da Palavra.

Vêem o Cristo, a salvação para todos os povos.

Vêem esperança e paz em todas as circunstâncias deste mundo (também em meio ao sofrimento).

Vêem a morte com tranquilidade, como uma partida em direção aos braços do Pai fiel.

*Paulo Wille Buss  
São Leopoldo, RS*

# A VÉSPERA DE ANO NOVO

## VÉSPERA DO NOME DE JESUS<sup>1</sup>

Salmo 8, Isaías 51.1-6, Romanos 8.31-39, Mateus 1.18-21

### Mateus 1.18-21

#### O NOME DO SALVADOR

#### CONTEXTO

A expectativa do povo judeu em relação ao Messias levou a muitas inquietações a respeito de como seria sua vinda. Nesse relato do evangelho, chama-nos a atenção a forma que Deus usa para cumprir seus propósitos. Mateus registra pelo menos dois grandes aspectos em relação à gravidez de Maria e seus desdobramentos legais e o anúncio do nome do Filho de Deus, gerado do Espírito Santo.

Quando José descobriu a gravidez de Maria, eles ainda não haviam coabitado, ou simplesmente vivido como marido e mulher. Naturalmente, José fica surpreso e ofendido. José, sendo um rapaz justo e observador das Leis do Antigo Testamento, decidiu romper sigilosamente o noivado. Conforme Dt 22.23-27, Maria poderia ser condenada à morte pelo suposto adultério, a exemplo da mulher relatada em Jo 8.1-11. José não queria que isso acontecesse e resolveu deixá-la secretamente; todos os direitos de José expor Maria às punições da lei foram **superados pela misericórdia!** No entanto, um anjo do Senhor o orienta a receber Maria como esposa e a chamar seu filho de Jesus.

#### ÊNFASES TEOLÓGICAS

O fato de Jesus ser gerado do Espírito Santo, sem relação sexual, liga o nascimento virginal com a doutrina da **encarnação**. A promessa em Isaías de que uma virgem daria à luz o Messias não era esquecido do povo. Através de Jesus, Deus encarna-se na História da humanidade, para estar ao lado do ser humano, assumir seu pecado, a mal-

---

<sup>1</sup> Os nomes em itálico correspondem à nomenclatura tradicional dos domingos do ano eclesialístico.

dição por esse pecado e religar o pecador junto a Deus. A verdadeira religião, ou seja, a forma de nos **religarmos** com Deus, é somente pela graça revelada em Jesus. Enquanto que religiões espíritas, orientais, neopentecostais e demais misticismos dão receitas de como aprimorar a “espiritualidade” humana, o centro da pregação cristã é a **encarnação do Verbo Divino!** É o caminho inverso que Deus usa para trazer salvação.

O nome **Jesus** denota essa função: **éääüâò** procedente de **éäää** = , o nome de Deus, no antigo Testamento. **Javé é a Salvação**, o mesmo que **Josué**. O nome Jesus era conhecido entre o povo judeu, mas a indicação do anjo para dar-lhe esse nome significava a importância de seu nascimento e de fato aquela criança é o Messias! O paralelo histórico entre o nascimento de Jesus e a libertação do Êxodo chamamos a atenção. Moisés, o representante da Lei, conduziu o povo até a Terra Prometida, mas não entrou com o povo. Essa função ficou com **Josué**. Jesus vem para salvar o povo. Essa salvação é definitiva, pois consiste em resgatar as pessoas de seus pecados, mediante a oferta de sua própria vida. O pecado não é tratado levemente por Deus: é preciso **expiar** esse pecado. E eis a função de **Jesus**: resgatar-nos da maldição do pecado, fazendo-se maldição em nosso lugar (Gl 3.13). Isto foi feito de uma vez por todas, não sendo mais necessários os sacrifícios dos sacerdotes, pois Jesus mesmo se ofereceu como Sacerdote e como Cordeiro, sem mácula, que recebeu a maldição de Deus em nosso lugar, e venceu a morte e nos concede a vitória (cf Hb7.27; Jo 1.29; Rm 8.31-39). Os detalhes do texto relacionados às leis judaicas, no cuidado em não difamar Maria e expô-la à humilhação pública, a citação da profecia do Antigo Testamento mostram a preocupação de Mateus em deixar claro que Jesus (o Senhor Salva) é o Messias prometido e encarnado na Virgem Maria. A genealogia do capítulo 1.1-17, que inicia em Davi, são “provas” ou “credenciais” de que Jesus é o descendente legal de Davi, que reinaria para sempre, sendo este, o menino anunciado a José, descendente Davi! “Filho de Davi” era o título oficial que os judeus aplicavam ao esperado Messias (Mt 9.27; 12.23;21.9).

## ÊNFASE TEOLÓGICA

A **encarnação** de Jesus foi necessária para receber na carne a maldição dos pecados não só do povo de Deus, mas de todo o mundo. O nome de Jesus indica essa função do Messias encarnado, nas-

cido de uma virgem, cumprindo as profecias do Antigo Testamento de Isaías 7.14. Salvar dos pecados significa oferecer um resgate pelos pecados. Este resgate só foi possível pela encarnação do Verbo Divino!

## SUGESTÕES HOMILÉTICAS

### *I. JESUS, O SALVADOR PROMETIDO*

- 1.1 – Gerado do Espírito Santo, nascido de Maria
- 1.2 – Verdadeiro Deus, verdadeiro Homem
- 1.3 – Deus entra na realidade humana

### *II. O VERBO ENCARNADO*

- 2.1 – Deus assume os pecados do povo
- 2.2 – Deus resgata (salva) o povo de seus pecados

## NADA NOS SEPARA DO AMOR DE DEUS, REVELADO EM JESUS

### *Romanos 8.31-39*

Deus por nós: significa que foram vencidas as trevas do mundo visto por Deus e, também, as trevas em que o mundo via Deus. O ser humano, como criatura religiosa, tem contra si Deus e o mundo, a morte e o pecado. Há uma tensão, um contraste em quem não é redimido. O ser humano sempre é acusado pela lei! No entanto, este Deus, que se revela em Cristo, é por nós! O próprio Deus não nos acusa mais. O sofrimento pelo qual passa o homem mostra a condição do homem que está inserido em um “cosmos” que sofre por causa do pecado. Toda natureza sofre, pois Deus sujeitou a Criação ao homem e amaldiçoou a terra por causa do pecado (Gn 1.26, 3.17). A morte é o salário que o pecado traz e esse salário é cobrado de todas as formas. O sofrimento aponta para essa realidade! Mas apesar desta “realidade do sofrimento” que acusa claramente a todo o ser humano sua culpabilidade perante Deus e o mundo, que o condena para a morte, isso tudo é liberto em Jesus, que está ao nosso lado e nada neste “cosmos” pode nos separar de seu amor. Todas as “provas” que o “cosmos” oferece **contra nós** perante Deus, em Jesus, Deus vê a nova realidade: a **justificação**! A teologia da glória ignora a realidade do “cosmos” entregue ao pecado e sujeita a vontade de Deus ao bem estar físico, conquistado através da fé! Qualquer falha desta resposta divina em “conceder bênçãos” está relacionada com a falta de fé do crente! A Teologia da Cruz mergulha Jesus na condição mais desprezível que o homem pode chegar, a morte com seus sinais para

mostrar que Deus está ao lado do ser humano em todas as situações e que sobre estas situações, em Cristo, somos vencedores (oposição ao cosmos pecador) e nada nos separa do seu amor.

Fomos eleitos a este amor (v.33). Essa eleição, pela fé, nos garante que nossa salvação não depende de nós, de nossos esforços, conquistas ou derrotas, mas que estamos nas mãos de Deus! A preocupação que algumas pessoas têm se são eleitas ou não, apenas demonstra que já são eleitas, pois se assim não fosse, não se preocupariam. Por isso, melhor é o coração buscar refúgio em Cristo, que nos elege pela fé! Para Lutero, o próprio Deus expõe os seus eleitos a esta infinidade de “coisas assustadoras”, descritas por Paulo, para mostrar aos opositores da fé que os seus foram salvos pela fé. As tribulações e angústias servem para estrangular a sabedoria da carne e não nos perdermos em nossas próprias opiniões a respeito de nossa salvação (Lutero).

## DESDOBRAMENTOS

- a. Deus é por nós em todas as situações.
- b. Somente em Jesus, vemos esse “Deus por nós”. Fora da fé, tudo nos acusa e confirma nossa culpa.
- c. Em Jesus, tudo o que nos acusa perde seu poder, pois Jesus assumiu nossa culpa, venceu e nos concede essa vitória.

## APLICAÇÃO PRÁTICA

Doenças, desemprego, miséria, perseguição são situações em que o cristão está inserido e não está isento de passar nessa vida! Fora da fé, o homem pergunta: o que fiz de errado? Ou afirma que está pagando seus pecados. Na fé, o homem sabe que **apesar** de todas essas coisas, em Cristo, Deus está do seu lado e isso o ajuda a dar sentido de vida, apesar das tribulações. Todas as angústias do seu eu podem ser entendidas e amparadas por Deus, em Cristo. Então o cristão faz uma nova leitura das situações vividas no dia-dia: desde suas pequenas frustrações até o mais pesado luto, tudo pode ser “reinterpretado” à luz da fé em Jesus, pois Deus é por nós e nada pode nos separar do amor de Deus que está em Jesus!

## OBRAS CONSULTADAS

- BARTH, Karl. *Carta aos Romanos*. São Paulo: Novo Século, 2000.  
--\_\_\_\_\_. *Comentários Bíblicos*. Trad. Elmer A. Roll. Porto Alegre: Concórdia, 1998.



OBRAS SELECIONADAS 8. *Interpretação bíblica. Princípios*. Trad. Luiz Dreher. São Leopoldo, Sinodal. Porto Alegre, Concórdia. 2003.

*Rafael Wilske*  
*Dois Irmãos, RS*

# DIA DE ANO NOVO – CIRCUNCISÃO E NOME DE JESUS

Salmo 116; Gênesis 17.1-4; Gálatas 3.23-29; Lucas 2.21

## Lucas 2.21

### CONTEXTO

A narrativa de Lc 2.21 encontra-se dentro de um contexto de acontecimentos que tem seu término no registro do versículo 39 de Lc 2: *Cumpridas todas as ordenanças segundo a Lei do Senhor, voltaram para a Galiléia, para a sua cidade de Nazaré.* A circuncisão de Jesus faz parte das “ordenanças da Lei do Senhor” que deviam ser cumpridas. Como assim? O Senhor devia cumprir ordenanças de sua própria Lei?

Sim, mesmo sendo o Senhor da Lei, mas dentro do cumprimento de sua missão vicária a favor da humanidade. A razão de tudo aparece em Gl 4.4,5: *Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos.* Por isso, também a circuncisão de Jesus aponta para o firme propósito de Deus de trazer salvação à humanidade perdida e condenada. O cumprimento das “ordenanças da Lei do Senhor” inclui-se na obra de salvação e faz parte daquilo que é conhecido por “obediência ativa” de Cristo.

### TEXTO

O texto deve ser trabalhado em conjunto com as outras perícopes do dia. A circuncisão de Jesus tem importância dentro de sua obra vicária, sem dúvida nenhuma, pela razão exposta acima, além de revelar mais uma prova da verdadeira humanidade de Jesus Cristo. Temos em Cristo nosso único e verdadeiro Salvador porque, além de ser verdadeiro Deus, é também verdadeiro homem. Tudo o que cremos e ensinamos dentro da soteriologia ficará prejudicado se não levarmos em conta a humanidade do Senhor.

O ponto alto do texto, porém, creio ser o nome dado ao menino: JESUS. O nome remete-nos à pessoa e à obra por ele vir a ser realizada. O nome JESUS tem atrás de si toda uma razão para ser usado. Percebemo-la no exame das demais perícopes. Pensemos naquela criança de oito dias de vida apenas: o que poderia ela fazer? O que poderia ser esperado daquele ser frágil? A resposta encontra-se no

nome JESUS. Aquele menino tornaria possível a todos os povos do mundo o ser povo de Deus. Ora, ter no seu povo gente de todos os povos do mundo é o desejo de Deus, expresso já na aliança feita com Abraão, conforme descrito em Gn 17.4: *Quanto a mim, será contigo a minha aliança; serás pai de numerosas nações*. Quando olhamos para Gl 3.28,29, descobrimos quem são aqueles que fazem parte das numerosas nações que têm por pai a Abraão. Diz Paulo: *Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus. E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa*.

Os “de Cristo”, portanto, são os descendentes de Abraão, os herdeiros segundo a promessa e os pertencentes ao povo de Deus. Que garantia temos para assegurar que “os de Cristo” são tudo isso? Voltamos ao nome JESUS. Foi escolha do próprio Deus, segundo revelação do anjo a José, conforme Mt 1.21: *Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles*. O nome, portanto, aponta para a pessoa: quem é ela, mesmo que, na circuncisão, tivesse apenas oito dias de vida e para a obra que viria a cumprir.

## USO HOMILÉTICO

Parto da pergunta: “O que o texto diz para mim?” Aquilo que o texto me transmite, procurarei levar aos ouvintes no sermão. Sempre tendo convicção de que ele poderá dizer outras coisas para os colegas pregadores, registro o que me é relevante, esclarecedor, revelador e consolador. O texto chama-me para examinar os resultados do nome JESUS na minha vida. Ouço-o novamente em Lc 2.21 e sou desafiado a olhar para a abrangência do seu significado para a minha vida em fé. Percebo os seguintes pontos:

1 – Como o nome aponta para a pessoa e sua obra, novamente recordo da minha necessidade de um Salvador. Por causa de nosso orgulho e autossuficiência, nem sempre temos presente tal necessidade. O risco da soberba espiritual é ameaça permanente a qualquer cristão, independentemente de onde atua. Trata-se de uma “porta” pela qual o diabo procura entrar para nos afastar do Salvador e da salvação.

2 – A ação misericordiosa de Deus diante da minha necessidade: ele providenciou o Salvador. Seu coração foi movido a me socorrer na minha miséria. Nada tenho para apresentar diante do Senhor que me desse algum direito de reivindicar seu socorro. Sou socorrido por ele por causa apenas da sua graça.

3 – O significado do nome JESUS me diz que “ele salvará o seu povo dos pecados deles”. O próprio nome já me diz que não existe outro salvador. Além disso, a obra daquele que foi circuncidado ao oitavo dia prova que ninguém mais apresentaria credenciais, poder ou autoridade para ser salvador. Tal verdade leva-nos a levantar nossa voz contra pregações que apresentam a possibilidade de salvação fora de Jesus Cristo. Embora “politicamente corretas”, são, na verdade, veneno, porque apenas matarão, visto que afastam da confiança total naquele que Deus enviou ao mundo para “salvar o seu povo dos pecados deles”.

4 – Somos convidados a buscar consolo naquele menino que recebeu o nome JESUS. Com os pastores e os magos do Oriente, adoramos aquela criança e nela colocamos toda a nossa esperança de perdão da parte de Deus, de vida como filhos e filhas de Deus e de herdeiros da promessa de salvação.

*Paulo Moisés Nerbas  
Porto Alegre, RS*

# Epifania

Salmo 72.1-11; Isaías 60.1-6; Efésios 3.1-12; Mateus 3.1-12

## Mateus 3.1-12

### VIEMOS PARA ADORÁ-LO

#### CONTEXTO LITÚRGICO

As leituras bíblicas (Sl 72.1-11; Is 60.1-6; Ef 3.1-12; Mt 2.1-12) são textos especiais para uma festividade muito especial da Igreja Cristã: **A Festa de Epifania de Jesus Cristo** que, a partir do fim do terceiro século, sempre é celebrada no dia 06 de janeiro. Epifania quer dizer revelação ou aparição ou manifestação, isto é, Cristo se identifica, se revela e se apresenta ao mundo como o Messias profetizado no AT, como o Filho de Deus, como o Salvador do mundo. A Festa de Epifania também é conhecida como a *Festa dos três Magos* e *Natal dos Gentios*, em consideração aos “Magos do Oriente”, os gentios que vieram procurar e adorar Jesus Cristo.

Epifania faz parte do Ano Eclesiástico/ano da igreja/ano litúrgico do *Ciclo de Natal*, onde está o ano novo da igreja, que se inicia no 1º domingo de Advento e termina com o 6º domingo de Epifania. Além do *Ciclo de Natal* – época que lembra o nascimento de Jesus, a igreja destaca o *Ciclo da Páscoa* – época que lembra a morte e a ressurreição de Jesus; e o *Ciclo de Pentecostes* – que lembra a descida do Espírito Santo, a Ascensão de Jesus e a ação do povo de Deus em favor da construção do reino de Deus, e termina com o Domingo da Trindade (Pai, Filho, Espírito Santo: agindo em favor da redenção da humanidade).

A Festa de Epifania de Jesus Cristo apenas será bem compreendida pelos ouvintes quando for bem explicado este contexto litúrgico.

#### CONTEXTO BÍBLICO

Embora este estudo examine especialmente o texto de Mateus, é bom ver alguns destaques dos outros textos e seu relacionamento com a perícopa da Festa de Epifania, de Mt 2.1-12. O Sl 72 é um salmo que aponta para o Rei e Messias Jesus Cristo, cujo reinado seria justo e abrangeria o mundo inteiro. Com referência aos “Magos do Oriente”, destacam-se, especialmente, duas afirmações: “os reis [...] lhe oferecem presentes; todos os reis se prostram perante ele; todas as

nações o sirvam". De Is 60, os seguintes destaques: "Dispõe-te, resplandece, porque vem a tua luz, e a glória do Senhor nasce sobre ti... trarão ouro e incenso e todos eles anunciarão as grandes coisas que o Senhor fez". De Ef 3, sublinha-se o seguinte: "... os gentios são co-herdeiros..." (Natal dos Gentios).

## O TEXTO DE MATEUS

Como o texto de Epifania (Mt 3.1-12) é muito rico em personagens, fatos, mistérios e surpresas, apontaremos apenas para alguns deles.

**Jesus nasceu em Belém** – Conferir Mq 5.2, Lc 2.4,14. Belém fica cerca de 8 km de Jerusalém. Onde nasceu o rei Davi.

**Magos do Oriente** – "Há tanta fantasia acerca dos Magos do Oriente que é difícil distinguir entre mito e realidade" (O. Boyer). Disse tudo. Mesmo assim, algumas: seus nomes seriam Gaspar, Melquior e Baltazar; eram reis, ou mágicos, ou sacerdotes persas, ou propagandistas religiosos, ou astrólogos babilônicos, ou sábios. Impossível ter certeza. Mas também não é decisivo. Importante e decisivo são o seu significado e sua lição: Os gentios (não-judeus) procuram e querem conhecer e adorar o Salvador do mundo. Isto é Epifania. É Natal dos Gentios – Cristo nasceu como Salvador "para todo o povo" (Lc 2.10,11) – também para os "Magos do Oriente".

**Chegaram a Jerusalém** – É a "cidade da morada de Deus". É a capital do povo eleito. Aqui está o grande templo de Deus. Era conhecida por todo o mundo de seus dias. Belém era uma cidade pequena e insignificante. Por isso os "Magos do Oriente" vão a Jerusalém, imaginando que lá nasceria o "Rei dos Judeus".

**Vimos a estrela dele** – Era uma estrela especial e diferente. Era "estrela dele", isto é, "estrela de Jesus". Era um sinal especial que Deus havia revelado aos gentios do Oriente. Esta estrela especial, "Estrela de Jesus", é um sinal de Deus que guia e leva os homens do Oriente para junto do "Menino Jesus". Deus sempre tem sinais que levam à Festa de Epifania; à presença do Salvador Jesus.

**O rei Herodes** – Foi rei da Judéia, dominada pelos Césares romanos. É pai de Arquelau (Mt 2.22), de Herodes Antipas (Mt 14.1) e de Filipe (Lc 3.1). Rienecker descreve Herodes, o Grande como "Gross als Egoist, als Betrüger, als Mörder, als Tyrann and als Verbrecher" (como "egoísta, enganador, assassino, tirano e criminoso"). Ao ouvir falar em "nascimento do Rei dos Judeus", Herodes ficou alarmado, perturbado, preocupado, desesperado – pensando perder seu reinado. Chamou os teólogos para receber detalhes sobre esta notícia horrível para ele. E então, com o seu medo e pavor, tornou-se um grande mentiroso

ao dizer: "... me avisem, para eu também ir adorá-lo". Mentiroso! Não quis a Festa de Epifania de Jesus. Queria é matar o Rei Jesus.

**Viram o Menino** – A estrela que havia desaparecido em Jerusalém, reapareceu e parou sobre o pequeno Jesus em Belém. E os homens do Oriente "viram o Menino Jesus". E ao ver o Salvador, o coração dos "sábios do Oriente" ficou acelerado, pulsou forte e "eles ficaram muito alegres e felizes". Era o Natal dos Gentios, já anunciado pelos anjos no nascimento de Jesus: "eis aqui vos trago boa nova de grande alegria, que o será para todo o povo" (Lc 2.10) – também para "os Magos do Oriente". Eles acabavam de festejar a Festa de Epifania de Jesus.

**Ofereceram presentes** – Os sábios do Oriente, diante de sua grande alegria e felicidade, de sua reverência e adoração, também manifestaram a sua "fé e confiança no Salvador" com coisas visíveis e concretas. Eles demonstram sua satisfação espiritual, homenageando e presenteando o Redentor com ouro, incenso e mirra. Ouro, o metal mais rico e precioso do mundo. Incenso e mirra – riquezas e perfumes caríssimos, oriundos da Arábia (cf. Ct 3.6; Ap 5.8; 2 Cr 26.18). Como mera curiosidade, há pais da igreja que viram nestes presentes a seguinte simbologia: Ouro: vendo Jesus como o Rei com coroa de ouro; incenso: vendo Jesus como o verdadeiro Deus, a quem se queimava incenso; mirra: por ser amargo, simbolizando o sofrimento e morte de Jesus na cruz. É mera curiosidade.

**Ajoelhando-se, o adoraram** – Este é o auge, o ponto alto, a maior lição do "Natal dos Judeus", do "Natal dos Gentios", do "Natal dos Magos do Oriente". A Epifania de Jesus se tornou realidade na vida dos sábios do Oriente. Este era o objetivo, o propósito, a meta dos homens do Oriente: Adorar o Salvador Jesus! Ao perguntar sobre o local do nascimento de Jesus, logo justificaram as causas de sua viagem e procura: "viemos para adorá-lo". Esta é a razão de sua longa viagem, de seguir a estrela, de chegar em Jerusalém, de ir a Belém, de fugir de Herodes, de homenagear o Salvador com o que havia de mais precioso entre os povos: ouro, incenso e mirra. Adorar, na verdade, significa cultuar, homenagear, venerar e "dar a alma e o coração" ao Salvador Jesus. O ajoelhar-se e adorar Jesus significa reconhecer Jesus como Salvador, crer em Jesus como Salvador, confessar o nome de Jesus como Salvador pessoal e do mundo. A adoração a Jesus inicia nesta vida e continuará na vida eterna – como o amor.

## DISPOSIÇÃO

Como sugestão, o seguinte tema e partes.

## INTRODUÇÃO

Explicar bem o que significa Epifania e a importância da Festa de Epifania de Jesus. Contextualizar Epifanias dentro do Ano da Igreja, especialmente no Ciclo de Natal. Relacionar o “Natal dos Judeus” de Lc 2 com o “Natal dos Gentios” de Mt 2. Sempre é boa nova de grande alegria e felicidade. E a Epifania de Jesus sempre culmina com respeito, veneração, adoração e culto ao Salvador Jesus. Pontos altos da Festa de Epifania: Jesus se revela como Salvador; os salvos adoram o Salvador.

**Tema:** Viemos para adorá-lo

*I – Quem veio adorar Jesus*

(Quem? Personagens, sujeitos, pessoas, agentes)

1. Explicar bem o significado de *adoração*. Exemplos de adoradores: Mt 4.10; Lc 2.20; Mt 15.25; Hb 1.6; Ap 4.10.

2. Não falsa adoração: Herodes, diabo – Mt 4.9. Mas como os “Magos do Oriente” – finalidade, propósito, intenção, objetivo de viajar e procurar Jesus: Adorar o Salvador Jesus.

3. Aplicação: Nossa vida, nossas devoções em casa, nossos cultos na igreja, objetivo maior: Crer e adorar o Salvador!

*II – Por que vieram adorar Jesus*

(Por quê? Razões, causas, motivos)

1. Deus os avisou dando um sinal: “Nós vimos a estrela dele”. Estrela de Jesus. Sinal de Deus leva a Jesus.

2. Não sabemos como, mas eles sabiam: “Jesus é o Rei dos Judeus”, o Messias e Salvador profetizado (cf. texto perícopes AT).

3. Aplicação: Deus tem muitos e diferentes sinais para nos mostrar e conduzir e adorar Jesus. Vontade de Deus: Todos crer e adorar o Salvador!

*III – Como vieram adorar Jesus*

(Como? Maneira, modalidade, jeito)

1. Com respeito, reverência, de joelhos.

2. Com grande alegria, felicidade e oferendas: ouro, incenso e mirra.

3. Aplicação: adorar em nossas devoções e cultos; com alegria e gratidão, com nossas ofertas, como frutos de nossa fé e adoração. Deus quer: crer e adorar o Salvador de todo coração, alma e entendimento.



## **CONCLUSÃO**

- Repetir e sublinhar o significado e importância de Epifania de Jesus, destacando os ciclos do Ano Eclesiástico.

- Repetir e sublinhar a razão da longa viagem dos “magos do Oriente”: Encontrar, conhecer, adorar e confessar o nome do Salvador Jesus.

- Destacar a leitura da Sagrada Escritura (Biografia de Jesus), das devoções em casa, dos cultos públicos de adoração (também enfoque missionário – gentios).

- Lembrar o desejo dos gentios (gregos)

- Senhor, queremos ver Jesus (Jo 12.20)

e dos gentios do Oriente:

- Viemos para adorar Jesus

e então, em conjunto, confessar a explicação de Lutero sobre o 2º

Artigo:

- Creio que Jesus Cristo...

*Leopoldo Heimann*  
*São Leopoldo, RS*

# **P**RIMEIRO DOMINGO APÓS EPIFANIA – BATISMO DO SENHOR

Salmo 45.2-7, Isaías 42.1, (2-4) 5-7, 1 Coríntios 1.26-31, Marcos 1.9-11 ou Mateus 3.13-17

## **Mateus 3.13-17**

### **NOTA INTRODUTÓRIA**

Estudiosos afirmam que o relato do batismo do Senhor Jesus é um dos eventos mais examinados e interpretados do Novo Testamento. O relato está nos evangelhos sinóticos (Mt 3.13-17; Mc 1.9-11 e Lc 3.21-22) e o quarto evangelho faz referência em Jo 1.29-34. Há semelhanças em todas as descrições, mas também há diferenças que poderiam dar “pano para manga”. Nesse estudo, a proposta é ficar restrito ao que o evangelista Mateus relata e revela a respeito do Filho de Deus e suas implicações na vida dos pecadores.

### **CONTEXTO**

João Batista está em evidência no início deste capítulo em Mateus. O evangelista destaca sua pregação, batismo, vestuário e dieta alimentar (3.1-6). Os fariseus e saduceus pretendiam roubar a cena se colocando na fila para serem batizados. Mas na leitura de João Batista eles não eram dignos, visto que seus olhos estavam tão-somente presos em sua relação genealógica com Abraão. A voz que clama no deserto não os aceitou, repreendeu-os duramente (3.7-10) e os tirou da fila, ou então os colocou no fim dela.

Depois disso, João descreve sua missão como preparatória para a chegada daquele que possui autoridade absoluta e de quem ele não é digno de prestar o mais subalterno serviço. A promessa é que seu batismo será com o Espírito Santo e ele virá para trazer salvação e julgamento (3.11,12).

### **O TEXTO**

O povo da Judéia e arredores havia respondido à mensagem “arrependei-vos” de João Batista (Mt 3.2). O seu batismo era “para arrependimento”, mas era necessário ir em arrependimento para ser

convertido da incredulidade à fé e, assim, ser recebido no povo de Deus.

Porém, as coisas pareciam ter tomado outro rumo quando Jesus se colocou na fila para ser batizado. O Filho de Deus vai ao mesmo lugar, à mesma pessoa e com o mesmo propósito: ser batizado. Por que Jesus precisaria do batismo? Ele precisava se arrepender? Ser convertido e assim ser readmitido no povo de Deus?

A reação de João Batista é compreensível. Ele sugere que seja o contrário, pois ele olha para sua condição de pecador. Embora Jo 1.33 aponte para o fato de que até esse momento João ainda não sabia que estava diante do Messias, o contexto anterior aqui e a sua reação mostram para a realidade de que João sabia que ele estava diante do Salvador (Mt 1.21) e era ele que viria para batizar com o Espírito e, portanto, era ele que precisaria se submeter ao batismo.

João Batista considerou acertadamente indignos para o batismo os fariseus e os saduceus. Agora ele pensa que é indigno para batizar Jesus. Ele olha para sua necessidade e condição de pecador. Ele reconhece que é ele que precisaria se colocar na fila para ser batizado e se submeter ao Filho de Deus.

Mas na resposta e ação de Jesus se revela a missão do Filho de Deus. Seu batismo é uma concessão ou permissão especial. O Filho sem pecado se coloca na fila dos filhos pecadores para receber o batismo de arrependimento. Ele assume o pecado de toda a raça humana (2 Co 5.21).

Ao se submeter ao batismo de João, Jesus estava confirmando a pregação dele. Ambos estavam participando no “convém cumprir toda a justiça”. Justiça de Deus é sinônimo para salvação. São os atos salvadores do Senhor no Antigo Testamento (Salmo 71.2, 16, 19, 24). A justiça de Deus será cumprida quando João batizar a Cristo e todos podem ir em fé buscar o Reino de Deus e sua salvação (Mt 6.33).

Tentando juntar as peças, a resposta de Jesus poderia ser resumida assim: Jesus foi até João para ser batizado, para se submeter ao batismo que Israel pecador estava se submetendo. João fez objeção, porque ele sabia que Jesus é o Salvador e Juiz de todos no último dia. O Filho de Deus esclarece que agora, no tempo presente, sua ação inesperada deve ser compreendida à luz do “cumprir toda a justiça” junto com João. O Reino de Deus se manifestou na história em Jesus e o batismo é porque ele veio para “salvar seu povo dos pecados deles” (Mt 1.21).

Jesus sanciona os atos salvadores de Deus pelo povo ao ficar na fila com os pecadores, tomar o lugar deles e receber de João o batismo que os pecadores recebem. Esse é o primeiro passo do Senhor

Jesus na obra salvadora e que culminará com sua condenação, crucificação e ressurreição. Mais tarde Jesus realizará o julgamento, a separação e o batismo com o Espírito Santo e fogo do qual João falou (3.17).

Saber disso já seria o suficiente. Mas tem mais. Ao descrever a descida do Espírito sobre Jesus, Mateus está atestando o cumprimento de profecias do Antigo Testamento (Is 42.1-4; 61.1-9). Aqui a identidade completa de Jesus é revelada. Ele se coloca na fila porque ele é o servo de Deus que trará justificação a todas as nações, esperança, boas novas e conforto para os pobres e os que choram (Mt 11.2-6). Ele é tudo (1 Co 1.31).

O quadro se completa quando a voz do Pai é ouvida. Jesus é o Filho de Deus por direito de concepção e nascimento (Mt 1.18-25), mas ele também é o Filho que veio em lugar do filho pecador Israel (Êx 4.22; Os 11.1; Mt 2.15).

O batismo de Jesus é vicário. É pelos pecadores e aponta para a sua morte e ressurreição em lugar dos pecadores. O eco do batismo cristão está nas palavras do apóstolo Paulo em Rm 6.1-4 e Cl 2.11-13. Agora, o batismo cristão confere a justiça de Deus, ou a salvação realizada em Cristo (1 Pe 3.21).

## **REFLEXÕES HOMILÉTICAS**

Deus abriu seu coração para a humanidade e cada indivíduo em particular com Cristo. O que Deus já tinha determinado não é mais segredo. No batismo de seu Filho ele começa a demonstrar como ele se identificaria com os pecadores e assim assumiria por eles suas dívidas e punição. Ele se coloca humildemente na fila dos filhos pecadores de todos os tempos para manifestar o favor gracioso de Deus para com todos eles.

O batismo do Senhor Jesus foi o começo do seu ministério público. O batismo cristão também é o início da vida como um filho salvo de Deus, que vive em verdadeiro arrependimento e fé. Pelo batizado Jesus entra na fila em seu lugar para interceder junto ao Pai em favor dele, perdoar, consolar, trazer boas novas, cuidar (Is 61.1-3).

*Anselmo Ernesto Graff  
São Leopoldo, RS*

# SEGUNDO DOMINGO APÓS EPIFANIA

Salmo 36.5-10, Isaías 61.1-3, Tiago 1.17-18, João 2.1-11

## João 2.1-11

Não entendo de vinhos, nem sou bom degustador. Alguém que, como eu, passa bem sem vinho, poderia pensar: “É uma pena que Jesus tenha usado o seu dom divino, tão precioso, para fazer um milagre tão pouco útil”.

Certa vez, alguém disse que o Evangelho de João é como um ananás. É um fruto com uma aparência interessante, embora estranha. Mas o importante não é a parte de fora. É preciso tirar-lhe a casca e depois, então, é que descobrimos um fruto de sabor delicioso. É o que pretendemos fazer neste estudo.

## CONTEXTO HISTÓRICO

Dois palavras são extremamente importantes para o entendimento do primeiro milagre (“sinal” é a palavra usada por João) feito por Jesus: “casamento” e “vinho”.

**a) Casamento:** nos primórdios do NT, o grande acontecimento na vida social de uma aldeia era o casamento. Os judeus costumavam realizar a festa de casamento, conforme as circunstâncias, ou na casa dos pais da noiva (o mais comum) ou dos pais do noivo, ou ainda na própria casa do noivo. Geralmente os festejos duravam vários dias, até uma ou duas semanas, embora em escala reduzida após o primeiro dia de festa, que era o principal. Então, o casamento era, em si mesmo, um grande evento!

Mas lembremo-nos também que, na Escritura, o casamento humano serve várias vezes para ilustrar a relação que há entre Deus e o seu povo. Diversas vezes o AT nos fala de Deus como o marido de Israel, a amada do Senhor (ex: Ez 16.8). Deus quer que Israel – e o mesmo podemos dizer da Nova Israel, que é a Igreja – viva numa perfeita união e fidelidade com Ele, como idealmente uma esposa vive unida ao seu marido. Um grande evento na vida de todos nós: nossa união com o Senhor!

É num casamento que Jesus dá início aos seus milagres. É em nosso casamento com o Senhor que sentimos seu amor por nós, em meio aos milagres que presenciamos.

**b) Vinho:** o vinho não apenas fazia parte das festas de casamento. Era também um símbolo de alegria e felicidade. Se fisicamente

aqueles convidados já haviam bebido bastante, espiritualmente ainda não haviam experimentado uma sensação de saciedade.

O judaísmo daqueles dias era uma religião de rituais, leis e mais leis. Um fardo pesado. Assim, os judeus viviam oprimidos com a idéia do pecado. Tudo era pecado e os mestres da lei e os chefes religiosos pareciam apostados em tornar as coisas cada vez mais complicadas. Inventavam ritos e regras para explorarem os sentimentos de culpabilidade das pessoas. As lavagens de purificação são um bom exemplo disso. Purificavam continuamente as mãos, as louças, as roupas, a sua cama, a sua casa. Não lhe chamavam "água-benta", mas ela era vista por todos os lados... Como bem expressa Lutero, era uma pureza buscada "pelas obras, sem fé, a pureza que jamais purifica o coração, antes o polui ainda mais".

Jesus, porém, muda o cenário. Transforma a água das purificações em vinho da melhor qualidade. Faltava vinho ao povo de Israel. Falta-va a alegria e a felicidade de encontrar um Salvador, alguém que os libertasse dos pesados fardos. Somente o Messias podia fazê-los beber desse vinho. "A água já não está em talhas. Ela se tornou vinho, foi distribuída, bebida e alegrou os corações" (Lutero). Enquanto as talhas tinham "medida" (*metretas*), o dom do Espírito seria derramado em abundância ("sem medida" – Jo 3.34). A água da antiga Lei dá lugar ao Espírito da nova aliança.

## **TEXTO – MEDITAÇÃO PRÁTICA / PONTOS DE CONTATO**

V. 1: Almeida equivoca-se em dizer "três dias depois". NTLH é mais precisa: "dois dias depois", ou, no terceiro dia. Há claramente uma alusão à ressurreição, outra manifestação divina de Jesus em seu ministério: "no terceiro dia" houve núpcias – de quem? As de Cristo com a sua igreja. Coincidência? Não! Providência! Outro bonito detalhe nos mostra que as bodas aconteceram em Caná, distante cerca de 6 km de Nazaré, onde Jesus haveria de ser rejeitado. Tão próximos e tão distantes!

V. 2: Por que Jesus esteve no casamento? Porque havia sido convidado. E ele aceitou o convite. Quantos hoje esquecem de incluir Jesus em sua lista de convidados! Antes mesmo de nomes importantes da sociedade, antes mesmo dos pais e familiares, o nome "Jesus" deve estar presente. Foi a presença de Jesus que salvou aquelas pessoas de um momento altamente embaraçoso. Observe também a ordem natural em que João apresenta as pessoas: Maria, Jesus e os discípulos. Após o milagre, após a manifestação divina,

após os discípulos terem crido – a ordem é invertida: JESUS, Maria e os discípulos.

V. 3: Mesmo quando Jesus está presente, os problemas acontecem (teologia da cruz!). Jesus estava presente, mas o vinho acabou na hora da festa. Os problemas acontecem, mas eles podem ser resolvidos pela presença do Salvador. Maria sabia disso. Não ficou parada e não guardou o problema para si. Por isso, levou o problema a Jesus. Esta é outra lição importante: recorrer à pessoa certa na hora da crise. Buscar ajuda onde não há solução é o mesmo que caminhar para mais longe da felicidade. Jesus é a pessoa certa na hora da crise. Levemos nossos problemas a Ele.

Vv. 4 e 5: A resposta de Jesus não foi um desacato à autoridade materna. Acontece que aqui simplesmente não entram os direitos naturais de “mãe”. Jesus está sujeito à vontade do Pai, não de Maria. Ela mesma reconhece isso, demonstrando sua confiança no que Jesus faria, dando ordens aos funcionários – ela cria realmente ser a mãe do Messias. O apelativo “Mulher” é importante – Maria é aqui a “mulher” de Gn 3.15. A “hora” da qual fala Jesus é a revelação da sua natureza divina, o cumprimento da sua missão pelos homens. Cruz e túmulo vazio – é ali que *a hora* se cumpre. Mas, de certa forma, há um lampejo dessa manifestação já em Caná.

V. 6: Duas ou três metretas para cada talha significava entre 80 e 120 litros de água. Muita coisa! Curioso é que, para um casamento, era talha demais e vinho de menos! Um sinal da tendência do povo judeu com relação às purificações. De 500 a 700 litros de água para purificações – transformados no melhor e mais puro vinho!

Vv. 7 e 8: Jesus ordena aos serventes encher de água as talhas. Essa ordem parecia absurda. Eles poderiam ter questionado, dizendo: “Senhor, nós não estamos precisando de água. O que está faltando aqui é vinho!” Mas eles não questionaram – obedeceram! Após, Jesus pede-lhes que levem um pouco daquela água ao mestre-sala. Novamente eles não relutam, nem duvidam, nem pensam no “mico” que iriam pagar; eles simplesmente põem em prática as ordens de Jesus. Deixam a razão de lado para se colocar no âmbito da confiança. Ainda que pareçam estranhas e absurdas as palavras de Jesus, deixe de lado o que você acha e simplesmente confie.

Vv. 9 e 10: Quando Jesus está presente, mesmo que apareçam dificuldades, o melhor sempre vem depois. Notemos que a opinião do mestre-sala é imparcial, pois ele nem sabia de onde viera o vinho. E ele diz que o melhor vinho fora servido por último, o que normalmente não acontecia. Não são milagres “meia-boca”, do tipo que observa-

mos na televisão, em horário nobre (cura de nariz entupido, dor no braço, dor de cabeça, etc.). São milagres de amor, de bênçãos magníficas – Jesus sempre tem o melhor a dar para nós, tanto para o corpo como para a alma.

V. 11: É o versículo-chave do nosso texto. Jesus não quis e não quer ser reconhecido como um milagreiro de grande fama. Ele quer ser crido e adorado. Ele é Deus, Salvador, o Messias. Nos milagres Jesus manifesta a sua glória de verdadeiro Deus, os discípulos crêem nele e o seu amor salvador fica escancarado. Afinal, Ele é sensível às necessidades de seu povo.

## CONTEXTO LITÚRGICO

Os textos são do 2º Domingo após Epifania, período que lembramos a manifestação de Jesus como Deus e Salvador não apenas dos judeus, mas de todos os povos da terra. Jesus é o Salvador que mostra seu poder e amor pelos pecadores. Isso fica evidente nas demais leituras: o Senhor cuida das pessoas, saciando-as com a comida e bebida, e também com seu amor, justiça e fidelidade (Sl 36.5-10); o Senhor é o Salvador do seu povo, trazendo ânimo, liberdade e alegria aos oprimidos (Is 61.1-3); todas as bênçãos que recebemos, materiais e espirituais, vêm do alto – têm sua origem em Deus e são milagres dele (Tg 1.17,18).

## SUGESTÃO HOMILÉTICA

*O Primeiro de Muitos*

## INTRODUÇÃO

Pessoas costumam buscar milagres! Qual é o objetivo disso? Em portas de templos lê-se: “Hoje à noite – Sessão de Curas e Milagres”. De quem é a glória nisso tudo? Certamente não de Jesus!

O evangelho de hoje nos conta o primeiro de muitos milagres feitos por Jesus. (*contar e explicar o texto*)

O milagre da transformação da água em vinho, realizado no casamento em Caná, nos mostra que Jesus:

- a) é Deus e governa tudo  
- (Sl 36.5,6; Tg 1.17,18)
- b) nos ama e é sensível às nossas necessidades  
- materiais (Sl 36.8,9; Tg 1.17) = transformou a água em vinho



- espirituais (Is 61.1-3; Tg 1.18) = manifestou sua glória e operou a fé nos discípulos

- c) é o verdadeiro objeto da nossa fé, o nosso Salvador
- a cruz é a grande prova
  - o túmulo vazio é a coroa dos milagres
  - os milagres de Jesus nos levam a crer nele (Jo 20.30,31)

## CONCLUSÃO

Alguém desafiou um cristão: "Aponte-me agora mesmo um milagre". Respondeu o cristão: "Aponta-me, no universo de Deus e na tua vida, o que não seja milagre".

A nossa vida, em si, já é um milagre. As coisas que recebemos também. Nossa vida espiritual, a fé, o perdão dos pecados, a salvação – milagres divinos!

O primeiro de muitos milagres, o de Caná, nos aponta para Cristo. Ele é nosso Deus, nosso Salvador. **Amém.**

*Júlio Jandt*  
*Curitiba, PR*

# TERCEIRO DOMINGO APÓS EPIFANIA

*Setuagésima*

Salmo 92.1-7, Êxodo 15.1-13 (14-18), Efésios 1.15-23, Mateus 8.23-27

## **Mateus 8.23-27**

A ênfase desse período do ano da igreja é, especialmente, voltada para a missão. Assim como Jesus revelou seu poder e glória na sua época, somos chamados a proclamar isso ao mundo todo. Principalmente em uma época de tão grande turbulência. Todas as estruturas de nossa sociedade estão abaladas. Tudo aquilo que nos foi ensinado como certo e seguro tem se revelado como incerto e instável. Hoje não há mais a famosa divisão entre países ricos e emergentes. Não há mais lugar seguro, não há mais garantia de futuro e estabilidade. A palavra de ordem é turbulência. Assim, a Epifania de Jesus torna-se urgente, pois só ele pode trazer estabilidade em um mundo que caminha para o caos social, político e econômico.

É num contexto parecido com o nosso que Jesus se manifesta ao mundo. Se, por um lado, a “paz” imposta pelo Império Romano trazia relativa tranquilidade a alguns, a opressão, a miséria e o preconceito destruía a vida de muitos. Ali Jesus se revela na vida de muitas pessoas desesperadas e desanimadas. Essa Epifania acontece quando Jesus vai ao encontro de pecadores, leprosos, possessos, pobres e outros sofredores. Ele demonstra seu poder e glória divinos. Cristo manifesta através dos sinais e do perdão que Ele é a única esperança para aquelas pessoas e para o mundo inteiro.

O contexto do evangelho desse dia traz essa manifestação na vida de muitas pessoas. Logo após o Sermão do Monte, Jesus começa sua peregrinação pela região: no capítulo 8 encontra-se com um leproso, um centurião romano, a sogra de Pedro entre outros tantos. Tudo corria bem, as multidões viam as maravilhas de Jesus e queriam segui-lo, não para serem discípulos, mas para receberem as bênçãos que ele tinha a oferecer. É nesse contexto que se desenrola o relato da travessia do mar da Galiléia.

Esse relato também faz parte da revelação de Jesus como Senhor. Aqui os discípulos aprendem uma lição árdua: seguir Jesus não significa apenas ver seus prodígios e gozar da fama dele. Ao permitir que seus discípulos enfrentem a tempestade, Jesus lhes mostra que não basta estar ao seu lado, mas que é preciso confiar e buscar o seu auxílio. Ele ensina que os seus discípulos não diferem dos outros,

mostra-lhes sua fragilidade e dependência. Aqui os discípulos estão sendo preparados para as turbulências que enfrentarão durante toda a sua vida de testemunhas do evangelho. Jesus manifesta aqui o seu poder para que eles sempre confiem nele e não em qualquer outra coisa nesse mundo.

Nesse período de “turbulência” em que vivemos, esse texto vem ao encontro do anseio de todos. Onde encontrar segurança? Como garantir nosso futuro? Como será daqui para frente?

A lei se manifesta ao mostrar nossa fragilidade e também a tentação de buscar segurança em coisas terrenas. Quantas pessoas pensavam estar seguras investindo nas bolsas de valores ou em seus empregos? Quantos se acham seguros na sua força ou em suas obras? Quantos cristãos se escondem atrás da frase: “sou luterano” pensando que o simples pertencer ou “ser sócio” da igreja lhes garante estabilidade e salvação? Essas pessoas precisam ser questionadas: E quando a bolsa cair, quando seu emprego desaparecer, quando sua saúde e prosperidade acabarem, quando a autossuficiência for abalada, o que será de você?

A boa notícia é que Jesus está do nosso lado. Ele está pronto para estender as mãos e nos ajudar. O mais importante é que, apesar da instabilidade do mundo em que vivemos, Jesus continua o mesmo. Ele é o Senhor, está no controle de tudo. E esse Jesus é nosso amigo! Ele nos deu a sua vida, sofreu, derramou o seu sangue e venceu a morte por nós. Esse Jesus quer se revelar profundamente em nossa vida para que, estejamos em tempo de estabilidade ou em tempos de turbulências, possamos estar seguros do seu amor e da sua proteção.

Cada cristão tem a oportunidade de compartilhar essa revelação com muitas pessoas. Muitos sofrem por não ter esperança, por ter perdido tudo em que confiavam. Pessoas a nossa volta estão vazias de sentido em sua vida. Estão desesperadas em busca de segurança e paz. Tudo isso nós temos em Cristo e temos a graça de sermos mensageiros desse amor e desse poder revelado no evangelho.

## SUGESTÃO DE USO HOMILÉTICO

**Assunto:** Confiança

**Objetivo:** Refletir sobre a realidade do mundo em que vivemos e levar todos a depositarem toda sua confiança em esperança naquele que é o Senhor, Jesus Cristo. Motivar a igreja para que seja instrumento da Epifania de Jesus ao mundo.

**Tema:** Busquemos segurança em Jesus

## INTRODUÇÃO

O contexto dos discípulos em meio à tempestade, suas dúvidas, seus medos e angústias. A ação de Jesus que os livra da tempestade dando-lhes segurança apesar da fúria do mar.

*1. Quais são as tempestades que enfrentamos hoje?*

- Refletir sobre a nossa realidade
- Onde estamos buscando segurança?

*2. Quem pode nos dar paz e segurança?*

- Somente Jesus
- Porque ele é o Senhor, como vemos em Efésios 1.15ss.

*3. Como podemos viver essa segurança?*

- Confiando. Mt 8.26
- Através dos meios da graça
- Testemunhando. Sl 92.1-7

## CONCLUSÃO

Busquemos sempre a segurança em Jesus, pois só nele podemos ter paz mesmo em meio às turbulências do mundo. Levemos essa Epifania a todos para que a paz de Cristo chegue a todos os corações.

*Cezar Schuquel  
São Leopoldo, RS*

# QUARTO DOMINGO APÓS EPIFANIA

*Sexagésima*

Salmo 1, Deuteronômio 7.6-9, 1 Coríntios 1.4-9,  
Mateus 13.24-30(36-43)

## **Mateus 13.24-30(36-43)**

Olhando o contexto, vale lembrar que este texto está em Mateus 13. Há pouco Jesus havia contado a parábola do semeador com a respectiva explicação, a parábola do joio, do grão de mostarda, do fermento (farinha-trigo), por que falar em parábolas e a explicação da parábola do joio.

Ao olhar para as duas parábolas, do semeador e do joio, vemos que a ênfase está em pontos diferentes: na parábola do semeador, a ênfase recai sobre o tipo de recepção dada à semente pelos vários tipos de solo. Na parábola do joio, a ênfase reside sobre a semeadura, o tipo de semente e a separação do trigo e do joio no tempo devido. Numa a ênfase está em quem recebe a semente, na outra no tipo de semente lançada ao solo e no procedimento a ser adotado até a colheita.

Nesta parábola fica evidente a necessidade de limpeza, de pureza; nada passará sem ser notado pelos anjos de Deus! Está evidente a condenação dos não-crentes, fogo eterno. Está evidente que o trigo recolhido estará no celeiro de Deus, crentes em Cristo na morada eterna com Deus! Isto com respeito ao dia do juízo final, mas até lá o lembrete a todos os crentes é a paciência, pois a impaciência pode causar grande estrago na igreja cristã. O julgamento humano não é suficientemente preciso: deixai! Sim, deixai. O julgamento de todos cabe a Deus.

Deixai! Este é o grande desafio. O desafio de conter a fúria, a sede de justiça humana, não levando em conta que também estamos sob o mesmo olhar. Quem está de pé veja que não caia [...], não vos torneis pedra de tropeço [...], etc. É preciso ser especialista em ser humano para fazer uma distinção correta do que de fato é trigo e o que é joio. O especialista é Deus mesmo!

Outra ênfase é a verdade de que o diabo também semeia. E semeia na calada da noite, sem que ninguém perceba. Quando vê, o joio está lá. Neste sentido, averiguar a procedência da semente é importante. Isto vem de Deus ou não? É preciso confrontar com a verdade bíblica toda e qualquer idéia humana disfarçada de divina! A

teologia precisa permanecer cristocêntrica. É bem verdade que talvez o mesmo tanto, ou mais sementes são lançadas pelo diabo no coração humano.

Ainda, enquanto não acontece a colheita, o “deixai” não pode ser ponto de fuga para não combater as pragas que se instalam no rebanho: legalismo, falsa doutrina, pecado manifesto, etc. É diferente não poder distinguir entre joio e trigo do que ser conivente com joio maduro e crescido dentro da igreja. Lembrando que Jesus disse: pelos seus frutos os conhecereis!

Neste sentido, há joio coletivo e joio pessoal. Em última análise, joio é aquilo que não procede de Deus. Portanto, nossos erros, nossas falhas, nossos enganos, pré-julgamentos são joio. A limpeza da lavoura pessoal é possível mediante arrependimento, perdão, fé; Cristo é a salvação da lavoura! E isso é processo diário, limpeza diária. A limpeza já ocorre agora. Aos hipócritas resta justiça divina no fim dos tempos, aos verdadeiramente crentes o conforto do celeiro divino agora e no porvir. Já e ainda não! A distinção final cabe a Deus mesmo, pois nós podemos errar, e não raras vezes.

## SUGESTÃO DE USO HOMILÉTICO

**Assunto:** Colheita no fim dos tempos e limpeza no presente

**Objetivo:** Levar o ouvinte a fazer uma análise diária do que procede de Deus (boa semente – trigo) e do que procede do diabo (semente ruim – joio), e a necessidade de não predominar a justiça humana na igreja cristã, mas sim a divina.

**Tema:** Consultoria

## DESDOBRAMENTOS

### Introdução

Para que haja certeza quanto à qualidade e procedência das sementes, é preciso consultar um especialista: Deus. Somente na palavra e sacramentos podemos ter certificado de procedência e qualidade. E é nesta palavra que encontramos parâmetros para fazer distinção entre boas e más sementes. É Deus quem estabelece o parâmetro.

- Consultoria divina é gratuita;
- Consultoria gratuita pelo fato de ser paga pelo próprio Deus;

- O consultor mostra a realidade da existência do diabo, do inferno, do joio;
- O consultor mostra a realidade de que há muito joio na nossa vida, não só na vida dos outros;
- O consultor pede paciência e cautela para não causarmos danos à plantação por causa de julgamentos precipitados;
- Continuar firmes na fé trabalhando no reino, evitando as pragas, porém confiando no julgamento divino – que já está estabelecido: quem crê em Cristo será salvo!

*Marco Antônio Meyer Jacobsen  
Canoas, RS*

# QUINTO DOMINGO APÓS EPIFANIA

*Quiquagésima*

Salmo 34.17-22, Isaías 50.4-7 (8-9),  
1 Coríntios 13.1-13, Marcos 8.31-38

## **Marcos 8.31-38**

Salvo casos de hipocrisia artística, as palavras são expressões de nosso *eu*. Elas não são produtos desconexos de nosso ser, como se tivessem vida e sentimentos próprios. São, na realidade, *nossas* expressões e sentimentos. Pode-se afirmar que, nas palavras, nós chegamos a ser aquilo que já somos.

As palavras de Pedro o conduziram a duas situações totalmente opostas. Inicialmente, quando confessa que Jesus é o *Cristo* (Mc 8.29), Pedro se torna boca do próprio Deus. Marcos silencia quanto à reação de Jesus, porém Mateus relata que o Senhor o chama de *bem-aventurado*. Na sequência narrativa de Marcos, Pedro deixa de ser boca de Deus para ser boca do próprio Satanás. Talvez Pedro, quando confessa o caráter messiânico de Cristo, estivesse pensando numa forma judaica de liderança ou num jeito político de governo. Isso justificaria a drástica mudança de seu posicionamento. Porém, Jesus afirma que Pedro falou a partir de uma revelação do *Pai* (Mt 16.17). Portanto, mesmo que a expressividade de sua fé esteja marcada por dúvidas e concepções errôneas, a legitimidade desta fé é atestada. O que parece melhor explicar esta situação é a doutrina tão prezada por Lutero da simultaneidade do justo e do pecador na mesma pessoa. As palavras de Pedro são revelações do conteúdo central do ser de um cristão.

Jesus inicia a perícopes trazendo o anúncio sobre sua paixão e morte e, a partir das palavras infelizes de Pedro, chama à reflexão o caráter do discipulado.

V. 31: Este é o primeiro dos três anúncios da paixão que dão o ritmo a esta seção do Evangelho de Marcos (cf. 9.31-32; 10.32-34). É notável que Jesus usa a expressão *Filho do Homem* como autoidentificação, pois na tradição apocalíptica, especialmente em Daniel, o Filho do Homem é concebido como o agente de libertação e de julgamento salvífico definitivo de Deus na história. O *Filho do Homem* é também o *servo sofredor* que sofrerá muitas coisas (πολλὰ παθεῖν) e será rejeitado (ἀποδοκιμασθήναι). Os agentes do sofrimento e da rejeição são tipificados pelos anciãos, principais sacerdotes e escribas,



os *fiscais da fé* que constantemente o visitavam para verificar suas ações. Mas, sabemos que era o pecado de todos nós que Jesus carregava sobre si na morte de cruz. O sofrimento, rejeição e morte não são, no entanto, as palavras finais sobre seu destino. É conjuntamente anunciada a vitória: **“e que, depois de três dias, ressuscitou-se”**.

V. 32: Marcos, em sua característica de simplicidade e sinceridade, destaca que Jesus expunha isto *claramente* (παρηγοία = *claramente, abertamente, com franqueza no falar*). Esta clareza não é bem recebida por Pedro, que passa a repreendê-lo (ἐπιτιμᾶν = *censurar, advertir*). Essa repreensão se contrapõe à do versículo seguinte, na qual é Jesus quem repreende a Pedro.

A atitude de Pedro levanta algumas dúvidas sobre sua motivação. É comum que se afirme o estratagema de Satanás para desviar Jesus de seus propósitos redentores – e isto é certamente verdade. Porém, a sequência narrativa descreve um discurso de Jesus sobre as consequências do ato de segui-lo. Assim, a afirmação de Pedro não deriva tanto da incapacidade de compreender o destino sofredor do Messias, quanto do medo de ficar envolvido com o seu destino. Essa é uma questão que exige uma decisão radical: o projeto de Deus passa pelo caminho da cruz.

V. 33: Quando Jesus chama Pedro para ser *pescador de homens* (Mc 1.17), a ordem para ele e seu irmão era Δεῦτε ὀπίσω μου (*Vinde após mim*). Agora, a expressão utilizada é {Upage ovpi,sw mou (*Arreda – Cfe ARA*). Trata-se, portanto, de uma similaridade entre as expressões. A diferença está no primeiro termo da ordem: Deu/te = *Vinde / Upage = Vá embora*. Podemos imaginar o profundo sentimento de tristeza de Pedro ao ouvir palavras que apontavam para sua indignidade em ser discípulo do Senhor (pelo menos enquanto pensasse de acordo com Satanás).

Vv. 34-38: Jesus inicia suas palavras com Ei; tij qe,lei (*se alguém quer*). É uma expressão condicional. As condições para seguir a Jesus (ὀπίσω μου) é a autonegação e aceitação da cruz. Porém encontra-se aqui uma impossibilidade do ponto de vista humano, visto que a nossa natureza nos impele ao impulso de autoconservação. Faz-se necessária a intervenção do Espírito Santo.

O tratamento superficial do livre arbítrio o remete à esfera do *poder fazer aquilo que se quer*. Quando se trata de questões espirituais, no entanto, é preciso que se remeta o arbítrio ao nível profundo, que é à esfera do próprio querer. *Pode-se alterar o próprio querer?* É evidente que a resposta é *não*. Quando fazemos uma escolha, é porque a nossa natureza escolhe. O que não podemos escolher é alterar a

nossa natureza. É somente com a manifestação do Espírito Santo que o querer pode ser mudado. Com isso se tornam compreensíveis os paradoxos: quem salva a vida, a perde; quem perde a vida, a salva. Quando o Espírito cria em nós tamanho amor a Jesus a ponto de anular a natureza egoísta e autocentrada, o discípulo pode tomar a cruz e segui-lo na alegria da redenção.

É comum encontrarmos a associação indiscriminada da cruz referida neste texto com doenças, perda de emprego, etc. Porém, a menos que tais eventos estejam associados com as decorrências do testemunho, comete-se uma forte extrapolação do texto. Por outro lado, a pregação hodierna passa ao largo da cruz e da conseqüente negação de si mesmo. A religião torna-se, em processo acelerado, um meio de *afirmação* dos próprios interesses. Não se busca os próprios interesses afastado de Deus; *usa-se* Deus para a satisfação de interesses pessoais. A questão é muito séria, pois o olhar sobre a cruz do discipulado é dirigido ao futuro, ao Filho do Homem que vem na glória do Pai com seus santos anjos como o juiz definitivo.

## SUGESTÃO DE USO HOMILÉTICO

*Assunto: A cruz como aspecto central do discipulado cristão.*

**Objetivo:** Levar os cristãos a buscarem no amor de Jesus a força para a autonegação e a aceitação da cruz.

**Tema:** Aquele que carregou a cruz nos capacita a carregar a nossa.

### **Esboço**

1. O plano da Salvação passa pela cruz de Cristo.
2. O discipulado passa pela cruz do testemunho.
3. A cruz do testemunho passa pela autonegação.
4. A autonegação passa pela transformação operada pelo Espírito Santo.

*Lademir R. Petrich  
Juiz de Fora, MG*

# TRANSFIGURAÇÃO DO SENHOR - ÚLTIMO DOMINGO APÓS EPIFANIA

Salmo 84.1-10; Êxodo 24.4b-18; 2 Pedro 1.16-21 ou  
2 Coríntios 4.6-10; Lucas 9.28-36

**Lc 9.28-36; (Mt 17.1-8); 2Pe 1.16-21**

## INTRODUÇÃO

O último domingo do período de Epifania, a revelação de Jesus. O que aprendemos durante esse período sobre Jesus? Quem é Jesus? É a pergunta que se coloca também para nós, como teste final.

Esta pergunta precede nosso texto. Após três anos de instrução, Jesus pergunta a seus discípulos: "*Quem dizem as multidões que sou eu?*" (v.18). Os discípulos conheciam as respostas da multidão. Também nós conhecemos hoje as muitas respostas que podemos conferir na mídia. Um emaranhado de respostas que colocam em dúvida as afirmações da Bíblia e confundem as pessoas. Jesus coloca uma pergunta ainda mais incisiva diante de seus discípulos: "*Quem dizeis vós que eu sou?*" (v.20).

O apóstolo Pedro respondeu em nome dos discípulos: "*Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo*" (v.20). Ao que Jesus respondeu: "*Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que te revelaram, mas meu Pai, que está nos céus*" (Mateus 16.17).

Após isso, Jesus começou a falar do seu sofrimento e de sua morte de cruz. Os discípulos não entenderam. Jesus deu ainda mais um passo e falou sobre o seu reino aqui na terra e lhes diz: "*Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me*" (v.23). Estes foram os três fatos marcantes que antecederam a transfiguração: a confissão dos discípulos de ser ele o Messias, o anúncio de sua paixão e morte, e a afirmação de que seu reino é um reino sob a cruz.

Mas, apesar da profunda humilhação, de sua morte próxima, e de ser o seu reino um reino sob a cruz, Jesus é o Rei dos reis, Senhor dos senhores, que virá em glória para julgar vivos e mortos. Para fortalecer a confissão dos discípulos, Jesus revela a três deles a sua glória celestial, e isto para fortalecimento também de nossa fé. Vamos contemplar a Transfiguração. 1) A glória da pessoa de Jesus. 2) A missão de Jesus reafirmada por Moisés e Elias, que falam com ele. 3)

A voz do Pai que confirma ser Jesus o seu Filho, a quem devemos ouvir.

## 1. A GLÓRIA DE PESSOA DE JESUS

Nosso texto relata sobre um episódio que aconteceu entre quatro a cinco meses antes da morte de Jesus em Jerusalém, portanto no final do seu ministério de três anos. Era sua despedida da Galiléia.

Após uma semana de árduo trabalho, Jesus se retira para orar. O texto diz: *"Ele subiu ao monte"*. Não diz qual o monte, provavelmente ao monte Hermon<sup>1</sup>, mais ao norte, que tinha uma altitude de 2.796 metros acima do nível do mar. Montes, na Bíblia, são lugares usados, muitas vezes, para o encontro com Deus.

Jesus deixou sete dos seus discípulos ao pé do monte e só levou consigo três deles: Pedro, João e Tiago. Por que só três e por que só estes? Não sabemos. A eles foi dado ver, para que através deles, todos pudéssemos ver.

A subida foi árdua. Após uma caminhada por mais de uma hora, a vegetação terminou. O resto da caminhada era somente entre pedras. Já era noite. E então chegaram ao alto. Ali havia neve, que brilhava branca na luz das estrelas.

Jesus escolheu um lugar para descansar e então se retirou para orar.

Enquanto orava, diz o texto, *"a aparência do seu rosto se transfigurou e suas vestes resplandeceram de brancura"*.

Com estas palavras, o evangelista relata em que consistiu a transfiguração. Sua aparência se transformou. Não no sentido como se ele fosse despir-se de sua natureza humana, aceitando um corpo celestial. Não! Na transfiguração, Jesus permaneceu verdadeira pessoa humana. Assim como ainda hoje, em sua glória, ele é verdadeira pessoa humana, conforme concebido da virgem Maria. A transfiguração consistiu em que seu rosto humano brilhasse e suas roupas resplandessem como alva lã, ou branca neve. De onde veio este resplendor celestial? Marcos afirma que ele se transfigurou diante deles. Esta transformação não veio de fora, mas de dentro dele. A saber, ele deixou sua natureza divina resplandecer. Ele deixou, por alguns mo-

---

<sup>1</sup> A antiga tradição indicava o monte Tabor, mas o historiador Josefus afirma que ali havia uma fortaleza romana, que impedia o acesso ao monte. Por isso concluímos que Jesus subiu no monte Hermon.

mentos, sua humilhação, e resplandeceu em sua glória divina. Ali estava Jesus, verdadeiro Deus, gerado do Pai desde a eternidade e também verdadeiro homem, nascido da virgem Maria. Não é simplesmente um espírito superior ou iluminado, mas verdadeira pessoa, Deus e homem. Nele, afirma o apóstolo, "*residia toda a plenitude da divindade*" (Cl 1.19).

Essa transfiguração aconteceu para firmar os discípulos e todos nós na fé. Em primeiro lugar, era um testemunho para confirmar a confissão de seus discípulos de que Jesus era o verdadeiro e unigênito Filho de Deus, e assim um testemunho para todos nós. Era um prenúncio também de sua glória futura. Um dia, quando o Filho do homem vier sobre as nuvens para julgar vivos e mortos, todos verão a sua glória. Pois os discípulos ainda não tinham clara visão do reino de Deus, conhecimento que receberam somente após ressurreição de Jesus, após o que proclamaram: "*Porque não vos demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas engenhosamente inventadas, mas nós mesmos fomos testemunhas oculares de sua majestade, pois ele recebeu, da parte de Deus Pai, honra e glória, quando pela Glória Excelsa lhe foi enviada a seguinte voz: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo*" (2 Pe 1.16,17).

Esta transfiguração tinha ainda mais um elemento: a presença de Moisés e Elias.

## 2. MOISÉS E ELIAS FALAM COM ELE SOBRE SUA PAIXÃO E MORTE

*"Eis que dois varões falavam com ele, Moisés e Elias. Os quais apareceram em glória e falavam da sua partida, que ele estava para cumprir em Jerusalém."* Eles vieram do céu. Como? Do céu com seus corpos? Sim. Os dois já estavam de corpo e alma glorificados nos céus,<sup>2</sup> de onde vieram para falar com Jesus.

Mas por que esses dois? Não temos outros homens importantes como Noé, Abraão ou outros profetas? Moisés é o representante da lei, que lhe foi entregue no monte Sinai. Elias é o representante dos profetas. E Jesus veio para cumprir a lei e os profetas, como o afirma o próprio Jesus: "*Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir*" (Mateus 5.17). E o apóstolo

---

<sup>2</sup> Sabemos que Moisés faleceu na presença de Deus, que o sepultou (Dt 34). De Judas sabemos que o arcanjo Miguel contendeu com o diabo e disputava a respeito do corpo de Moisés (Jd 9). Sua presença aqui demonstra que Deus o ressuscitou e o levou de corpo e alma ao céu. Elias foi levado vivo ao céu, num carro de fogo (2Rs 2).

lo Paulo afirma: "*Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê*" (Romanos 10.4). Cristo cumpriu toda a exigência da lei em nosso lugar. O profeta Isaías afirma: "*Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados*" (Isaías 53.5).

Os discípulos reconheceram Moisés e Elias, mesmo que Moisés tivesse vivido 1600 antes de Cristo e Elias 900 anos antes.

Lucas relata o conteúdo da conversa: "*E falavam da sua partida, que ele estava para cumprir em Jerusalém*" (Lc 9.31), a saber, sobre seu sofrer e morrer. O que Moisés ordenou e os profetas anunciaram, que ele sofreria em Jerusalém. Sobre isso conversavam na glória celestial, para assim triunfar sobre todos os poderes das trevas.

Pedro estava tão impressionado e disse: "*Mestre, bom é estarmos aqui; então façamos três tendas [...] não sabendo, porém, o que dizia*" (v.33). Eles se sentiram no céu, mas só por um momento. Jesus prometeu aos seus: "*Quero que onde eu estou estejam também os que me deste*". E o apóstolo João afirma: "*Amados, agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é*" (1 João 3.2).

Diante disso não queremos vacilar na fé, nem nos deixar confundir com as muitas e falsas afirmações da mídia sobre Cristo. Ele é o verdadeiro e unigênito Filho de Deus, único e suficiente Salvador da humanidade para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. E o próprio Deus Pai o confirmou.

### **3. O PAI CONFIRMA SEU FILHO**

*"Enquanto assim falava, veio uma nuvem e os envolveu; e encheram-se de medo ao entrarem na nuvem. E dela veio uma voz, dizendo: Este é o meu Filho, o meu eleito; a ele ouvi"* (Lucas 9.34-35). "*Falava ele ainda, quando uma nuvem luminosa os envolveu; e eis, vindo da nuvem, uma voz que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi. Ouvindo-a os discípulos, caíram de bruços, tomados de grande medo* (Mateus 17.5-6).

Temos aqui três afirmações importantes. As palavras que eles ouviram revelaram glória ainda maior daquela que viram.

a) *Este é meu Filho amado.* - Uma voz do céu que Ihes revelava ser este Jesus o Filho amado de Deus.

b) *Em quem Deus se apraz,* em quem Deus tem prazer, por ele cumprir a vontade do Pai e salvar a humanidade.

c) *A ele ouvi.* Uma ordem expressa para que demos ouvidos ao que Jesus tem a dizer. Ele nos fala hoje por sua palavra, a Bíblia. Esta Palavra devemos ler, nela devemos meditar, esta devemos proclamar.

Esta voz, tão clara e precisa, foi mais gloriosa do que a visão. Os discípulos "*caíram de bruços, tomados de grande medo*". Este temor faz parte do verdadeiro culto a Deus. E não levantaram os olhos antes de serem chamados por Jesus. E quando abriram os olhos, não viram mais ninguém, a não ser Jesus, na sua forma e aparência humilde, de simples pessoa humana. Assim tinha que ser para que ele pudesse voltar e cumprir a sua missão.

Eles não deveriam contar isso a ninguém até o dia em que ele ressuscitaria dos mortos, pois não compreenderiam.

Esta história da transfiguração visa firmar-nos na fé. Quantas vezes somos assolados por dúvidas. Será verdade? Há vida após a morte? Como será a eternidade? Eis aqui uma palavra clara e firme em que podemos ancorar e firmar nossa fé. Ela nos dá plena certeza. Aqui na terra não nos é dado ver a glória de Jesus, mas nós a vemos por fé. Na eternidade veremos sua glória, tal como ela é revelada aqui. Bem-aventurados os que dão ouvidos à voz do Pai, e atenção às palavras de Jesus, estes verão Jesus em glória.

Desta glória de Jesus queremos cantar nos cultos, falar em meio a nossa família, testemunhar para com os de fora. Que Deus nos dê força e sabedoria para tanto até que ele venha em glória. Amém.

*Horst R. Kuchenbecker*  
*São Leopoldo, RS*

# Quarta-feira de Cinzas

Salmo 51.1-13, Isaías 59.12-20, 2 Coríntios 5.19-6.2, Mateus 11.20-30

## Mateus 11.20-30

### VINDE A MIM

A quarta-feira de Cinzas marca ao início da Quaresma. O período contempla a via dolorosa de Cristo, a sua entrada em Jerusalém e sua coroação como “Rei dos Judeus” no alto do Gólgota. Ele caracteriza-se pelo arrependimento e, acima de tudo, pelo entregar a Cristo o que pesa no coração, deixando-o seguir livre esse seu caminho até a cruz. As cinzas, entretanto, são apenas o início. Deus nos leva até elas e delas cria algo novo, revelando aos pequeninos que a vida deles não será apenas cansaço e cargas, mas haverá um período de descanso e alívio.

Davi traduz isso no Salmo 51, quando pede para que lhe seja criado um coração puro. Reconhecer o erro é saudável, ainda mais quando se tem como ajudador o Deus que pode certamente criar um coração puro (v.10), que revela sua boa vontade através do seu Filho e por meio dele faz essa magnífica oferta, de dar alívio e descanso.

### A NARRATIVA

Há no capítulo 11 uma grande busca pela identidade dos personagens. João pergunta se Jesus é aquele que estava para vir (v.2); Jesus fala a respeito de quem era realmente João (v.14); as cidades ignoraram os milagres realizados nela pelo Filho do Homem (vv.20-24), que, na verdade, recebeu tudo do Pai, conhece o Pai e pode revelar quem o Pai a quem ele quiser (v.27). E, finalmente, Jesus também estabelece a identidade daqueles a quem ele quer dar descanso, qualificando-os como cansados e sobrecarregados.

De forma especial, as obras de Cristo falam por si mesmas, de forma que João recebe a confirmação de que a realidade do reino dos céus se concretiza em Jesus (11.1-6) e de que por meio “destas coisas” é conhecido o plano de Deus. Mas nem todos receberam essa revelação, tal como aquelas cidades nas quais foram operados muitos milagres. Corazim, Betsaida e Cafarnaum são cidades da região da Galiléia onde Jesus ensinou, pregou e curou toda sorte de doenças e enfermidades (8.5-13; 9.1-8; etc.). A *geração* para a qual Jesus



fala não reconheceu que João Batista era o Elias que estava por vir, nem acreditaram que Jesus, que comia com pecadores e publicanos, pudesse ser o Cristo de Deus.

O reino dos céus se apresentou de uma forma incompreensível. Deus revelou a sua vontade numa abordagem prática, fazendo com que a realidade desfeita do Éden voltasse a ser possível. É uma realidade para a qual o homem somente tem acesso se for levado até ele. Por outro lado, é digno de nota o fato de que essa nova realidade não elimina – “ainda não elimina” – a realidade atual, mas já projeta um novo sentido e ordem, onde pode ser esperada a revelação de muitas “coisas”, tais como aquelas onde os cegos vêem, os coxos andam, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados e o evangelho é pregado aos pobres (11.5). A realidade da pregação do evangelho figura entre estas várias “coisas” realizadas por Jesus.

“Estas coisas” querem revelar o reino dos céus e aquele que tornou o reino visível no mundo. Por meio delas, Jesus, a quem tudo foi entregue, quer revelar o Pai, e em viva voz convida aqueles se acham curvados pelo peso das culpas, que eles mesmos alimentam em suas vidas ou que são alimentadas por outras pessoas, mais “sábias” talvez. Os “pequenos” foram agraciados, pois ouvem Jesus dizer “Vinde a mim”, e, por conseguinte, ouvem também o Pai a sorrir e se alegrar, pois a sua forma de salvar realmente funciona, traz resultado e lhe agrada muito.

A razão pela qual em Jesus existe alívio e descanso é porque o seu jugo é suave, e o seu fardo é leve. Estes dois adjetivos sublinham que essa oferta feita por Jesus é, de certa forma, desigual e injusta, pois ele quer ficar com aquilo que causa cansaço e sobrecarrega, e, por outro lado, quer dar o que é leve e suave.

Jesus quer atrair as pessoas carinhosamente para si. Diante da sabedoria do mundo, Deus coloca a humanidade de Cristo e a sua cruz como sabedoria divina. Ele vem “manso e humilde de coração”, assumindo a “forma de servo, tornando-se a semelhança de homens” (Fp 2.7). Deus quer estar tão próximo, tão humilde, tão prestativo e cheio de vontade de levar as cargas. Simplesmente vem do alto, até nós. Ele que recebeu tudo do Pai, que conhece o Pai, e que é conhecido do Pai, vem para restaurar a criação e torná-la novamente perfeita.

Alguns poderão acreditar que a Palavra de Deus não é sinal suficiente da presença do Reino dos céus e ficarão à espera de sinais maiores, como milagres, dons extraordinários, vida cheia de prosperidade. Entretanto, o sinal de Deus é o seu Evangelho em Cristo Jesus, por meio do qual perdoa os pecados, alivia as cargas e diz que já

está tudo resolvido. Paulo disse que aprova a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação (1 Co 1.21) e que a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus (1 Co 1.18). Outra forma não há. Elevar-se até ao céu por conta própria sempre pode ser uma saída, entretanto, Jesus torna as coisas claras e diretas, pelo menos para Cafarnaum, que pretendia seguir esse rumo: Descerás até ao inferno. No fim das contas, estar cansado pode se revelar em boa coisa. Deus age nos contrários. Quem está cansado já não se esforça muito, nem se importa que outro faça o trabalho por ele.

Nesse sentido, a quarta-feira de Cinzas é um dia para a comunidade se reunir e carregar as cargas uns dos outros, acompanhar e ser acompanhado por outros diante do pecado, reconhecer a humanidade do irmão e juntar-se a Davi: "Cria em mim, ó Deus, um coração puro [...]" O convite de Jesus coloca uma nova perspectiva diante das pessoas e permite que elas ocupem suas vidas com aquilo que realmente interessa: permite que elas sejam criaturas de Deus colocadas como coroa da criação divina. A preocupação agora se volta para as coisas daqui de baixo, para as pessoas, para a vida, para a família, para os amigos, etc. A preocupação com as coisas do alto foram resolvidas por Jesus.

Dietrich Bonhoeffer uma vez afirmou que alguém que confessa seus pecados na presença de um irmão sabe que já não está sozinho consigo mesmo (*Live together*, trans. John W. Doberstein, NY: Harper and Row, 1954, p. 116). Estar acompanhado no pecado e ser aliviado da culpa é, sem dúvida, uma grande bênção para todas as pessoas. É como fazer com que as cinzas tornem a ter vida, ou como receber um novo coração.

Deus nos leva até as cinzas, mas não nos deixará lá. Em Cristo ele já mostrou e continua a mostrar numerosos sinais do tipo de descanso que pretende dar a todas as pessoas.

## SUGESTÃO DE TEMA E PARTES

Vinde a mim

### 1. *Cansados e sobrecarregados*

- O que está a tornar as pessoas cansadas?
- Quais as cargas que as pessoas precisam carregar? São cargas impostas por elas mesmas ou por outra pessoa?
- Cansados dos sábios, que "sabem" como viver corretamente.

### 2. *E eu vos aliviarei*

- Os sinais revelam quem Jesus é.

- “Tudo me foi entregue por meu Pai”.
- “Meu jugo é suave, e o meu fardo é leve”
- Cansados, mas não sozinhos.

*Clécio L. Schadech*  
*Angra do Heroísmo, Açores – Portugal*

# PRIMEIRO DOMNGO NA QUARESMA

*Invocavit*

Salmo 91.9-16, Gênesis 3.1-19, Hebreus 4.14-16, Mateus 4.1-11

## Mateus 4.1-11

### CONTEXTO

Jesus iniciou o seu ministério público quando foi batizado (vv. 13-17), então foi levado pelo Espírito Santo ao deserto para ser tentado pelo diabo. O Pai leva o Filho através do Espírito Santo para ser tentado, não é o diabo que vai até Jesus. A tentação faz parte do plano de Deus! O diabo seduziu o primeiro Adão, agora tenta seduzir o segundo Adão, o Messias prometido, o Servo sofredor. Sozinho, ou melhor, com os nossos pecados, com as nossas tentações, Jesus precisava enfrentar e vencer a tentação do diabo.

### ÊNFASES

Vv. 1 e 2: A confrontação com o diabo veio da vontade de Deus, não de qualquer iniciativa do diabo. Os “quarenta dias e quarenta noites” fazem ecoar alguns episódios do Antigo Testamento: depois de atravessar o Mar Vermelho, antes de entrar na terra de Canã, o povo de Israel peregrinou por quarenta anos no deserto (Nm 14.26-38); Moisés estava com Deus no Monte Sinai por quarenta dias (Êx 24.18); e Elias foi alimentado por Deus, tendo força suficiente para caminhar quarenta dias e quarenta noites até Horete (1 Rs 19.8).

Vv. 3 e 4 (**primeira tentação**): O diabo, além de ser o pai da mentira, também é da dúvida. Pode-se dizer que é o melhor professor de gramática especializado em conjunção, especialmente as adversativas: “mas, porém, contudo, todavia, etc.”. Ele quer implantar a idéia de que Jesus foi abandonado pelo Pai, por estar passando fome. Ele começa o ataque pelo mais simples e básico, a necessidade física de se alimentar.

Jesus responde citado Deuterônimo 8.3, quando Moisés exorta o povo para que não se esqueça de Deus a partir de suas ações no passado. Na aflição, a existência humana depende exclusivamente de Deus. Por mais que o diabo queira levar Jesus à dúvida e ao desespero, Cristo olha para trás e se lembra de sua dependência de Deus: “Durante quarenta dias o meu Pai tem me conservado com

vida, mesmo sem pão. Vou continuar confiando Nele. Eu não preciso fazer milagres para provar que sou seu Filho, pois Ele me falou e a essa Palavra que me apego: 'Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.'" (Mt 3.17).

Vv. 5-7 (**segunda tentação**): Do deserto para o lugar mais alto do Templo (pináculo). Novamente o diabo desafia Jesus quanto à sua filiação, e agora, citando fora do contexto o Salmo 91.11-12, quando Deus convida para confiar Nele, o único refúgio seguro nos perigos.

Jesus responde citando o livro de Deuteronômio 6.16, do episódio ocorrido em Massá e Meribá (Êx 17.1-7 e Nm 20.1-13), quando o povo estava sem água e reclamava de Deus, lembrando saudosamente do Egito. Moisés bateu com seu bastão na rocha por duas vezes. E juntamente com Arão, receberam a sentença que não ingressariam na Terra Prometida, pois tentaram Deus.

Após tentar a partir de uma necessidade física, o diabo agora tenta Jesus com um fator emocional: o orgulho. Para que fosse visto e aclamado como o Messias político e fazendo com que Deus tivesse a obrigação de proteger quando voluntariamente se põe em situação de perigo, convida-o para se jogar do alto do Templo.

Vv. 8-10 (**terceira tentação**): Na última tentação, o diabo levou Jesus para lhe mostrar os reinos do mundo e suas grandezas. Tudo seria entregue a Jesus em troca de uma "pequena" ação: adorar o diabo. Que baita mentira! Jesus é o verdadeiro Rei deste Universo, estando presente na criação. Neste último ataque, o diabo usou todas as suas forças. Ele atacou o lado espiritual do ser humano. E Jesus cita novamente Deuteronômio 6.13, ou seja, o Primeiro Mandamento.

V. 11: Depois de uma derrota vergonhosa, o diabo vai embora e os anjos de Deus vêm e servem Jesus. Isso não quer dizer que o diabo desistiu e parou. Diversas vezes no ministério de Jesus ele se utilizou dos próprios discípulos para tentar Jesus. Mas com certeza estas três tentações foram as mais terríveis e decisivas. Se tivesse cedido, a obra da salvação estaria cancelada. O diabo triunfou sobre o primeiro Adão, mas foi vencido pelo segundo Adão: Jesus, o Deus-homem, o Servo sofredor.

## PARALELOS

Antes de tentar traçar alguns pontos de contato, é interessante responder esta pergunta: "O que é tentação?" A resposta pode ser: Quando me afasto de Deus e vivo para mim mesmo, ou seja, quando deixo Deus e a fé de lado e, também, quando não tenho amor pelo

próximo, mas sou extremamente egoísta.

A primeira tentação era satisfazer imediatamente a fome. Hoje a tentação como comunhão dos santos é querer resolver os problemas sociais: fome, desigualdade social, violência... Não que devamos fechar os olhos para isso, a igreja tem seu caráter profético e precisa denunciar e expor isso. Mas tais problemas são uma tentação quando o principal objetivo da igreja é querer satisfazer as necessidades físicas das pessoas, ao invés de compartilhar a Palavra que procede da boca de Deus. Por outro lado, o consumismo desenfreado dos nossos tempos é tentador, a "necessidade" de querer sempre mais, e isso acarreta em fazer dívidas e passar por dificuldades financeiras, em trabalhar mais para pagar as contas e, talvez, a própria falta de gratidão.

A segunda tentação era estabelecer um Messias político, que logo seria aceito e reconhecido numa aparição alucinante. Hoje a tentação é pôr Deus à prova e determinar a sua ação e, também, distorcer a Palavra de Deus para justificar ações.

A terceira tentação era um convite para Jesus ter o poder de forma imediata, contrária à vontade de Deus, que estabelecera o sofrimento do Messias (Is 53) e então a glória. O diabo veio oferecer um atalho. Hoje a tentação do poder e do reconhecimento encanta os olhos humanos. O fato da igreja, seja a estrutura ou os santos, se vangloriar, ser reconhecida e aplaudida é querer a glória e não a cruz de Cristo. Com isso se esquece que a glória é algo que Deus dará à igreja na segunda vinda de Cristo.

## SUGESTÃO DE USO HOMILÉTICO

**Tema:** Jesus vence as tentações do diabo

## INTRODUÇÃO

A sugestão é contar uma estória com muitos detalhes sobre uma tentação específica (exemplo: a tentação de contar uma mentira para dar uma desculpa).

## FATO

A tentação faz parte da vida cristã, quem é cristão é tentado, está sob a cruz de Cristo. A tentação quer me convidar a me afastar de Deus e ficar cercado com os meus desejos egoístas e pecaminosos.

## **TRANSIÇÃO**

Mas é preciso lutar para não ceder, pois o diabo anda como um leão procurando alguém para devorar. O cristão sozinho não é capaz de resistir e vencer.

## **TEXTO**

Jesus venceu as tentações do diabo. Na primeira, confiou em Deus. Na segunda, não tentou a Deus. Na terceira, obedeceu a Deus.

## **LEITURAS DO DOMINGO**

O primeiro casal foi tentado e caiu (Gn 3.1-19), mas Deus promete estar presente nas horas de angústia e aflição (Sl 91.15 - pode-se notar isso na pergunta de Gn 3.9). E o melhor de tudo, temos um Sumo-Sacerdote que foi tentado como nós e podemos nos aproximar a Ele para receber misericórdia e graça sempre que precisarmos de ajuda (Hb 4.14-16).

## **CONCLUSÃO**

Jesus não somente venceu as tentações do diabo, mas vence toda vez que buscamos amparo e socorro em Jesus e na Palavra de Deus: "Pois, naquilo que ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados" (Hb 2.18).

*Marcos Jair Fester  
São Leopoldo, RS*

# SEGUNDO DOMINGO NA QUARESMA

*Reminiscere*

Salmo 27.7-14; Isaías 5.1-7; Romanos 5.6-11; Marcos 12.1-12

## Marcos 12.1-12

### CONTEXTO

A parábola dos lavradores maus foi contada por Jesus com o objetivo de questionar e dar uma resposta aos líderes religiosos de sua época (principais sacerdotes, anciãos, escribas, fariseus, herodianos, etc.), os quais lhe perguntaram: "Com que autoridade fazes estas coisas?" Ou "quem te deu tal autoridade para as fazeres?". Ela foi contada naqueles difíceis dias em que Jesus esteve em Jerusalém e enfrentou de frente seus opositores com palavras (parábolas e outros ensinamentos) e atos (a purificação do templo). Jesus está mostrando que a religiosidade fundamentada apenas em cerimônias e tradições não agrada a Deus. Deus espera mais, espera frutos. Sabemos que a dureza de coração não permitiu que líderes e o povo compreendessem a mensagem de Jesus e, conseqüentemente, Jesus foi condenado e morto por eles.

### TEXTO

Um fato importante nesta parábola é que o dono da vinha tomou todas as providências necessárias para que ela produzisse os frutos esperados (v.1).

- "**plantou uma vinha**": Aquelas parreiras não eram fruto do acaso, haviam sido devidamente escolhidas e plantadas. Assim como nós cristãos fomos trazidos para Deus através do santo Batismo (1 Pe 2.10). Fomos tirados das trevas e levados para o reino da sua maravilhosa luz.

- "**cercou-a de uma sebe**": A cerca serve para dar segurança, proteção; serve também para demonstrar que a vinha tem dono, é propriedade de alguém. A igreja é propriedade de Cristo e é guardada e protegida por ele. O seu proprietário tem metas e objetivos para ela (1 Pe 2.9).

- "**construiu um lagar**": Uma espécie de oficina que continha todos os equipamentos necessários para a fabricação do vinho. Mostra que o produto final esperado era o vinho, em abundância e com boa



qualidade. A igreja também tem todos os recursos necessários para realizar a obra que Deus espera dela. Os meios da graça (Palavra, Batismo e Santa Ceia) e o Ofício das Chaves são as ferramentas que a igreja necessita para seu trabalho. Além disso, Deus dá uma infinidade de dons e habilidades para seus filhos visando a um trabalho eficiente.

- **"edificou uma torre"**: Mostra que a vinha não ficaria abandonada, seria vigiada constantemente. Lembra as palavras do SI 34.15: "Os olhos do Senhor repousam sobre os justos..."

- **"arrendou-a a uns lavradores"**: A vinha não mudou de proprietário, não foi vendida, não foi doada, mas arrendada. A igreja pertence a Cristo. Ela apenas foi confiada a nós para que cuidemos dela.

- **"ausentou-se do país"**: Refere-se ao retorno de Cristo ao céu, quando ele se afastou fisicamente, por um tempo, da sua igreja. Mas Ele retornará para reaver o que lhe pertence.

O texto do AT, Is 5.1-7, acrescenta ainda outros detalhes no que diz respeito às providências tomadas pelo dono da vinha:

- Ele a plantou num "outeiro fertilíssimo"; afofou a terra; "limpou-a das pedras"; "a plantou de vides escolhidas".

Enfim, todas as providências foram tomadas para que a vinha produzisse muitos frutos, e de boa qualidade.

Outro fato importante é a persistência do dono da vinha na busca pelos frutos esperados por ele.

- "enviou um servo" (v.2). "De novo, lhes enviou outro servo" (v. 4). "Ainda outro lhes mandou" (v.5). "Muitos outros lhes enviou". Refere-se aos profetas que foram enviados ao longo do AT, os quais foram desprezados, maltratados e alguns até mortos pelo povo de Israel. "Restava-lhe ainda um, seu filho amado; a este lhes enviou". Mostra o quanto Deus insiste em bater em nossa porta com o intuito de nos regenerar e nos capacitar para que produzamos os frutos dignos do arrependimento.

Chama atenção também a dureza de coração dos lavradores que reagiram de forma negativa a todas as tentativas do dono da vinha.

A parábola deixa bem clara a consequência das atitudes dos lavradores: o dono da vinha "virá, exterminará aqueles lavradores e passará a vinha a outros" (v. 9). A oferta da salvação seria oferecida aos gentios, uma vez que os judeus a desprezaram. A citação do SI 118.22,23 comprova essa verdade.

Os líderes religiosos entenderam que esta parábola fora profetizada contra eles. A carapuça lhes serviu perfeitamente. Temendo a reação do povo, desistiram e se retiraram da presença de Jesus, pois sua intenção era prendê-lo e condená-lo à morte.

## **APLICAÇÃO HOMILÉTICA**

A reflexão sobre este texto deve nos levar a questionar e reavaliar a nossa religiosidade, nossa vida cristã diária, nossos frutos, nossas obras. Será que nossa religiosidade também não se restringe apenas a cerimônias, ritos e tradições? Até que ponto nossa fé pode ser percebida através de nossas boas ações? E se as estamos produzindo, são compatíveis e proporcionais a tudo aquilo que Deus tem feito por nós em Cristo Jesus?

Por outro lado, essa reflexão também deve nos assegurar que Deus, através dos meios da graça, continua providenciando tudo que é necessário para que possamos viver a nossa vida cristã de forma agradável a ele e vivamos eternamente na sua presença.

## **PROPOSTA HOMILÉTICA**

**Tema:** Deus tem o direito de exigir que produzamos muitos frutos

I – Porque pertencemos a Ele

II – Porque Ele nos dá todos os recursos necessários

III – Porque Ele tem metas e objetivos bem definidos para a sua igreja.

*Geraldo Walmir Schüler*  
*Cacoal, RO*

# TERCEIRO DOMINGO NA QUARESMA

*Oculi*

Salmo 90.1-12, Jeremias 20.7-12, Romanos 12.1-12 ou  
Efésios 5.1-2, 6-9, Lucas 9.51-62

## Lucas 9.51-62

**NB.** O estudo enfoca o tema: *Decisão*. Tratar dele no “terreno eivado de inço” do *apelo à decisão*, exige clareza de que na conversão o Espírito Santo age “onde e quando quer”. Mas, também, tratar o discipulado evitando a “graça barata” (Bonhöffer). Esse “desafio” teológico se aproxima do “desafio evangélico” que Jesus apresenta no convite: “Segue-me!” (ARA); “Venha comigo” (NTLH).

### CONTEXTO

a) *Histórico* – Jesus, acompanhado dos discípulos, inicia a caminhada para Jerusalém. Os evangelhos sinóticos relatam uma única visita. João menciona três visitas. Lucas faz a ponte ao relatar (9.51-19.27) o que aconteceu entre essas três visitas (9.51; 13.22; 17.11; 18.31). É momento crucial, final, de seu ministério. O fato de a obra da salvação estar sendo agora concluída tem de ser levado em conta para entender a atitude de Jesus nos episódios relatados no texto.

b) *Bíblico-Litúrgico* – Estamos no início da Quaresma. Outra vez vamos caminhar, seguir e acompanhar Jesus até Jerusalém, em sua agonia, morte e ressurreição. No contexto se encontra a primeira referência de Jesus a este respeito (Lc 9.22-27).

c) *Atualização* – A Quaresma e, especialmente, o texto, são excelente oportunidade para nos “identificarmos” com os discípulos e os três “pré-candidatos” e perceber quanto podemos estar longe de vivenciar o discipulado de Jesus. E, para o assumirmos mais conscientes daquilo que ele envolve.

### O TEXTO E A PROPOSTA HOMILÉTICA

O texto (9.51a: “se completarem os dias... ele ser *assunto*”) refere-se à crucificação, ressurreição e ascensão, e expressa que Jesus tem clara consciência do propósito da ida a Jerusalém. “Manifestar no semblante a intrépida resolução de ir a Jerusalém” expressa sua firme determinação de realizar o plano da salvação (9.51,53); envolve,

para Jesus (e seus discípulos), entregar a vida a Deus em serviço sacrificial. Quase se pode dizer que “estava na cara” (de Jesus) que não se deixaria demover de seu propósito. Com essa “disposição/decisão” de Jesus contrastam fortemente as atitudes de Tiago e João e dos “pré-candidatos” a discípulo (cf. Mt 8.18-22).

A *Introdução* abordará essa questão. E colocará o *tema*: **Seguir a Jesus é uma decisão sábia** *que...* só pode ser tomada na graça de Deus e no “espírito de Cristo” (9.55b ARA). Já as atitudes de Tiago e João, e dos três “pré-candidatos” evidenciam que decisões tomadas a partir do entendimento, da vontade e de sentimentos meramente humanos, não iluminados pela graça e o Espírito, sempre estarão em conflito com a vontade e o propósito de Deus para a vida do cristão!

1) *...é tomada face ao convite de Jesus*. Ele oferece aos samaritanos a oportunidade de ouvir a sua palavra e receber a manifestação de sua presença graciosa. Mas o preconceito e o ódio prevalecente entre judeus e samaritanos se torna impedimento para que o recebam. Pois não entendiam o porquê da ida de Jesus a Jerusalém. – Assim se dá com todos os que desconhecem o evangelho.

Mesmo rejeitado, Jesus continua, no tempo da graça, a oferecer seu perdão e a salvação. E a enviar seus mensageiros (9.52; 10.1-3). Vemos o resultado do trabalho de Filipe e dos apóstolos (At 8).

2) *...representa assumir o discipulado e visa à salvação do próximo*. Discípulos, mesmo fortemente admoestados contra o ódio e o preconceito, não são imunes a eles. Pior, podem se desviar por orgulho e falso senso de justiça, como Tiago e João. Há pouco (9.46-48), discutiam quem era o mais importante. Não admira se sentirem desprestigiados pela recusa dos samaritanos de os acolherem. – Qual é ou seria a nossa reação?

Sua reação resulta de espírito “legalista”! – Discipulado não é alguma manifestação exterior de “evidências” ou demonstrações de poder! Começa pela conversão; se mostra na atitude de receber crianças em nome de Jesus – por isso são repreendidos por Jesus. Mais, são encorajados a assumir o “espírito do evangelho” nas palavras: “o Filho do Homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las” (9. 56 ARA).

O discípulo quer ser lembrado que recebeu pela graça de Deus em Cristo o privilégio imerecido de ter sido chamado, separado para entregar sua vida em serviço sacrificial. Pois, pela fé, já recebeu o “direito” à herança eterna, e nela foi selado com o Espírito Santo e seus dons.

3) *...é da iniciativa de Cristo e leva à renúncia pessoal ao conforto e aos bens materiais*. O primeiro pré-candidato é um escriba (mestre da

lei; Mt 8.19). A praxe entre os judeus era que quem buscava o conhecimento da lei, escolhesse quem queria ter por mestre (rabi). Jesus quebrou esse paradigma. Seu modo de escolher discípulos demonstra que o seu critério é a graça! Não o "*aliquid in homine*".

Candidatos "qualificados" como o escriba não podem ver nisso algo que "justifique" a sua escolha. Cada um e todos eles, inclusive publicanos e Judas Iscariotes, provam em e com Cristo o evangelho em pessoa! Jesus se manifestou a eles todos como "a salvação de Israel e o prometido às nações".

Ao contrário dos rabis e fariseus, não apregoava a prática de usos e costumes ou regras de obediência. Anunciava, sim, o arrependimento e o reino de Deus (Lc 24.45-48). Em Cristo tinham tudo! Sem ele, nada tinham! Na sua morte não se "consolaram que ainda tinham o ensino de Cristo". Só o Cristo ressuscitado, presente e atuante em suas vidas os encheu de fé, alegria e esperança.

O discipulado implica, sim, uma luta sem trégua contra a natureza pecaminosa e mundana (Lc 9.23-28). A renúncia, o abrir mão até do que não é pecaminoso, em benefício do reino de Deus (9. 58). – Discipulado não é a prática do ascetismo; é "identificação" com Cristo (9.58b)!

4) ...é *pessoal, intransferível, urgente, inquestionável, incondicional*. A decisão se dá como consequência de se ter recebido a fé em Jesus! O convite de Jesus é "convocação soberana", de poder e autoridade divina, que requisita para ele a nossa vida em sua integralidade.

O gracioso amor de Deus é que cria a "pessoa amável", pois, do contrário, não haveria quem Deus fosse amar. É a intervenção de uma vontade tão real, superior e amorosa, quanto é incondicional, inquestionável e inesquecível! Esse imperioso confisco é prerrogativa exclusiva de Deus.

Ela não vem da força da lei. É reivindicação pessoal e graciosa para nos colocar na comunhão do reino de Deus, na real ação da graça divina. A decisão de "aceitar o convite" é um deixar-se levar pelos braços protetores do Pai. Pois capacita a quem o recebe a aceitá-lo, pois cria a fé no coração. Fé marcada, moldada desde o seu início para agir em amor e com alegria.

Nenhum discípulo é impelido à *decisão* por algum artifício humano que o leve a "aceitar" o convite! Jesus não manipulou emocional ou psicologicamente as pessoas. Não se aproveitou de momentos em que estivessem fragilizados, muito entusiasmados ou dominados pelo desespero (Jo 15.16).

Só tal convite cria implícita, imediata obediência; entrega total, irrestrita devoção, integral e incondicional dedicação envolvidas no

"*seguir*". O convite e o dever nele implícito de ir, pregar e propagar o reino da vida tem precedência sobre a morte e os mortos. Nem mesmo o que a "piedade judaica" exigia em relação a providenciar o sepultamento ou às relações familiares é impedimento que justifique adiar/impedir o "*seguir*" a Jesus. Ele é maior do que o templo e o seu serviço requer do discípulo a singular devoção que a lei cerimonial exigia apenas do sumo-sacerdote (Lv 21.11,12) e os nazireus (Nm 6.7).

*Breno C. Thomé*  
*Estância Velha, RS*

# QUARTO DOMINGO NA QUARESMA

*Laetare*

Salmo 146, Isaías 55.1-7, Atos 2.41a, 42-47, João 6.1-14(15)

## **João 6.1-14(15)**

### **JESUS MULTIPLICA PÃES E PEIXES E ALIMENTA UMA MULTIDÃO**

Optar pelo título evidencia o enfoque dado ao texto. Ao falarmos que “Jesus multiplica pães e peixes”, a ênfase maior está sobre sua qualidade divina de realizar milagres, a certeza de que aquele homem era também Deus, o único capaz de tal feito. Escolhendo ‘Jesus alimenta uma multidão’, como faz NTLH, o direcionamento vai para o ato de preocupar-se com as pessoas, o gesto ‘de ação social’, poderíamos dizer. O mestre se compadece daquelas pessoas e, além da comunidade para o coração, resolve também dar-lhes comida para o corpo. O cuidado integral com o ser humano.

Unindo as duas ênfases, vemos alguém detentor de grande poder, mas que se preocupa em utilizá-los não para um show particular, mas para o benefício do próximo. Foi um evento único este, tanto que é um dos únicos milagres de Jesus relatados pelos quatro evangelistas.

V. 2: “por causa dos milagres...”. O motivo de tanta gente seguir a Cristo era o que tinham visto ele fazer. Mas Jesus faz questão de primeiramente ensinar o que eles precisavam crer. Os milagres eram meios para um fim.

V. 9: “Está aqui um menino que tem [...]”. Dá para imaginar o que foi o dia daquele garoto? Sai de casa com cinco pães e dois peixes para ter o que comer. Talvez para jogar futebol, sair com os amigos, nadar um pouco. E talvez por acaso, talvez não, acaba no meio da multidão que ouvia a Jesus. De repente aquela sua bolsa com um conteúdo tão comum torna-se o centro de um dos maiores milagres de Jesus. Em um dia que seria ordinário, o extraordinário realizado pelo Toque de Cristo o faz entrar para a história.

Quando pensamos que um dia é só mais um dia, Deus pode mudar tudo, utilizando exatamente aquilo que está ao nosso alcance. E de repente um dia comum entra para nossa história de vida pela ação de Jesus Cristo em nossa vida.

V. 11: “Em seguida, Jesus pegou os pães”. Nas mãos do menino,

eram apenas cinco pães e dois peixes. Nas mãos dos discípulos, esta realidade não mudaria. Nas mãos de Jesus, entretanto, tornou-se alimento para uma multidão.

Quando a dificuldade é colocada nas mãos certas, é aí que tem chance de receber uma alternativa, uma solução. Se os discípulos insistissem em resolverem sozinhos, é possível que não chegassem nunca a um bom resultado.

Principalmente porque nossa maior dificuldade, o pecado e o afastamento de Deus, as mãos de Jesus perfuradas por pregos já resolveram, eliminaram. Temos acesso ao Pai, para sermos amparados por suas mãos e guiados pelo seu cuidar.

Nas mãos de Deus aquilo que julgamos pouco pode ser muito. Há momentos em que podemos pensar que o que temos é muito pouco para ser de alguma serventia. "Tenho apenas cinco pães dois peixes de voz, de força, de criatividade, de vontade, de serviço, enfim, de dons...". E desistimos de enfrentar os desafios missionários. Quando colocamos nas mãos de Deus, ele é capaz de amplificar o que temos e somos de uma maneira tão inacreditável, que poderemos ficar surpresos com o número de pessoas que poderão ser alimentadas com sua palavra através de nosso servir.

## **SUGESTÃO HOMILÉTICA E TÓPICOS PARA SEREM DESENVOLVIDOS**

**Tema:** Nas mãos certas

### **INTRODUÇÃO**

*(O pregador traz alguns objetos que vai segurar nas mãos. Sugestão: bola de basquete, martelo, pedaço de couro, tinta e pincel.)*

Tenho aqui vários objetos que podem ser utilizados para boas finalidades. Mas para isso, dependem das mãos que os seguram. Qual a diferença de

- uma bola de basquete nas minhas mãos e nas do Oscar?
- Um martelo nas minhas mãos e nas mãos de um marceneiro?
- pedaço de couro nas minhas mãos e nas de um sapateiro?
- tinta e pincel, nas minhas mãos e nas mãos de um artista?

Dependendo das mãos que os seguram, a diferença é grande.

Na história do evangelho de hoje, também as mãos fizeram toda a diferença



## 1. PÃES E PEIXES NAS MÃOS DE JESUS

- Aquele foi um dia especial para aquele menino.
- O mesmo Toque de Cristo está perto também de nossos dias que parecem comuns, cinzentos, nublados...
- Nas mãos do menino ou dos discípulos, continuariam a ser 5 pães e 2 peixes. Nas mãos de Jesus, tudo mudou.
- Nossa situação de vida é parecida. Se dependêssemos somente de nossas mãos, estaríamos perdidos e condenados. Entretanto, nas mãos de Jesus, temos salvação, perdão, vida (*mostrar dois pregos*). Aliás, estes são dois outros objetos em que as mãos fazem diferença. Nas minhas, podem representar talvez duas tábuas juntas. Nas mãos de Jesus, pregos lembram a salvação do mundo inteiro.

## 2. TODA NOSSA VIDA NAS MÃOS DE JESUS

- Nas mãos de quem estão nossos problemas e preocupações? Do banco, da financeira, da loja, da concessionária, do amigo, de alguma pessoa?...O Salmo 146.3 nos lembra: ...
- Somente nas mãos de Jesus temos segurança e certeza da multiplicação do seu amor e cuidado.
- Também nossos dons e talentos nas mãos de Jesus estão no lugar certo.
- Por isso é sempre bom agarrar firme nas mãos a Palavra, a Santa Ceia, para que as nossas sejam fortalecidas e sempre sejamos levados a levar a Cristo.

**Cc** – Como objetos nas mãos certas, colocar nossa vida nas mãos de Cristo faz toda a diferença. Então, podemos colocar também nossas mãos abertas diante dele, para receberem suas bênçãos, nos levando a sermos multiplicadores desta notícia maravilhosa, que alimenta o coração e nos sustenta para toda a vida.

*Lucas André Albrecht  
Canoas, RS*

# QUINTO DOMINGO NA QUARESMA

*Judica*

Salmo 143.1-10, Gênesis 18.20-21, 22b-33, Hebreus 9.15-22 ou Romanos 5.1-5, Marcos 10.32-45

## **Marcos 10.32-45**

### **ASSUNTOS DAS LEITURAS BÍBLICAS**

**Salmo – Sl 143.1-10:** O salmista Davi ora a Deus pedindo resposta, na certeza de que Ele é fiel e justo. Afirma lembrar de tudo o que Deus tem feito. Pede a Deus que mostre o amor e o caminho que deve seguir. Também diz que Deus é seu refúgio.

**Antigo Testamento – Gn 18.20-21, 22b-33:** As acusações contra Sodoma e Gomorra eram terríveis. Abraão quer saber se Deus iria destruir os bons junto com os maus, então intercede a Deus, na certeza de que Ele age com justiça.

**Epístola – Hb 9.15-22:** A morte de Cristo é a garantia de que somos tornados justos diante de Deus. A promessa de Deus, de bênçãos eternas, se concretiza graças à obra de Cristo em nosso lugar. **Ou Rm 5.1-5:** Deus nos aceita pela fé, somos justificados por Deus mediante a fé. Graças ao que Cristo fez por nós, temos paz com Deus e vida. Por meio do Espírito Santo, Deus derrama o seu amor no nosso coração.

**Evangelho – Mc 10.32-45:** Jesus anuncia aos discípulos que seria condenado à morte e no terceiro dia ressuscitaria, ou seja, anuncia como nos justificaria diante de Deus, nos salvando da condenação que o pecado traz. Os discípulos discutem sobre quem ficaria ao lado de Jesus na glória. Jesus ensina que quem quiser ser o mais importante e o primeiro, deve servir os outros, pois o próprio Filho do Homem veio servir e dar a vida pelas pessoas. O serviço de Jesus é a nossa justiça diante de Deus.

### **RELAÇÃO ENTRE AS LEITURAS E O PERÍODO LITÚRGICO**

A cor litúrgica apropriada para este período de Quaresma é a roxa ou violeta, por refletir compenetração solene e reverência simbólica da penitência e da realza, bem como luto real e arrependimento. O nome do 5º Domingo na Quaresma é “Judica”. Este termo, em língua latina, constitui a palavra inicial do Sl 43.1: “Faze-me justi-

ça, ó Deus, e pleiteia a minha causa contra a nação contenciosa; livra-me do homem fraudulento e injusto" (RA). Os textos bíblicos deste Domingo apontam para este assunto.

## DIVISÃO E TÍTULOS DE MARCOS 10.32-45

A edição **Almeida Revista e Corrigida** apresenta um título para todo o texto (**Mc 10.32-45**): "O pedido dos filhos de Zebedeu". Mas, normalmente, o texto é dividido em duas partes: **a) Mc 10.32-34 – Almeida Revista e Atualizada**: "Jesus ainda outra vez prediz sua morte e ressurreição". **Nova Tradução na Linguagem de Hoje**: "Jesus anuncia outra vez a sua morte e a sua ressurreição". **Concordia Self-Study Bible – NVI**: "Jesus Again Predicts His Death". **b) Mc 10.35-45 – Almeida Revista e Atualizada**: "O pedido de Tiago e João". **Nova Tradução na Linguagem de Hoje**: "O pedido de Tiago e João". **Concordia Self-Study Bible – NVI**: "The Request of James and John".

## PASSAGENS PARALELAS

**Vv.32-34**: Mt 20.17-19; Lc 18.31-34. **vv.35-45**: Mt 20.20-28. **v.32**: Mc 3.16-19. **v.33**: Lc 9.51; Mt 8.20; Mt 27.1-2. **v.34**: Mt 16.21; At 2.23; At 3.13. **v.37**: Mt 19.28. **v.38**: Jó 38.2; Lc 12.50. **v.39**: At 12.2; Ap 1.9. **v.43**: Mc 9.35; Mt 23.11; Lc 22.25-26. **v.45**: Gl 2.20; Ef 5.2; Tt 2.14; 1Pe 1.18-19; cf. Is 52.13-53.12.

## CONTEXTO

O fato de Jesus relatar sobre seu sofrimento, sua morte e ressurreição em Jerusalém aos discípulos não é novidade. Já é a terceira vez que ele prediz estes acontecimentos aos discípulos (cf. Mc 8.31-32; Mc 9.30-32). Mas é a primeira vez que ele diz que seria entregue aos não-judeus, se referindo às autoridades e aos soldados romanos. Assim, é revelado que gentios e judeus estariam unidos: os judeus para condenar e os gentios para executar Jesus (vv.32-34). Interessante notar que os discípulos parecem não dar atenção ao que Jesus está relatando, demonstrando preocupações tolas, principalmente se comparadas à importância do que Cristo está anunciando (v.35-45).

## COMENTÁRIOS E REFLEXÕES

**O pedido dos discípulos – ambição**: Os discípulos estavam dispu-

tando pelo melhor lugar. Tiago e João fizeram um pedido para Jesus: queriam os lugares mais importantes ao lado de Cristo. Os outros discípulos, quando perceberam o que estava acontecendo, mostraram-se muito insatisfeitos e ficaram zangados, pois todos queriam o melhor lugar ao lado de Jesus (vv.35-41).

**Jesus não é um Messias político:** Tanto o pedido de Tiago e João como a indignação dos outros discípulos mostram que todos os discípulos ainda não tinham entendido o propósito da vinda de Cristo. Ainda pensavam que o Rei Jesus era uma espécie de governante, em vez de Salvador, sendo que Jesus tinha acabado de falar da sua obra para eles (vv.32-41).

**Preocupações com coisas insignificantes:** Na verdade, o desejo dos discípulos de ocupar os melhores lugares mostra que muitas vezes nos preocupamos com coisas insignificantes. Jesus estava perto do seu sacrifício por nós na cruz e os discípulos estavam pensando em proveito pessoal (vv.35-41).

**Intriga eclesiástica:** Esta cena do desentendimento entre os discípulos também é conhecida como a primeira intriga eclesiástica para obter posições de destaque na igreja. Os discípulos estavam deixando o que é realmente importante para valorizar demais o posicionamento diante dos outros (v.41).

**Favor e influência pessoal:** Jesus não podia prometer os lugares principais no Reino dos Céus para eles, pois não é um lugar que pode ser garantido com favor pessoal, nem pode ser comprado. Somente Deus Pai pode conceder este lugar. Aqui no mundo, as pessoas procuram sua colocação aproveitando sua influência pessoal. No Reino de Deus, a verdadeira grandeza está na humildade, no serviço (cf. Mc 9.35) e no reconhecimento de que Jesus colocou todas as pessoas em primeiro lugar quando realizou a obra de salvação por nós (v.38-45).

**Declaração – propósito Salvador:** A declaração final de Jesus (v.45) anuncia o propósito da sua vinda e define sua missão sob dois aspectos: servir (serviço ou ministério de Cristo) e dar (sacrifício de Cristo para conceder vida).

**Beber o cálice e receber o batismo:** Tanto o cálice como o batismo, de que Jesus fala, se referem ao sofrimento e morte do Senhor (v.38) e ao o sofrimento dos discípulos por seguirem os passos de Cristo (v.39).

**Servir ou ser servido:** Se existe uma pessoa que poderia passar a vida inteira sendo servido, este alguém é Jesus. Cristo, mais do que ninguém, poderia fazer uso de sua situação (poder divino) para ser servido (vv.42-45). Jesus não está dizendo que devemos negar/rejei-

tar o serviço dos outros. **Exemplo bíblico:** História da mulher que lavou os pés de Jesus com suas lágrimas, enxugou com os cabelos, passou perfume e beijou os pés de Jesus (Lc 7.36-50). Cristo também foi servido, mas esta não era sua ambição e seu propósito. Muito pelo contrário, Cristo nos deixa o seu exemplo de serviço por nós (cf. At 20.35).

**Cristo serve:** Cristo veio servir o mundo (v.45). **Exemplos bíblicos:** História de Jesus lavando os pés dos discípulos (Jo 13.1-38). Antes de ser um exemplo de serviço, a ação de Jesus faz parte da sua obra de salvação. Ao lavar os pés, Jesus está fazendo o serviço de um empregado (Lc 22.24-30 – Discussão dos discípulos sobre quem é o mais importante). Jesus se entrega pelos seus e faz com que estes fiquem unidos a ele.

**Morte x Vida:** Jesus veio morrer para dar vida; não é uma contradição, mas uma obra de substituição. Jesus faz o que nós não podemos fazer, isto é, em nosso benefício. E Jesus faz de maneira que nós não precisamos fazer, isto é, em nosso lugar (v.45).

**O sacrifício de um por todos:** Uma multidão receberá a bênção do único sacrifício de um Homem (Is 53.11-12; Rm 5.19). (v.45).

**O preço do resgate e a solução para a morte:** O preço pago para nos libertar da escravidão do pecado (preço da redenção) foi o sangue de Cristo (1Pe 1.18-19). Jesus veio para dar a sua própria vida como preço de resgate a favor daqueles que já perderam sua vida (pecado), a fim de que lhes fosse restituída (salvação) (v.45).

## SUGESTÃO DE USO HOMILÉTICO PARA MARCOS 10.32-45

**Assunto:** Servir e ser importante no Reino de Deus.

**Objetivo:** Fé – O serviço de Cristo por nós trouxe vida e salvação.

**Vida** – A obra de Jesus é a motivação para servirmos a Deus e ao próximo.

### Introdução

Quem não gosta de ser importante, de ser o primeiro, de ser servido? É comum desejarmos o melhor lugar, querermos ser melhores que os outros.

**Tema:** Cristo nos coloca em primeiro lugar.

**a)** Cristo veio para servir.

**b)** Cristo veio para dar vida.

## CONCLUSÃO

Diante das palavras de Jesus, o que esperamos da vida cristã?

Paz, tranquilidade, ser servido ou trabalhar, servir? Jesus ensina que o mais importante é servir. Mas o que fazer para ter um lugar ao lado de Deus? Servir? Não, neste caso a resposta é: Deus me serviu com Cristo.

## **BIBLIOGRAFIA**

LANG, Paul H. D. *Manual da Comissão de Altar*. Concórdia; GOERL, Otto A. *Púlpito – Quaresma (Volume 3)* – Concórdia; Bíblia de Estudo NTLH – SBB; Bíblia de Estudo Almeida – SBB; Bíblia Vida Nova – Vida Nova; O Novo Comentário da Bíblia – Vida Nova; Concordia Self-Study Bible – NIV – CPH.

*Ezequiel Blum*  
*Novo Hamburgo, RS*

# SEXTO DOMINGO NA QUARESMA - DOMINGO DE RAMOS OU DOMINGO DA PAIXÃO

## *Palmarum*

Salmo 24, Isaías 52.13-53.4 ou Zacarias 9.9-12, Filipenses 2.5-11,  
João 12.12-24 ou Mateus 21.1-9

## **João 12.12-24**

No calendário do evangelista João não é Domingo, mas na tradição cristã deu-se à última entrada de Jesus em Jerusalém o nome de Domingo de Ramos (*Palmarum*) ou Domingo da Paixão. Jesus entrou na cidade saudado por uma multidão que acenava com ramos de palmeiras. Na Bíblia a palmeira é sempre a tamareira (hebraico: tamar). Esta árvore era freqüente nos oásis de deserto (Êx 15.27) e nas montanhas de Efraim (Jz 4.5). Por causa de sua formosura, força e resistência, é o símbolo do justo (Sl 92.12). No período dos Macabeus (séc. II antes de Cristo), tornou-se o símbolo político de força e vitória do povo de Israel.

A maior parte dos peregrinos foi mais cedo para a Festa da Páscoa com o intuito de se purificar (Jo 12.12). Outros estavam lá para conhecer Lázaro e o profeta que o ressuscitara (João 12.9). A multidão aclamou Jesus como o Rei que livraria Israel do jugo romano. Pela primeira e única vez Jesus aceitou ser aclamado pelo povo com um título explicitamente messiânico. Jesus não proibiu que o povo o chamasse de enviado de Deus, restaurador da casa de Davi. Mas, entrando com um jumentinho, mostrou qual era o verdadeiro significado de sua vinda. O Rei tinha intenções pacíficas. Não era exatamente o tipo de rei que a multidão esperava. Ela queria um rei belicoso e vitorioso montado num cavalo portentoso. Jesus era justamente o oposto: um soberano manso e humilde montado num jumentinho.

Já dentro da Cidade Santa, Jesus disse por ocasião de alguns gregos que desejavam vê-lo: "É chegada a hora de ser glorificado o Filho do Homem. Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto" (Jo 12.23-24). A glorificação de Jesus passava obrigatoriamente pela morte, dura morte de cruz. Jesus estava bem consciente do desenlace fatal de seu ministério terreno. E isso nós encontramos nos evangelhos. Jesus é o esposo que um dia será tirado do meio dos seus amigos (Mc 2.19-20). Ele vai ser "batizado" e se angustia até que o

mesmo se realize (Lc 12.50; Mc 10.39). Ele entende que um profeta não deve morrer fora de Jerusalém. Aqui já deixa entrever o que deve lhe acontecer (Lc 13.33). Ele é o filho do proprietário que foi morto e atirado para fora da vinha (Mc 12.8). Por que o triunfo de Deus se efetuou por um caminho tão doloroso? Como diz Isaías: "Verdadeiramente, tu és Deus misterioso, ó Deus de Israel, ó Salvador" (Is 45.15).

A nossa sociedade não gosta de falar sobre sofrimento, morte e dor. O homem pós-moderno evita tais temas embora esteja cercado deles a toda hora. É como se quisesse negar ou mascarar a realidade. Em nosso tempo valoriza-se a aparência, a riqueza, o poder, o prazer e isso nada têm a ver com sofrimento e dor. Por isso, soa estranho para muitos o fato de o Filho de Deus ter sofrido e morrido numa cruz. O cristianismo não exalta o sofrimento e nem o coloca num pedestal, mas como bem o diz o teólogo C. Masson: "O Cristo crucificado ocupa o centro do Evangelho e por esta palavra da cruz (1Co 1.18, 23; 2.2) Deus julga qualquer pretensão do homem a ser dono do próprio destino e de salvar-se a si mesmo".

Por isso, a mensagem da Cruz não é mais uma doutrina entre outras doutrinas religiosas. A mensagem da Cruz não é mais uma proposta ou solução ao lado de outras para serem escolhidas segundo razões pessoais. A mensagem da Cruz não é mais uma possibilidade religiosa entre outras para o ser humano. Jesus crucificado se coloca como evento central e único na história da humanidade. Esta mensagem é dirigida a todas as nações e de sua autoridade ninguém escapa.

O mundo ainda não entendeu que a paz nasce necessariamente da Cruz. Há alguns dias assisti a duas reportagens falando da violência nas escolas de Santa Catarina e de São Paulo. O comentarista desolado não sabia nem o que dizer. "Estava perplexo, pois a escola é um 'templo sagrado' onde a violência não deve ter lugar". Ora, o mundo descartou Deus. Deus foi descartado das escolas. Seu Nome já não é invocado. As suas leis são ridicularizadas e a presença Dele é ignorada. Ora, "como não conhecem o Senhor, não têm paz" (Thomas Merton).

Por isso, o Domingo da Paixão é o testemunho cristão de que a paz que o mundo tanto procura não se encontra em filosofias e sistemas de ensino, muito menos na democracia e no capitalismo ou qualquer outra doutrina político-econômico. A maior prova do fracasso dos projetos humanos é a crise global que estamos vivendo. Quem imaginaria que a crise iniciada nos Estados Unidos atingiria proporções planetárias? E saber que tudo começou pela ganância de bancos que não tinham limites para lucrar. O resultado é o que estamos vendo: a bancarrota das bolsas, a crise automobilística e imobiliária. Mas isso



deve servir como lição para os cristãos porque muitas vezes apostamos nossa vida e sabedoria em poderes humanos que nada valem. A paz que o mundo tanto procura brota do soberano manso e pacífico montado num jumentinho; brota da Cruz onde Jesus de Nazaré, Filho de Deus, "se humilhou, tornando-se obediente até a morte e morte de cruz" (Fp 2.8). Jesus é o *Ecce Homo*, o Servo de Javé, o rejeitado, o humilhado, o torturado, o cuspidado, cravado na cruz e quase desesperado. Da Cruz jorra perdão dos pecados, vida e salvação como bem destaca Lutero no Catecismo Menor. E deste Crucificado podemos dizer com firmeza: Ele é o Ressuscitado! Não foi a morte a última palavra de Deus, mas a vida. Sim, a vida foi a última palavra que Deus pronunciou sobre o destino do ser humano. Jesus é a primícia dos que dormem (1Co 15.20). Ele é a nossa esperança (1Co 15.19). Ele não veio traçar um caminho. Ele não veio acender uma luz. Ele não veio revelar uma verdade. Ele é o caminho, a verdade e a vida (Jo 14.6). "Porque na esperança fomos salvos" (Rm 8.24).

Seguem duas orações. Uma escrita na Segunda Guerra Mundial (1939-1945) por um pastor luterano enforcado a mando do próprio Hitler. A outra escrita num front da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) por um soldado. Embora pertençam ao século passado, traduzem bem a crise do nosso tempo, apontando para Aquele que nos ama incondicionalmente:

1) "Escuta, Deus! Jamais falei contigo. Sabes, disseram-me que tu não existias, e eu, tolo, acreditei que era verdade. Nunca havia reparado bem na tua obra, no mundo. Mas, hoje, nesta noite de Natal, desta trincheira rasgada por granadas, vi teu céu estrelado. Talvez, mesmo aquela estrela que indicou aos pastores Tua presença na gruta de Belém. E compreendi, então, que haviam me enganado! Não sei se apertarás a minha mão; ela é tão manchada. Vou explicar e hás de me compreender. É engraçado! Neste inferno hediondo, achei a tua luz e pude enxergar teu rosto" (Trecho de uma oração encontrada no bolso de um soldado morto no campo de batalha).

2) "Ó Senhor, dá às nossas almas amedrontadas a salvação que nos tens preparado. E tu nos apresentas o duro cálice, o amargo cálice do sofrimento cheio até a borda, e nós o tomamos, sem tremer, da tua boa e amada mão... Deus está conosco de tarde e de manhã, absolutamente, em cada novo dia" (Dietrich Bonhoeffer).

*Gelson Neri Bourckhardt*  
*Curitibanos, SC*

# QUINTA-FEIRA SANTA

## *Endoenças*

Salmo 116.12-19, Êxodo 12.1-14, 1 Coríntios 11.23-32 ou 1 Coríntios 11.17-32, João 13.1-15

### **João 13.1-15**

#### **Algumas Considerações Introdutórias**

A partir de João 13 até João 17, Jesus dedica-se exclusivamente aos seus discípulos. Sua atenção volta-se somente para os doze. A palavra amor aparece apenas seis vezes em João 1-12 e trinta e seis vezes em João 13-17. João não fala nada da instituição da Ceia, diferentemente dos evangelhos sinóticos. Um evangelho que tem um capítulo como João 6 parece não precisar mesmo da instituição da Ceia propriamente dita! Mas somente João tem o lava-pés, essa sublime lição concreta, visível e palpável de humildade e de amor.

Uma maneira errada de entender a lição pretendida por Jesus é pensar que a gente veio ao mundo e está na igreja para ter os pés sendo lavados por alguém. A lição que Jesus quer transmitir é dita por Ele no versículo 15: "Pois eu dei o exemplo para que vocês façam o que eu fiz!"

Nunca é por demais lembrar que as pessoas da época e do lugar tomavam suas refeições à mesa, reclinados, recostados, quase deitados. Assim estavam os discípulos quando Jesus lavou os pés deles, pois "eles estavam jantando" (v.2).

Antes de sair para uma festa (jantar, banquete, etc.) todos tomavam banho, mas seus pés ficavam empoeirados e passavam a cheirar mal porque as sandálias da época eram de couro cru, diferente do couro de nossos sapatos de hoje. Por isso, depois que chegavam, se assentavam à mesa e um escravo fazia o serviço de lavar os pés de todos. Precisavam lavar os pés por causa do mau cheiro.

No caso do grupo de Jesus, eles estavam sem o escravo lavador, alguém pago para isso. A cena é a seguinte: todos estão à mesa, reclinados (quase deitados), a bacia, a água e a toalha estão lá à espera do escravo lavador. Todos têm os pés sujos mal cheirosos, mas nenhum dos discípulos se dispõe a fazer o serviço do escravo. Eles tinham outra preocupação (Lc 22.24). Jesus, então, faz a vez de escravo e lava os pés de todos eles.

#### **A Expectativa dos Discípulos**

Depois de ver o que viram em Betânia nos dias anteriores (a ressurrei-

reição de Lázaro, etc.), qual não era a expectativa deles para um encontro a sós com Jesus? Lembremo-nos da pergunta deles no dia da Ascensão de Jesus: "É agora que o Senhor vai devolver o Reino para Israel?" (Atos 1.6). Além disso, tinham a grande preocupação de saber qual deles era o mais importante (Lc 9.46; Mt 18.1; Mc 9.34). Lucas nos informa que mesmo aqui, depois do lava-pés e da Santa Ceia, eles insistiram nessa mesma preocupação: "Os apóstolos tiveram uma forte discussão para saber qual deles era o mais importante!" (Lc 22.24). A bacia estava lá, assim como a toalha e a água. Mas eles preferiram discutir sua preocupação sobre qual deles era o mais importante. Em Lucas, Jesus fala aos discípulos (Lc 22.25-30). Em João, Jesus lava os pés desses discípulos. A natureza humana, denunciada nesta expectativa dos discípulos, está no meio da Igreja. E ela mostra suas garras também através de algumas preocupações que ocupam as mentes das pessoas, sobre as quais elas discutem, investem seu tempo.

## **JUDAS E O DIABO**

O Diabo, adversário de Jesus e da Igreja, estava lá, no meio da Igreja! Que coisa! O Diabo na Igreja. Havia uma profecia que determinava a traição de Judas. Sendo assim, Judas trairia Jesus. Fosse como fosse. A traição fazia parte do plano da Salvação. Só a traição. E mesmo que não pareça, isso é importante. Não estava determinado pela profecia divina que Judas não se arrependesse do seu pecado e não cresse no perdão de Jesus e se suicidasse depois. Isso é importante porque uma parte do nosso povo parece morrer de dó de Judas; isso por acharem que a profecia determinava também o suicídio dele.

## **O LAVA-PÉS E NÓS**

Todos tivemos os nossos pecados lavados pelo sangue de Jesus. Muito mais do que os pés lavados com água. Fomos completamente purificados. Todos nós devemos ser humildes e seguir o exemplo do Mestre: lavar os pés uns dos outros. Por que não? Claro que o princípio é mais importante que a ação de lavar os pés. Vale o princípio, não o método. Permanece o princípio da humildade e do amor. Mesmo que nunca lavemos os pés de ninguém.

## **O CARÁTER E A PERSONALIDADE DE JESUS**

Poucos relatos do Novo Testamento falam tão aberta e profundamente do caráter e da personalidade de Jesus.

Jesus "sabia que o Pai Ihe tinha dado todo o poder e sabia também que tinha vindo de Deus (o que na linguagem de João significa dizer que era Deus!). Então se levantou, tirou sua capa, pegou uma toalha e a amarrou na cintura. Em seguida pôs água numa bacia e começou a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha..." (vv. 3-5).

Jesus sabia que todas as coisas estavam em suas mãos. Jesus sabia que estava a poucos dias da glorificação. Mas permaneceu na humildade. Naquela noite de quinta-feira da semana santa, a cerca de doze horas da vitória final sobre os inimigos, ele lavou os pés de doze homens. Que lição é essa! Que amor! Que humildade!

Jesus sabia que era Deus. Deus lavou os pés desses homens!

Jesus sabia que Judas o trairia. Isso só acendeu ainda mais o seu amor. O lava-pés é uma lição profunda de humildade encharcada de amor.

## **SUGESTÕES PARA A PREGAÇÃO**

Acho que a melhor maneira de pregar o texto em foco é não pregá-lo. Ao menos não em forma de sermão; mas fazer o que Jesus fez: lavar os pés das pessoas.

Sugiro:

- Preparar a igreja com bacias, toalhas e água. Boa música ambiente. E provocar o lava-pés. Quem chega tem os pés lavados e enxugados. O pastor pode ser o primeiro. Quem tem os pés lavados lava os pés de quem vai chegando. Isso deve tomar alguns minutos. Depois podem ser lidos os textos indicados para o dia e cantados alguns hinos e, então, celebra-se a Ceia.

- Ao invés do sermão no culto, a encenação do lava-pés. Não precisa ninguém se reclinar, usa-se a estrutura pintada por Da Vinci e encena-se o ritual do lava-pés. O roteiro e a ordem saem do próprio relato de João.

- Ou ainda, promove-se o "lava-mãos", ao invés do lava-pés. No momento do sermão, duplas lavam-se as mãos. Começar pelas mãos parece ser mais prudente. Os pés podem ficar para o ano que vem... A cena fica forte. Exatamente como é o relato de João 13.1-15.

*Nestor Duemes  
Esteio, RS*

# SEXTA-FEIRA SANTA OU SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO

Salmo 22.1-11, Isaías 53.4-12 ou Oséias 6.1-6, 2 Coríntios 5.14-21  
ou Hebreus 5. (1-6) 7-9, João 18.1-19.42

## João 18.1-19.42

### LEITURAS DO DIA

Ao chegar o momento da crucificação e durante aquelas seis horas de sofrimento, Jesus passou por indescritíveis agonias. O evangelista João, como outros evangelistas, é moderado para não explorar dramaticamente esse aspecto. O objetivo é apontar para Jesus como o Salvador, o Filho de Deus humanado e despertar a fé nele (Jo 19.35). Observamos o sofrimento de Cristo como prova de sua misericórdia e de seu amor para nos reconciliar com Deus (cf. a leitura da epístola).

Ter “piedade” de Jesus é rejeitá-lo. Nessas horas ficar com peninha de Jesus não é prova de arrependimento sincero pelos pecados e muito menos prova de culto a Deus (conferir leitura do AT), pois implica não reconhecer quem ele é e qual o significado de sua vida e obra.

Jesus quer operar uma verdadeira transformação em nosso modo de viver a fé.

**SI 22.1-11:** O lamento de Davi expressa também sua confiança em Deus (vv.3-5, 9,10). Mesmo em meio a uma aparente rejeição da parte de Deus (vv. 1,2) e desprezo dos homens (vv. 6-8), o salmista pede a ajuda e o livramento de Deus (v.11).

É um salmo messiânico e um dos mais citados no NT. Note como descreve com intensidade e vivacidade as circunstâncias da crucificação de Jesus (compare com Mt 27.35, 39, 43 e Jo 19. 23, 24, 28).

**Os 6.1-6:** As tentativas de Israel e Judá de conversão na hora do aperto não comovem a Deus. Como o Senhor sabe de todas as coisas e tudo vê, sabe também que a conversão do povo é superficial e insincera. Oséias compara esta “pseudoconversão” como a cerração ao nascer do sol (NTLH) ou como o orvalho que seca logo nas primeiras horas da manhã.

O que Deus espera de seus filhos é uma mudança radical de vida. Um coração cheio de amor e não meros atos de culto e sacrifícios vazios (v.6).

**2 Co 5.14-21:** A cruz de Cristo anuncia o fim da inimizade da humanidade com Deus e inaugura a era da reconciliação universal. Essa mudança de vida não é mérito humano, mas está fundamentada na imensa graça de Deus em Cristo. A morte de Cristo “mudou” (reconceitou) a nossa posição diante de Deus. Não somos mais vistos como inimigos de Deus, porém agora somos amigos dEle.

**Jo 18.1-19,42:** Narrativa da paixão. João nos mostra detalhes que outros evangelistas não trazem. Especialmente podemos citar: a formulação do título sobre a cruz (INRI) e o pedido para que fosse alterado (19.19-21), a menção da túnica (19.23-24), a entrega da mãe ao cuidado do discípulo (19.25-27), o pedido para beber e o clamor (19.28-30), além do procedimento dos soldados após a morte de Jesus (19.31-37).

## CONTEXTO

Após a sua belíssima oração, capítulo 17, também conhecida como a “oração sacerdotal”, Jesus se retira com seus discípulos para o jardim do Getsêmani, onde, em algumas horas, seria levado para o interrogatório na casa de Anás (18.13) e depois para a casa de seu genro Caifás, o Grande Sacerdote daquele ano (18.19-24). Enquanto Jesus era interrogado, recebia bofetadas e era transferido de um lugar para outro, Pedro insistia em negar que era seguidor de Jesus (18.15-18; 25-27).

O capítulo 19 é a continuação do julgamento de Jesus (iniciado em 18.28-40), só que agora perante o governador romano Pilatos. Diante de todo contexto e propósitos divinos, Jesus é condenado, crucificado, morto e sepultado (19.17ss.). Tudo isso para se cumprir o que as Escrituras Sagradas, com muita antecedência, já haviam previsto.

## TEXTO

Capítulo 18: Foi no Getsêmani que o Senhor foi tentado com o terror da morte, que ele lutou em oração com seu Pai, que seu próprio sangue foi pressionado pelos poros por causa da intensidade do seu sofrimento, mas onde também corajosamente recuperou a força e a coragem para enfrentar o imediato sofrimento. Após ser capturado no Getsêmani, Jesus é levado embora, primeiro a Anás, depois ao sinédrio, sob a presidência de Caifás, enquanto Pedro o nega três vezes; de manhã é levado à sala de julgamento de Pilatos, onde ele testemunha sobre seu reino.

Capítulo 19.17: “Eles” refere-se aos soldados romanos, que eram

responsáveis pela execução da sentença, conforme Jesus previra (Lc 18.32). “Carregando a sua cruz” indica que Jesus a levou pelo menos em parte do caminho (cf. Lc 23.26); é o símbolo de sua luta e vitória. “Saiu”: o Calvário ficava fora dos limites da cidade de então (cf. Lv 16.27; Hb 13.11-13).

V. 18: A crucificação, o mais cruel e sórdido dos castigos, era efetuada de várias maneiras. A mais comum, que está subentendida nesta narrativa, consistia em fixar os braços ou mãos da vítima no travessão para então içá-lo até que ele ficasse em cima da estaca vertical, que podia servir de uma espécie de assento – não tanto para alívio do condenado, mas para prolongar sua vida e agonia. As mãos e pés podiam ser afixados na madeira com tiras de couro ou com pregos. De acordo com João (o único evangelista a mencionar mais este detalhe), foram usados pregos na crucificação de Jesus (cf. 20.25).

Vv. 19-22: Era costume escrever em uma placa o crime do qual o condenado fora achado culpado e afixá-lo sobre a sua cabeça (como aqui) ou prendê-la ao redor do seu pescoço. As palavras do título deixam claro que a acusação por causa da qual Jesus foi sentenciado à morte na cruz era aquela que primeiro foi levada a Pilatos. João vê um significado mais profundo no título na cruz, que nem Pilatos nem os principais sacerdotes podiam apreender. “É chegada a hora de ser glorificado o Filho do homem”. O crucificado é o rei verdadeiro, o rei mais real de todos; por ser ele quem está estendido na cruz, ele transforma um instrumento infame de tortura em trono de glória (Gn 9.27; 49.10).

Vv. 23-27: João é o único que faz referência à túnica. Havia duas vestes principais – a capa (*himation*), vestimenta exterior, e a túnica (*chiton*), usada por baixo. A capa foi dividida em quatro partes, talvez seguindo as costuras. A túnica, porém, que consistia de uma única peça de pano, valia muito mais se fosse deixada inteira do que rasgada em pedaços. Por isso os soldados decidiram lançar sortes sobre ela, de modo que ficasse com o homem cujo número fosse sorteado.

João acompanha todo o julgamento de Jesus (na casa de Anás, na de Caifás e perante Pilatos). Em seguida foi avisar aos discípulos e às mulheres. Voltou à cena para ver a crucificação, que descreve com detalhes. Saiu para buscar Maria, a mãe de Jesus, e as outras mulheres. Logo em seguida vai retirar-se para levar Maria para casa. Volta à cena para presenciar o seu final que, de novo, descreve com detalhes.

Vv. 28-30: A morte de Jesus. Até aqui Jesus estava pendurado

na cruz por três horas (9-12h ou 3ª à 6ª hora na contagem judaica). Aí, ao meio-dia, o brilho do sol, da lua e das estrelas foi totalmente encoberto. Por três horas, houve trevas, até que aconteceu o terremoto e outros claros sinais (milagres) de Deus para marcar esse momento (Mt 27.45-51).

Começam as reais dores da cruz: físicas, mentais e espirituais; o sofrimento atinge um clímax que não podemos imaginar com nossa limitada mente. A vida física se desmanchou (Sl 22). A alma e o espírito experimentaram total abandono e solidão em relação ao Pai. A própria natureza divina passou por humilhação e esvaziamento até ao extermínio.

Soldados, povo e, principalmente, os líderes blasfemam contra Deus, ridicularizando a mais preciosa esperança: a promessa da vinda do Rei/Messias. Em contraste, Jesus age e fala em linguagem de puro evangelho, consolidando de uma vez por todas a vontade do Pai.

### **SUGESTÃO DE TEMA**

A morte de Jesus consumou o plano divino (v. 30).

*Héber G. Fach*  
*São Paulo, SP*



# VÉSPERA DA PÁSCOA – SÁBADO DE ALELUIA

Daniel 3.1, 3-9, 12-29, 1 Pedro 3.17-22, Mateus 27.57-66

## Mateus 27.57-66

### CONTEXTO

O texto consta do final da História da Paixão e Morte de Cristo, relatando o sepultamento de Jesus, logo após sua morte, e a guarda do sepulcro. Enquanto o sepultamento é relatado pelos quatro evangelistas, a guarda do sepulcro com os acontecimentos posteriores em relação e ela, no cap. 28, apenas Mateus relata.

A leitura do Antigo Testamento para esse dia, Dn 3.1, 3-9, 12-29, nos conta o episódio tão conhecido dos 3 homens na fornalha de fogo ardente, os quais, à semelhança de Jesus, seus inimigos queriam eliminar para sempre, mas que, pelo poder milagroso de Deus, saíram ilesos da fornalha e, em consequência, o nome de Deus foi glorificado, como também foi glorificado o seu nome com a ressurreição triunfante de Jesus.

A epístola para este dia, 1 Pe 3.17-22, nos relata a descida de Jesus ao inferno, logo depois de sua revivificação no sepulcro a fim de comunicar a sua vitória aos espíritos em prisão. Ao passo que o episódio do sepultamento de Jesus ainda pertence ao estado de sua humilhação, a descida ao inferno já pertence ao estado de sua exaltação, que culminou com a sua subida ao céu, onde está à destra de Deus, ficando-lhe subordinados anjos, e potestades, e poderes (1 Pe 3.22).

### TEXTO

Vv. 57-58: O nosso texto começa com José de Arimatéia que, ao cair da tarde, isto é, entre as 3 e 6 horas, foi a Pilatos e lhe pediu o corpo de Jesus. Mateus diz que era rico. Lucas lhe atribui duas qualidades morais: homem bom e justo, que esperava o reino de Deus. Mateus ainda diz que era discípulo de Jesus e João acrescenta: “ainda que ocultamente pelo receio que tinha dos judeus”. Marcos ainda nos informa que era ilustre membro do Sinédrio e Lucas complementa essa informação dizendo que não tinha concordado com o desígnio e ação dos outros membros do Sinédrio.

Ele foi a Pilatos e lhe pediu o corpo de Jesus e Marcos acrescenta “resolutamente”, o que bem indica que havia deixado para trás o seu medo de confessar a Jesus publicamente, assumindo assim uma atitude corajosa.

Enquanto nosso texto indica que Pilatos entregou-lhe o corpo de Jesus prontamente, Marcos intercala as palavras de que admirou-se que Jesus já tinha morrido e só depois de ter sido informado pelo comandante da guarda dos três crucificados no Calvário, cedeu o corpo a José.

Vv. 59-60: Mateus omite que mais uma pessoa importante ajudou a José no sepultamento e de que só João nos informa. Era Nicodemos, aquele que anteriormente viera ter com Jesus à noite (Jo 3.1-15). Enquanto José trouxera um pano limpo de linho em que envolveu no corpo de Jesus, Nicodemos estava trazendo cerca de cem libras de um composto de mirra e aloés. Também ele era membro do Sinédrio. Certa vez ele interpelara um grupo de fariseus que estavam à caça de Jesus com as palavras: “Acaso a nossa lei julga um homem, sem primeiro ouvi-lo e saber o que ele fez?”

José colocou o corpo de Jesus no seu próprio túmulo que fizera abrir numa rocha, onde, segundo Lucas, ainda ninguém havia sido sepultado (Jo 19.42). Esse túmulo ficava num jardim e perto do lugar onde Jesus havia sido crucificado (Jo 19.42). Era um lugar providencial para aquela situação, pois às seis horas da tarde começava o sábado e logo depois cairia a noite em que qualquer cadáver pendurado num madeiro tinha que ser enterrado para não contaminar a terra (Dt 21.2 3).

A providência divina está presente em todo o episódio do sepultamento. Cumpriram-se nele algumas valiosas profecias da Escritura, como, por exemplo, Is 53.9: “Designaram-lhe a sepultura com os perversos, mas com o rico esteve na sua morte”. Jesus, na sua morte, recebeu todas as honras que os judeus prósperos esperavam para si mesmos. Também cumpriu-se nele a profecia do Sl 16, que Pedro cita no seu sermão pentecostal, que não ficaria na morte nem experimentaria a corrupção (At 2.27). Para isso era necessário que fosse sepultado numa sepultura nova, não contaminada pela corrupção de um outro corpo. Da mesma forma, foi sepultado sem que lhe quebrassem as pernas, como o fizeram com os dois malfeitores, cumprindo-se a profecia de Êx 12.46 e Nm 9.12. Foi também sepultado com um lado traspassado, de acordo com a profecia em Zc 12.10 Uma grande pedra, rolada para fechar a entrada do sepulcro, encerrou o ato do sepultamento.

V. 61: Mateus só cita duas mulheres que se encontravam ali ob-

servando a cena, enquanto Lucas se refere às mulheres que vieram com Jesus da Galiléia. É bem possível que algumas mulheres, como, por exemplo, Maria, mãe de Jesus, já se haviam retirado para descansar, sendo que as duas Marias, mencionadas por Mateus, representavam as outras para servirem de guias a todas elas na próxima manhã quando intencionavam vir a fim de embalsamar o corpo de Jesus.

Vv. 62-66: Esses versículos, exclusivamente de Mateus, nos relatam que no dia seguinte, isto é, no sábado, os principais sacerdotes e os fariseus vieram a Pilatos, pedindo-lhe uma escolta ou guarda que guardasse o sepulcro de Jesus até o terceiro dia, pois lembraram-se que Jesus, quando ainda vivo, tinha dito que depois de três dias ressuscitaria. A sua alegação para o pedido era que os discípulos poderiam roubar o corpo de Jesus e depois dizer ao povo que tinha ressuscitado, sendo que então o segundo embuste ou fraude de que Jesus ressuscitara dos mortos, seria pior que o primeiro, quando Jesus, ainda em vida, foi proclamado ao povo como o Messias prometido. É interessante observar que chamaram a Pilatos de *kurios*, Senhor, título que só cabia a Jesus, e a Jesus chamaram de “embusteiro”, o que bem nos mostra como a descrença pode distorcer a realidade e colocar a verdade de pernas para o ar. Pilatos prontamente atendeu a seu pedido e deu-lhes a incumbência de colocar a guarda e selar a pedra que fechava a entrada do túmulo.

Também aqui podemos aplicar o dito de que “o homem põe e Deus dispõe”. Cumpriu-se exatamente o oposto do que pretendiam alcançar. Os guardas não conseguiram manter Jesus na sepultura. Tornaram-se testemunhas de sua ressurreição e nem o suborno que depois receberam dos judeus para mentir pôde impedir que a mensagem da ressurreição de Jesus se propagasse célere pelo mundo de então e fosse crida e ainda hoje é crida por milhões de pessoas espalhadas entre e as nações do mundo inteiro. Quantas vezes na História da igreja, e ainda hoje, os planos dos inimigos de Jesus esboroaram e não puderam conter a verdade do seu evangelho. Durante a Reforma, todas as medidas tomadas para silenciar o Reformador, apenas contribuíram para difundir ainda mais a verdade que havia descoberto na Bíblia. Ainda nos dias de hoje, o combate dos verdadeiros cristãos pelo ateísmo, pelo comunismo, pelo racionalismo e outros ismos apenas tem suscitado o testemunho corajoso de muitos cristãos, glorificando a verdade do evangelho.

Também ainda hoje há tantos que rejeitam a explicação da tumba vazia pela ressurreição de Cristo e preferem crer em teorias absurdas como a do roubo do corpo de Jesus pelos discípulos, ou como a teoria do desmaio ou da alucinação coletiva. Que Deus conceda a

todos nós a certeza absoluta da ressurreição de Jesus e também da nossa e nos faça exclamar com Paulo: "Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo (1 Co 15.57).

Vejam os ainda como o episódio do sepultamento de Cristo nos pode consolar, porém também advertir. Podemos ter a certeza de que nosso Salvador realmente estava morto, quando foi sepultado, e pela sua morte fomos reconciliados com Deus (Rm 5.10). O sepultamento de Cristo é também tão consolador para nós, porque o nosso próprio sepultamento foi por ele santificado. Como crentes em Cristo, a morte não tem mais poder sobre nós e a nossa estada na sepultura é apenas uma passagem pela qual entramos na vida eterna. Os justos entram na paz, descansam na sepultura como se fosse o seu leito (Is 57.2). Bem-aventurados são os mortos que, desde agora, morrem no Senhor (Ap 14.13). Por isso os cristãos mudaram o nome de "necrópole" (cidade dos mortos) para "cemitério" (dormitório). Finalmente, o sepultamento de Cristo é para nós tão consolador, pois com ele Cristo levou junto os nossos pecados e os enterrou no túmulo e nós podemos ressuscitar para uma nova vida.

No entanto, o sepultamento de Cristo também nos adverte, nas palavras de um pregador, a não raspar de novo os nossos pecados para fora do túmulo e voltar a nossos pecados prediletos e permitir que dominem sobre nós. Lembremo-nos de que fomos batizados em Cristo na sua morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida (Rm 6.3-4).

## **PROPOSTAS HOMILÉTICAS**

O texto sugere diversas propostas, entre as quais alinharemos as seguintes:

*Algumas verdades que nos ensina o sepultamento de Cristo*

- 1 - Que foi sepultado com todas as honras por seus amigos.
- 2 - Que seu sepultamento, ao mesmo tempo, nos consola e adverte.

*A providência divina revelada no sepultamento de Jesus*

- 1 - Deus fez cumprir nele as profecias feitas no Antigo Testamento.
- 2 - Deus converteu a guarda do sepulcro de Jesus numa prova de sua ressurreição.

*As fases pelas quais passou a guarda do sepulcro de Jesus*

- 1 - Ela foi montada para oferecer a máxima segurança.

- 2 – Ela foi destroçada pela ressurreição de Jesus.
- 3 – Ela foi subornada para não contar a verdade a respeito da ressurreição de Jesus.

*Paulo F. Flor*  
*Dois Irmãos, RS*

# DOMINGO DE PÁSCOA – A RESSURREIÇÃO DO SENHOR

Salmo 118.19-29, Daniel 12.1c-3, Colossenses 3.1-4 ou 1 Coríntios 5.6-8, Marcos 16.1-8

## **Marcos 16.1-8**

### **A RESSURREIÇÃO DE CRISTO PROVOCA SILÊNCIO... (O SILÊNCIO REVERENCIAL)**

#### **CONTEXTO LITÚRGICO E DEMAIS LEITURAS**

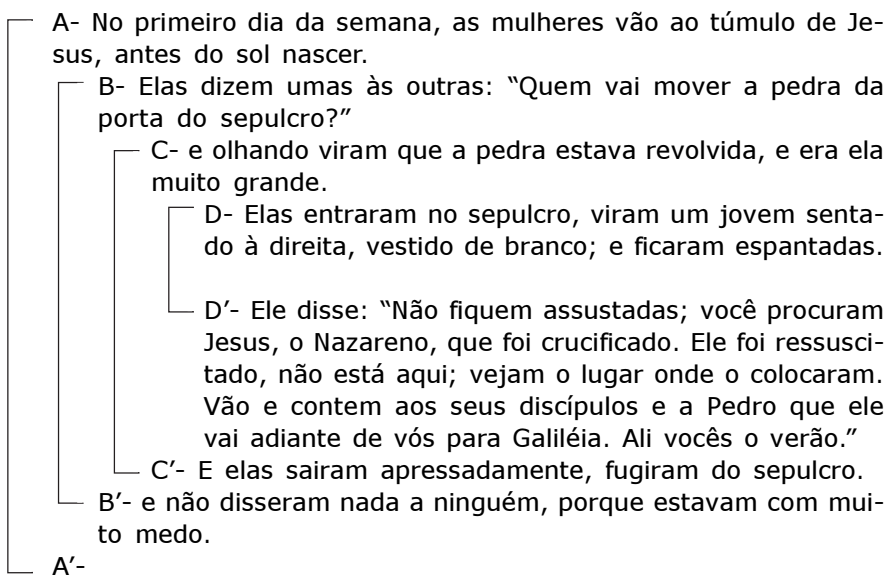
Cada série de leituras associa a Ressurreição com assuntos diferentes. A série A destaca a vitória de Cristo sobre a morte. A série C mostra a harmonia entre soteriologia e ressurreição. As leituras para Páscoa da série Reformulada, por sua vez, sublinham o caráter escatológico da Ressurreição.

O Salmo 118.18-29, hino cúltico-responsivo, aponta para o caráter universal da salvação. O Messias é a pedra angular, que os construtores rejeitaram. Ele é a ponte entre gentios e judeus. Dn 15.1-3c é o único texto do AT que usa o termo “vida eterna”. Daniel escreve que justos e ímpios ressuscitarão para o julgamento final. Aqueles que tiverem seu nome escrito no Livro serão salvos. Há duas opções para a leitura da epístola: 1Co 5.6-8 e Cl 3.1-4. Escolhemos a leitura de Colossenses por se alinhar melhor com o destaque escatológico das demais leituras. Cl 3.1-4 lembra que o cristão morreu e sua vida está “oculta com Cristo em Deus”. Quando Cristo se manifestar, os cristãos também serão manifestados em glória (v.3).

## O TEXTO E SEU CONTEXTO

### CONTEXTO

Conforme a tradição, o segundo evangelho é resultado do registro (sucinto e direto) que Marcos fez das memórias e ensinamentos de Pedro. No relato da ressurreição, Marcos apresenta um quiasmo interessante:



Nota-se que não há o paralelo para o verso A. O verso A' está faltando. Mas, e o versículo 9? Aí reside uma questão intrigante. Conforme os manuscritos mais antigos, os versículos 9 a 20 do capítulo 16 não fazem parte do texto de Marcos<sup>1</sup>. Foram adicionados posteriormente por algum copista incomodado com o final abrupto do evangelho no versículo 8<sup>2</sup>.

O suposto final repentino do evangelho, apesar de incomum, traz algumas percepções interessantes. O relato da Ressurreição em Marcos não apresentaria Jesus ressurreto em cena de forma direta. Lite-

<sup>1</sup> Os manuscritos B,  $\aleph$ , Siríacos e Armenianos não contém os versículos 9-20.

<sup>2</sup> METZGER, Bruce. A textual commentary on the Greek New Testament. 2. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994. 102-107

rariamente, este artifício causaria a impressão de que Jesus estaria prestes a se revelar, tanto aos discípulos como ao leitor do evangelho. O final abrupto seria um belo recurso para sublinhar o caráter escatológico da Ressurreição: Cristo prestes a se revelar novamente!

## O TEXTO

V. 1,2: O embalsamento não era prática comum aos judeus. Provavelmente as mulheres iriam apenas ungir o corpo de Jesus. A atitude das mulheres mostra sua total descrença numa possível ressurreição. Elas vão prontas a ungir um cadáver.

Vv. 3,4: A indagação das mulheres é, de certa forma, uma ironia. Elas aguardavam a ajuda de alguém para mover a pedra, mas não se perguntavam se haveria a possibilidade de Jesus ressuscitar.

V. 5: Elas ficam “espantadas” diante do ‘jovem’ vestido de branco, sentado à direita do sepulcro. O verbo ἔκθαμβεῖστε denota a reação humana diante da operação poderosa de Deus. É a união do medo/assombro com a admiração<sup>3</sup>.

V. 6: O ‘jovem’, que Mateus revela se tratar de um anjo, diz às mulheres que elas não deveriam estar tão espantadas, afinal, o próprio Jesus havia dito que retornaria dos mortos no terceiro dia. A operação poderosa de Deus não deveria pegá-las de surpresa.

V. 7: A preocupação em citar Pedro especificamente evidencia a preocupação em dar as boas novas da ressurreição ao discípulo arrependido e contrito por haver negado Jesus. Pedro estava sedento pelo perdão, por isso a Ressurreição seria uma notícia de grande alegria para ele.

V. 8: As mulheres ouvem o ‘jovem’ e fogem do sepulcro, porque estavam possuídas de “medo” e “assombro”. Conforme Marcos, elas não contam nada a ninguém, porque estavam com “medo”. O termo “assombro” (ἐκστασις) denota o êxtase de alguém que foi retirado de sua rotina e cosmovisão normal, mediante o impacto de um poder ou experiência fora dele,<sup>4</sup> e o termo “medo” (Φοβος)<sup>5</sup> em Marcos denota um “temor santo”.<sup>6</sup> Alguns autores<sup>7</sup> interpretam o silêncio das mulhe-

---

<sup>3</sup> ἔκθαμβεῖστε é o termo usado por Marcos para descrever a atitude da multidão após o primeiro exorcismo de Jesus (1.27) e a reação dos discípulos na Transfiguração (9.15).

<sup>4</sup> ibid. p. 782-4.

<sup>5</sup> É o termo usado para descrever a reação da mulher curada de hemorragia (5.33).



res como pré-condição para a posterior proclamação evangélica. Seu silêncio não seria fruto do puro medo aterrorizante, mas do temor reverencial diante da maravilha do poder de Deus em ressuscitar o Salvador. O silêncio só é reverencial quando precede a ação. As mulheres não ficaram caladas por muito tempo. Elas relataram aos discípulos tudo o que viram e ouviram. Não guardaram para si as notícias da Salvação.

## COMENTÁRIO HOMILÉTICO

O silêncio reverencial das mulheres foi a reação diante do inacreditável poder de Deus em ressuscitar Seu Filho. Elas estavam “assombradas”! Por isso mesmo, a surpresa e o silêncio transformaram-se em júbilo<sup>8</sup> e as impulsou a proclamar a vitória de Cristo sobre a morte. O caráter quase extático do júbilo das mulheres causou estranheza nos discípulos e os fez duvidar da veracidade das afirmações sobre a Ressurreição.

A proclamação evangélica também deve surpreender as pessoas de hoje. Nossa pregação deixa as pessoas “assombradas” diante das maravilhas da graça de Deus? As pessoas estão cansadas do discurso fácil e vazio da Teologia da Prosperidade. Estão enjoadas com a pregação político-partidária da Teologia da Libertação e carentes do amor e graça de Deus. A pregação de Lei e Evangelho surpreende os ouvidos dos que estão cansados do legalismo. Por isso, a proclamação do amor de Deus na cruz de Cristo e Sua vitória sobre a morte causa surpresa e admiração. Esse é o nosso desafio! Vamos “assombrar” as pessoas proclamando: “Jesus, que morreu por todos, foi ressuscitado! A morte foi derrotada!” Vamos assombrar o mundo agindo em favor dos excluídos e marginalizados.

O caráter escatológico da perícopes em destaque também surpreende. O final abrupto de Marcos provoca no leitor a sensação de que, a qualquer momento, o Jesus ressurreto aparecerá em cena. A espera pela volta de Cristo também “assombra”, pois será a revelação derradeira da glória de Deus. Esse recurso pode ser usado em nossas mensagens: relacionar a Ressurreição de Cristo com Sua Volta. Levar nossos ouvintes ao **silêncio reverencial** diante da revelação

<sup>6</sup> Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1999. Cf. Is 1.27: “Sião será redimida pelo direito, e os que se arrependem pela justiça” p. 1264.

<sup>7</sup> D. Ninehan.

<sup>8</sup> Mateus escreve que as mulheres saíram em temor e grande júbilo (28.8).

do poder de Deus, da ação do Espírito Santo no Batismo e na Palavra e do perdão vitorioso de Cristo na Santa Ceia. O silêncio reverencial leva à ação, à proclamação do evangelho. Ele é prelúdio do contagiante júbilo que leva o cristão ao êxtase (no bom sentido) e à ação empática-simpática pelas pessoas, especialmente pelos excluídos de nossa sociedade.

## PROPOSTA HOMILÉTICA

**Tema:** A Ressurreição de Cristo causa silêncio...

### INTRODUÇÃO

O silêncio como louvor, como “assombro” diante das maravilhas de Deus...

*I – porque nos revela o inacreditável poder de Deus na vitória sobre a morte!*

**Moléstia:** Incredulidade. As mulheres sequer cogitavam a ressurreição. Foram ao túmulo para encontrar um cadáver (v.1-2). Nossa mentalidade empirista também não aceita a Ressurreição. Estão à procura do túmulo definitivo de Jesus.

**Evangelho:** Deus revela seu poder assombroso ao levantar Seu Filho dos mortos. Mostra seu total controle sobre o Universo e Sua vitória sobre a morte, o pecado e o diabo. Há de se contemplar o túmulo vazio!

*II – porque aponta para a Volta de Cristo!*

**Moléstia:** A Ressurreição surpreendeu as mulheres; da mesma forma, muitos serão surpreendidos pela Volta de Cristo para julgar vivos e mortos.

**Evangelho:** A volta de Cristo revela o poder assombroso de Deus na vitória final sobre o diabo, o pecado e a morte. Será o dia de júbilo aos “assombrados” e crentes na morte e ressurreição de Cristo!

*III – ...que nos leva ao júbilo e à ação!*

**Moléstia:** silêncio reverencial só denota louvor quando precede a ação! Mulheres não ficaram caladas. Após o silêncio, foram e proclamaram a Ressurreição.

**Evangelho:** Nossa ação e proclamação são resultado direto da ação inexplicável de Deus. Seu assombroso poder nos leva a agir, proclamando o evangelho (testemunho) e agindo em amor ao próximo, com empatia e simpatia.

**Conclusão**

Um convite ao silêncio reverencial diante do túmulo vazio e à ação subsequente em proclamar com palavra e atos o evangelho de Cristo.

*Mário Rafael Yudi Fukue*  
*Passo Fundo, RS*

# SEGUNDO DOMINGO DA PÁSCOA

*Quasimodogeniti*

Salmo 16, Ezequiel 37.1-14, 1 Pedro 1.3-9, João 20.19-31

**João 20.19-31**

## CONTEXTO (CENÁRIO LITÚRGICO, HISTÓRICO)

O cenário litúrgico ainda está sob o efeito da mais sublime notícia da Escritura: Jesus, o Filho de Deus, cumpriu a sua promessa: ressuscitou, venceu a morte e o diabo, e selou a sua obra redentora, oferecida a todos os que nele crêem. A Páscoa, que celebra a vitória de Cristo sobre a morte, é também a certeza de nossa vitória, de nossa ressurreição e da vida eterna. É dia de festa, de alegria e júbilo.

Já o cenário histórico do texto não retrata a mesma alegria do cenário litúrgico. É domingo à tarde e os discípulos estão reunidos, trancados, com medo dos líderes judeus. A morte de Jesus era um excelente momento para acabar com o “novo movimento religioso”, havendo um perigo real de perseguições aos discípulos. Além deste medo, havia ainda todo o impacto emocional negativo dos últimos três dias, em que os discípulos presenciaram o sofrido e longo martírio do amigo e Mestre Jesus.

Este cenário de medo e desesperança dos discípulos contrasta com o recente encontro pessoal acontecido pela manhã entre Jesus, as mulheres e os discípulos Pedro e João, que eram a prova de que Jesus havia ressuscitado. Parece que esta notícia ainda não tinha sido bem aceita ou compreendida pelos discípulos. O texto parece indicar um ambiente de dúvida sobre a possibilidade concreta da ressurreição, tal como demonstra a atitude de Tomé na semana seguinte, por não ter visto com seus próprios olhos o Salvador ressurreto. É surpreendente, por isso, que o único sentimento expresso no início do texto seja o de medo (*fóbos*) e não de expectativa da ressurreição previamente anunciada. O medo só dá lugar à alegria (*chairó*) após Jesus mostrar suas mãos e o lado ferido, ou seja, fato que garantia aos discípulos que ali, diante deles, estava o mesmo Jesus que fora pregado na cruz, morto e sepultado, e não um fantasma.

## ÊNFASES, EXPRESSÕES QUE SE DESTACAM, ANÁLISE DO TEXTO

Vv. 19 e 21: **“Que a paz esteja com vocês”**. Esta era uma expressão comum na época, quando amigos se encontravam. Aqui, po-

rém, ela vai além de uma saudação e assume um caráter de bênção, pois é logo a seguir reafirmada e proferida por Jesus com uma ordem de envio ao discipulado. A palavra usada aqui é *eirene*, que é quase correspondente ao *shalom* do Antigo Testamento, adquirindo o sentido de bem-estar geral. Ao proclamar a paz, Jesus tem, em primeiro lugar, o objetivo de aplacar toda a angústia presente nos corações dos discípulos, fortalecendo a sua fé. Porém a paz que Jesus traz transcende a isso, como aponta o Dicionário do Novo Testamento Grego (JUERP), que define paz como “o estado tranquilo da alma que tem certeza de sua salvação por Cristo, e assim nada temendo da parte de Deus, vive contente com sua sorte neste mundo, seja qual for” (Thayer). Esta mensagem de paz assume um caráter de profética consolidação ao cenário de perseguição a que os discípulos seriam logo submetidos no seu discipulado.

V. 21: **“Assim como o Pai me enviou, eu também envio a vocês”**. Após cumprir integralmente a missão do Pai, Jesus deixa claro que a missão apostólica ficará agora ao encargo dos discípulos.

V. 22: **“Depois soprou sobre eles e disse: Recebam o Espírito Santo”**. Jesus começa a cumprir a promessa feita aos discípulos em João 14.17. Chama a atenção o fato de que Jesus “sopra” o Espírito Santo aos discípulos, sendo que verbo “soprar” (*emphysao*) é o mesmo que a Septuaginta usa em Gênesis 2.7, quando o Criador sopra o fôlego da vida a Adão e em Ezequiel 37.9: “Assopra sobre estes mortos, para que vivam”. Isto aponta para um ato poderoso e transformador de Jesus, que os torna, naquele momento, “novas criaturas”, capacitando-os com um poder divino para realizar a missão recém conferida a eles, de serem os seus apóstolos e enviados. O verbo “recebam” está no imperativo, denotando um ato único e especial de recebimento. Poder-se-ia dizer que aqui houve um primeiro Pentecostes, de caráter mais íntimo e pessoal aos discípulos.

V. 22: **“Se vocês perdoarem os pecados de alguém, esses pecados são perdoados; mas, se não perdoarem, eles não são perdoados”**. Aqui estão presentes elementos do ofício das chaves (ver Mateus 16.19). Esta tarefa de perdoar ou não os pecados, delegada aos discípulos (à Igreja) só se dá a partir da relação íntima com o Espírito Santo, ou seja, é o próprio Espírito que os autoriza e capacita a perdoar ou reter os pecados dos descrentes. É um ato de proclamação que se fundamenta na autoridade que Cristo outorga à Igreja e que só pode ocorrer numa relação de obediência a Deus.

V. 27: **"Pare de duvidar e creia"**. Tomé ficou conhecido, até de forma injusta, como o discípulo incrédulo. Porém, não foi apenas Tomé que duvidou da ressurreição de Jesus. Os demais discípulos, antes de verem pessoalmente Jesus, também não estavam acreditando no relato de Pedro, João e das mulheres.

V. 28: **"Senhor meu e Deus meu"**. A exclamação de Tomé soa como um abrir de olhos, uma confissão de fé verdadeiramente convicta, abandonando toda e qualquer dúvida que porventura ainda havia, de que Jesus era verdadeiramente o Deus encarnado e o Messias profetizado. Ela se aproxima da confissão do centurião em Marcos 15.39, diante da morte de Jesus: "Verdadeiramente este homem era Filho de Deus".

V. 29: **"Felizes os que crêem sem ver"**. Esta é uma bem-aventurança especial para todos aqueles que não foram testemunhas oculares da ressurreição de Jesus, o que inclui a cada um de nós hoje, que cremos em Cristo pelo anúncio da mensagem.

V. 31: **"Mas estes foram escritos para que vocês creiam que Jesus é o Cristo (Messias), o Filho de Deus"**. João expressa aqui o grande propósito de todo o evangelho e da própria Escritura: despertar a fé dos não-crentes e fortalecer a fé dos crentes, apontando Jesus como o Salvador profetizado, recebendo, por esta fé, uma nova vida em seu nome (e vida eterna, como diz João 3.36).

## **PARALELOS, PONTES, PONTOS DE CONTATO**

Os evangelhos sinóticos nos ajudam a compreender melhor a situação vivida pelos discípulos no texto. Lucas 24.36ss. fala mais dos sentimentos vividos naquele domingo, afirmando que os discípulos ficaram assustados, achando Jesus ser um fantasma. Outro elemento trazido pelos sinóticos é a crítica direta de Jesus sobre a dúvida nos corações e mentes dos discípulos, que em Marcos 16.14 é trazida como uma clara repreensão da falta de fé dos onze discípulos.

O texto de João relaciona-se com várias outras passagens, sendo um texto em que várias promessas de Jesus são cumpridas. Em Jo 16.22 Jesus já antecipava que a tristeza seria trocada pela alegria do reencontro. Em Jo 7.39 Jesus promete que o Espírito seria concedido aos discípulos após ele ser glorificado.

**SI 16:** O Salmo relaciona-se com o texto de João, apontando para a plenitude da alegria daqueles que estão na presença de Deus

(vv.9,11), e que não serão deixados na morte (v.10), mas receberão “as delícias perpetuamente” (v.11).

**Ez 37.1-14:** Texto profético que aponta para a ressurreição daqueles que crêem em Deus. O sopro de Deus, que vivifica os seres humanos, é o mesmo que Jesus sopra aos discípulos após sua ressurreição. É a garantia de que um dia o Espírito de Deus também nos vivificará e nos ressuscitará.

**1 Pe 1.3-9:** A epístola aponta para a ressurreição de Cristo e dos que nele crêem, além da promessa da herança na vida eterna, e reforça a alegria que deve advir desta notícia: “Exultai com alegria indizível” (v.8). Aponta também para as provações que os discípulos terão que enfrentar, que se relaciona com a paz que será preciso ter para enfrentá-las, advinda da fé em Cristo.

## **SUGESTÃO DE USO HOMILÉTICO (ASSUNTO, OBJETIVO, TEMA, DESDOBRAMENTOS)**

### **INTRODUÇÃO**

Vivemos num mundo em que o medo, angústia e falta de fé/confiança em Deus estão deixando marcas profundas nas pessoas. Violência, solidão, entre outras provações, estão levando as pessoas a viver “trancadas” ou fechadas em si mesmas. O cristão, apesar de todas as provações, não pode deixar de viver alegre, pois a notícia da Páscoa é transformadora. O Espírito Santo também pode “soprar” em nós, nos transformando em novas criaturas e nos dando a alegria que é fruto da fé em Deus.

**Tema:** Alegrem-se como (e com) os discípulos! (Jo 20.20)

1. *Por que Jesus também está no meio de nós* (v.19): Jesus é um Deus vivo, ressurreto, que não abandona os que o amam. “Eis que estarei convosco todos os dias...” é a promessa de Deus aos que crêem nele.

2. *Por que Jesus cumpre suas promessas:* ele ressuscitou, ele substituiu a tristeza pela alegria, ele enviou e soprou o seu Espírito Santo, como havia prometido. É a prova do poder e da fidelidade de Deus, bem como a certeza de que podemos confiar na nossa vitória sobre a morte e ressurreição.

3. *Por que ele também nos dá a sua paz:* Jesus nos concede a paz que liberta, perdoa, aplaca a angústia e nos garante forças para suportar todas as nossas provações.

4. *Por que nós também podemos exclamar como Tomé: Senhor meu e Deus meu!* A mensagem da Páscoa nos deve fazer confessar e tes-

temunhar a divindade de Deus. Ela nos torna ainda bem-aventurados, porque apesar de não termos sido testemunhas oculares, mesmo assim cremos (v.29) e nos tornamos herdeiros da vida eterna.

## OPÇÃO 2

**Tema:** Pare de duvidar e creia! (v. 27)

**Partes**

1. Porque Cristo de fato ressuscitou;
2. Porque Cristo está entre nós;
3. Porque Cristo cumpre suas promessas (de paz, alegria, perdão e vida eterna).

*Thomas Heimann  
Canoas, RS*



# TERCEIRO DOMINGO DE PÁSCOA

*Misericordias Domini*

Salmo 22.22-31, Isaías 40.25-31, 1 João 5.1-13, João 15.1-8

## João 15.1-8

### CENÁRIO HISTÓRICO

O texto da *Videira e os ramos* (João 15.1-8) é um dos chamados "Discursos de Despedida". São palavras ditas pelo Mestre poucas horas antes de ser preso e morto. No Evangelho de João, logo depois de lavar os pés aos discípulos e indicar o traidor Judas, Jesus inicia um discurso (João 13.31) que, com poucas intervenções dos discípulos, se estende até João 18.1. Jesus utiliza em João 15 a metáfora da Videira. As plantações de uvas eram extremamente importantes e abundantes naquela região. Estas simbolizavam a relação entre o povo de Israel e Deus, seja representada pelo vinho usado na Páscoa (e agora na Santa Ceia) como também nas parábolas e metáforas do Antigo Testamento que retratavam o povo de Israel como sendo "a videira" (Is 5.1-7; Sl 80.9-17; Jr 2.21 ; Ez 15.2; 17:5-10; 19.10 ; Mt 21.33-46). A Videira verdadeira, porém, não é o primeiro Israel, mas o segundo, o Israel conforme Deus, Jesus Cristo. Aqueles que estão conectados e permanecem em Jesus fazem parte do verdadeiro Israel (Rm 2.29) como bons ramos da Boa Videira. O objetivo de Jesus neste sermão era fortalecer e encorajar os discípulos para que não se escandalizassem perante a sua paixão e morte. Todo o sermão mostra um carinho e uma preocupação toda especial do Mestre em relação aos discípulos e por isto Jesus não poupa frases que apontam e pressupõem a realidade da ressurreição. Porém, a reação dos discípulos diante de tal discurso é de confusão e dúvidas (Jo 16.18,29). Os seres humanos são por demais fracos e pecadores para compreender as obras de Deus. Jesus conclui orando em favor de todos os que crêem nele na oração sumo-sacerdotal (João 17). Por fim, em João 17.20, Jesus conecta todos os crentes de todos os tempos aos eventos e palavras ditas nesta ocasião.

### CENÁRIO LITÚRGICO

Estamos no terceiro domingo de Páscoa. Não faz sentido enfatizar na mensagem o contexto de despedida. Aliás, se o sermão de Jesus é

um sermão de despedida pelo seu local e momento na história, não é assim pelo seu conteúdo. João 15 enfatiza a presença de Cristo e não sua ausência. Jesus vai para junto do Pai, não estará mais visivelmente presente entre os cristãos como estava até então. Porém não abandonará a igreja. A promessa do *Paracletos* (João 15.26) demonstra que a presença de Cristo será uma constante. Mais do que isto, estaremos ligados nele. Ora, o ramo na verdade não está ausente da videira. Se estiver ausente também estará morto. É impossível lermos o texto pensando em uma despedida ou separação entre Jesus e a Igreja. Videira e ramos continuarão unidos. Até mesmo corporalmente unidos, afinal Jesus tinha deixado na Santa Ceia a promessa de que estaria corporalmente conosco. Um e o mesmo é o propósito do Agricultor, da Videira e dos ramos: produzir frutos. O texto celebra e enfatiza a presença e a união de Deus em Cristo com a igreja.

## ANÁLISE DO TEXTO

V. 1: "Agricultor" (γεωργός). Ao comparar Deus Pai com o *georgos*, Jesus está dizendo que ele não apenas é o proprietário da Vinha, mas aquele que cuida dela, o trabalhador na Vinha. A metáfora enfatiza o grande cuidado que Deus tem pela sua Igreja. Deus cuida de nós com especial interesse: mas sempre através de Cristo. Separado de Cristo, para nada mais presta o ser humano, além de para ser lançado no fogo. "Videira verdadeira": Cristo é a Videira verdadeira, plantada na terra pelo Agricultor, não um produto do acaso (Jo 3.16). A videira é uma planta que se propaga dispersando ramos, por isso a comparação tem tudo a ver com o objetivo da grande comissão (Mt 28.19). A raiz, Cristo, é invisível aos olhos, mas de fato é dela que vem todos os nutrientes, toda a força, toda a capacidade dos ramos (Rm 11.18).

V. 2: "Estando em mim". Não deve ser entendido como um "estar" apenas nominal. Como aqueles a quem Tiago acusa de afirmar que crêem em Deus, mas que não manifestam isto em suas vidas (Tg 2.14). Afinal, não pode a árvore boa produzir frutos maus (Mt 7.16-20, Rm 11.16). "Ele o corta": Quem corta é Deus, o Agricultor. Ainda que Deus possa cortar os ramos infrutíferos a qualquer momento, como aconteceu com Judas, Ananias (At 5) e com aqueles de Israel que haviam rejeitado o Messias (Rm 11), pela sua benignidade sabemos que ele fará total e visível separação apenas no Dia do Juízo (cf. a parábola do Joio e do Trigo, Mt 13.24-30).

V. 3: "Já estais limpos". "A palavra purifica ao homem (quando aceita no coração pela fé), isto é, ela traz perdão de pecados e torna

aceitável diante de Deus, para que por causa desta fé, pela qual unicamente esta palavra é aceita e assentida, nós, crendo nela, sejamos julgados e considerados totalmente puros e santos diante de Deus, mesmo que, por causa de nossa natureza e vida, ainda não somos suficientemente puros, visto que pecado, fraqueza e fragilidades, que ainda precisam ser limpas, estejam em nós, porque ainda estamos na terra” (Palavras de Lutero, citadas por Kretzmann em seu comentário a João 15).

Vv. 4-7: *“Permanecer”*. Sabemos, pela Escritura, que não podemos permanecer em Cristo por nossa própria razão ou força. De uma maneira bem prática podemos entender esta ordem de Cristo (o verbo no grego está na forma do imperativo aoristo: μέναιτε) como permanecer em contato com sua Palavra e Sacramentos, através dos quais o Espírito Santo nos manterá ligados a ele pela fé. Nunca devemos esquecer que nosso Deus é tão gracioso que dá aquilo que ele mesmo exige. Ao mesmo tempo que diz: “Permaneçei”, unicamente por graça e mediante seu Espírito também nos faz permanecer nele. *“Sem mim nada podeis fazer”*: A expressão “sem mim” denota a mesma coisa que “separado de mim”. Quanto aos ramos, se separados da videira, não iriam produzir frutos, mas imediatamente murchariam e morreriam. Assim cristãos, se separados de Cristo, não podem fazer nada. A expressão mostra o tamanho da nossa dependência de Deus e lembra que toda a honra e glória pelas boas obras dos cristãos são devidas unicamente a Deus.

V. 8: *“Frutos”*. São frutos do arrependimento. Frutos do Espírito Santo. Temos que ter cuidado para não entender estes frutos como algumas determinadas obras desejadas pela congregação. Os frutos estão relacionados aos Mandamentos de Deus e ao propósito de Deus em Cristo: a edificação da Igreja e a salvação das almas. Eles são consequência da ligação do crente com Deus (lei e evangelho) e não do legalismo. Dois textos que podem ser verificados: Gl 5.22,23; 2Pe 1.3-11.

## PROPOSTA HOMILÉTICA

**Moléstia:** Vivemos num mundo moderno e agitado. Com esta desculpa, muitos encontram base para negligenciar a Palavra e os Sacramentos (permanecer em Cristo). Por outro lado, supervaloriza-se a “prática do bem” à parte do “estar em Cristo”.

**Meio:** Cristo é Videira Verdadeira. Tudo fez pela nossa salvação e agora é a fonte de todo bem real. Ele nos une consigo mesmo como ramos da Videira e nos transforma em canais do seu amor.

**Objetivo:** Levar o povo de Deus a compreender a importância e a possibilidade graciosa de estarmos unidos com o Cristo Vivo e vivermos uma vida cheia de frutos verdadeiros para a honra e glória de Deus.

**Tema:** Unidos com o Cristo ressuscitado, frutificamos!

**Introdução:** Usar a própria metáfora da videira como ilustração

## **PARTE I: PERMANECENDO EM CRISTO, FRUTIFICAMOS**

- Pela comunhão com o Cristo ressuscitado e uso freqüente da Palavra e Sacramentos
- Pela ação do prometido Paráclitos (a festa de Pentecostes se aproxima)
- Cristo permanece em nós e nos reconcilia com o Pai
- Unidos com Cristo, recebemos dele toda a seiva, a força e a motivação (Fp 4.13)
- Unidos temos o mesmo propósito e neste propósito frutificamos (edificação da Igreja e salvação de todos)
- Como o fruto da videira honra ao Pai e alegra os homens, assim nossos frutos de amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio redundam em glória a Deus. Pois tudo recebemos dele e para ele são todas as coisas.

## **PARTE II: AFASTADOS DE CRISTO NINGUÉM PODE DAR FRUTO**

- Pelo desleixo e indiferença para com a Palavra e Sacramentos
- Pela vida hipócrita insistentemente centrada em obras externas e autoconfiança.
- O que falsamente está em Cristo nada produz, senão ilusão.
- O descrente é cortado da Videira e guardado para o fogo eterno
- Está desligado de Cristo e nada do que faz é agradável a Deus (Rm 8.8)
- Torna-se inimigo de Deus e tenta impedir o seu propósito

**Conclusão:** Vivamos unidos com o Cristo ressuscitado, para que, redimidos por ele, façamos parte de sua santa missão, frutificando conforme sua vontade.

\* Os tópicos do esboço não estão em ordem seqüencial, mas devem ser usados de forma que a Lei e o Evangelho percorram todo o texto da mensagem.

*Fernando Ellwanger Garske  
São Leopoldo, RS*

# QUARTO DOMINGO DE PÁSCOA

*Jubilate*

Salmo 23, Ezequiel 34.11-16, 1 Pedro 2.21b-25, João 10.11-16

## João 10.11-16

### O PERÍODO LITÚRGICO

Há um afunilamento para o Pentecostes. A igreja, que até agora refletia e meditava sobre a obra de Deus em Jesus, se prepara para a missão de levar o evangelho da redenção. Está chegando a hora da missão do cristão para levar ao mundo o que Deus em Cristo preparou para Todos. Nesta parte final do período de Páscoa, os textos colocados pregam e manifestam o grande amor de Deus por aqueles que levam o evangelho e também por aqueles que o recebem.

### OS TEXTOS PARALELOS

Sl 23, Ez 34.11-16, 1Pe 2.21b-25 propõe basicamente um tema: O Bom Pastor. Há uma necessidade de um Bom Pastor. Davi e Ezequiel revelam que o rebanho tinha carências, as quais só poderiam ser supridas por aquele que pastoreia com poder e graça, misericórdia e bondade em todo tempo. Pedro informa que as ovelhas, pela obra redentora sobre a cruz, são reconduzidas de volta para a vida e, com fé, irão seguir o seu Pastor.

### O TEXTO

**Eu sou!** Aqui e em outros momentos Jesus se vale de uma expressão já presente no AT. Ela se impõe fortemente e é necessária na vida dos líderes e do próprio povo de Deus. Ela é evangélica. Deus, quando se revelou a Moisés, disse: "Eu sou o que sou!" (Êx 3.4). Jesus era e é Deus para sempre. Deus disse isto a Moisés justamente no momento em que ele, Moisés, tratava de encontrar uma forma de não ser o chefe e "Pastor" na saída do povo do Egito. Argumentava sua incapacidade para tal.

**Eu sou o Pastor, o Bom.** Assim está o texto no original. É verdade: "Bom há somente Um" (Mt 19.16). Antes que o texto fale a congregados, ele precisa e certamente toca o semblante e o coração dos pastores, a quem a igreja confiou um rebanho. Como tais, não somos

“bons” e temos um rebanho que também não é “bom” (Is 53.6). Acredito que o “Eu sou contigo” ouvido por Moisés é também significativo para todos os que estão à frente do ministério. O pastor precisa desta palavra: Eu sou contigo. Aliás, Davi, o pastor, disse: “O Senhor é meu Pastor. Nada me faltará”.

**O Evangelho.** Cristo deu a sua vida pelas ovelhas. Literalmente falando: Cristo deu a sua “alma”. Há uma entrega pelo rebanho, que desde aquela época até os dias de hoje tem problemas. Jesus diagnosticou-o: “São como ovelhas que não têm pastor” (Mt 9.36). Jesus toma em seus braços a ovelha caída e quebrada. Evidente que o quadro do Bom Pastor não está completo se não contempla a sombra da cruz. Os braços abertos, que por um lado, deixaram as glórias do céu e as mãos, antes transpassadas e machucadas pelos pregos, sustentam agora as ovelhas, de onde jamais poderão ser arrancadas (Jo 10.28).

**Pelas ovelhas.** Deus amou o mundo. Ele deseja salvar a todas as pessoas. Deus não ama apenas o rebanho ou os que nele estão. Também e, principalmente, os de fora dele, que são as machucadas e perdidas (Mt 9.12; Mt 18.10-14). Para esta missão, Deus se vale de pastores que são pecadores (1 Tm 1.15). Estes credenciados, balizados e avalizados pelo “Eu sou contigo”, levam ao rebanho “que não é bom”, o evangelho, “que é bom”, pois Ele cura, socorre, perdoa e recoloca as ovelhas no aprisco de Jesus, o Bom Pastor.

**O assalariado.** Jesus é Pastor não porque é pago por isso. No SI 121.3,4 somos informados que “Deus não dorme”. Deus, em Jesus, trabalha 24 horas dia (Jo 5.17) por aqueles que “ele comprou por preço” (1 Co 6.20). A ovelha, por sua vulnerabilidade, é facilmente atacada e dispersa. Ela depende do seu pastor, e por que não dizer, do seu “rebanho” para sobreviver. Os assalariados são todas as forças contrárias, malditas e diabólicas, que com mensagens atraentes e cativantes, milagrosas e momentâneas, procuram dispersar o rebanho. Não há um compromisso público. Na hora do “lobo”, fogem. Não são poucos, na atualidade, os pseudo-pastores que procuram dispersar os “eleitos de Deus”. Igualmente, é elevado o número de congregados, que sorratamente invade os alambrados e cercados alheios, em busca de pasto apetitoso para o momento; porém o definitivo e o melhor continuará sendo o retorno à mesa, a Santa Ceia, preparada pelo Bom Pastor, para a derrota e vergonha dos “assalariados”.

**Eu conheço as minhas ovelhas.** Na sua intimidade com o Pai, Jesus manifestava uma relação de amor e busca, para si e para os seus, nas mais diferentes situações da vida terrena. A ovelha conhece o seu Pastor, e conhece os pastos que lhe são oferecidos. Quando ela

reconhece o caminho da igreja, será abastecida por verdes pastos e águas tranquilas. Assim como Cristo conhece as ovelhas como inteiramente suas quanto a corpo, mente, alma e vida, assim também as ovelhas do Bom Pastor o conhecem com sua mente, coração e vontade.

**Outras ovelhas.** Aqui está a ênfase na missão da igreja. Buscar as ovelhas perdidas e que, no momento, estão sem pastor e sem rebanho. O texto não propõe uma união de todas as igrejas, mas sim, reunir todos ou o maior número possível sob o manto do Bom Pastor mediante a pregação correta da Palavra e administração dos sacramentos.

### **PROPOSTA HOMILÉTICA**

**Tema:** *O Bom Pastor:*

- a) dá a vida;
- b) provê bons pastos;
- c) segura na mão as ovelhas.

*A ovelha de Jesus:*

- a) recebe a vida;
- b) ouve a voz do Pastor;
- c) é trazida para o aprisco.

*Ilmo Riewe  
Gramado, RS*

# QUINTO DOMINGO DA PÁSCOA

*Cantate*

Salmo 65.1-8, 1 Crônicas 16.23-31, Colossenses 3.12-17, João 16.4b-15 (- 13)

## **João 16.4b-15 (- 13)**

### **CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES**

1. O Espírito Santo é o Comunicador das verdades fundamentais aos corações humanos. Ele é o que completa em nossas vidas a obra do Deus Triúno. Ele é o conector entre o que foi consumado pelo Pai e Filho e o que põe isso em nosso ser, no nosso coração.

2. O texto do Evangelho é parte da longa instrução e consolação dada por Jesus aos apóstolos quando se aproxima a semana da Sua tentação de não realizar a Obra, Sua crucificação e Sua morte. Ele também antecipa sua ressurreição e ascensão.

3. A verdade é a eterna busca do ser pensante. É o que mais necessitamos para viver. "O Espírito da verdade vos guiará a toda verdade". Esse Espírito não está preso a limites humanos. Ele age quando, onde e como Ele quiser. Mas o próprio Espírito revela que Ele usa meios para revelar a verdade. Não deixa "furo" para cada um fabricar entusiástica e emocionalmente produzir sua verdade. Essa visão que não valoriza os meios da graça, a saber, Palavra e Sacramentos, naturalmente escorrega para um subjetivismo que esvazia a verdade da Palavra revelada como referência objetiva. A consequência natural dessa visão "aberta" é uma fé sem disciplina, sem limite, do sabor e gosto de cada um.

4. Jo 16.13 – "*Ele vos guiará a toda verdade*". Promessa fantástica para pessoas que vivem no meio desse "vendaval de idéias que varrem o mundo". O mercado de idéias religiosas está bem abastecido, confuso e confundindo como nunca, pois os meios para dar "nós na cabeça" são tecnicamente fantásticos. Há que ter critérios bem fundamentados para discernir, jogar fora, descartar o monte de mentiras que chegam diária e continuamente diante de nossos olhos e aos nossos ouvidos.

Há "produtos religiosos" para todos os gostos (religião, política, futebol não se discute! É questão de gosto, preferência! diz um ditado popular).

Religião, a verdade religiosa não é questão de opinião, preferência, mas que decide o destino eterno. É questão de vida ou morte eterna.



5. Mas, teria Deus nos deixado sós nessa questão tão central da existência humana? Estamos por conta própria nessa busca, nessa luta interior em matéria de verdade sobre o ser e o seu sentido? Estamos entregues às inconstâncias e fragilidades das opiniões humanas, das criaturas “metidas” a Criador? A boa notícia que podemos saborear é que Deus providenciou um jeito, um meio para que a verdade, toda a verdade que necessitamos fosse comunicada a nós na pessoa de Seu Filho. Em Jo 1.14 o evangelista diz: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade”.

O Mistério Maior – Deus, se desocultou, se mostrou, revelou a verdade sobre Ele e sobre nós. E o maravilhoso é que essa verdade é a graça, o amor, porque Deus é Amor (1Jo 4.8).

## PROPOSTA HOMILÉTICA

TEMA: ***Ele vos guiará (ensinará) a toda verdade.***

*I. Nós necessitamos de uma palavra de verdade da parte de Deus.*

A – Nós ouvimos muitas palavras de verdade, mas elas são conflituosas e confundem.

B – A verdade que buscamos é necessária porque ela envolve as questões básicas da vida. Quem somos? De onde viemos? O que nos acontece depois que nossos corpos deixam de funcionar?

C – Essa necessidade humana pela verdade leva muitas pessoas ao desespero de nunca conhecer a verdade ou se ligar a qualquer pessoa (com carisma, poder de persuasão) que se *diz* ter acesso à verdade. Ex.: líderes fanáticos – Jim Jones

*II. Nós temos a **promessa** de Deus de que Ele nos guiará a toda verdade.*

A – Deus, o Pai, conhece a verdade desde a eternidade.

B – Deus o Filho veio para *compartilhar* a verdade de Deus e *executá-la*.

C – Deus Espírito Santo nos *dá* essa verdade.

1. Como uma pessoa da Trindade, Ele conhece a verdade.

2. Através de uma inspiração milagrosa, Ele a comunicou aos apóstolos.

3. Os apóstolos a escreveram sob orientação do Espírito.

4. Seus escritos têm sido preservados para nós nas Sagradas Escrituras.

5. Verdade – a verdade de Deus – está claramente preservada para nós nos escritos da Escritura.

## CONCLUSÃO

Ao lermos a Bíblia, vamos encontrar as muitas coisas que Deus fez para nós.

As Escrituras escritas sob a orientação do Espírito Santo são nosso *único e seguro caminho para a verdade*.

Louvado seja o Pai, o Filho e o Espírito Santo por tudo o que fizeram por nós sem mérito e dignidade de nossa parte.

A verdade do Amor incondicional de Deus em Cristo liberta do desespero, da culpa, do medo, do vazio, do sem-sentido.

Somos gratos por tanto amor, nosso bendito Salvador! Vem Espírito Divino, nobre Ensinador.

Traduzido e adaptado do *Lectionary Preaching Resources, Series C*, p. 160 – de Richard J. Schultz, Concordia Publishing House, por Gerhard Grasel.

*Gerhard Grasel*  
*Canoas, RS*

# SEXTO DOMINGO DA PÁSCOA

*Rogate*

Salmo 67, Isaías 55.6-11, 1 Timóteo 2.1-8, João 16.23b-33

## João 16.23b-33

### CONTEXTO

As demais leituras do domingo, propriamente chamado *Rogate* (Jo 16.26), enfatizam a temática da oração, da vida em comunhão com Deus, a partir da própria Palavra de Deus, do próprio Jesus (especialmente Is e 1Tm).

O texto específico faz parte do grande discurso de Jesus imediatamente antes da oração sacerdotal e logo após a promessa do envio do Espírito Santo (16.7). Aliás, esta promessa torna-se fundamental para que entendamos o porquê de Jesus afirmar que vai para o Pai e que, mesmo assim, seus discípulos poderiam ficar em paz.

### TEXTO E INTERTEXTUALIDADE/PROPOSTAS HOMILÉTICAS

1. A oração: Jesus, com sua paixão diante dos olhos, revela que ele é o Mediador. Em seu nome chegamos a Deus, sob sua justiça temos acesso a Deus (Ef 2.18; Rm 8.34). Lutero afirma que “somente através de Cristo a nossa oração é aceitável diante de Deus e nós recebemos um ouvir favorável e alcançamos a graça e boa vontade do Pai, pois Ele fez satisfação por nosso pecado e transformou um Juiz irado em um Deus gracioso e misericordioso” (Weimar 10 III, 136). A mediação de Cristo é a certeza do favor de Deus, do seu ouvir de Pai (cf. Jo 15.15,16).

A ênfase no nome de Jesus faz parte do “ter paz”. Os discípulos que dizem “cremos” agora, mais tarde seriam dispersados e se esconderiam diante da prisão e paixão do seu Mestre. Se seus méritos ou conduta fossem a condição para a comunhão com Deus, então estariam com as consciências em desespero. Podemos falar com Deus, em o nome de Jesus, mesmo sendo pecadores, por causa do perdão que há neste nome.

2. Revelação sem comparações: as parábolas usadas por Jesus por vezes causaram dúvidas de interpretação entre os discípulos. Tal maneira de falar de Jesus deve ter criado muitas expectativas. Note como neste pequeno trecho estudado Jesus enfatiza o cumprimento

futuro de suas promessas e revelação, usando expressões como “na-quele dia” e “vem a hora”. Assim, deve ter sido um alívio para os discípulos ouvirem que Jesus iria falar “claramente/abertamente” a respeito do Pai (v.25c). Ele diz que o Pai e Ele são um. Verdade simples, aberta, clara, revelada novamente. Assim, amar a Deus é amar Jesus. Falar com Deus é falar com Jesus. E a união com Deus trará certezas. A vinda do Consolador seria fundamental na compreensão da obra redentora de Jesus e da vontade de Deus para a sua Igreja.

**O objetivo:** paz (v.33) e alegria (v.24) mesmo ainda no mundo.

Todo o longo discurso de Jesus, a orientação sobre oração, o revelar da natureza divina, do Espírito Santo e do amor de Deus, tem um propósito: que os discípulos tenham paz e alegria nele (veja Jo 14.27,28 – aliás, neste texto o amor ἀγάπη faria os discípulos compreenderem até o sofrimento do Messias e a separação temporária. Note a raiz do termo citado em Jo 16.27: ἀγαπέω ).

3.1 O abandonado: Ao falar do abandono por parte dos discípulos, Jesus ecoa Zc 13.7 e Is 53. Apesar de ser abandonado (v.32), Jesus insiste que há a presença do Pai.

3.2 O ἐὼς: neste contexto “mundo” representa tudo o que está afastado da comunhão com Deus, aquilo que traz aflições aos seus filhos (cf 1Jo 4.5). No próprio discurso em Jo 15.18 o mundo é mostrado em contraposição aos crentes (veja também Jo 17.14). Neste mundo não há conhecimento de Deus, mas desprezo à sabedoria verdadeira (1Co1.21,28). O mundo pode manchar o cristão (Tg 1.27), mas o Espírito de Deus é mais forte (Tg 4.4) pois Jesus venceu o mal e Satanás, príncipe deste mundo (Jo 16.11).

Note a ênfase de Jesus: “**αἱ** **ἰαίβηçêá**”. ELE venceu o mundo. Venceu o pecado que traz a aflição à existência humana. Venceu a morte que é característica do mundo caído.

Ao dizer que venceu, conquistou o mundo (**ἰαίβηçêá** ὅχι ἐὐδίῃ), Jesus assegura que tudo o que o mundo produz não poderá afastar o crente do Reino de Deus (Rm 8.18ss). O tempo perfeito ἰαίβηçêá denota uma vitória permanente. Por isso mesmo, a paz em Jesus é permanente e independente das condições da vida no mundo. E a alegria a acompanha mesmo em meio aos problemas (1Ts 1.6; 3.4).

A vitória de Jesus é a base para a coragem (**εἰρήνη** é um hapax legômena em João) diante das aflições e lutas no mundo (Jo 14.1,28).

E a paz?

3.3 Εἰρήνη para os gregos era uma virtude personificada desde o início juntamente com a Ordem e a Justiça, um contraponto à guerra. Mas na Bíblia a paz está relacionada com a segurança espiritual, e

Jesus é então a personificação desta paz fazendo nossa reconciliação com Deus: **ἰῆὴν ἀοñβίçí ÷çôã**. A paz existe EM JESUS. O presente do subjuntivo **÷çôã** lembra que a paz é concedida hoje diante da certeza do cumprimento das promessas de Jesus, da sua obra redentora.

E0ñβίç é a condição para suportar as hostilidades do mundo (Sl 46.2-4). Para suportar até mesmo as nossas contradições internas, a luta entre a velha e a nova natureza. Jesus revela que os discípulos o abandonariam e eles enfrentariam a autorrejeição. Com culpa não há paz. E já disse um pensador: "A culpa é o pior ídolo". Jesus reafirma que nada abalará o amor dele por nós. Como disse Philip Yancey: "Não há nada que possamos fazer para Deus nos amar mais. E não há nada que possamos fazer para Deus nos amar menos." Nesta certeza temos paz. Por isso a paz é EM Cristo e não no sentimento pessoal de confiança, de fé. "Quando aceitamos a verdade do que realmente somos e a submetemos a Cristo, somos envolvidos pela paz, quer nos sintamos em paz ou não. Com isso quero dizer que a paz que excede todo o entendimento não é uma sensação subjetiva – se estamos em Cristo, estamos em paz, mesmo quando não sentimos nenhuma paz." (Brennan Manning em *O Impostor que Vive em Mim*).

Nesta paz temos um relacionamento direto, sem medo, com o Pai (Jo 15.9-16 e Rm 5), orando e enfrentando as aflições.

*Fernando Henrique Huf  
São Paulo, SP*

# ASCENSÃO DO SENHOR

Salmo 110, Isaías 45.18-25 ou Daniel 7.13-14, Atos 1.1-11 ou Efésios 4.7-13, Mateus 28.16-20

## Mateus 28.16-20

### O TEXTO

Tendo passado mais de um mês após a sua ressurreição, Jesus aparece aos discípulos e dá-lhes uma grande tarefa. Os discípulos haviam passado os últimos três anos aprendendo diretamente de Jesus Cristo sobre as verdades celestiais. Além de aprenderem, tinham sido provados em seus espíritos, passando pelo teste prático de conviverem e viverem na companhia dos demais discípulos e de enfrentarem adversidades juntos. Jesus sempre havia estado junto e aproveitado tais ocasiões para lapidar os seus alunos. Agora chegara o momento de deixá-los seguir e anunciar a Boa-Nova a outros povos e nações. Tarefa difícil a ser encarada, pois Jesus não estaria mais presente em forma humana, como haviam se acostumado, mas sim, através do Espírito Santo.

### ALGUMAS CONSIDERAÇÕES E DESTAQUES DO TEXTO

V. 17 diz que *alguns tiveram dúvidas*. Mesmo que a maioria dos discípulos, ao verem Jesus, o adoraram, alguns custaram a fazê-lo, motivados pela dúvida. A dúvida havia acompanhado os discípulos em outras ocasiões, conforme encontramos nos Evangelhos. A dúvida sobre Jesus Cristo e a salvação é uma diabólica arma que tem tentado os seguidores de Cristo e continua a ser utilizada, também, em nossos dias. Ela não esteve ausente nos instantes finais antes da ascensão do Senhor, assim como não estivera ausente no Jardim do Éden. A dúvida pode destruir a unidade e a comunhão, pois corrói a fé ao ponto de fazê-la esvaecer e sucumbir. 1 Pedro 5.8 admoesta: “Estejam alertas e fiquem vigiando porque o inimigo de vocês, o Diabo, anda por aí como um leão que ruge, procurando alguém para devorar”.

V. 18 mostra que Jesus invoca sua autoridade e poder: “*Deus me deu todo o poder no céu e na terra*”. O que estava para ser dito a seguir eram palavras que mudariam o curso da vida dos discípulos e de todos os que pertencem à Igreja. Jesus tinha autoridade e sua palavra

estava empoderada. Outros momentos haviam demonstrado isso, porque "Ele não era como os mestres da Lei; pelo contrário, ensinava com a autoridade dele mesmo" (Mateus 7.29) [igualmente podem ser conferidos Mt 9.6, 8; 21.23-24, 27]. Assim, com poder e autoridade, Jesus declara:

Vv. 19-20: "Portanto, vão a todos os povos do mundo e façam com que sejam meus seguidores, batizando esses seguidores em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-os a obedecer a tudo o que tenho ordenado a vocês. E lembrem disto: eu estou com vocês todos os dias, até o fim dos tempos".

Este *comissionamento* outorgado aos seus discípulos a partir da autoridade *no céu e na terra* confiada pelo próprio Deus, demonstra a peculiaridade da Palavra de Deus que não pode ficar presa e "engessada" no interior da Igreja, mas deve ser levada a todos os confins do mundo pelos próprios "possuidores" da palavra. O *Verbo* que habitou entre nós cheio de graça e poder precisa ser proclamado pelos seguidores de Cristo para cumprir a sua função de salvar o mundo e "congregar toda a cristandade na terra", conforme diz Lutero na explicação do Credo.

A palavra "*batizando*" é particularmente importante aqui. A Igreja tem a incumbência de batizar corretamente os convertidos, pois tem a autoridade para batizar outorgada pelo próprio Senhor e, por isso, tem o dever de ensinar e praticar o batismo conforme ordenado por Cristo até que Ele venha novamente.

"*Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo*" significa que a pessoa: a) ao ser batizada em nome do Pai, passa a ter Deus como Pai (Mt 6.9); b) ao ser batizada em nome do Filho, passa a ter os benefícios daquilo que o Filho de Deus fez pela humanidade (At 2.38); e, c) ser batizada em nome do Espírito Santo, passa a ter a presença e o poder do Espírito de Deus que concede a vida.

Assim, "*obedecer a tudo o que tenho ordenado a vocês*" os discípulos foram incumbidos de viver conforme os ensinamentos recebidos. Isso incluía a importante atividade pedagógica de ensinar aos convertidos *tudo o que foi ordenado*, conforme exposto no Sermão do Monte (Mt 5-7) e em Mt 18.

"*Estou com vocês todos os dias até o fim dos tempos*". Somente com a certeza da presença de Jesus os discípulos podem fazer o que lhes é pedido. Jesus concede aos seus seguidores o seu poder e a sua presença. A Igreja tem a promessa de não ficar desamparada na missão de Deus e da qual se tornou *co-missionada*. A missão é, na verdade, de Deus. Por isso os discípulos não estão sozinhos e nem desamparados pelo Senhor.

Ao receber a Grande Comissão, lembra Goppelt que “a Igreja surge quando o Ressurreto e Glorificado envia seus discípulos para fazerem discípulos de todas as nações, esse o teor da comissão decisiva. E, como expressam os dois participios coordenados, isso deverá acontecer mediante o *batismo* e propagação dos ensinamentos de Jesus”. A Igreja, nesse caso, é a totalidade dos discípulos de Jesus, mas não necessita da totalidade dos cristãos para se reunir: “Porque, onde dois ou três estão juntos em meu nome, eu estou ali com eles” (Mateus.18.20).

O fato do Senhor não abandonar a sua Igreja, para Lutero, significa que o Senhor, nosso Deus, nos ajuda como ajudou nossos antepassados. E, por isso, podemos ter a certeza de que também irá ajudar os nossos descendentes para a glória e o louvor de seu divino nome por toda a eternidade! Assim como nossos antepassados, nós não temos condições para sustentarmos a Igreja e nem o serão os nossos descendentes. O Senhor fez isso, está fazendo agora e irá fazê-lo, pois: “Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e sempre” (Hebreus 13.8).

## SUGESTÃO DE USO HOMILÉTICO

**Tema:** Cristo nos confiou uma missão

1) *Ir a todos os povos como seus seguidores*

- a. Olhando com atenção para os que “ainda jazem nas trevas”;
- b. Constrangidos pelo amor que recebemos de Deus;
- c. Participando com “tudo o que somos e temos”.

2) *Fazer novos seguidores*

- a. Através do ensino da Palavra na sua integralidade;
- b. Que nos mostra a verdade de Lei e a doçura do Evangelho;
- c. E nos faz herdeiros do Reino celestial através do batismo.

3) *Batizar estes novos seguidores*

- a. Pois o batismo nos transforma em herdeiros do Reino celestial;
- b. Que é um “sacramento”, um “meio” da graça de Deus agir em nossa vida;
- c. Algo que recebemos como um presente e sem mérito de nossa parte.

## CONCLUSÃO

Cristo não quer seguidores cansados e desinteressados pelas coisas celestiais. Assim como Cristo vive, a Igreja está viva e atuante



neste mundo, militando e seguindo avante rumo à pátria celeste e eterna.

*Clóvis Vitor Gedrat*  
*São Leopoldo, RS*

# SÉTIMO DOMINGO DA PÁSCOA

*Exaudi*

Salmo 8, Ezequiel 36.24-27, Efésios 3.14-21, João 15.26-16.4

## João 15.26-16.4

### CONTEXTO

a) Todo o Evangelho segundo João foi escrito para testemunhar que o Cristo, o Filho de Deus, é Jesus, visando assim criar a fé nele, a qual conduz à vida eterna (Jo 20.30,31). Nos capítulos 13 a 17 vemos Jesus junto daqueles que haviam crido e que, exceto o traidor (13.21-30), agora eram testemunhas oculares de que ele é o Cristo, o Filho de Deus. Os discípulos ainda teriam que presenciar todos os eventos que dizem respeito à paixão e à ressurreição de Jesus.

Este trecho é paralelo à última ceia registrada nos Evangelhos Sinóticos, onde Jesus institui a Santa Ceia (Mt 26.17-36; Mc 14.12-32; Lc 22.7-39; Jo 13.1-18.1). No relato de João, Jesus lava os pés aos discípulos, em sinal de serviço e amor ao próximo, e faz discursos de despedida aos seus seguidores mais próximos, onde, resumidamente, ele afirma ir para o Pai e que, posteriormente, enviaria o Espírito Santo para não deixá-los sozinhos. O trecho é finalizado com a oração sacerdotal, onde Jesus pede ao Pai para guardar os discípulos e todos os que viriam a crer nele em torno do seu nome.

b) Ao olharmos o contexto litúrgico, o texto se encontra na comemoração da Páscoa, no sétimo domingo de Páscoa, onde ainda se comemora, de forma especial, a ressurreição de nosso Senhor. Estamos nos aproximando da festa de Pentecostes, onde, no Novo Testamento, é a festa do cumprimento da promessa do derramamento do Espírito Santo. O Espírito Santo testemunha acerca de Cristo no momento em que os meios da graça são utilizados. É por isso que o Evangelho para esse dia contempla uma perícopa que se refere à promessa do Espírito Santo.

### ÊNFASES, EXPRESSÕES QUE SE DESTACAM, ANÁLISE

Observemos algumas expressões do texto:

V. 26: *parákletos* – Esse substantivo (adjetivo verbal derivado de *parakaleo* – “chamar ao lado”), no grego usado fora do NT, tem primeiramente um sentido passivo de “chamado para ajudar”. Disso vem o

sentido de “ajudador na corte”. Mesmo assim, esse termo não se refere a um advogado ou conselheiro profissional. Aos poucos, o termo foi desenvolvendo o sentido de advogado. No NT, em 1 Jo 2.1, Cristo tem a designação de *parakleto*, o advogado que representa o crente-pecador na corte do Pai. Mas aqui nos capítulos 14-16, o contexto aponta para o sentido amplo de ajudador/auxiliador. O Auxiliador conduz os discípulos a toda a verdade (14.26), testemunhando acerca de Jesus (15.26) e convencendo o mundo (16.8ss.). Esse trabalho do Espírito Santo, de ajudar, vemos também em Rm 8.26,27, em que ele ajuda o crente nas orações, e em Mc 13.11, onde Jesus diz aos discípulos para não se intimidarem ao testemunhar diante das autoridades, porque falariam com palavras dadas pelo Espírito Santo. Portanto, como traduz a NTLH, o Espírito Santo é o Auxiliador.

*pempô humin para tou patrós* – *pempô* significa envio. Essa palavra enfatiza a relação entre o que manda (remetente) e o enviado, e a conseqüente implicação do envio como comissão, especialmente no grego helenista. A ênfase está naquele que envia, diferentemente de *apostello*, onde a ênfase do termo está no comissionamento e outorga de autoridade para executar a tarefa. Jesus usa *pempo* para afirmar a sua participação na obra do Auxiliador pelo ato de enviá-lo. Nessa expressão, está a idéia de unidade de vontade e ação entre Jesus, o Pai e o Auxiliador. Assim, o fato de Jesus enviar o Auxiliador da parte do Pai implica que, em unidade, a Santíssima Trindade testemunha acerca de Jesus como o Filho de Deus: o Auxiliador 1. é enviado por Jesus; 2. da parte do Pai (que dele procede); 3. para dar testemunho de Jesus como Messias.

*pneûma tês alethías* – esta expressão está presente em Jo 14.17; 15.26; 16.13. O Auxiliador é o Espírito da verdade, pois traz a realidade divina, revelada no homem-Deus – Jesus. Ele traz a verdade ao convencer do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.8). Pela ação dele, o reino de Deus, presente em Jesus, continua a estar presente por meio da Palavra. Ele é responsável por ensinar todas as coisas e fazer os discípulos lembrarem os ensinamentos de Jesus (Jo 14.26). É responsável por guiar o povo de Deus a toda a verdade (Jo 16.13), a verdade de que Jesus é o Filho de Deus, “para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (Jo 20.31).

*para tou patrós ekporeúetai* – o Auxiliador surge do Pai; procede dele, ou seja, o Auxiliador é divino.

*marturêsei* – etimologicamente, a palavra vem da raiz “smer”, que significa “carregar na mente”, “estar envolvido com algo”. Assim, o

mártir é aquele que se lembra de algo em que esteve envolvido e, por isso, pode contá-lo, ou seja, é uma testemunha. O Auxiliador é testemunha, pois testemunha a respeito da pessoa de Jesus, como sendo o Cristo, o Filho de Deus (14.26; 16.13,14).

V. 27: *martureíte ap' arxês met' emoû este* – os discípulos de Jesus eram testemunhas também, pois estavam com Jesus desde o princípio do seu ministério e não poderiam deixar de falar sobre o que viram e ouviram (At 4.20). Eles viram a glória do unigênito do Pai (1.14), que abrange os sinais (2.11) e os ensinamentos de Jesus (17.6-8). O maior sinal que viram foi a morte e a ressurreição de Jesus (19.25-30; 20.19-29), que mostra que ele é o Filho de Deus, o Messias Salvador (Jo 20.30,31). Esse é o testemunho que os discípulos deram, o qual vemos registrado no Novo Testamento, nos escritos produzidos pelos apóstolos e evangelistas.

Cap. 16.1-4: *lelâlêka* – Jesus fala sobre o que os discípulos teriam que passar por testemunharem acerca dele. *lelâlêka* é perfeito do indicativo ativo, primeira pessoa do singular de *laléw*, “falar”. Estando no perfeito, esse verbo passa a idéia de que as palavras que Jesus passa a falar começam a ter importância num determinado ponto e continuam tendo importância, repercutem, até o presente. Ou seja, o que Jesus estava para dizer, sobre perseguição por aqueles que não conhecem a Deus, não deveria ser esquecido ou ignorado. O que ele diz uma vez, continua tendo validade sempre.

*skandalisthête* – voz média de *skandalizô*, segunda pessoa do plural, “vos chocais”, “vos ofendeis”. A raiz original tem o sentido de “pular para frente e para trás”, “ir de encontro a algo” (por exemplo “dar de cara no muro”), “se aproximar de algo para atingi-lo” ou “pegar em armadilha”. Assim, escândalo é aquilo que faz pecar, cair. É a armadilha que causa a ruína. Escandalizar-se, portanto, tem o sentido de ser desencaminhado, ser pego numa armadilha e, assim, perder a fé. Jesus não ilude os discípulos com um paraíso aqui na terra aos que testemunham acerca dele, mas os avisa de que serão rejeitados, expulsos das sinagogas, e serão mortos por pessoas que pensam servir a Deus dessa maneira. Essas pessoas farão isso porque não conhecem o Pai nem o Filho; farão por ignorância, ou seja, por incredulidade e dureza de coração (Saulo de Tarso p.ex. – At 26.9-11; 1 Tm 1.13). Por isso, Jesus os adverte de antemão sobre a rejeição, para que quando acontecer, se lembrem das suas palavras e não abandonem a fé por causa do sofrimento. Jesus diz: “No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo” (Jo 16.33).

## PARALELOS, PONTES, PONTOS DE CONTATO

O Auxiliador é enviado por Jesus da parte do Pai para dar testemunho acerca dele. É estranho quando pessoas dizem “tive uma revelação do Espírito Santo sobre...” e falam suas próprias idéias, põem medo nas pessoas com a previsão de desgraça, etc., mas não testemunham o Cristo crucificado, o Filho de Deus que amou o mundo, a ponto de lhe garantir o perdão da parte de Deus com o seu santo e precioso sangue. Isso é pecado contra o 2º Mandamento.

Os cristãos são testemunhas de Jesus, por aprenderem a sua Palavra, sendo guiados pelo Espírito Santo, o Auxiliador. Como alguém que se diz cristão, pela sua vida, prefere dar testemunho das glórias passageiras desse mundo, como status e influência, riqueza, beleza, erudição, etc.? Como alguém, sendo um cristão, poderia testemunhar, no seu modo de vida, a confiança em pessoas e em coisas, como se tivéssemos sido renascidos em Cristo para exaltar o mundo, o diabo e o nosso próprio ego? Essa vida é passageira. A Igreja é Cristã, pois testemunha Cristo, que conduz à vida eterna.

Como testemunhas de Jesus, os cristãos sofrerão o desprezo e a rejeição daqueles que se dizem religiosos, filhos de Deus, que se dizem até cristãos, mas não são. A rejeição do Evangelho de Cristo por parte de pessoas que estão arraigadas ao pecado e que ainda estão nas trevas traz sofrimento ao cristão. Ninguém deve ser iludido de que só há “vitória e bênção” para o cristão, pois muitos, sem conhecer o caminho do sofrimento e da cruz de Cristo, se desesperam e abandonam a fé. Mais do que não ser iludido, o cristão precisa ser assegurado da graça de Deus, que dá forças para resistir ao sofrimento. Somos assegurados da graça quando lembramos que pertencemos ao povo de Deus pelo batismo, quando recebemos o corpo e o sangue de Cristo na Ceia do Senhor, quando ouvimos a proclamação pública do Evangelho e quando ouvimos individualmente “em nome de Cristo, os teus pecados estão perdoados”. Sendo assegurados do amor de Deus, por meio de Jesus, quem é que não resiste à rejeição do mundo?

## SUGESTÃO DE USO HOMILÉTICO

**Tema:** Testemunhemos acerca de Cristo

1. A partir do testemunho do Auxiliador, presente na Escritura (É necessário definir os termos “testemunhar” e “Auxiliador”)
2. Mesmo que soframos a rejeição do mundo, pois estamos sob a graça de Deus

(É necessário mostrar a realidade da rejeição de Cristo. É necessário apontar para a graça de Deus para confortar o ouvinte em meio ao sofrimento pela rejeição do Evangelho.)

*Fernando Matos dos Santos*  
*Sorocaba, SP*

# PENTECOSTES

Salmo 139.1-12; Joel 2.28-29; Atos 2.1-8 (9-11; 12-18),  
João 14.23-27

**João 14.23-27**

**O CONSOLADOR ESTÁ PRESENTE!**

## **CONTEXTO HISTÓRICO/LITÚRGICO**

O domingo de Pentecostes: uma data especial para todos os cristãos. Neste data, a cristandade comemora o derramamento do Espírito Santo (Atos 2). Assim, foi cumprida a promessa que Jesus Cristo fez aos seus discípulos em João 14.16: "E eu rogarei ao Pai e ele vos dará outro consolador, a fim de que esteja para sempre convosco". Também é importante destacar as palavras do apóstolo Pedro, as quais estão registradas em Atos 2.16-21. Estas palavras comprovam que o derramamento do Espírito Santo já havia sido profetizado por Joel no Antigo Testamento (Joel 2.28: "... derramarei o meu Espírito sobre toda a carne...").

O acontecimento ocorrido no dia de Pentecostes foi maravilhoso: homens, de diferentes etnias e nacionalidades, que falavam diferentes línguas, tiveram a oportunidade de ouvir o Evangelho de Jesus Cristo em sua língua materna. O Apóstolo Pedro fez um discurso forte, emotivo, e cerca de três mil pessoas foram batizadas naquele dia.

Cabe destacar que a ênfase do Pentecostes não está no dom de línguas, no fato de os discípulos de Cristo falarem em línguas diversas. O fato principal do Pentecostes é a obra de Deus Espírito Santo: ensinar todas as coisas e fazer com que todos os ensinamentos de Cristo sejam sempre lembrados (João 14.26). Em resumo: a obra para o qual o Pai enviou o Espírito Santo é criar a fé nos corações das pessoas e manter esta fé, por meio da palavra. Para realizar sua obra, o Espírito Santo pode fazer uso de diferentes dons, e o dom escolhido pelo Espírito Santo para realizar sua obra no Pentecostes foi o dom de línguas, para que, deste modo, pessoas de diversas línguas pudessem ouvir a palavra.

Convém lembrar que a festa de Pentecostes era uma das três grandes festas celebradas pelo povo judeu. No Antigo Testamento, a Festa de Pentecostes também era chamada de "Festa das Primícias" e "Festa das Semanas", visto que os judeus a celebravam sete sema-

nas após a festa da Páscoa, trazendo ofertas voluntárias ao Senhor<sup>1</sup>. No entanto, o nome Pentecostes originou-se a partir dos judeus de fala grega, os quais, segundo Rottmann (p. 62) "... chamavam-na simplesmente pelo número: Pentecoste, isto é, 'o quinquagésimo dia' " após a festa da Páscoa.

Visto que a descida do Espírito Santo ocorreu justamente na ocasião da festa de Pentecostes, passou-se a denominar o dia da descida do Espírito Santo como dia de Pentecostes.

Entre as três festas realizadas pelo povo judeu, a festa de Pentecostes era a preferida dos peregrinos, "devido ao clima ameno desta época que possibilitava o pernoite ao ar livre".<sup>2</sup> Visto que a festa de Pentecostes era a preferida dos peregrinos, pode-se dizer que Deus teve um objetivo especial, missionário, ao enviar seu Espírito Santo sobre os discípulos justamente em meio a esta festa: fazer com que o Evangelho fosse anunciado ao maior número de pessoas de diferentes povos, que falavam diferentes línguas (basta observar os versículos de Atos 2.8-11). Este fato deve ter feito com que o Evangelho fosse difundido de forma mais rápida em outros povos e países.

Difundir, ensinar e preservar o Evangelho nos corações das pessoas: eis a obra para o qual Deus enviou o Espírito Santo!

### **O Texto**

No capítulo 14 do livro de João, Jesus Cristo está preparando seus discípulos para a sua partida. Jesus conforta os discípulos dizendo que, mesmo com a sua partida, os discípulos não ficarão desamparados, pois ele lhes irá enviar o consolador. Isto é verificado, entre outros, no versículo 18: "Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós outros".

Entre os versículos de João 14.23-27, o texto propriamente dito, Jesus reforça aos discípulos sobre o envio do Consolador. Em seguida, serão sublinhados alguns dos destaques destes versículos:

V. 23: Jesus conforta seus discípulos, garantindo a eles que "Ele e o Pai farão morada naqueles que o amam" (v. 23). Estas palavras, após a partida de Jesus, devem ter servido de grande consolo para os seus discípulos, pois através delas está garantido que os discípulos não estarão sozinhos para executar a grande obra da qual Jesus

---

<sup>1</sup> ROTTMANN, Johannes H. Atos dos Apóstolos. V 1. Porto Alegre: Concórdia, 1997. 2ª edição. p. 62.

<sup>2</sup> Idem, p. 62.



os incumbiu (Mt 28.18-20). Deus fará morada no coração daqueles que o amam, conduzindo-os na obra de anunciar o Evangelho, consolando-os frente aos turbilhões de dificuldades pelos quais passam em suas vidas.

V. 24: "... e a palavra que estais ouvindo não é minha, mas do Pai, que me enviou". Em diversas passagens do Evangelho de João, Jesus mostra o profundo elo existente entre ele e o Pai. Jesus fez isto, por exemplo, em João 13.19, quando ele atribuiu a si mesmo o nome que era usado para designar YHWH no Antigo Testamento EU SOU (אֲנִי אֵלֹהִים). Para aqueles que não viam a Jesus como o enviado de Deus, com certeza, estas palavras soaram aos seus ouvidos como a mais profunda audácia e heresia. No entanto, para aqueles que criam nele, devem ter soado como mais uma prova de que realmente ele era o Messias enviado de YHWH. Mencionar que a palavra que os discípulos estão ouvindo não é de Jesus, mas do Pai, comprova a profunda ligação existente entre Jesus e o Pai, e tranqüiliza os discípulos quanto à presença de Deus em suas vidas, mesmo após a partida de Cristo.

V. 26: Vejo este versículo como o centro desta passagem. Ele contém alguns ensinamentos extremamente importantes. Em primeiro lugar, Jesus ensina que o Espírito Santo é enviado pelo Pai em seu nome. Em segundo lugar, este versículo ensina acerca da obra de Deus Espírito Santo: **ensinar** e **lembrar** todas as coisas que foram ditas por Cristo.

Diz João 20.9: "Pois ainda não tinham compreendido a Escritura...". Conforme lido, os discípulos não compreenderam plenamente os ensinamentos de Cristo. Então, era tarefa do Espírito Santo, "lembrar os discípulos do ensino de Jesus e, assim, na nova situação após a ressurreição, ajudá-los a entender seu significado e ensinar a eles o que Jesus queria lhes dizer".<sup>3</sup>

Assim como no passado, o Espírito Santo tem obra semelhante a esta nos dias atuais. Conforme a explicação de Lutero acerca do Terceiro Artigo do Credo Apostólico, ninguém tem força para crer em Cristo. No entanto, é o Espírito Santo quem chama os cristãos pelo Evangelho, os ilumina, santifica e conserva na fé.<sup>4</sup> Esta é a obra do Espírito Santo: chamar os cristãos à fé e mantê-los na fé. E ele faz isso atra-

---

<sup>3</sup> CARSON, D. A. O Comentário de João. São Paulo: Shedd. 2007. p. 505.

<sup>4</sup> LIVRO DE CONCÓRDIA. (Trad. Arnaldo Schüler). Porto Alegre; São Leopoldo: Concórdia;Sinodal, 1980. p. 371.

vés dos meios da graça, *ensinando e lembrando* os ensinamentos de Cristo e a obra de Cristo em favor dos homens.

V. 27: Jesus, por meio da obra do Espírito Santo, traz paz aos corações. Não é a paz como o mundo a dá, mas é a paz que vem da graça e do amor de Deus, revelada aos homens através da morte de Cristo. A paz que Cristo dá é o conforto do seu amor, a garantia da sua presença na vida do cristão, em meio as suas aflições e ansiedades, bem como a alegria da vida eterna.

O mundo não tem o poder de dar a paz. Ele promete a paz, acena com a bandeira da paz, mas não tem o poder de oferecê-la. Muitos judeus pensavam que a prometida paz messiânica seria mantida por uma espada mais poderosa que a do rei Davi. Entretanto, a verdadeira paz foi conquistada por um homem que sofreu em lugar de todos os homens. Pela sua morte na cruz, foi conquistada a verdadeira paz com Deus.<sup>5</sup>

## SUGESTÕES DE USO HOMILÉTICO

**A) Assunto:** A presença de Deus na vida dos cristãos.

**B) Objetivos:**

1. Confortar as pessoas mostrando a elas a presença real de Deus em suas vidas, por meio do Espírito Santo.
2. Relembrar a verdadeira obra de Deus Espírito Santo: ensinar e fazer lembrar os ensinamentos de Jesus Cristo.

**C) Tema:** O Consolador está presente!

1. *(Como?) O Pai o envia em meu nome.*

Deus enviou o Espírito Santo sobre os discípulos no dia do Pentecostes. Deus enviou seu Espírito sobre os quase três mil que foram batizados pelos discípulos no dia de Pentecostes. Deus enviou e continua a enviar o Espírito Santo a nós por meio do batismo. Através do batismo, somos colocados em profunda comunhão com Deus (João 14.23: "... e viremos para ele e faremos nele morada); visto termos sido batizados "... para dentro • \$%i-□(ãèò) do nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo" (Mateus 28.19).

2. *(Para quê?) Para ensinar e lembrar todas as coisas que Jesus fez e ensinou.*

---

<sup>5</sup> CARSON, p. 507.

**Ensinar e lembrar.** É assim que Deus Espírito Santo cria e mantém a fé nos corações dos crentes, fazendo uso dos meios da graça.

3. *(Para quê?) Para nos dar a paz.*

A verdadeira paz, a paz com Deus, foi conquistada por meio da morte de Cristo na cruz. O Espírito Santo, ao realizar a sua obra de ensinar e lembrar a obra de Cristo, traz a verdadeira paz de Deus ao coração do cristão, mesmo que este ainda viva em meio a tribulações.

*Fábio André Neumann  
Pedras Altas, RS*

# SANTÍSSIMA TRINDADE

*Primeiro Domingo após Pentecostes*

SALMO 148, ISAÍAS 6.1-8, EFÉSIOS 1.3-14, JOÃO 3.1-8 OU MATEUS 28.16-20

## **MATEUS 28.16-20**

O culto deste dia, em seu conjunto, deverá motivar a comunidade a descobrir momentos em que o seguimento da ordem de Jesus (Mt 28.19ss.) se torna realidade no seu cotidiano, bem como as inúmeras possibilidades de segui-la na vida diária em suas várias dimensões: familiar, individual, comunitária, etc.

A pregação de Jesus está repleta de ordens, mandamentos: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo"; "Deixai vir a mim os pequeninos"; "Quando orardes, deveis dizer Pai Nosso [...]"; "Segue-me". Poderia ser resumida em uma única ordem, que abrange todas as demais: "Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado" (Mt 28.19ss.). Certa vez, um oficial romano veio a Jesus e lhe pediu que curasse seu servo doente com uma só palavra, assim como faz um oficial militar ao dar ordens a seus subordinados. A resposta de Jesus não foi: "Então que aconteça assim como creste!", mas: "Em todo Israel não encontrei fé igual a esta". Jesus quer ser reconhecido por seus mandamentos, quer que creiamos naquilo que ordena e confiemos que está conosco "todos os dias até a consumação do século".

Muita gente se incomoda com as ordens de Jesus. Supõem estar sendo tratadas como um regimento militar, ou como pessoas incapazes de tomar suas próprias decisões. Em muitas ocasiões no passado, os mandamentos de Jesus foram usados para respaldar poderes opressivos, algo que com frequência ocorre hoje em dia. De um modo geral, não são tantas as pessoas atualmente que obedecem ordens de bom grado. A autodeterminação e o livre arbítrio são virtudes cardinais da modernidade. Decidir sobre a própria vida tornou-se um "direito humano" e quanto mais opções de escolha se tem, tanto melhor é a vida – dizem. Respiramos e transpiramos tanta democracia que, de antemão, tudo aquilo que cheira a livre escolha parece ser bom e tudo aquilo que nos obriga ou ordena algo parece ser mau.

Por diversas razões, é bom que seja assim. Contudo, não é sufici-

ente. Isso porque a vida não traz tanto de livre escolha assim. Tudo na vida é interdependente, corpo e alma, culpa e destino, livre escolha e o que nos é imposto. Não podemos por conta própria nos distanciar a tal ponto da vida, em meio a qual vivemos, para efetivamente experimentar o que quer que seja livre escolha. Pelo contrário, "tomar a própria vida" não equivale a uma ação corriqueira deliberada cotidianamente, mas significa, em última instância, "morrer"; "decidir" viver significa apenas acolher a vida que já recebemos. Não se é mãe ou pai de um filho desejado porque a criança se torna aquilo que se deseja ou escolhe, mas porque a criança que se recebe é desejada. As circunstâncias de maior peso em nossas vidas, as mais significativas, simplesmente acontecem e a livre escolha diante da vida nestes casos reside somente em aceder e aceitar o que já está dado.

Eis uma razão para acolhermos a pregação de Jesus, feita na forma de mandamentos ou ordens. Não o fazemos por causa do mandamento em si. Não por causa de uma ordem universal, referência obrigatória para todos. Não na forma de um estatuto idealizado ou de uma utopia, que são inalcançáveis. A pregação de Jesus na forma de mandamentos precisa ser acolhida como algo dado em favor da própria vida.

O que está em jogo é muito maior do que nossa própria liberdade de escolha. Trata-se de Deus, ou da promessa contida nos mandamentos de Jesus, que nos transporta a um lugar diferenciado, de onde passamos a contemplar a vida. Se tivéssemos apenas a nós próprios no mundo, então estaríamos completamente entregues ao arbítrio humano e à impotência, que nos oprimem terrivelmente. Viver a vida e perseguir a condição em que estão incluídas efetivamente a vida e suas reais possibilidades pressupõe uma relação com Deus, a exemplo da relação de uma criança pequena com os pais, que somente percebe o quanto estão próximos quando vivencia sua ausência. Um mandamento exige ação, é uma palavra que deve se tornar realidade. Se reconhecemos Jesus em seus mandamentos, descobrimos ao mesmo tempo que sua palavra se dirige à vida concreta por nós vivida.

Não precisamos ser espiritualmente superdotados para vivenciar a palavra de Jesus, pela qual ele "está conosco todos os dias até o fim do mundo". Ser espiritual na fé cristã implica viver uma realidade na qual se é espiritual. E isso significa apegar-se aos mandamentos de Jesus como aquilo que nos conduz em meio às dificuldades da vida. O que nos leva à igreja para participar de cultos, reuniões de estudo bíblico e com grupos de irmãos e irmãs na fé? O que nos impulsiona a fazê-lo? O que faz com que dediquemos momentos do nosso

dia para orar e estudar a Palavra individualmente ou em família? Queremos que a vida que levamos com seus percalços, experiências, problemas e alegrias seja iluminada. Isso para que alcancemos um entendimento mais apropriado e vivamos de forma mais autêntica, relevante e comprometida com a vida, sem simplesmente continuar agindo do modo como estamos habituados.

Naquilo que realizamos nos cultos e demais encontros comunitários sempre há uma vinculação concreta e diretamente relacionada à vida, pois nisso somos orientados pelo mandamento de Jesus: a água no Batismo, pão e vinho na Santa Ceia. O que de mais precioso recebemos de presente, nossos filhos, tratamos de levar ao Batismo sob a iluminação deste mandamento, pois, além de darmos a eles todo o necessário para a vida, também queremos que sejam acompanhados pela promessa da participação na comunhão com Deus, a qual recebemos no Batismo.

Em face das ordens, dos mandamentos de Jesus, sempre somos reconduzidos a nossa vida concreta a fim de experimentar o que podemos ou não. “Ir e fazer discípulos de todas as nações” não significa andar por todo lado e em todos os lugares para dar testemunho do cristianismo, a não ser que nossa vida seja conduzida nesta direção. Cumprir a ordem de Jesus significa poder fazer aquilo que temos que fazer no mundo que é o nosso mundo. Da mesma maneira como Jesus seguiu com os discípulos para a Galiléia, de onde eles procediam, para enviá-los do alto do monte. Trata-se de uma imagem muito expressiva: acima, para além de seus próprios pensamentos e entendimento, os discípulos são conduzidos pela ordem de Jesus. Como diz o texto, “o adoraram, mas alguns duvidaram”.

A mistura de devoção e dúvida pertence à relação com Deus, da mesma forma que integra nossa vida. É parte da liberdade da fé. Crer na vida concedida por Deus, ou seguir o mandamento de Jesus, não corresponde a uma condição que alcançamos por conta própria. A fé é o encontro para o qual Jesus nos envia e no qual nos acompanha com seus mandamentos, a fim de que Deus e sua escolha em nosso favor estejam em sintonia com nossa vida concreta “todos os dias até a consumação do século”.

*Ricardo W. Rieth  
São Leopoldo, RS*

# SEGUNDO DOMINGO

## APÓS PENTECOSTES

*Primeiro Domingo Após Trindade*

Salmo 62.5-12, Êxodo 20.1-17, 1 João 3.11-18, Lucas 16.19-31

**Lucas 16.19-31**

### IDENTIFICANDO-SE COM A PALAVRA DE DEUS

#### INTRODUÇÃO

Identificar-se e absorver o ensino de Deus sempre foi um desafio para o ser humano. Por esta razão, também, a Palavra de Deus é comunicada de geração em geração a fim de que mais pessoas sejam conscientizadas a respeito da vontade de Deus para as suas vidas. O Espírito Santo, que age como Ihe convém, vai abrindo portas para que isto se concretize.

Nesta perspectiva, queremos refletir sobre o texto de Lucas 16.19-31, trazer diferentes elementos para análise e apontar as possibilidades para o sermão.

#### LEITURAS DO DIA

**Salmo 62.5-12** – o salmista está convicto de que Deus é o seu refúgio certo. Esta confiança única vai além do nosso imaginário, porque a forma como Deus intervém transmite segurança para o crente.

**Êxodo 20.1-17** – Num momento extremamente importante para o povo de Israel, Deus Ihe dá os mandamentos. As dúvidas das relações humanas dão lugar à clareza. As regras (orientações) são um marco para o povo de Israel e para nós.

**1 João 3.11-18** – O cristão identifica-se com Cristo, seguindo o seu exemplo de amor, não só de palavras, mas acompanhadas de atos. É uma resposta ao amor de Deus em sua vida.

**Lucas 16.19-31** – Jesus quer mostrar as diferentes formas de absorção do seu ensino.

#### Aprofundando-se no texto

O texto em foco pode ser analisado dentro de uma perspectiva do Reino que vai além dos limites a que estamos acostumados. Além de

mostrar elementos escatológicos como referências, o observamos dentro de um contexto no qual foi narrado, especialmente levando em conta o seu provável público-alvo. Alguns o colocam num gênero comparativo, considerando-o uma parábola, havendo discordância entre alguns teólogos. Vamos aqui fazer uma leitura na ótica de comparação.

Ao observarmos o que antecede o texto, o capítulo 15 inicia com uma menção aos publicanos e pecadores que vieram ouvir Jesus (15.1), mas os fariseus não aprovaram tal atitude afirmando “este recebe pecadores e come com eles” (15.2). Jesus, diante disso, ensina a partir de parábolas que revelam a misericórdia de Deus para aquele que se arrepende dos seus pecados. Desta forma, há uma repreensão aos fariseus que se achavam “sem pecados”.

Vejam alguns caminhos de reflexão do texto:

a) Comportamento humano – o rico e Lázaro têm comportamentos distintos; um se regala pelo que tinha e possuía sem se importar com o outro; Lázaro, por sua vez, vivia das migalhas que caíam da mesa deste. O rico acreditava que essa boa vida nunca terminaria e se orgulhava disso; Lázaro, que tinha como companheiro o cachorro que vinha lambendo-lhe as úlceras, talvez esperasse pelo fim de sua vida ou de seu sofrimento.

Vemos aqui soberba e humildade, duas posturas ou formas de encarar a vida. Naturalmente, cada uma tem o seu preço (conforme o texto). Os homens soberbos contribuem ou constroem as suas vidas numa ausência de solidariedade de uns para com os outros. Acreditam não serem atingidos com o mal. Os humildes, estes também os encontramos e dão um exemplo positivo para a sociedade. Sofrem em função disso, mas são coerentes com o seu viver em sociedade.

b) Ambos morrem – este é o destino de todos e quando isso ocorre o destino já está traçado: céu e inferno. Por mais que o ser humano odeie a idéia da morte, ela é verídica e todos passam por ela. A fé leva o indivíduo a ter esperança da vida eterna, com Deus. Mas a ausência dela tem outro desfecho: derrota, sofrimento e morte eterna.

Também vamos passar pela morte. E não retornaremos. Ec 9.4-6.

c) A palavra continua sendo anunciada – “Moisés e os profetas” refere-se à Palavra de Deus sempre anunciada ao povo, desde a antiguidade, passando pelos séculos e que chegou até nós. Este é o ensino de Deus que transforma vidas no dia-a-dia. “Ouçam-nos” é a expressão final porque a “fé vem pela pregação, e a pregação pela palavra de Cristo” (Rm 10.17).

d) O Evangelho é o “Cristo para todos” – isto está evidente nesta



comunicação de Jesus. Judeus e gentios, ambos, fazem parte do plano de Deus para a Salvação, “pois não há distinção entre judeu e grego, uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam” (Rm 10.12). Talvez os judeus (escribas e fariseus – 15.2) se achassem os melhores. Entretanto, não é assim que Deus vê o ser humano. Ele o vê enquanto confia nas suas palavras e promessas, livre da soberba.

### **SUGESTÃO HOMILÉTICA**

**Tema:** Identificando-se com a Palavra de Deus

1. Livre da soberba, sintoma das obras da carne
2. Em humildade, construindo uma vida digna de um servo de Deus.

*Waldyr Hoffmann*  
*Joinville, SC*

# TERCEIRO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

*Segundo Domingo Após Trindade*

Salmo 117, Deuteronômio 8.11-20 ou Zacarias 1.3-6, Efésios 2.13-22 ou Apocalipse 3.14-22, Lucas 14.15-24

## **Lucas 14.15-24**

### **TEXTOS PARA O DOMINGO**

**Sl 117** - O Salmo 117 é um forte apelo a todas as nações para que reconheçam a grandeza do poder de Deus. Que todos os povos louvem o Senhor por causa da sua misericórdia e da sua fidelidade – para sempre. No v.2 “o seu amor por nós é forte”, mostra que o amor de Deus ultrapassa as fronteiras de um povo de uma nação, de um país (ler Gálatas 3.8-9 e Apocalipse 7.9).

**Dt 8.11-20** - É um alerta contra o orgulho que poderá sobrevir ao povo de Deus – “enfeitar-se com plumas alheias”. Muitas vezes o povo “se esqueceu” que foi Deus quem lhes deu a vitória. “Lembrem do Senhor, nosso Deus, pois é ele quem lhes dá força para poderem conseguir riquezas” (v.18). Esquecer-se do Senhor, traz consequências eternas. “Mas, se vocês esquecerem do Senhor, e adorarem e servirem outros deuses, eu aviso hoje, que certamente morrerão” (v.19). Podemos fazer uma “ponte” com Lucas 23.42. A súplica do malfeitor na cruz: “Então disse: Jesus, lembra-te de mim quando o senhor vier como Rei”. O Senhor não esquece dos que se lembram dele – agora e também depois.

**Ef 2.13-22** - O apóstolo Paulo lembra aos cristãos de Éfeso a situação em que eles se encontravam diante de Deus antes de conhecerem a Cristo (2.1). Esta situação trazia consequências desastrosas para a relação entre judeus e gentios – ódio, rivalidade, uma situação de “não paz”. Agora, pela sua morte na cruz, Cristo destruiu o muro que separava as pessoas de Deus e umas das outras. “É por meio de Cristo que todos nós, judeus e não-judeus, podemos ir, em um só Espírito, até a presença do Pai” (v.18). Tudo isso somente é possível por causa da força de Deus e não da força das pessoas. Se todos foram alcançados pelo amor de Deus, então, “que todos os povos o louvem!” *Soli Deo Gloria!*

## CONTEXTO DE LUCAS 14.15-24

1. O Evangelho de Lucas e o livro de Atos constituem cerca de 27% do Novo Testamento. Ele declara que investigara todas as coisas cuidadosamente desde o princípio; menciona Teófilo como o destinatário de sua obra (cf. At 1.1); e apresenta seu material para que seus leitores (Teófilo e outras pessoas interessadas) tivessem “plena certeza” das coisas nas quais foram instruídos. Em outras palavras, Lucas tencionava apresentar um relato das origens históricas do cristianismo que tivesse um elevado grau de credibilidade (note seu uso do termo grego *tekmeria*, que significa “provas infalíveis”, “incontestáveis” [ARA], em At 1.3). Desta maneira, deu cuidadosa atenção à confiabilidade histórica e é considerado o historiador por excelência do Novo Testamento.

2. O capítulo 14.1-24 acontece “Num sábado, na casa de um certo líder fariseu”. Jesus havia sido convidado. Seu hospedeiro era um dos principais ou dos expoentes dos fariseus, ocupando uma posição de honra entre eles, visto não terem um governo estabelecido. Foi, talvez, um membro do sínédrio, que era o conselho supremo da igreja judaica, ou era conhecido pela excelência do seu saber. Foi na casa desse homem que Jesus foi hóspede. “Estavam de olho em Jesus”. Jesus estava rodeado de “raça de víboras” e “sepulcros caiados”. Porque não respondem as perguntas de Jesus? Eles não sabiam, ou não podiam responder, pois as suas respostas os condenariam? Ver Mateus 23.1-12.

## TEXTO

Um dos convidados da festa do fariseu ficou profundamente impressionado com as palavras de Cristo, e em especial com sua alusão à felicidade que seria o quinhão daqueles que estivessem incluídos na ressurreição dos justos. A realização desta glória encheu-o do desejo profundo e ardente pelas bênçãos que podem ser esperadas no céu. Sua observação pode ter sido, principalmente, um fruto do entusiasmo do momento; mas serviu como motivo duma bela parábola do Senhor. Bem-aventurado é aquele que come pão no reino de Deus, no tempo do cumprimento da igreja de Cristo no céu, onde todos os que são julgados justos, por toda a eternidade comerão das delícias eternas e beberão da água da vida. Jesus, ao responder esta exclamação, dirigiu-se, antes de tudo, ao que falara, mas também a

todos os demais que estavam reunidos ao redor das mesas.

Vv. 15-17: Um certo homem, um homem de posses e de influência, como mostra a história, fez uma grande festa, preparou um jantar de grandeza fora do comum. Esta festa foi grande, tanto por causa da abundância de comida, como porque fora planejada para muitos hóspedes. Conforme os planos detalhados do hospedeiro, muitos foram convidados. O primeiro convite foi expedido a um grande número de pessoas. Quando chegou a hora da festa, o dono da casa enviou seu próprio servo, fiel e encarregado de tudo, para dar o costumeiro segundo lembrete ou a repetição do primeiro convite. Era um chamado urgente: Vinde, pois agora todas as coisas estão prontas! Os hóspedes foram chamados a virem imediatamente à festa que lhes fora preparada, pois tudo lhes estava pronto.

Vv. 18-20: Os convidados começaram a escusar-se, muito cortesmente, mas com um ar de decisão que não pode ser esquecida. Escusaram-se porque não quiseram vir. As escusas de três deles são citadas como exemplos. (1) Um comprara um pedaço de terra, e exatamente nesta hora competia-lhe a obrigação de examiná-la. Seu negócio lhe era mais importante do que o jantar: pediu para ser isento deste compromisso. (2) O segundo hóspede convidado recém havia comprado cinco juntas ou duplas de bois, e estava a caminho para experimentá-las. Não estava tão ansioso como o primeiro na justificativa inevitável de sua recusa: ele é que queria agir assim ou agradava-lhe agir assim, sendo, por isso, seu negócio mais estimado e importante do que o convite. (3) Um terceiro, de modo frio, afirmou ao servo que tomara esposa e que por isso não podia vir. Seu casamento ocorrera depois que recebera o primeiro convite, e isto, segundo seu próprio julgamento, o absolvía de quaisquer obrigações sociais que houvesse assumido antes. Aqui não é enfatizado o prazer carnal, mas, tão somente, o fato que em sua nova felicidade não já não se preocupava com distrações.

Vv. 21,22: O servo se viu obrigado a trazer a seu patrão a notícia da rejeição dos convites. É natural que este se irritou sobre esta conduta, mas, imediatamente, imaginou um plano pelo qual, num breve espaço de tempo, pudesse juntar hóspedes para sua festa. O servo não devia demorar-se em sair, tanto pelas ruas movimentadas como pelas vielas estreitas da cidade, e trazer para sua casa os pobres e os fracos, os aleijados, os cegos e os coxos. O servo não previra a ordem do patrão, mas cumpriu-a urgentemente, retornando com o relatório de que as ordens haviam sido executadas com exatidão,

mas que ainda havia lugar. Então, como última instância, o patrão enviou o servo para a região ao redor, para as rodovias e junto às cercas, tanto nas estradas principais como nos trilhos que passavam pelos campos, ao longo das beiras das estradas. Devia convidar, de maneira urgente e incisiva, a qualquer um que ali encontrasse. O objetivo expresso do patrão foi lotar sua casa. Mas quanto aos primeiros convidados, é feita a declaração solene, que nem um só deles iria, ao menos, sentir o gosto da festa que fora preparada com tanto carinho.

Sob a luz do cumprimento do Novo Testamento, é claro o significado da parábola. O dono da casa é o próprio Deus onipotente, mas também o Senhor gracioso e misericordioso. Lutero assim escreve a respeito: "A pregação de Cristo é a grande e gloriosa ceia, para a qual ele chama os hóspedes para os santificar pelo seu Batismo, para os confortar e fortalecer pelo Sacramento de seu corpo e sangue; que não tenham necessidade de nada, que haja grande abundância e que cada um seja satisfeito". O alimento a ser providenciado foi, por isso, o evangelho com todas as suas glórias, sim, o próprio Cristo, e nele completa justificação, perdão de pecados, vida e salvação. Quando Jesus veio ao mundo, chegara a hora da grande ceia (Gl 4. 4,5). Ele mesmo é o Servo do Senhor no sentido mais exclusivo (Is 42.1; 49.6; 53.13;53.11). Ele preparou, tanto pessoalmente como por meio do arauto João Batista e pelos apóstolos, o convite que fora lançado pelos profetas, que o tempo chegara pelo qual todos os patriarcas e profetas haviam esperado ansiosamente, ou seja, que o reino de Deus lhes estava próximo. Cristo foi enviado aos filhos da casa de Israel, e foi a eles que foi tencionado seu ministério pessoal, visto serem o povo escolhido de Deus (Rm 3.2; 9.5). A promessa, primeiro foi publicada a eles e aos seus filhos. Cristo, visando isto, trilhou cada palmo da terra dos judeus, pregando o evangelho do reino. E os apóstolos levaram avante a sua obra, proclamando o evangelho primeiro aos judeus. Mas Israel, em seu todo, não quis nada com as gloriosas novas que pertencem à sua salvação, e recusaram o convite. Suas mentes estavam centradas em coisas terrenas, e eles esperavam um reino temporal do Messias. Desprezaram e rejeitaram o evangelho da graça de Deus em Cristo Jesus. Então Deus, em sua ira, se afastou deles. Jesus buscou os pobres e desconhecidos entre os judeus, que eram os espiritualmente enfermos, coxos e cegos. Chamou a si os publicanos e pecadores e assegurou-lhes que a salvação era deles. Os membros do rebanho de Cristo foram simples pescadores, antigos publicanos e pecadores que se corrigiram (1Co 1. 26-28). Por fim, Jesus, através de seus apóstolos e outros mensageiros, trouxe o con-

vite de Deus ao mundo dos gentios, que eram estranhos à comunidade de Israel (Ef. 2.12).

O Senhor está chamando pessoas de todas as nações do mundo para sua grande ceia, para que recebam a plenitude de sua bondade e misericórdia. Ele está a chamar com urgência e insistência. Seu chamado é sincero e poderoso. Pela proclamação da lei, ele prepara o caminho para o evangelho, para que o pecador aprenda a conhecer seu desamparo e confie só na justiça do Redentor. “É isto o que significa compeler, se tememos a ira de Deus e dele desejamos ajuda. Se isto foi conseguido pela pregação, e os corações estão quebrantados e atemorizados, então a pregação continua nas palavras: Querida pessoa, não desespera, mesmo que sejas um pecador e tenhas uma condenação tão terrível sobre ti; faz antes isso: Tu estás batizado, por isso ouve o evangelho. Ali tu aprenderás que Jesus Cristo morreu por tua causa e fez satisfação pelos teus pecados na cruz” (Lutero). O chamado misericordioso de Deus é eficaz pelo evangelho. Esta é a maneira pela qual uma pessoa chega à grande ceia. Cristo chama e roga; a mesa é preparada; a plena redenção é obtida; Deus por causa de Cristo é misericordioso às pessoas.

Mas, se uma pessoa não vem e não quer vir, então a falta é sua própria. O Senhor chamou, e ele sinceramente oferece a todas as pessoas as riquezas de sua graça. Aqueles que desprezam seu chamado serão excluídos, por sua própria falta, das alegrias da salvação, isto é, da ceia eterna de benção no céu. Os que são condenados, não têm desculpas, conforme Lucas 13.34 e Oséias 13.19.

## **PROPOSTA HOMILÉTICA**

**Tema:** Venham, que tudo já está pronto.

## **INTRODUÇÃO**

Pode-se trazer à lembrança dos ouvintes a alegria de “todas as nações” reunidas em Jerusalém por ocasião da festa de Pentecostes. Muitos aceitaram a palavra, não rejeitaram – creram. Outros rejeitaram – zombavam. Os anos passaram, mas as pessoas continuam divididas em dois grupos. Alguns aceitam o convite, outros, no entanto, o rejeitam.

I – Nada fizemos para merecer o convite.

II – Deus, por graça e misericórdia de sua parte, convidou todos.

III – Que todos os povos o louvem.

## **BIBLIOGRAFIA**

Bíblia de Estudo Despertar; Bíblia de Estudos Plenitude; Comentário Kretzmann; Novo Testamento Interlinear; Panorama do Novo Testamento.

*Wilmar Meister  
São Leopoldo, RS*

# QUARTO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

*Terceiro Domingo Após Trindade*

Salmo 100, Miquéias 7.18-20, 1 Timóteo 1.12-16, Lucas 15.11-32

## **Lucas 15.11-32**

### **CONTEXTO**

É preciso ler a parábola à luz do que está expresso em Lucas 15.1-3. Isto é, o cenário em que Jesus está contando e para quem está contando. Os publicanos e pecadores aproximavam-se para ouvi-lo. E os fariseus e os escribas murmuravam dizendo: *“Este recebe pecadores e come com eles”*. Jesus recebia os pecadores e tinha comunhão à mesa com eles. De acordo com K. Bailey (1995), as três parábolas de Lucas 15.4-32 são uma defesa dos atos de Jesus. (Sugiro a leitura de *“As parábolas de Lucas”*, que traz uma brilhante análise da estrutura literária da parábola do filho perdido, bem como do conteúdo da mesma, com uma riqueza de detalhes que auxiliarão na elaboração do sermão).

A misericórdia é a temática deste domingo. Todas as leituras do dia trazem explicitamente esse assunto.

### **TEXTO**

A palavra de Deus se veste de palavras humanas. As parábolas vestem as ações de Deus com ações humanas. Assim, nas parábolas, Jesus se veste e veste a Deus Pai com características humanas. Este é o caso da parábola em questão. O pai que vai atrás de seus dois filhos perdidos.

Relevante é o fato de que o pai não fala com o filho mais moço. O pai fala com os servos e com o filho mais velho. Com o moço, o pai age. A iniciativa é sempre do pai. Ao avistar o rapaz vindo, corre ao seu encontro. Manda os servos o vestirem. Manda preparar uma festa. Mas, igualmente, busca reconciliação com o filho mais velho. Na sua situação de pai, poderia simplesmente esperar o mais moço. Poderia, também, mandar o filho mais velho entrar na festa. Além de amoroso e compassivo, é reconciliador. É o pai que vai ao encontro dos filhos perdidos. Por que as iniciativas são do pai? Por que ele simplesmente não espera? Por que ele conversa com os servos, com



o filho mais velho e não com o mais moço? Por que o pai se humilha em suas ações?

Os personagens da parábola são "nucleares". Não se pode apenas dizer que um representa os gentios e o outro, os fariseus. Eles representam, antes, os arrependidos e os não-arrependidos. Os seguintes trechos caracterizam o filho mais moço: juntou o que era seu, partiu para uma terra distante, dissipou seus bens, passou necessidade, agregou-se a um gentio, cuidou de porcos, queria comer a comida dos porcos, caiu em si, voltou para seu pai, e, ao pedir perdão, disse: "*Pai, pequei contra o céu e diante de ti, já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus trabalhadores*". Do filho mais velho, no entanto, tem-se o seguinte: estivera no campo, chamou um servo para saber o que estava acontecendo, indignou-se, não queria entrar, e, ao falar com seu pai, não o chama de pai. Além disso, disse: "*esse teu filho*". Não trata como irmão o mais moço e nem seu pai como pai. O pai, ao contrário, responde-lhe dizendo que era preciso comemorar, porque "*esse teu irmão*" estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado. O que significa para um judeu-israelita se agregar a um gentio? O que significa também cuidar de porcos? Existem diferenças entre a situação do filho mais moço e do mais velho? Quais são e o que elas significam quanto ao relacionamento com o pai? Por que o filho mais velho não trata seu irmão como irmão? Por que o pai os trata como irmãos?

Penso que o mais importante nesta parábola sejam as ações do pai. O pai vê ao longe o filho miserável vindo, corre até ele, abraça-o na miséria e o beija na miséria. Da miséria para uma festa. As ações do pai são significativas e precisam ser exploradas. Segundo R. H. Gundry (1996), o *correr* era uma maneira incomum e sem dignidade de se locomover, ainda mais para um idoso, mas o amor e a alegria do pai ultrapassaram todo o senso de decoro, e o pai corre também para proteger seu filho; o *beijo* do pai simboliza o perdão; o *vestir do melhor traje* era um sinal de honra (um pequeno detalhe: a melhor roupa sempre era do senhor da família ou do grupo de famílias, isto é, era o traje do próprio pai); o *anel* restaurou a autoridade filial; e as *sandálias* expressaram que ele não deveria ser tratado como um servo.

Além disso, um verbo merece destaque – "*splanchnizomai*". Verbo que tem as seguintes acepções: "ter dó", "ter misericórdia", "ter simpatia". Essas acepções, indubitavelmente, estão ligadas a sentimentos profundos, que brotam das entranhas, como uma contração convulsiva. Esse verbo figura em contextos bem específicos (Mt 9.36, 14.14, 15.32, 18.27, 20.34; Mc 1.41, 6.34, 8.2, 9.22; Lc 7.13, 10.33, 15.20), ligando-se a Jesus e a ações de três personagens principais

em três parábolas (senhor do servo incompassivo [Mt 18.27], bom samaritano [Lc 10.33], e nesta do filho perdido [Lc 15.20]). Entretanto, em todos os casos, sempre indica que há, primeiramente, uma visão de uma situação peculiar e, como consequência disso, brota ou explode um sentimento de profunda compaixão. Parece que esta compaixão, em virtude das suas características e dos contextos em que aparece, deve ser atribuída única e exclusivamente a Deus.

Por outro lado, a ação do pai (ver / compadecer-se / correr / abraçar e beijar / comemorar o retorno), porque viu a situação de miséria do seu filho moço, assemelha-se à ação de Deus para livrar o povo de Israel do Egito. A mesma sequência parece ocorrer naquele contexto, pois disse Deus: *"Certamente vi a aflição do meu povo, e ouvi seu clamor por causa dos seus exatores, conheço-lhe o sofrimento; por isso, descí a fim de livrá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e ampla, terra que mana leite e mel"* (Êx 3.10).

Por fim, se observarmos as outras leituras do dia, podemos dizer que se trata do dia da misericórdia. A perícopes de Miquéias também apresenta o tema da misericórdia. *"Quem, ó Deus, a ti, que perdoas a iniquidade e te esqueces da transgressão do restante da tua herança? O Senhor não retém a sua ira para sempre, porque tem prazer na misericórdia"* (Mq 7.18). Do mesmo modo, a ponte é possível com a perícopes de 1 Timóteo, pois Paulo descreve a sua condição antes de ter transbordado nele a graça de Jesus Cristo. Este veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais Paulo se considera o principal. Enfim, do Salmo 100 nem é necessário tecer comentários. *"Porque o Senhor é bom, e sua misericórdia dura para sempre"*.

## PROPOSTA HOMILÉTICA

**Tema:** O Pai vai ao encontro dos filhos perdidos

- a) Porque vê e conhece a situação de miséria deles;
- b) Porque os ama e se compadece com a sua situação;
- c) Porque quer abraçá-los, beijá-los e viver com eles.

*Jeferson Andre Samuelsson  
São Leopoldo, RS*

# QUINTO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

*Quarto Domingo Após Trindade*

Salmo 138, Gênesis 50.15-21, Romanos 12.14-21, Lucas 6.36-42

## Lucas 6.36-42

### CONTEXTO

O texto em estudo faz parte do “sermão da planura” (Lc 6.17-49), sendo os versículos 37 a 42 paralelos ao texto de Mt 7. 1-5 (parte do Sermão da Montanha). Em sua série de ensinamentos nesse contexto, Jesus está ensinando lições de relacionamento no dia-a-dia entre as pessoas.

Na perícope em estudo, Jesus fala sobre o hábito de “julgar”, uma prática comum entre as pessoas. Jesus havia recentemente vivido situações em que pessoas queriam julgar outras pessoas – no episódio em que come com os publicanos (Lc 5. 29-32), ou ainda quando cura o homem da mão ressequida em um sábado (Lc 6. 6-11). Até o próprio Jesus é julgado pelas pessoas nesses episódios, quando querem adverti-lo por comer com os publicanos pecadores e também por transgredir a guarda do sábado. Jesus contrapõe o “julgar” com o “perdoar”, a atitude de egoísmo com a atitude de doação.

O período litúrgico traz a lembrança do Pentecostes, marcando o surgimento da fé, como obra do Espírito Santo, e os domingos após Pentecostes querem nos ensinar sobre a vivência dessa fé, sob a mesma ação do Espírito Santo. No texto em estudo, especificamente, o ensino sobre “não julgar”, perdoar e doar-se ao próximo.

### TEXTO

V. 37: Jesus é bem claro, enfático: “*Não julgueis*”. O termo usado aqui – “*krino*” – remete à idéia dos tribunais, onde julgamentos são emitidos. Traz justamente a idéia de emitir uma sentença. Jesus não quer a prática entre as pessoas de criticar e condenar o próximo. “*Não sereis julgados*” é a consequência para quem não julga. Refere-se à resposta das outras pessoas e também ao julgamento divino, até pela indicação do texto paralelo de Mt 18.18 (Ofício das Chaves). “*Perdoai e sereis perdoados*”: Perdoar um ao outro é atitude esperada da fé cristã. Porque se é perdoado também podemos perdoar – em oposição ao julgar. Esse perdoar é *apolio*, que tem o sentido de deixar

ir, livrar, não impedir o curso da vida com a emissão de um juízo. Aqui é preciso cuidar para não colocar o “ser perdoado” como uma recompensa pelo perdoar, mas como resposta da fé de quem é perdoado primeiro.

V. 38: A fé quer agir na direção do outro: dar o máximo de si e do que possui para os outros. E assim acontecerá também conosco: “*com a medida com que tiverdes medido vos medirão também*”.

Vv. 39-42: Jesus ilustra o ensinamento acima lembrando a condição de cegueira espiritual das pessoas. Não somos perfeitos. Por isso não seguimos pessoas. Podemos “cair no barranco”. Essa condição de cegos é que nos impede de julgar, porque somos imperfeitos. Temos “trave” em nossos olhos, que precisam ser tiradas por Jesus. Por isso que não vamos julgar nem o “argueiro” no olho do irmão. Essa seria uma atitude hipócrita, diz Jesus. Aqui existe a oposição entre *karkos*: estilhaço, coisa pequena e *dokos*: viga mestra de um telhado ou assoalho. Uma vez perdoados, podemos ajudar nosso irmão a chegar ao perdão, sem julgá-lo. Quando Jesus tira a “trave” do nosso olho, vemos claramente, e podemos conduzir nosso irmão ao perdão de Jesus.

V. 40: Ser como o Mestre! Tarefa difícil?! Impossível para nós pecadores, diante de nosso santo Senhor. Mas queremos chegar o mais próximo possível do Mestre. Aí está a relação com o versículo 36, incluído nessa perícopa: “Ser misericordioso” como é o Pai. O termo *oiktirmos* refere-se a um *sentimento* de compaixão, bem como a uma *atitude* compassiva. No texto em estudo, as atitudes de misericórdia são: não julgar, não condenar, perdoar e o dar.

## OUTROS TEXTOS DO DIA

**Gn 50.15-21:** José agiu como o texto do evangelho recomenda, na atitude para com os seus irmãos: não julgou, não condenou; mas perdoou e deu em abundância. Foi misericordioso para com seus irmãos, assim como Deus foi misericordioso para com ele.

**Rm 12. 14-21:** O apóstolo Paulo recomenda como virtude cristã a ação misericordiosa para com o próximo, mesmo quando agem mal para conosco.

## PROPOSTA HOMILÉTICA

**Objetivo:** Mostrar a misericórdia como uma atitude que Jesus espera na vida cristã para que o relacionamento entre as pessoas seja mais feliz.

**Moléstia:** As pessoas, pecadoras, vivem pensando apenas em si mesmas e com um constante desejo de vingança nos corações.

**Meio:** Pela ação do Espírito Santo em Palavra e Sacramentos, poder vivenciar o perdão e deixar de lado a vontade de julgar.

**Tema:** Queremos viver a misericórdia.

A. *Imaginar um mundo em que as pessoas pensem umas nas outras e não apenas em si mesmas.*

1. "Dai"

2. "Com a medida com que tiverdes medido vos medirão também"

B. *Ter o desejo de perdoar, porque somos perdoados primeiro.*

1. Não julgar

2. Não condenar

C. *Exercer misericórdia, a exemplo de Deus para conosco.*

*Aurélio Leandro Dall'Onder  
Campo Bom, RS*

# SEXTO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

*Quinto Domingo Após Trindade*

Salmo 147.1-14, Lamentações 3.22-26 ou Êxodo 3.1-15, 1 Pedro 2.4-10, Lucas 5.1-11

**Lucas 5.1-11**

**O MAIS EXCELENTE TRABALHO**

## COMENTÁRIO SOBRE O TEXTO

Jesus estava na cidade de Cafarnaum, à beira do Mar da Galiléia. Era a terra natal dos profissionais da pesca Pedro, André, Tiago e João. Nesta cidade Jesus era sempre acolhido com muito carinho. Multidões reuniam-se para ouvir suas pregações. Nesta ocasião, Jesus usou o barco de Pedro e, assentado nele, ensinava as multidões. Concluído o seu ensino, pediu que Pedro navegasse para águas mais profundas para lançar as redes e pescar. Apesar do cansaço após uma noite inteira de trabalho e mesmo não sendo esta a hora mais apropriada para a pesca, Pedro obedeceu. E o resultado foi impressionante. Nunca o seu trabalho havia rendido tanto, a ponto de pedirem auxílio a companheiros de outro barco.

Diante do milagre, Pedro considerou-se indigno de ficar na presença de Jesus, perante o qual sentia-se um indigno pecador. Neste momento Jesus fez o convite que mudou radicalmente a sua vida. Ao invés de pescarem peixes com redes de pesca, teriam, a partir desse convite, a missão de lançar as redes do evangelho. O chamado de Jesus foi imediatamente aceito. Os barcos foram arrastados para a praia e, “deixando tudo, o seguiram”. Quando Cristo chama e mostra o caminho que conduz ao seu trabalho, o pecador ouve a sua voz e curva-se humildemente diante da sua vontade.

No Evangelho deste domingo, o Salvador Jesus incentiva o trabalho, abençoa o trabalho e chama pessoas simples como Pedro e seus colegas de profissão, para o mais excelente trabalho: a missão de pescar gente.

## DESTAQUES DOS OUTROS TEXTOS

**SI 147.1-14** – No contexto agrícola, o bom tempo, com sol e chuva regulares, faz com que o homem do campo veja o seu trabalho

frutificar. Esse é um dos motivos pelos quais o salmista louva o Deus todo-poderoso. No contexto da Igreja, o tempo de paz e liberdade é propício para a pregação do Evangelho, pelo que também louvamos ao Deus e Pai de toda graça.

**Êx 3.1-15** – Quando Deus chamou Moisés para libertar o povo de Israel da escravidão egípcia, ele vacilou, apresentou desculpas apontando suas deficiências (cf. Êx 3 e 4). Depois de muito relutar, foi persuadido a aceitar o desafio. A promessa de que o Deus de Abraão, Isaque e Jacó estaria ao seu lado na dura missão e os sinais que Deus fez diante dele, o convenceram. Também no Ministério Pastoral e no Sacerdócio Universal, “a nossa suficiência vem de Deus”.

**1 Pe 2.4-10** – Não somente os que foram habilitados para exercer publicamente o Ministério Pastoral, após concluir um curso de Teologia, mas todos os cristãos são chamados a “proclamar as virtudes daquele que nos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz”, como membros do sacerdócio universal dos crentes em Cristo.

**Moléstia:** Ministros do evangelho e cristãos preguiçosos e acomodados (Jr 48.10). Jesus chamou pessoas que tinham vontade de trabalhar.

**Tema:** O mais excelente trabalho.

### Introdução

Diz um ditado popular: “Tá nervoso? Vai pescar!”. Nesse contexto, a pesca seria um santo remédio para acalmar os nervos. Para outros, a pesca é esporte ou divertimento. Por isso não faz muita diferença se, após uma longa pescaria, nada se pega.

Mas para Simão Pedro e seus colegas de profissão, a pesca era o seu meio de vida. Por isso, quando Jesus disse, “doravante serás pescador de homens”, não se referia a um mero passatempo de final de semana, mas referia-se ao mais excelente trabalho que o ser humano tem o privilégio de fazer.

*O mais excelente trabalho não é um passatempo de final de semana*

- Mas é a mais necessária, importante e urgente missão da Igreja

- No Salmo, o autor louva ao Senhor porque ele “congrega os dispersos de Israel” (Sl 147.1)

- Salvar pessoas que caminham para o inferno é a prioridade número 1 da Igreja

- A Igreja realiza esta tarefa anunciando o Evangelho e administrando os sacramentos

- Somente a Igreja é portadora da mensagem da salvação
- Infelizmente agimos como se isto não fosse algo importante
- Não está na nossa agenda de prioridades
- Pecado de não-missão? acomodação? preguiça?
- Também por esses pecados Jesus morreu e ressuscitou
- Dele recebemos vida, coragem e novo ânimo para servir na sua Igreja

*Salvar pessoas perdidas é o mais excelente trabalho*

- Jesus chama pecadores para fazer esse trabalho
- Pedro disse: "Retira-te, sou pecador"
- O pecador Pedro foi confrontado com a majestade de Deus
- A majestade de Deus nos convence da nossa fraqueza e do nosso pecado
- Jesus respondeu: "Não temas"!
- Ele veio para salvar os pecadores assim como Pedro, André, você e eu
- Ele quer usar a estes pecadores em sua missão
- Pedro e seus companheiros de trabalho deixaram tudo e o seguiram
- Jesus tornou-se o primeiro em suas vidas
- Jesus é o primeiro em nossa vida?

*Para fazer esse mais excelente trabalho, Jesus usa o que nós temos*

- Não pede coisas impossíveis para nós, ou fora do nosso alcance
- Pediu a Pedro que lhe desse um pouco do seu tempo e o seu barco
- Nossas desculpas para não participar assemelham-se às desculpas dadas por Moisés (Êx 3 e 4)
- Jesus pede também o nosso tempo e as nossas ofertas
- Alguns são chamados para o Ministério Pastoral de tempo integral ou parcial
- Outros são chamados a servir no Sacerdócio Universal dos Crentes em Cristo (1 Pe 2.9,10)
- O grande desafio: "Sereis minhas testemunhas até os confins da terra".
- A ação missionária da Igreja é um ato de fé
- Porque Cristo falou, nós agimos, movidos pela sua graça
- Dele recebemos bênçãos para esta vida e para a vida eterna: "...os que a muitos conduzirem à justiça, resplandecerão como as estrelas, sempre e eternamente" (Dn 12.3)



“Que formosos são sobre os montes os pés do que anuncia as boas-novas, que faz ouvir a paz, que anuncia coisas boas, que faz ouvir a salvação, que diz a Sião: O teu Deus reina”! (Is 52.7)

*Fortalece a tua Igreja, ó bendito Salvador!*

*Dá-lhe tua plena graça, vem renova seu vigor.*

*Vivifica, vivifica nossas almas, ó Senhor. Amém*

*Arnildo Schneider  
Porto Alegre, RS*

# SÉTIMO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

*Sexto Domingo Após Trindade*

Salmo 107.1-9, Isaías 43.1-7 ou Jeremias 17.9-13, Romanos 6.1-11,  
João 4.5-15 (16-26)

## **João 4.5-15 (16-26)**

### **Leituras do Dia**

A temática que perpassa as leituras deste domingo é a dependência de Deus para alcançar redenção, libertação, purificação. **Salmo 107.1-9:** Este salmo olha para um passado livramento de Israel da escravidão exílica e convida para render graças a Deus que agiu misericordiosamente. **Jeremias 17.9-13:** É preciso estar junto ao Senhor para saciar as necessidades humanas; o Senhor é a fonte de águas vivas (vida). **Romanos 6.1-11:** A “água redentora” do batismo nos coloca numa situação diferente e nova: revestimo-nos de Cristo e nos beneficiamos com as dádivas que advêm de sua morte e de sua ressurreição. O pensamento do apóstolo liga-se ao rito da imersão - para dentro da água (morte), debaixo da água (sepultamento) e fora da água (ressurreição).

### **Contexto**

A períclope situa-se dentro da sequência de João 2.13 e 3.22. Já na primeira fase do seu ministério, Jesus foi para a festa da Páscoa em Jerusalém e permaneceu na região da Judéia, levando a efeito um ministério de batismo através de seus discípulos. (Além dos ministérios batismais de João e de Jesus, havia outros ministérios batismais – ritos legalistas de purificação). Diante da reação negativa dos fariseus e para evitar contendas entre seus discípulos e os de João, Jesus decide voltar para a Galiléia. Passar pela Samaria encurtava a distância a ser percorrida.

### **Texto**

V.5: O cenário natural do diálogo com a samaritana fazia parte da paisagem geográfica e histórica da Antiga Aliança, pois ali Jacó tinha andado e ali José foi sepultado. Agora, neste local, há um redirecionamento da Aliança de Deus – se no passado a aliança era apenas para judeus, agora se destina até mesmo para aqueles que pelos judeus eram desqualificados – os samaritanos. Jesus veio para a salvação de todos. O v. 4 traz que era necessário (*dei*) atravessar a

região de Samaria; este necessário implica que a vontade ou plano de Deus estava ali envolvido.

V. 6: Cansado da viagem / na hora sexta. – O cansaço e a sede de Jesus evidenciam também sua humanidade. Jesus era verdadeiro Deus e verdadeiro homem, porém sem pecado (Hb 4.15). Jesus foi verdadeiro homem para experimentar a realidade humana e assim creditar ainda mais a sua missão. Aqui, a humana sede de Jesus remete para a sede humana de Deus, a sede espiritual que precisa ser saciada. A hora sexta, de acordo com o cômputo judaico, corresponde ao meio dia – horário natural de descanso enquanto o sol estava no seu ponto mais alto.

Vv. 7-9: [...] mulher samaritana. – Samaritanos e judeus, historicamente, eram antagônicos. Os samaritanos, apesar de na sua origem serem parte do mesmo povo, haviam se separado dos israelitas política e religiosamente desde muito tempo. Da Bíblia Hebraica só preservavam o Pentateuco (Lei). Os judeus consideravam-nos praticamente como pagãos. Judeus criteriosos na observância da lei criam contaminar-se comendo alimentos ou usando objetos que tinham sido manuseados por samaritanos, quanto mais ainda por uma mulher samaritana. A mulher samaritana era considerada em estado perpétuo de impureza cerimonial.

Vv. 10-14: Água viva – é a água fresca e corrente, a melhor água para beber.

– A comparação frequente da lei com água refrescante, encontrada nas tradições rabínicas, sugere que aqui Jesus está oferecendo algo superior não só à água do poço de Jacó, mas também algo superior à religião legalista dos samaritanos e judeus conjuntamente.

– A metáfora da água é usada para mostrar a carência e a necessidade espiritual do ser humano. Sem a água não há vida; sem a água da vida (Jesus) há morte espiritual. Jesus usa a água viva como símbolo dos dons que ele oferece, gratuitamente, a quem crê (João 6.35; 7.37-38, Ap 21.6).

V. 15: Dá-me dessa água. – A mulher não compreendeu que se tratava de algo espiritual; ficou no plano material. Porém, muito pertinente foi o seu pedido, pois resta para o ser humano render-se: compreender sua necessidade e demonstrar acolhimento do que lhe é oferecido. Não podemos olhar para Jesus apenas na ótica materialista, pois Nele está o mistério da vida. Jesus descortinou o que está além da aparência – além da morte há vida.

## SUGESTÃO HOMILÉTICA

**Tema:** Mate sua sede de Deus!

### INTRODUÇÃO

- a necessidade e o valor da água, em especial da água potável.

### DESENVOLVIMENTO

*1. O ser humano tem sede de Deus*

- o homem é um ser de materialidade e espiritualidade
- necessidade de satisfazer a espiritualidade
- a crise que o pecado trouxe

*2. Há muitas fontes que não matam a sede*

- a religiosidade judaica
- a religiosidade samaritana
- outras religiosidades

*3. A água da vida*

- é Cristo (Jo 6.35, 7.37-38 e Ap 21.6)
- recebemos já no "Batismo"
- é gratuita; é dádiva (Is 55.1)
- é oferecida a todos: judeus, samaritanos, gentios
- mata a sede para sempre

### CONCLUSÃO

Assim como a água é vital para se matar a sede e ficar vivo, Jesus é vital para matar a sede espiritual e proporcionar vida eterna.

*Eliseu Teichmann  
Porto Alegre, RS*

# OITAVO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

*Sétimo Domingo Após Trindade*

Salmo 139.14-18, Êxodo 16.2-3, 11-18, Atos 2.41-47, João 6.1-15

## João 6.1-15

### CONTEXTO LITÚRGICO

Este período do Ano Eclesiástico, com seus domingos chamados após Pentecostes, ou após Trindade, ou ainda, Tempo Comum (Igreja Católica Romana) reflete, no verde das cores litúrgicas, a idéia de crescimento. É o período onde, sem grandes festas especiais, a Igreja Cristã semeia a Palavra e segue sua tarefa de ensinar e, com isto, alimentar os que têm fome e sede.

### LEITURAS DO DIA

**Salmo 139.14-18:** O salmista se mostra maravilhado ante a sabedoria e o cuidado de Deus. Numa poesia contemplativa, ele derrama palavras que denotam sua incapacidade em compreender os atos cuidadosos do Senhor, que está presente em todos os momentos. "*Graças te dou, visto que por modo assombrosamente maravilhoso me formaste; as tuas obras são admiráveis...*". O salmo é uma declaração de confiança e submissão a Deus, até mesmo quando apela ao juízo de Deus contra os ímpios, numa atitude não de vingança, mas de zelo e cuidado por aquele de quem depende e a quem entrega todo o seu ser.

**Êxodo 16.2-3; 11-18:** Frente à reclamação do povo, sua incredulidade e seus precipitados diagnósticos e prognósticos, Deus age através de Moisés. Contrariando qualquer expectativa humana, ao amanhecer o dia, existe comida. Ao verem o alimento, não sabem do que se trata (v. 15). E cada um recebeu o necessário para comer.

**Atos 2.41-47:** A firmeza dos primeiros cristãos, fundamentada no ensinamento e na ação poderosa de Deus através dos apóstolos, se reflete na vida diária. Deus opera milagres, cujo maior deles é a fé plantada no coração. Uma vez germinada, esta fé é o sinal da presença de Deus no mundo.

## ÊNFASES GERAIS

As leituras paralelas, indicadas para este domingo, se tocam quanto à ênfase no Senhor doador de todas as coisas, mantenedor e condutor da história. Deus dita o andar da carruagem. Ele é o Senhor do tempo e só dele vem o que sacia a humanidade, desde suas carências mais triviais até os anseios mais profundos da alma.

### **O evangelho do dia:** *João 6.1-15*

O texto do evangelho mostra o Deus dos milagres. Mostra o Cristo que faz milagres, mas não é milagreiro! Este milagre é o único que encontra paralelo nos sinóticos. João, no entanto, não se dispõe a marchar no passo dos demais. Mateus, Marcos e Lucas pintam um cenário muito parecido. Os três falam, no contexto anterior, sobre a morte de João Batista, dois deles lembram a missão dos doze, Mateus dá como introdução, ou motivação da ida de Jesus ao local onde acontece o milagre, a notícia sobre a morte de João Batista. Lucas é quem denomina o local do milagre, o povoado de Betsaida. O relato dos quatro evangelistas completa, com detalhes significativos, este acontecimento. Naquele lugar, com a grande multidão ao seu redor, Jesus ficou com muita pena e curou os doentes (Mt 14.14); teve pena e ensinou muitas coisas (Mc 6.34); falou a respeito do Reino e curou os que precisavam (Lc 9.11). E os quatro contam a multiplicação dos pães e peixes.

## PECULIARIDADES NO RELATO DE JOÃO

João dá destaque especial à autoridade de Jesus, ao testemunho que João Batista deu a respeito daquele que tem um poder muito acima das expectativas humanas; ao testemunho de Moisés, que era o grande ícone da crença do povo; ao testemunho do próprio Deus a favor de Cristo (5.19-47). Para melhor visualizar o texto do evangelho, também não se pode abrir mão do contexto posterior, onde João não poupa tinta para mostrar o significado deste milagre de Jesus.

João faz questão de pontuar o intento que moveu o povo a estar com Jesus naquele local. Eles tinham visto os milagres – σημεῖον (v.2). Sinal ou milagre pode significar algo que remete para o que vem pela frente, algo que identifica uma pessoa ou coisa, uma “marca” ou “prova” confirmatória. No AT remete ao sinal dado por Deus que acompanha a Palavra; sinais que reforçam e garantem a presença salvífica de Deus.

João especialmente mostra os milagres como sinais que indicam para além de si mesmos, para aquele que os opera – Jesus Cristo. O

sinal de Moisés aponta para Cristo. João Batista aponta para Cristo. O milagre de Jesus aponta para si mesmo. É o sinal da salvação que invade o mundo e aponta para a eternidade, onde também as carências físicas não existirão mais.

João é o único que menciona o período, a Páscoa – Πάσχα (v. 5), quando os judeus lembravam da libertação do Egito e do maná no deserto. Era a época em que esperavam, com mais fervor, que o Messias se manifestasse. João menciona três Páscoas (2.13; 6.4 e 11.55). O evangelista não menciona a morte do Batista, nem a missão da qual os doze apóstolos tinham voltado. Não que ele não gostasse do seu xará, ou que não tivesse dado importância ao 'estágio' feito por eles um pouco antes. Mas o evangelista descreve a cena numa perspectiva, ao que parece, de quem olha o macro, ou seja, Jesus não queria ser milagreiro, mas sinalizou um grande milagre.

E quando os outros evangelistas encerram seu relato, João continua: *"Os que viram este milagre de Jesus disseram: de fato, este era o profeta que devia vir ao mundo!"* (v. 14). E Jesus, sabendo das intenções do povo, de o levarem ao trono, sai de cena, sozinho. Jesus não é milagreiro!

No contexto posterior, João descreve o próximo encontro de Jesus com aquela multidão. É hora de abrir o jogo. E isto acontece nos versículos 26 e 27. Então o povo reclama e exige as credenciais de um rei (vv. 30,31), e recebe, então, na sequência dos versículos, até ao final do capítulo, a clara exposição de que: Jesus não é milagreiro, mas faz grandes milagres! Ele é o próprio milagre de Deus. Jesus é o Grande Milagre de Deus.

Para o povo, Jesus fez, ao alimentar a multidão faminta com um ato milagroso, "a coisa certa no momento certo". Hora certa no tempo do povo judeu, Páscoa, então era preciso fazê-lo rei, libertador; hora certa no tempo de Deus, Jesus Salvador – Pão da Vida. Esta contradição no tempo acaba levando Cristo para a cruz, na Páscoa seguinte. No tempo da humanidade Jesus não cumpriu com seu papel, por outro lado, no tempo de Deus, Jesus cumpriu tudo o que era necessário, da maneira necessária. Jesus não é milagreiro, mas faz grandes milagres!

O milagre/sinal não cria a fé. O milagre/sinal pressupõe fé. Portanto o maior milagre é a fé dada ao coração. Neste sentido, quem espera o milagreiro fica somente no sinal e não chega àquilo para o que ele aponta. É a grande dificuldade humana em relação aos milagres descritos na Bíblia.

Cristo é o grande sinal de Deus, predito no Antigo Testamento e cumprido nas palavras e sinais do próprio Cristo. O grande milagre é

o da Páscoa de Jesus, sua morte e ressurreição. Procurar um milagreiro é encontrar lei e condenação, ou o vazio da decepção. Procurar e agarrar-se ao que faz grandes milagres, e é o Grande Milagre, traz consolo e a doce esperança da fé no Evangelho.

Este texto nos remete ao questionamento sobre as buscas da humanidade. A quem busca? Que Jesus quer encontrar e ter à disposição? Que tipo de pão está procurando? Que sinais espera de Deus?

A ênfase do domingo é estabelecida pela ação de Deus no mundo onde, em poder e sabedoria incompreensíveis, se coloca ao nosso lado (Sl 139); onde cumpre sua promessa sinalizada desde os tempos antigos, e onde continua agindo através da Igreja, fundamentada nesta ação divina (At 2). Jesus é o cumprimento de todas as promessas e sinais de Deus. O que Jesus nos deixou, sua Palavra e Sacramentos, são sinais de seu cuidado e amor por cada um, e a tarefa da Igreja é ensinar e testemunhar a respeito do Grande Milagre de Deus.

### **PROPOSTA HOMILÉTICA**

Desenvolver o tema sugerido na tensão e ao mesmo tempo relação entre os milagres/sinais e o Grande Milagre – Jesus. Propor não uma ‘espiritualização’ dos milagres e da fé cristã, mas fundamentá-los no grande milagre da encarnação do Messias.

**Sugestão de Tema:** Jesus não é milagreiro. Mas faz grandes milagres!

*Arnildo Münchow  
Canguçu, RS*



# NONO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

*Oitavo Domingo Após Trindade*

Salmo 1, Gênesis 12.1-4a (4b-7), Gálatas 5.16-25, Mateus 5.13-16

## **Mateus 5.13-16**

Os textos bíblicos em análise são indicados para a segunda metade do calendário eclesialístico, época em que pecado e graça são temas centrais. Também nesta época frequentemente são contemplados os temas de vida. O Nono Domingo Após Pentecostes contempla essa passagem do significado e valor da fé, para o campo da vida prática. Em meio às batalhas que a vida oferece, estabelece-se uma dura luta para se permanecer fiel à verdade do Cristo que veio como ser humano (Natal), morreu e ressuscitou em nosso favor (Páscoa) e que junto com o consolador permanece do nosso lado (Pentecostes).

Ao mesmo tempo em que somos desafiados a lutar com todas as forças à luz dos mandamentos para ter uma vida mais leve e menos sofrimento neste mundo, somos também consolados com a promessa do cuidado e da proteção de Deus. Nessa promessa encontramos forças para a vida, e vivemos intensamente, produzindo frutos cheios de vigor e vida. E esses frutos não são voltados para nós mesmos, mas para o mundo. São luz e sal. Como a lua reflete a luz do sol, nós refletimos o amor de Deus para o mundo. Algo tão intenso que não apenas abre os olhos, mas é capaz de transformar completamente o ambiente em que vivemos, assim como o sal que dá sabor, cicatriza e conserva.

**Salmo 1** - Convoca todas as pessoas a andarem nos caminhos de Deus. A viverem a sua vida de acordo com os santos mandamentos. Não que este viver à luz da lei compre o favor de Deus em relação à vida eterna, mas é um sinal de confiança nas promessas de bênçãos de Deus, já para esta vida; pois ciente das duras provações e dificuldades pelas quais passamos, Deus oferece alívio e promete abençoar já neste mundo os que vivem de acordo com a sua vontade, "pois o Senhor dirige e abençoa a vida daqueles que lhe obedecem" (v.6a).

O Salmo 1 contrapõe todo vigor da vida daqueles que andam no caminho do Senhor, representado pela árvore sempre verde e que produz muitos frutos, por estar enraizado junto à fonte de água (v.3), com a decepção e o vazio daqueles que andam em seus próprios caminhos (v.4). Estes estão completamente mortos, são como a palha que o vento carrega. E então, todos são convocados a olhar para

o resultado final em que aqueles que andaram no caminho do Senhor são abençoados com vida para sempre, enquanto que os maus experimentam o fim trágico do sofrimento e da condenação eterna (v.5).

**Gênesis 12.1-3** - O texto indicado do Antigo Testamento aponta para a fé ligada à promessa de Deus como causa de toda boa ação. Fé e obras sempre andam juntas. Fazendo referência a Hb 11.8-10, lembramos que foi pela fé que Abraão atendeu ao chamado de Deus e saiu de sua terra e foi em busca da terra prometida. Abraão confiou cegamente nas promessas de Deus e, por isso, foi considerado justo. Essa é uma regra básica para a vida de todos nós: quem quer andar nos caminhos do Senhor não pode confiar desconfiando, mas deve acreditar cegamente que a palavra de Deus e suas promessas são verdadeiras! É através das promessas que Deus cumpre a segunda aliança; aliança na qual promete e dá paz, perdão e vida para sempre.

**Gálatas 5.16-25** - O Apóstolo Paulo resume bem o que é confiar cegamente nas promessas de Deus: "Deixem que o Espírito de Deus dirija a vida de vocês e não obedeçam aos desejos da natureza humana" (v.16).

O andar no caminho do Senhor à luz dos mandamentos e ao mesmo tempo confiando na misericórdia de Deus é resultado do trabalho do Espírito Santo dentro de nós. E o Espírito do Senhor que nos conduz à luz das promessas de Deus e nos consola, quando em nossas fraquezas não conseguimos caminhar no caminho do Senhor.

**Mateus 5.13-16** - Já no Sermão do Monte Jesus afirma aos seus discípulos que a fé se torna parte de nossa vida prática, no relacionamento humano. Em Mt 10.34-39, Jesus instrui e ensina os seus discípulos de que é preciso abrir mão de seus próprios interesses e que é preciso ir em direção ao próximo. Mas Jesus também os adverte de que isto não é fácil. Ir em direção das pessoas nem sempre será algo pacífico. Pode trazer duros conflitos, crises no relacionamento e até levar a uns odiarem os outros ao ponto de procurarem a morte do cristão.

Ser luz significa refletir ao mundo a boa notícia do grande amor de Deus e desafiar as pessoas a andar no caminho do Senhor. Pequenos gestos podem fazer grandes diferenças. Que tal abraçar o aflito, consolar o desanimado, dar comida a quem tem fome, acolher o desprezado ou simplesmente ouvir o desabafo de quem pouco consegue se relacionar? Pequenos gestos de amor redirecionam as pessoas para o caminho do Senhor, caminho em que existe esperança. Pequenos gestos transformam o ambiente, são como o sal que dá sabor, cicatriza e conserva.

## SUGESTÃO HOMILÉTICA

**Tema:** Ande nos caminhos do Senhor!

**Introdução:** Existem dois diferentes caminhos a percorrer. O caminho da morte e o caminho da vida. Exemplifique as diferentes variantes de caminho que levam e conduzem as pessoas no caminho da morte.

**Desenvolvimento:** aponte para a vontade de Deus de conduzir todas as pessoas no caminho da vida. Mostre como Deus é apaixonado pelos seres humanos e de como Deus investe tempo, paciência e perdão para chamar as pessoas da morte para a vida. Mostre também que o chamado de Deus é para todos. Deus chama e pelo Espírito Santo capacita e conduz no caminho certo.

**Lei:** Apesar de todo investimento que Deus faz, muitas pessoas fazem pouco caso da vontade de Deus. Aponte para o fim trágico e infeliz das pessoas teimosas que insistem em andar em seus próprios caminhos. Aponte para exemplos bíblicos do AT ou do NT, ou ainda de ambos.

**Evangelho:** Mostre que o Pai espera de braços abertos a volta do filho. Mostre também que o único caminho, Jesus, é um caminho de fartura, de felicidade, onde os aflitos podem ser consolados e os cansados são fortalecidos e reanimados para a jornada.

**Conclusão:** No contraste dos dois caminhos, vale a pena escolher pela vida. Vale a pena escolher o caminho certo. Vale a pena "Deixar que o Espírito de Deus dirija a vida de vocês e não obedçam aos desejos da natureza humana" (Gl 5.16) e com toda certeza "o Senhor dirige e abençoa a vida daqueles que lhe obedecem" (Sl 1.6).

*Arsildo Wendler  
Guaíba, RS*

# DÉCIMO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

*Nono Domingo Após Trindade*

Salmo 119.105-112, Êxodo 32.1-7 (8-14) 15-20 (30-34), Filipenses 3.7-11, Mateus 25.14-30

## **Mateus 25.14-30**

### **CONTEXTO**

A parábola do empregado inútil faz parte do sermão profético (ou “discurso escatológico”) de Jesus Cristo (Mateus 24 e 25). Ela se liga diretamente à parábola das dez virgens (Mateus 25.1-13), e é seguida pelo quadro do grande julgamento (Mateus 25.31-46). Assim, a parábola de Jesus tem algo a dizer sobre a consumação futura do reino dos céus, sobre o acerto de contas quando da vinda do Cristo Juiz.

A história apresenta traços característicos das parábolas de Jesus. Vejamos: uma seqüência de três personagens, repetição de palavras (confira Mt 25.20,21 e Mt 25.22,23), clímax (a ênfase recai sobre o último empregado, sendo que os dois primeiros apenas entram para compor a história), e contraste (dois empregados são bons e fiéis, mas o último é mau, negligente e inútil) (SCHOLZ, Vilson. A Parábola do Empregado Inútil, in: *Mensageiro Luterano*, julho/90, p.9).

Vale ressaltar que em sua intenção original, toda a atenção da parábola se concentra no servo inútil que recebeu um talento. A quem este servo representa? A quem Jesus adverte e observa? É evidente que o servo inútil, naquele momento, representava os escribas e fariseus, na atitude deles diante da Lei e da vontade de Deus. O servo inútil tomou um talento e o enterrou a fim de poder devolvê-lo ao seu senhor, tal como o recebera. Todo o objetivo essencial dos escribas e fariseus era obedecer a Lei como Deus a dera. Segundo as palavras deles, eles queriam “construir um tipo de aréola em torno da Lei”. Qualquer mudança, desenvolvimento a partir de uma Lei, alteração, qualquer coisa nova que alguém fizesse era um anátema. Tal como o homem do talento, queriam manter tudo como estava, e é por isso que se condenava os escribas e fariseus.

A parábola dos talentos tem um ensinamento imediato para aqueles que a escutaram naquele momento quando Jesus a aplicou, como tem uma série de ensinamentos eternos para nós, em nossos dias.

Quanto aos valores: Um talento representava uma quantia consi-

derável de dinheiro naquele momento, quando um denário era o salário de um dia.

Um talento era 6.000 denários ou, aproximadamente, mil dólares ou 240 libras. Dez vezes, isto é, aproximadamente dez ou doze mil dólares, uma soma enorme para aquele período.

## TEXTO

V. 14: O conectivo *gar* (pois) faz desta parábola uma exposição do v. 13. Ela indica o propósito da parábola: a vigilância do cristão pela vinda de Jesus usando fielmente os seus talentos no seu serviço.

V. 29: "Porque a todo o que tem se lhe dará, e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado." Aqui aparecem claramente a lei, o rigor no julgamento "O pouco que tem tirará dele" e o evangelho, a riqueza do amor de Deus "receberá mais e assim terá ainda mais".

V. 30: Devemos ter em mente que: quem não investe, perde. Se a igreja não estiver disposta a investir, a correr riscos na missão cristã, acabará se tornando infiel aos olhos de seu Senhor. Pesa sobre ela o juízo que se abateu sobre o terceiro empregado da parábola: "E o servo inútil, lançai-o para fora, nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes".

A parábola não tem a ver com finanças ou dons, e sim com fidelidade e coragem com vistas à vinda gloriosa de Cristo. Dirigida a cristãos, ela nos alerta contra a mentalidade do tipo "segurança acima de tudo", que caracteriza o terceiro empregado da parábola. Temos muito em comum com aquele empregado que escondeu o dinheiro do patrão num buraco feito na terra. Ficamos com medo e isto nos leva a sermos infiéis. Por vezes ficamos tão preocupados com a importante tarefa de *preservar* o evangelho que nos esquecemos da missão de proclamá-lo adiante.

## TEXTOS PARALELOS

**V. 14:** Mc 13.34, Mt 21.33; **V. 15:** Rm 12.3,6; **V. 19:** Mt 18.23; **V. 21:** Mt 23.24, 45-47; Lc 16.10; Lc 12.44; Hb 12.2; **V. 29:** Mt 13.12; **V. 30:** Lc 17.10; Mt 8.12; Sl 112.10; Mt 13.41; 16.27.

## Sugestão Homilética

**Tema:** Jesus nos quer encontrar fiéis

1. Investindo em nossa fé (palavra e sacramento)

2. Sendo vigilantes (resistindo ao pecado)
3. Investindo no Reino (testemunhando)

Tendo o texto enfoque escatológico, devemos estar centrados em mostrar que precisamos estar sempre firmados nos ensinamentos de Deus, com fé verdadeira que resulta em vivência, pois não sabemos quando ele voltará.

Importante mostrar que as ocupações do mundo moderno fazem com que muitas vezes não sejamos fiéis ao nosso Senhor, fugimos, temos medo. Desse modo, corremos o risco de que com nossas ocupações e medos não tenhamos sido fiéis mordomos dos talentos recebidos do Senhor da vida.

Assim como os dois escravos (servos), com fé e prontidão, exerceram a responsabilidade do encargo do seu senhor, também aqueles que receberam a graça perdoadora de Deus precisam usar a palavra para alimentar sua própria fé e compartilhá-la com dedicação.

*Nataniel César Knebel*  
*Dourados, MS*

# DÉCIMO PRIMEIRO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

*Décimo Domingo Após Trindade*

Salmo 73.25-28; Daniel 9.15-18; Romanos 9.1-5; 10.1-4; Lucas  
19.41-48

## **Lucas 19.41-48**

### **TEXTO E CONTEXTO**

Jesus está no início de sua última semana. No dia anterior ele foi recebido festivamente por uma multidão que o aclamava como Rei. Agora, novamente na descida de Betânia, ele pára um momento para contemplar a cidade do alto. O compassivo olhar o leva às lágrimas. O povo que ele amava, entre o qual ao menos por três anos ele andara, ensinara e demonstrara a sua divindade, este povo, apesar de todas as oportunidades que tivera, desconhecia o que "é devido à paz". Historicamente Jesus vê a destruição futura da cidade e o sofrimento terrível de seu povo. Mas o seu choro é muito mais profundo. A infidelidade deste povo se manifesta na rejeição do Messias. Uma falsa justiça os impede de ver e aceitar a justiça de Deus. "Veio para o que era seu, e os seus não o receberam" (Jo 1.12). O desprezo e a infidelidade significavam a perdição eterna do povo de Deus.

Após seu lamento quanto à infidelidade de seu povo, Jesus expressa o seu juízo através de uma decisão e atitude tipológica que impressiona seus seguidores. Ele condena uma figueira (Marcos 11), pois não lhe deu os frutos que ele esperava.

A infidelidade leva o povo a uma forma hipócrita de adoração a Deus. É o que o Mestre encontra no templo. Sua atitude de purificação do templo, além de ser o cumprimento profético (Is 56.7; Jr 7.11), é uma expressão de juízo contra um povo que de forma desprezível profanava a casa de Deus.

### **ÊNFASES**

*"Ah! Se conheceras por ti mesma, ainda hoje, o que é devido à paz! Mas isto está agora oculto aos teus olhos" (v.41).* O choro de Jesus não tem igual. Não é o choro sentimental humano, mas o daquele que vê,

além da infidelidade do povo, a conseqüência terrível da mesma. Ao mesmo tempo em que ele expressa a decepção profunda por ter o povo da aliança desprezado sua obra salvadora, por não querer aceitá-la, lembra ele, e isto é terrível, que os seus olhos não mais o conseguirão ver. O tempo da graça passou.

*"Está escrito: A minha casa será casa de oração. Mas vós a transformastes em covil de salteadores"* (v.46). Atitudes hipócritas são utilizadas para esconder a vida de infidelidade. Alguns rituais pareciam bastar à religiosidade do "povo da aliança". Escondiam a sua infidelidade entre as paredes do templo. Não poderia haver testemunho mais ofensivo à santidade divina, e mais desprezível ao desejo salvador de Jesus.

## PARALELOS

Algumas idéias em destaque nos demais textos do dia:

O salmista, no Salmo 73, reconhece sua desolação com todos, e confiante e fiel a Deus, confessa ele que o que vale é proclamar os feitos do Senhor. O profeta Daniel (9.15-18) reconhece a infidelidade histórica do povo, pede por clemência divina, e pede a bênção, apesar do povo ter sido opróbrio para todos. Paulo, em seu desejo de ver salvos os judeus, chora. Em seu amor por eles, reconhece que estaria disposto a se condenar para salvá-los. Aponta para o erro deles: criaram sua própria justiça em vez de se sujeitar à de Deus. Cabe ainda lembrar as palavras carinhosas e cheias de amor de Jesus, conforme Lucas 13.34,35: *"Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir teus filhos como a galinha ajunta os do seu próprio ninho debaixo das asas, e vós não o quisestes! Eis que a vossa casa vos ficará deserta"*.

## SUGESTÃO DE USO HOMILÉTICO

Como a perdição é conseqüência inevitável da infidelidade, o objetivo é levar à compreensão de que uma religiosidade de aparências, ou hipócrita, sempre é decisão de desprezo, infidelidade e, por conseqüência, ofensa à obra salvadora de Jesus.

*APROVEITAI O TEMPO DA OPORTUNIDADE...*

1. para não ficardes cegados àquilo que é devido à paz. Ainda é tempo de conhecer.



2. para evitardes as lágrimas de “desespero” de Jesus. O tempo do juízo ainda não veio.

3. para que o juízo de Deus não seja o futuro incerto de vossa vida. Confiantes em Cristo, podeis ser salvos e perseverar fiéis.

*Erni Krebs  
Canela, RS*

# DÉCIMO SEGUNDO DOMINGO

## APÓS PENTECOSTES

*Décimo Primeiro Domingo Após Trindade*

Salmo 138, 2 Crônicas 1.7-12, 1 Pedro 5.5b-11, Lucas 18.9-14

### Lucas 18.9-14

#### INTRODUÇÃO

“Como posso estar em pé diante de um Deus perfeito sem ser consumido pela sua ira contra o meu pecado?” Esta foi a pergunta central na Reforma Luterana, e continua sendo uma questão mal compreendida por muita gente. Com a parábola do fariseu e do publicano, Jesus clarifica a questão. Neste texto clássico o pastor pode contrastar claramente a “justiça das obras” e a “justiça da fé”, mostrando que ninguém pode ser justificado “diante de Deus (*coram Deo*) pela sua própria força, méritos, obra e satisfação nossos, porém que recebemos remissão do pecado e nos tornamos justos diante de Deus pela graça, por causa de Cristo, mediante a fé...” (C.A. IV).

#### ANÁLISE DO TEXTO

V. 9: “a alguns que confiavam em si mesmos”. Este texto é dirigido precisamente contra o que as Confissões Luteranas chamam de *opinio legis* – confiança na justiça própria, sem Cristo; “justiça” (*dikaioi*) é um termo forense que atribui inocência legal perante Deus.

V. 10: O fariseu representa o tipo mais piedoso dos tempos de Jesus, e o publicano representa o maior pecador da sociedade. Ambos vão ao templo para orar. Ainda hoje, os “das obras” e os “da fé” vão juntos à igreja – consideram-se todos cristãos, mas nem sempre são facilmente identificáveis.

V. 11: “[...] de si para si” (*pros eauton*). O fariseu ora em pé, sozinho, em lugar de destaque. Não se mistura. Em sua oração, nada pede. O orgulhoso jamais pede favor. Mas sempre tem algo a mostrar. Assim, sem demora, exhibe ficha limpa, apresenta suas certidões negativas: 1) “não sou como os demais homens”, de segunda categoria; 2) como gente de primeira, não pertencço aos “roubadores, injustos e adúlteros”; 3) muito menos pertencço à escória da sociedade, “como este publicano”. Uma maiúscula presunção! Ofuscado pelo seu

próprio falso brilho, realmente não sabia o que é pecado e onde este invariavelmente reside. Não sabia que o pecado não é algo meramente externo, mas que começa no coração, como Jesus demonstrou no Sermão do Monte. O fariseu mede "de cima para baixo". Toma por paradigma o publicano, ao invés de medir-se com Deus: "santos sereis, porque... sou santo" (Lv 19.2). Quem se mede "para cima", obriga-se a ser humilde; quem mede "para baixo" logo se torna arrogante. Então, falar mal do próximo e apregoar suas próprias supostas virtudes torna-se uma tentação constante. É bem sintomática a frase: "Comigo tais coisas não acontecem!"

V. 12: Aqui o fariseu abre seu catálogo de boas obras: 1) "Jejuo duas vezes por semana". Moisés ordenara um jejum anual, para o dia da expiação (Lv 25.29). Ele supera a lei: jejua duas vezes por semana – cem vezes mais que o estabelecido! 2) "e dou o dízimo de tudo quanto ganho." O dízimo era "dos cereais, do vinho e do azeite" (Ne 13.12). Mas ele, mais uma vez, supera, dando o dízimo de tudo, o que incluía, certamente, "a hortelã, o endro e o cominho" (Mt 23.23). É possível que o fariseu não tenha mentido neste particular, e que, de fato, praticava as obras mencionadas. O problema é considerá-las mérito seu, ou ver nelas sua justiça. Aliás, o seu catálogo de boas obras é diminuto. Quem jejua duas vezes por semana, também poderia dar o dízimo dobrado, sem dificuldade, já que lhe sobram quase 30% da comida!

A lei é importante em nossas vidas. Deus nos proíbe furtar, cometer injustiças e adultério. Ele também nos ordena dar liberalmente, orar e ir à igreja. Mas Ele também deixa claro que estas obras somente têm valor quando praticadas por aqueles que foram previamente justificados pela graça salvadora de Cristo. Sem esquecer que, ainda assim, nossas melhores obras serão apenas "trapo da imundícia" (Is 64.6), mas aceitas por causa daquele que nos é "propício".

V. 13: "[...] estando em pé, longe". O publicano foi ao templo humildemente. Mede-se "para cima". A santidade de Deus é seu paradigma: "Sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai Celeste" (Mt 5.48). Reconhece a grande distância que o separa de Deus, não tendo do que se orgulhar. Por isso, ora "em pé, longe", talvez até meio camuflado na sombra de uma coluna do templo. "Não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu", o que, contudo, não o impede de fixar seu olhar no altar do sacrifício.

Os publicanos eram uma classe odiada pelos judeus como traidores, pois serviam aos romanos e abusavam nas taxas. Mas não há prova de que os publicanos vivessem flagrantemente nos pecados

dos quais o fariseu parece acusá-los. O maior pecado deles era serem incrédulos. Jesus interessou-se por eles e, vários deles, ouvindo o seu ensino, reconheceram nele o Messias.

“Ó Deus, sê propício a mim, pecador.” - Esta expressão, “sê propício” (*ilastêti*), possui um profundo significado. Encerra a doutrina central da Bíblia, de que Deus está irado com o pecado e precisa ser pacificado por um sacrifício oferecido em favor do pecador. O publicano revela, em sua oração, ter compreendido que todo o sistema de sacrifícios do Antigo Testamento apontava para o sacrifício vicário de Cristo pelos pecadores. Ele esperava nesta “propiciação” – aplacação da ira divina pelo sacrifício de Cristo.

“batia no peito” – Na oração, os judeus usualmente cruzavam as mãos sobre o peito e fechavam os olhos. Mas o publicano descruza os braços e bate no peito – como só se fazia em extrema angústia. Ele sabe que seu problema é muito grave e reside exatamente ali, dentro do peito – no coração. “O coração dos homens está cheio de maldade” (Ec 9.3; Cfe.: Mt 15.17-20; Lc 16.15; Pv 21.2). Mas ele também sabia que não era a sua confissão ou o bater no peito que o tornavam merecedor da compaixão e do perdão de Deus. A sua salvação estava num Deus “propício”.

V. 14: Que o publicano entendeu a doutrina da justificação pela fé, evidencia-se também no veredicto do Salvador: “este desceu justificado (*dedikaiomenos*) para sua casa”. O fariseu voltou para casa com os pecados aumentados e radiografados pela sua exibição à plena luz do templo; o publicano, no mesmo templo, encontrou “descanso à sombra do Onipotente” (SI 91.1). Isto está em acordo com o Salmo do dia: “O Senhor é excelso, contudo, atenta para os humildes; os soberbos, ele os conhece de longe” (SI 138.6), e com a Epístola: “Deus resiste aos soberbos, contudo, aos humildes concede a sua graça” (1 Pe 5.5).

## OBSERVAÇÕES

Como em outros textos que tratam da justificação pela fé, o pregador é tentado a desmerecer tanto as boas obras que poderá parecer ao ouvinte que elas são realmente desnecessárias e desprezíveis. Não há nada de errado com as boas obras, senão com a falsa segurança a que elas podem conduzir quem compara as suas obras com as do próximo, através de sua própria vidraça suja de orgulho e presunção. Um crítico disse que tinha ido em muitas igrejas e tinha ouvido o pastor dizer: “não tente impressionar a Deus com suas boas obras”, “não tente agradar a Deus com os seus méritos”, ou ainda:

“não tente ganhar o céu cumprindo os Mandamentos”. Mas, dando uma olhada ao redor, e vendo uma assistência apática e quase dormente, perguntava-se: “Afim, quem aqui está tentando fazer isso?”<sup>1</sup>

Por outro lado, o pregador precisa manter claro que o mérito também não está com aquele que “bate no peito e pede propiciação”, mas com aquele que oferece a “propiciação” – Cristo. Sem essa oferta, nenhum peito sangrento alcançaria coisa alguma. Em Cristo, a salvação está tão aos nossos pés que somente os orgulhosos não conseguem vê-la, por insistirem em olhar por cima dela.

## PROPOSTA HOMILÉTICA

Dentro das diversas possibilidades, proponho uma espécie de paródia do texto, que, usada com cuidado, pode ser muito interessante, especialmente para uma audiência mais jovem.

## COMO ESTAR BEM NA FOTO DE DEUS?

### Introdução

Nós, seres humanos, amamos os holofotes, os pedestais, o estar bem na foto. Desde que ficamos “mal na fita” do Éden, muito investimos na nossa “produção”, na aparência. Se isto camufla a realidade física sem maiores prejuízos, desastrado, porém, é apresentar-se “produzido” diante do Senhor.

Dois homens foram chamados ao estúdio para integrarem uma foto de grupo (v. 10)

#### *I. O primeiro era fariseu.*

##### A. Ele logo correu à frente

1) postou-se em primeiro plano, no centro da cena (v. 11: “posto em pé”);

2) Empinou bem seu nariz (v. 11b: “de si para si mesmo”);

3) Abriu um largo sorriso, ainda que debochado (v. 11c: “graças te dou”);

4) Com os cotovelos, tratou logo de afastar ao máximo os outros de si (v. 9: “desprezava os outros”);

5) Com apenas dois dedos estendidos de cada mão, colocava chifres nas pessoas próximas (v. 11: “roubadores, injustos e adúlteros”);

---

<sup>1</sup> Martin Marty

6) Vestia seu melhor terno e caprichou no nó da gravata (v. 12: "jejuo... dou o dízimo");

7) Ele estava radiante (v. 9: "confiava em si mesmo")

8) O fotógrafo insistia: "Olha para a câmera!"

B. Então ouviu-se um "clíc".

C. Conferida a foto, o fotógrafo concluiu: "Assim não dá. Você não olha pra mim. Estragou a foto. Vamos tentar com outro" (v. 14).

### *II. O segundo era publicano.*

A. Muito tímido, relutava em vir à frente.

1) Envergonhado, logo sumia entre os outros (v. 13a: "longe");

2) Olhava para o chão (v. 13.b: "não ousava levantar os olhos");

3) Resistia, alegando não ser fotogênico nem estar adequadamente vestido para uma foto (v. 13d: "sou pecador");

B. Mas, rapidamente, a foto foi batida.

C. Conferindo, o fotógrafo constatou: "Você olha pra mim, mas está muito mal. Também não dá".

### *III. A solução*

A. "Mas você pode me corrigir no Photoshop" – argumenta o publicano (v. 13c: "Sê propício a mim, pecador!")

B. "É verdade" – diz o fotógrafo – "Vou fazer você ficar perfeito" (v. 14c: "este desceu justificado para sua casa"). (Cfe.: 1 Jo 1.7)

## **CONCLUSÃO**

O Senhor tem ojeriza a "jóia de ouro em focinho de porco" (Pv 11.22). Mas ele ama enfeitar-nos, ele próprio, dos pés à cabeça, depois de um banho no sangue do Cordeiro. Então ele nos põe "um anel no dedo e sandálias nos pés" (Lc 15.22), nos "veste de roupas bordadas", nos "calça com couro da melhor qualidade", e nos "cinge de linho fino, e cobre de seda"... nos põe "braceletes nas mãos e colar à roda do pescoço"... "um pendente no nariz, arrecadas nas orelhas e linda coroa na cabeça" (Ez 16.10-12), "uma vestidura branca" – o manto da justiça (Ap 3.5; 6.11), "diadema de graça e uma coroa de glória" (Pv 4.9).

Deus nos guarde do orgulho farisaico e da autojustiça. Que ele nos dê real ciência de nossos pecados, mas, acima de tudo, sempre nos conceda crer que, pelo sangue de Cristo, ele nos é propício.

*Renato Leonardo Regauer  
Sapiranga, RS*

# DÉCIMO TERCEIRO DOMINGO

## APÓS PENTECOSTES

*Décimo Segundo Domingo Após Trindade*

Salmo 146, Isaías 29.18-21, 2 Coríntios 12.6-10, Marcos 7.31-37

### **Marcos 7.31-37**

#### **CONTEXTO - TEXTOS DO DOMINGO**

*Síntese das Leituras do Domingo* - A leitura do Salmo 146 convida a confiar exclusivamente em Deus, e não nos homens. Ressalta a fidelidade de Deus. A leitura do AT, Is 29.18-21, é uma profecia das bênçãos da era messiânica, traduzidas na expressão: "que os surdos ouvirão e os cegos verão". O texto da epístola, 2 Co 12.6-10, aponta para o Senhor Deus que, como sua graça, sempre está presente ao lado dos que nele confiam, a despeito da enfermidade que podem enfrentar. A leitura do evangelho, Mc 7.31-37, aponta para o milagre da cura do surdo e gago e a repercussão que teve esse sinal.

#### **CONTEXTO ANTERIOR**

No **capítulo 6** de Marcos, o evangelista registra: Jesus prega em Nazaré e é rejeitado (1-6), Jesus dá instruções aos doze (7-13), a morte de João Batista (14-29), a primeira multiplicação dos pães e peixes (30-44), Jesus anda sobre o mar (45-52), Jesus em Genesaré (53-56). No **capítulo 7**, o evangelista registra o diálogo de Jesus com os escribas e fariseus sobre as tradições dos anciãos ("O que contamina o homem é o que vem do coração!" [1-23]) e a cura da mulher siro-fenícia (24-30).

#### **CONTEXTO POSTERIOR**

No **capítulo 8** há o relato de Jesus realizando a segunda multiplicação dos pães e peixes (1-10), os fariseus pedem um sinal do céu (11-13), o fermento dos fariseus (14-21), a cura de um cego em Betsaida (22-26), a confissão de Pedro (27-30), Jesus prediz a sua morte e ressurreição (31-33), o discípulo de Jesus deve levar a sua cruz (34-9.1).

## Leitura no Vernáculo - Destaques nas diferentes traduções

### 1. Bíblia de Jerusalém

V. 32 - Trouxeram-lhe **um surdo que gaguejava**, e rogaram que impusesse as mãos sobre ele.

V. 34 - Depois, levantando os olhos para os céus, **gemeu**, e disse: *efatha*, que quer dizer: abre-te!

V. 35 - Imediatamente abriram-se-lhe os ouvidos **e a língua se lhe desprende**, e falava corretamente.

V. 36 - Jesus **os proibiu** de contar o que acontecera; quanto mais o proibia, tanto mais eles o proclamavam.

V. 37 - Maravilhavam-se sobremaneira, dizendo: " Ele **tem feito tudo bem...**

### 2. Bíblia Sagrada – Edição Pastoral

V. 32 - Levaram, então, a Jesus **um homem surdo e que falava com dificuldade ...**

V. 33 - **Jesus se afastou com o homem para longe da multidão;**

V. 34 - Depois olhou para o céu, **suspirou** e disse: *efatá!*

V. 35 - Imediatamente os ouvidos do homem se abriram, **sua língua se soltou** e ele começou a falar..

V. 36 - Jesus **recomendou** com insistência que não contassem nada a ninguém.

### 3. Estudo do Texto no Original Grego - Tradução e Análise

**V. 31 - E, de novo, tendo atravessado a região de Tiro, foi, através de Sidom, para o Mar da Galiléia, passando pela região de Decápolis.**

**V. 32 - E trazem (carregam) para ele um surdo e que fala com dificuldade (com impedimento na fala), e rogaram (imploraram) a ele para que colocasse sobre ele a mão.**

?????????????????Verbo presente indicativo ativo de ???????? levar, carregar.

????????????? embotado, mudo, surdo. Incapaz de articular, falar, mudo. Significa também: surdo.

????????????????? falando com dificuldade, com impedimento na fala. **(a recuperação da audição pelos surdos era um sinal da era messiânica)** - gago, mudo.

?????????????Verbo aoristo subjuntivo ativo de ??????????????colocar sobre.



**V. 33 - E, tirando-o da multidão, à parte (em particular), colocou (pôs) os dedos dele para os ouvidos dele e, cuspido, tocou a língua dele.**

?????????????????????Particípio aoristo médio de ??????????????????tirar, levar uma pessoa para o lado em particular.

????????????????? Verbo aoristo indicativo ativo de ?????????? lançar, colocar, pôr.

????????????????? Verbo particípio aoristo ativo de ?????????? cuspir. (Marcos 8.23; João 9.6)

?????????????????Verbo Aoristo indicativo médio de ??????????????????tocar.

**V. 34 - E, olhando para o céu, suspirou e diz para ele: efatá, o que é: que tenha sido aberto!**

????????????????????? Particípio aoristo ativo de ??????????????????olhar para cima.

????????????????????? Verbo aoristo indicativo ativo de ?????????????????? gemer, suspirar.?

?????????????????????Imperativo aoristo passivo de ?????????????????? abrir.

**V. 35 - E (logo) foram abertos dele os ouvidos e foi solto o vínculo (a cadeia, a prisão, algemas de defeito físico) da língua dele e falava perfeitamente.**

?????????????????????Verbo aoristo passivo de ?????????????????? abrir.

?????????????????Verbo aoristo passivo de ??????????soltar.

**V. 36 - E ordenou-lhes para que a ninguém falem; mas, quanto mais para eles ordenava, mais eles excessivamente proclamavam.**

?????????????????????????????Verbo aoristo médio de ?????????????????? ordenar, obrigar

?????????????????????????????Verbo imperfeito médio de ?????????????????? ordenar, obrigar.

????????????????????????????? além da medida, excessivamente.

?????????????????????????????Verbo imperfeito indicativo ativo de ?????????????????? proclamar, anunciar, mencionar publicamente, pregar, mais frequentemente, a ação salvífica de Deus. Proclamar vitórias.?

**V. 37 - E muito mais que excessivamente ficavam atônitos, dizendo: corretamente todas as coisas fez, e os surdos faz ouvir e os mudos falar.**

?????????????????????????????além de todas as medidas; excessivamente.

?????????????????????????????Verbo Imperfeito indicativo passivo de ?????????????????? ficar atônito.

?????????????????????????Verbo indicativo perfeito ativo de ??????????fazer.

## COMENTÁRIOS

V. 31: Jesus agora ele foi através de Sidom, que fica a cinco milhas ao norte de Tiro. Mas Jesus está somente fazendo uma viagem, nós não ouvimos nada de ensinamentos e milagres. Parece que ele passou por despercebido, e que ele mesmo quis que fosse assim, e que ele devotou o seu tempo para instrução dos seus discípulos, que foi a principal ocupação de Jesus durante a última parte do seu ministério. Somente Marcos narra a passagem de Jesus através de Sidom.

V. 32: Eles trouxeram um homem surdo e gago a Jesus. Ainda que ????????? significa uma fala pesada, repetida (gagueira), falando com dificuldade, a LXX usa isso no significado de mudo. Os sons que aquele homem fazia eram inteligíveis.

Vv. 33-35: Jesus não colocou as mãos sobre o homem, ele usou um procedimento incomum neste caso. Este surdo-mudo é trazido a Jesus no meio de uma grande multidão. Jesus está interessado nele porque ele está nesse estado. Ele o toma inteiramente para fora da multidão; o particípio aoristo médio significa que Jesus tomou o homem para si mesmo. Esta ação preliminar (aqui expressa por um particípio) é sábia e significativa para aquele homem. Ele está sozinho com Jesus, extraído da excitação e da distração das multidões. Seus olhos espiam a Jesus, e ele entende que Jesus está para fazer algo em benefício dele.

Jesus usa a linguagem de sinais que é simples e plena assim que o surdo-mudo poderia entender. Ele lança seus dedos nos ouvidos daquele homem. Aqui estava localizada uma das suas deficiências - aqueles ouvidos estavam deficientes. Nós agora temos um verbo finito, que é uma das ações principais. Vamos apenas pensar no fato que os olhos de Jesus indubitavelmente falaram aos olhos daquele homem.

Primeiro os ouvidos deficientes, agora a língua muda. A linguagem de sinais continua. Primeiro uma ação menor, que é de novo expressa por um particípio: Jesus "**tendo cuspid**". A sua boca e a sua língua estão sem fala, e Jesus tencionava fazer algo em relação a esse problema. Os milagres eram feitos por causa da vontade do Senhor, algo pelo qual a sua vontade somente, frequentemente pelo que a sua vontade expressou na sua onipotente palavra mesmo nesta instância. Tocar com a mão é apenas um gesto simbólico.

V.34: Mais linguagem de sinais seguem: de novo um particípio expressa a ação subordinada: Jesus olha para o céu. O homem observa Jesus fazendo isso. Ele dá a entender que a ajuda que ele vai dar ao

homem vem do céu, é divina, onipotente ajuda que é diferente de algo meramente humano. Com essa olhada para os céus, Jesus suspira. O homem vê o suspiro, isso é parte da linguagem de sinais que Jesus está usando. O homem entendeu a linguagem de sinal de Jesus. Nós podemos entender que esta linguagem de sinais de Jesus tencionou instaurar a fé naquele homem. Seria injustificável dizer que o milagre dependeria da fé daquele homem. Ele depende completamente da boa e misericordiosa vontade de Jesus. Jesus algumas vezes tenta infundir a fé antes do milagre; outras vezes ele deixa a fé seguir após o milagre.

Depois que o homem estava completamente preparado, Jesus falou uma única palavra: *ephatha*, o imperativo aramaico. Marcos preserva a palavra original que Jesus usou, justamente como ele faz em 5.41. Ele quer que seus leitores gentios tenham as sílabas originais e os sons que vieram dos lábios de Jesus na operação desse milagre. Mas ele, mais uma vez, traduz o ?????????????? o aoristo imperativo: "Seja aberto!", o ??? acrescenta a idéia de uma abertura completa, perfeita. O neutro ?? refere-se ao *ephatha* como uma palavra. O mandamento expressa a vontade de Jesus, e esta vontade faz o que ele quer. A idéia de abrir refere-se não somente aos ouvidos, que tinham sido fechados pela deficiência, mas também à língua que tinha sido presa por uma cadeia ????????, e requeria abertura da prisão para a liberdade de falar. Esta palavra de Jesus penetrou os ouvidos do surdo-mudo - ele ouviu o som onipotente. Nós não podemos dizer se algumas pessoas estavam próximas a ponto de ouvir isso. A coisa principal é que o surdo-mudo ouviu.

V. 35: Marcos reporta o efeito desta única palavra de Jesus absolutamente completa por dizer como os ouvidos do homem estavam completamente abertos, como sua língua perdeu aquilo que a embaraçava, dois aoristos para expressar os fatos centrais. Um imperfeito segue a respeito da língua: "e ele falava corretamente". Antes ele só era capaz de proferir sons ininteligíveis.

Vv. 36,37: Várias opiniões são dadas sobre a ordem de não falar do milagre. A melhor que achamos é aquela que toma em consideração o tempo de ministério de Jesus. Ele tinha apenas alguns meses, e ele não queria espalhar uma excitação acerca do seu messianismo. As pessoas geralmente conectaram idéias políticas e terrenas com esse título, as quais Jesus combateu. Então, ele fez o que ele podia para deixar em silêncio os seus milagres nesse tempo. Mas, nestas alturas dos acontecimentos, isso não foi assim. Então, quanto mais ele ordenava, mais eles tornavam público o que ele tinha feito.

V. 37: Marcos explana esta ação ao povo. Ele usou um forte imperfeito passivo; eles foram conduzidos a uma situação de estar maravilhados e continuaram assim. Ele acrescenta o advérbio ??????????????, “além das medidas”, “excessivamente”. Estando num estado assim, eles tiveram a sensação que não poderiam controlar-se. Marcos conta-nos exatamente que o povo disse: “excelentemente ele tem feito todas as coisas!” O perfeito ?????????? refere-se a todos os atos passados e como eles continuam a se mostrar no presente. Notemos: “todas as coisas” e perceba que isso é louvor. Então esse povo generalizou com o tempo presente do verbo ?????? junto com os plurais: “faz ouvir os surdos e falar os mudos!” Aquele povo reconhece que Jesus, a qualquer tempo, pode fazer os surdos ouvir e os mudos falar.

## PERSUASÃO

### 1. Pensamento Central

Jesus cura o surdo-mudo, capacitando-o a falar e ouvir muito bem.

### 2. Objetivos

A - *Conhecimento*: Que os meus ouvintes saibam que Jesus faz todas as coisas esplendidamente bem, como no caso da cura do surdo gago. Ele tem poder para fazer todas as coisas.

B - *Atitude*: Que os meus ouvintes confiem no poder de Jesus, com o qual ele age em benefício de todos nós, fazendo todas as coisas esplendidamente bem.

C - *Habilidade*: Que os meus ouvintes possam se dedicar a ouvir a palavra de Jesus e a falar das ações de Jesus na vida do surdo gago e na vida de todos nós - testemunhar os atos de salvação!

### 3. Moléstia - Lei - Pecado

A - As doenças, deficiências, problemas físicos e de saúde apontam para a pecaminosidade inata do ser humano - pecado original.

B - A euforia popular, às vezes, impede que se concentre a atenção na Palavra de Deus. O povo que trouxe o surdo gago queria ver Jesus impor as mãos sobre ele. Queriam um espetáculo, mesmo como as pessoas do nosso tempo procuram ver. Eles, na busca do espetáculo, expuseram desnecessariamente aquele homem com necessidades especiais. Dá a entender que eles não estavam querendo, em primeiro plano, a cura dela, mas o espetáculo em si, uma vez que não foram discretos e não o preservaram da exposição pública. Jesus não fez o que eles queriam. Não deu um espetáculo. O povo queria ter alimentado em si o desejo de ver coisas espetaculares, e isso pode ser um sinal de descrença quando se concentra apenas no ver. Isso afasta as pessoas de Jesus e da sua palavra salvadora.

C - Que uso fazemos da nossa língua e ouvidos? Temos nos dedicado a ouvir a palavra de Deus? Temos nos dedicado a falar dela a outras pessoas? Mau uso da língua: dar falso testemunho, estar cerrada para o louvor, a adoração, o testemunho, a oração. O ouvido está distante da palavra de Deus.

#### **4. Meio - Evangelho - Graça**

A - Jesus estava presente naquela localidade, cumprindo a profecia de Isaías, que falou da presença do Messias de Deus junto ao povo para: desimpedir os ouvidos aos surdos e fazer a língua dos mudos cantar. Jesus estava ali, como o Salvador, perdoador gracioso, a fim de beneficiar o ser humano carente com a sua eterna bondade.

B - Jesus curou o surdo gago. Ele não o fez como eles quiseram; mas o fez de acordo com a sua vontade. Ele tirou aquele homem do meio do povo e o restabeleceu perfeitamente: "Tudo ele tem feito esplendidamente bem!" Aponta para a criação, quando Deus fez tudo "muito bom!" e aponta para a Nova Criação em Cristo - a regeneração. O principal trabalho de Jesus foi dar a sua vida para redimir e salvar toda a humanidade. O texto alimenta a expectativa da eternidade perfeita com Deus nos céus: "novos céus e nova terra!"

C - Jesus nos orienta, na Sua Palavra, a fazermos bom uso da nossa língua e ouvidos. Ele nos dá motivos para abrirmos a nossa boca e louvar, orar, agradecer e testemunhar, pois ele "tem feito todas as coisas esplendidamente bem" em nossa vida: o perdão, a salvação! E ele tem proporcionado que a sua Palavra seja pregada a nós, e nos convida a "considerá-la santa, gostar de a ouvir e estudar" com atenção, a confiarmos de coração e a testemunhá-la a todas as pessoas que convivem conosco.

## **ESBOÇO**

**1. Tema:** Jesus faz tudo esplendidamente bem!

### **2. Desenvolvimento**

**2.1** A multidão trouxe um surdo e gago. Queriam que Jesus impusesse as mãos.

**2.2** O surdo gago - as suas deficiências.

**2.3** Jesus o retira da multidão - a linguagem de sinais: dedos no ouvido, tocou a língua, ergueu os olhos ao céu, suspirou.

**2.4** Jesus disse: Efata! - Abre-te! Abrir os ouvidos e desatar o empecilho da língua: cadeias.

**2.5** O milagre: "Abriram-se-lhe os ouvidos, e logo se lhe soltou o empecilho da língua, e falava desembaraçadamente."

**2.6** Por que Jesus não queria publicidade?

**2.7** A exclamação do povo: “Tudo ele tem feito splendidamente bem!” - relembra a criação de Deus (Gn 1.31).

**2.8 Lei**

**2.9 Evangelho**

*Sílvio Ferreira da Silva Filho  
Vila Velha, ES*

# DÉCIMO QUARTO DOMINGO

## APÓS PENTECOSTES

*Décimo Terceiro Domingo Após Trindade*

Salmo 142, Gênesis 4.(1-7) 8-16a, 1 João 4.7-11, Lucas 10.25-37

### **Lucas 10.25-37**

#### **LEITURAS DO DIA**

O Salmo 142 transcreve a oração de Davi feita dentro da caverna onde se refugiara do Rei Saul. Mesmo tendo o Rei Saul diante de si na caverna (sem que o mesmo se desse conta da presença de seu inimigo) e a possibilidade de fazer justiça com as próprias mãos, Davi coloca sua causa nas mãos do Senhor.

O relato de Gênesis 4.(1-7) 8-16a revela mais do que o primeiro assassinato na história da humanidade. Revela a conseqüência de uma separação entre Deus e seres humanos, e a responsabilidade do ser humano em resistir ao pecado que bate à porta.

A epístola de 1Jo 4.7-11 coloca a palavra "amor" como um sinônimo de Deus. É de Deus que brota o verdadeiro amor concretizado no envio de Jesus Cristo em favor da humanidade pecadora.

#### **CONTEXTO**

Os domingos após Pentecostes caracterizam a vida consagrada da igreja cristã, e especialmente o seu crescimento e conseqüente testemunho no mundo que a rodeia. Neste sentido, o texto do evangelista Lucas traz uma ênfase especial na ação desta igreja através daqueles que a constituem. Para tanto, a história relatada hoje mostra o Salvador Jesus em seu terceiro ano de ministério, utilizando-se de uma parábola para transmitir uma verdade fundamental para a vida cristã: a verdade de que o viver cristão neste mundo não está restrito a meras palavras, mas revela-se também no amor direcionado ao próximo. Em outras palavras, além do amor a Deus, o amor ao próximo também está presente na vivência da fé cristã.

## COMENTÁRIOS SOBRE O TEXTO COM ÊNFASES VERSÍCULO A VERSÍCULO

V. 25: A pergunta do mestre da lei já deixa transparecer o seu pensamento no que diz respeito à salvação: “*que farei?*” Seus ensinamentos estavam ancorados mais no fazer do que no crer.

V. 26: Jesus tenta levá-lo a refletir por si mesmo. Nesta intenção lhe devolve duas questões. Na primeira, questiona o que exatamente a lei dizia e a segunda, sobre como ele, mestre da lei, entendia o que estava escrito.

V. 27: A primeira pergunta foi facilmente respondida, pois o mestre da lei era versado nas Escrituras Sagradas. No entanto, a segunda pergunta ficou sem resposta, pois sua compreensão resumia-se ao que estava escrito, e nem tanto na vivência do que aprendera.

V. 28: Jesus concorda com a primeira resposta, e na segunda lhe dá mais do que uma resposta, ele dá uma aplicação direta: “*faze isto e viverás*”.

V. 29: Desconcertado, o mestre da lei tentou justificar sua falta de compreensão com outra pergunta: *quem seria o seu próximo?*

V. 30: Jesus, então, conta a história de um homem que viajava de Jerusalém a Jericó. No caminho foi assaltado e ferido pelos ladrões, ficando jogado na estrada semimorto.

V. 31: Um sacerdote, ao ver o homem ferido, passou reto, certamente para não contaminar-se com o corpo de um possível cadáver (leis cerimoniais) ou mesmo por medo de ser assaltado.

v.32: Um levita também passou pelo homem, mas a exemplo de como já fizera o sacerdote, seguiu em frente.

V. 33: Um samaritano passou e, compadecido, socorreu o homem, ignorando leis cerimoniais ou o perigo de também ser atacado pelos ladrões.

V. 34: O samaritano tratou o homem, cuidando de seus ferimentos. A seguir, levou-o a uma hospedaria para que se recuperasse.

V. 35: O samaritano recomendou ao dono da hospedaria que tratasse bem o homem ferido e, após pagar adiantado os gastos feitos, pediu que o homem fosse bem cuidado e, se houvessem gastos a mais com ele, o samaritano pagaria quando regressasse.

V. 36: A pergunta de Jesus é fulminante: *Qual dos três é o próximo do homem ferido?*

V. 37: O mestre da lei responde: *o que o ajudou*. Ele nem sequer menciona o nome samaritano, mas é obrigado a admitir a bondade dele. Jesus então aproveita e conclui: *Vai e procede de igual modo*. O ápice do texto encontra seu mais profundo significado no servir, no amar ao próximo.



## COMENTÁRIOS HOMILÉTICOS

Os judeus tinham bem claro para si que, para se chegar à vida eterna, amar a Deus e ao próximo eram elementos fundamentais. Portanto, tanto o intérprete da lei como Jesus concordavam que o amor era o resumo dos mandamentos. A grande discordância estava no direcionamento deste amor. Quem era o próximo, alvo deste amor? Neste ponto, percebe-se que a universalidade da graça de Deus não era ainda um conceito comum e muito menos dominante entre os judeus. Prova disso é a pergunta do mestre da lei sobre quem era o seu próximo (Talvez somente os da nação de Israel?). Havia discussão entre os judeus acerca desta pergunta. Jesus responde a questão ao incluir o samaritano na parábola. O próximo é todo aquele que está em contato conosco, independente de sexo, cor, nacionalidade ou cultura.

Concluindo, o texto do evangelho de Lucas 10.25-37 mostra uma situação de confrontação da humanidade com a vontade de seu Deus expressa nos mandamentos, vontade esta que encontra sua concretude na prática do dia-a-dia. Esta vontade divina é compreendida com dificuldade pelo ser humano, pois este tem uma fé limitada e passível de falhas.

Outro detalhe importante: não basta ao ser humano simplesmente saber quem é o seu próximo. Jesus é claro ao receber a resposta do mestre da lei sobre quem era o próximo do homem ferido. Ele não o parabeniza pela resposta, mas indica o caminho: *vai e procede tu de igual modo.*

## DISPOSIÇÃO HOMILÉTICA

**Assunto:** O meu próximo também necessita do meu amor

**Objetivo:** Lembrar os ouvintes sobre a necessidade de viver o amor de Deus também no sentido horizontal, ou seja, direcionado a toda a humanidade, pois o próximo não é aquele ou aquela a quem escolhemos, mas todos aqueles que Deus colocou neste mundo ao nosso redor.

**Tema:** O meu próximo também necessita do meu amor

*1. Porque também ele sofre com o pecado*

- Que se revela na violência
- Que se revela na discriminação

- Que se revela na indiferença

*2. Porque também ele foi resgatado em Cristo*

- Quando o Salvador deu vida nova a toda humanidade através da vitória na cruz

- Para que justificado, também possa redirecionar seu amor a toda humanidade

*3. Para que assim rumemos à vida eterna*

- Numa vida de amor e serviço

- Numa vida de fé e ação.

*Valdir Lopes Junior  
Nova Santa Rita, RS*

# DÉCIMO QUINTO DOMINGO

## APÓS PENTECOSTES

*Décimo Quarto Domingo Após Trindade*

Salmo 107. 17-22; Gênesis 28. 10-19a; Romanos 8. 12-17;  
Lucas 17. 11-19

### **Lucas 17. 11-19**

O primeiro versículo de nossa perícopes (v.11) nos remete a 9.51 e ao fato de Jesus ir em direção a Jerusalém. Grande importância tem este versículo, pois ele deixa claro que Jesus não foi por acaso para Jerusalém, que ele foi pego de surpresa. Ele sabia a missão que precisava cumprir. O nosso texto está no final da narrativa da viagem, que termina com a entrada triunfal em Jerusalém (19.28).

Um fato interessante do autor Lucas é que muito do que ele narra, senão a maioria, acontece durante viagens. No evangelho é Jesus quem viaja, junto com seus discípulos, a partir do capítulo 9. Em Atos são os apóstolos e alguns diáconos, mas sobretudo Paulo, cujas viagens ocupam do capítulo 13 ao 28. Intimamente atrelado a isto está o evangelho que vai se alastrando, através do ministério de Jesus e dos discípulos, pela Palestina e, depois, em Atos, através dos apóstolos (começando em Jerusalém até os confins do mundo, i.e., Roma). Ponto central então é Jerusalém: para um momento definido toda a história anterior converge (Lucas) e toda a história posterior ganha seu sentido (Atos): a paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Ainda, Lucas é o evangelista com a ênfase do evangelho para todos, que inclui crianças, mulheres, doentes (como no caso do nosso texto) e demais.

No contexto imediato, podemos destacar o versículo 20, onde os fariseus querem saber como reconhecer o Reino dos Céus. A nossa perícopes, de certa forma, serve como ilustração dessa inabilidade de Israel, o povo de Deus, em reconhecer a vinda do Reino de Deus, que irrompe na pessoa de Jesus e do qual um sinal claro é a cura de doenças, como a lepra. Tão cegos que são, que perdem até pra samaritanos, os quais consideram pagãos e ignorantes da Lei de Deus. A vinda do Reino de Deus não seria a glória política dos judeus, nem a libertação dos poderes opressores estrangeiros, mas a libertação do pecado e da morte, realizada por Jesus, o Filho de Deus. Por isso Jesus diz que ele está "dentro em vós", ou seja, vem pela fé em Je-

sus, algo que estava “dentro” daquele samaritano que voltou para agradecer. Ainda levando-se em conta o contexto anterior, onde os discípulos pedem a Jesus que aumente a fé deles, vemos que a fé não é uma força em si mesma, algo que o ser humano possui, forte ou fraca, mas é dom de Deus e depende do objeto ao qual se apega, a saber, a Jesus Cristo. Não são as boas obras que nos justificam (v.10), nem devemos considerar a nossa fé como uma boa obra nossa, mas ficarmos felizes em sermos servos do Senhor, agradecidos e ativos no seu Reino.

A estrutura do texto é bem simples; ela é dividida em duas partes: 1) do v. 11 até 14a ; 2) do v. 14b até o 19. No primeiro trecho é Jesus e os dez leprosos. No segundo, Jesus e o Samaritano. Isto fica evidente no texto pelas expressões utilizadas no início de cada trecho: **καὶ ἐγένετο ἐν τῷ** + *infinitivo*. Claramente nos remete à maneira hebraica de construir frases temporais (utilizando-se *preposição + inf. construto*) e, conseqüentemente, à Septuaginta.

Jesus, em sua viagem a Jerusalém, entra em uma aldeia, talvez na divisa entre Galiléia e Samaria. Os leprosos ficam “de longe”, pois não deveriam se aproximar de pessoas sãs. Deveriam viver fora do arraial (Lv 13. 45,46). Jesus os manda mostrarem-se aos sacerdotes. Tal ação servia para confirmar que o leproso estava curado e, de acordo com Levítico 14, deveria render graças a Deus, oferecendo sacrifícios em agradecimento pela cura. O ponto marcante do nosso texto é o fato de somente o samaritano reconhecer o verdadeiro sacerdote que é responsável pela sua cura. A ação do samaritano de dar glórias a Deus (**δοξαζῶν τὸν Θεόν**), rendendo graças a Jesus é muito significativa. Aqui é usado o verbo **εὐχαριστέω** tendo Jesus como objeto. Quase sempre quando aparece no Novo Testamento, este verbo tem Deus como objeto (At 28.15; Rm 7.25; 1Co 14.18; Fp 1.3; Cl 1.3,12; 3.17; Fm 4; 1Ts 5.18 e muitos outros). Assim sendo, a ação de graças rendida pelo samaritano se reveste de maior importância ainda, pois ele não está simplesmente agradecido, mas está reconhecendo o Deus Conosco que o curou. É uma passagem altamente Cristológica. Cristo é o (Sumo) Sacerdote da Nova Aliança (Hb 9.15), segundo a ordem de Melquisedeque (Sl 110.4; Hb 5.6; 7.21). Através do sacrifício do seu corpo, cena final de sua viagem a Jerusalém, ele se tornou o nosso Grande Sumo Sacerdote, por meio de quem temos acesso ao Pai, através do qual temos libertação do pecado e de suas conseqüências [como a lepra] (Hb 10. 10-14; 19-22).

No final temos o ponto alto, quando Jesus diz: “Levanta-te e vai; a tua fé te salvou” (v.19). O verbo salvou está no perfeito, o que denota uma ação que aconteceu no passado e que continua tendo seus

efeitos válidos no presente. Traduzir o verbo como “curar” não parece ser uma boa opção, como a NTLH faz (“Você está curado porque teve fé”). Em Lucas esta frase é utilizada outras vezes, em contextos onde há várias pessoas, mas somente uma consegue ver quem Jesus realmente é, pela fé. Assim foi com a mulher que lavou os seus pés (7. 35-50), a mulher que foi curada de uma hemorragia (8. 43-48) e com o mendigo que foi curado da cegueira (18. 35-42). Na nossa perícopes, todos os dez foram curados. Se a fé é pré-requisito para a cura, os outros nove também tiveram, por isso foram curados. O que Jesus deveria destacar então seria a gratidão do que foi curado. Mas ele faz questão de enfatizar a fé dele que o salvou. Para o samaritano a cura foi um sinal do Reino de Deus, para os outros nove foi só um acontecimento fora do comum, que poderia ser atribuído a qualquer curandeiro, ou então à sorte. Ele foi salvo porque teve fé, ou seja, ele reconheceu o Deus verdadeiro.

Quantos hoje em dia não conseguem reconhecer o Deus verdadeiro? Inclusive cristãos, que colocam a sua confiança na intervenção de santos e padroeiros e não em Jesus Cristo, o Filho de Deus. Esta perícopes é a mesma para o Dia de Ação de Graças. Convém que não a utilizemos de forma errada, dando uma ênfase no “Devemos agradecer sempre”, “Quem mais agradece é mais abençoado”, ou “Maior gratidão demonstrada é sinal de maior fé”. Nem precisamos nos delongar na péssima teologia que impera hoje na mídia que enfatiza o “Se você tiver fé, você consegue tudo o que quiser”. O ponto a enfatizarmos é *Devemos saber a quem devemos agradecer*. E isso pressupõe fé – é preciso conhecer Jesus realmente. O render ação de graças por parte do samaritano é fruto da fé que ele tinha em Jesus como o Messias, o Deus Conosco, o Reino de Deus entre os seres humanos.

Jacó soube a quem agradecer, ao erigir a coluna e chamar o lugar onde teve o sonho de Betel, casa de Deus (Gn 28). Se fôssemos mais longe no paralelo, poderíamos inclusive apontar Jesus como a “escada” que liga os céus e a terra. Paulo em 1Tm 2.5 não fala em escada, mas chama Jesus de “Mediador”. Enquanto estamos no tempo da graça, temos oportunidade de render graças à pessoa certa, a Jesus, o Salvador, porque haverá o dia em que toda a criação, queira ou não, fará o que o samaritano fez e se prostrará diante de Jesus (Fp 2. 9-11). Enquanto vivemos no tempo da graça, temos o auxílio do Espírito que nos torna filhos e nos ensina a dizer “Aba, Pai” (Rm 8).

Jesus, sem dúvida, é uma figura popular hoje em dia também. Mas será que as pessoas realmente o conhecem? Mesmo dentro de nossas congregações, quantas opiniões diferentes ouvimos sobre Jesus? Deixar bem claro que Jesus é o Salvador, enfatizando que a sua morte

e ressurreição (este seria o destino final da viagem dele) são a nossa vitória, nunca é demais! A fé nele é que traz a salvação. Diante disso, viver a nossa vida com Jesus passa a ser uma necessidade. Não importará mais o quanto nós agradecemos, pois nunca pararemos de agradecer: por estarmos vivos; por termos perdão, vida e salvação; por termos família e saúde; por sermos parte de uma congregação; por termos emprego e possibilidade de participação ativa na sociedade. Tudo isso e muito mais são motivos para que vivamos a nossa vida inteira em fé, humildade e gratidão diante de Deus, “dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo” (Ef 5.20).

**Título:** Fé em Jesus faz a diferença

*1. Quem é Jesus*

- a. Para os leprosos
- b. Para o samaritano

*2. Crer em Jesus faz a diferença*

- a. Fez para o samaritano – “A tua fé te salvou”
- b. Faz para nós – “A tua fé te salvou”

*3. Crer em Jesus faz a diferença para todos*

- a. Pela fé em Jesus, vivemos uma vida de gratidão a Deus
- b. Pela fé em Jesus, nossa gratidão é testemunho da Salvação para as pessoas.

*Paulo Samuel Albrecht  
Rio de Janeiro, RJ*

# DÉCIMO SEXTO DOMINGO

## APÓS PENTECOSTES

*Décimo Quinto Domingo Após Trindade*

Salmo 4, 1 Reis 17.8-16, 2 Coríntios 6.1-10, Mateus 6.25-33 ou João 11.17-27

### **Mateus 6.25-33**

#### **CONTEXTO**

**Salmo 4** - O Salmo 4 expressa a confiança do Rei Davi em Deus, em meio a um momento de aflição e angústia que foi crucial para a sua vida, quando seu filho Absalão queria lhe usurpar o trono. Como rei e pai, Davi poderia ter dúvidas quanto ao seu julgamento e discernimento dos fatos. Mas ele recorre à justiça de Deus para que seu coração permaneça no amor e sua alma na paz. Onde está a verdadeira paz? Onde está a justiça? Onde está a alegria? No sacrifício de justiça (Cristo) e na confiança no Senhor (graça do perdão). *"Ofereçam sacrifícios como o SENHOR exige e ponham a sua confiança nele"* (Salmos 4.5 NTLH).

**1Rs 17.8-16** - A viúva de Sarepta se torna um instrumento de Deus para ajudar o profeta Elias. A confiança absoluta da viúva na palavra do profeta se converte em uma bênção de salvação para ela e para o seu filho em meio a um contexto de desolação e fome. *"Pois o SENHOR, o Deus de Israel, diz isto: "Não acabará a farinha da sua tigela, nem faltará azeite no seu jarro até o dia em que eu, o SENHOR, fizer cair chuva"* (1Reis 17.14 NTLH).

**2Co 6.1-10** - Deus mostra sua salvação a cada dia, e cada dia é tempo especial para ser salvo. Nada deve atrapalhar essa certeza, pois recebemos na palavra a graça de Deus pelo Espírito Santo, que através das obras que realizamos em fé sincera e autêntica é quem mostra que somos servos de Deus. Quem tem fé sincera e verdadeira no gracioso perdão de Cristo não tem medo das dificuldades. *"... em tudo mostramos que somos servos de Deus, suportando com muita paciência as aflições, os sofrimentos e as dificuldades"* (2 Coríntios 6.4 NTLH).

**Mt 6.25-33** - Deus nos ensina nesse texto a termos um estilo de vida de confiança e abnegação. Confiança que busca em primeiro lugar o seu reino e a sua justiça, tomando como exemplo os pássaros

e a erva do campo, que recebem por graça todo o necessário para as suas vidas. De abnegação por que a garantia do cuidado não depende do ser humano, mas só de Deus.

## TEXTO

V. 25: A preocupação ansiosa com as coisas que precisamos para viver não deve ter prioridade em nossos pensamentos. A comida, a bebida e o vestuário numa escala de valores não devem ser a primeira coisa em nossa vida, que vale muito mais que estes. É o pão nosso de cada dia que Deus nos dá mesmo sem a nossa prece. Basta que o reconheçamos e o recebamos com agradecimento.

Vv. 26, 27: O termo de comparação aqui é o valor do ser humano em relação aos pássaros, que são alimentados pelo Pai do céu a cada dia, e nada precisam fazer para merecer esse alimento, que lhes é concedido por graça. Fica caracterizada aqui a providência do sustento cotidiano que Deus provê para a sua criação e, obviamente, para o ser humano. O ser humano tem a faculdade de pensar, de se preocupar e ficar ansioso, mas este sentimento não lhe traz nenhum favor e acréscimo na vida. Qual é o valor do ser humano? Jesus responde com a pergunta: Será que vocês não valem muito mais do que os passarinhos? O ser humano vale mais que toda a outra criação de Deus (Mt 10.31; 12.12; Lc 12.7). Somos o povo escolhido de Deus, os sacerdotes do Rei (1Pe 2.9).

Vv. 28-30: O termo de comparação aqui é o valor e a importância do ser humano em relação às flores, aos lírios do campo, "que hoje dá flor e amanhã desaparece, queimada no forno". Comparados ao vestuário de Salomão, o superam em muito na beleza e na formosura. As flores do campo não se cansam trabalhando e nem precisam fiar qualquer vestuário. Deus é o provedor. O ser humano precisa examinar com cuidado e confiança essa providência divina na sua criação para reconhecer a dádiva, o cuidado e a proteção que lhes são dispensados. A pequena fé do ser humano o leva a isolar-se de Deus e a colocar-se a si mesmo como provedor. Assim acaba entrando pelo caminho da autossustentência.

V. 31: Em razão de valermos muito mais do que toda a criação de Deus, a dúvida quanto ao sustento (comida e bebida) e o vestuário não devem deixar o ser humano ansioso, preocupando-se exageradamente com tudo isso.

V. 32: A ansiedade, a preocupação exagerada com o sustento (comida e bebida) e o vestuário são característica dos pagãos, dos gentios, daqueles que não são povo de Deus e, conseqüentemente, não



reconhecem que Deus é o provedor de todas as coisas. O pagão, o ímpio deseja e procura diligentemente pelo sustento e o vestuário, anelando tê-los por sua única e exclusiva força e mérito. Os de pequena fé se entregam à preocupação exagerada, vivendo a ansiedade pelo sustento e o vestuário. Existe uma linha muito tênue e perigosa entre aqueles que tem uma fé pequena e os pagãos, que pode ser facilmente confundida.

V. 33: Colocar em primeiro lugar na vida a busca do reino de Deus e a justiça de Deus, aquilo que Deus quer, envolve dois aspectos importantíssimos: a) olhar para o primeiro mandamento de Deus, não ter outro Deus diante dele; b) procurar por, e em fé, a fim de encontrar, empenhando-se ao máximo pelo pensamento, meditação e raciocínio. Fazer por, e em fé, uma investigação acurada na palavra de Deus que proclama, ensina e revela o reino de Deus, o reino da graça e o reino da glória e a justiça de Deus, aquilo que Deus quer, como aprendemos na segunda e terceira petição do Pai Nosso. Colocamos em primeiro lugar na vida, buscamos o reino de Deus e a justiça de Deus, aquilo que Deus quer (segunda e terceira petição) por que o Pai celeste sabe que precisamos de todas as coisas (sustento e vestuário) para viver.

## PROPOSTA HOMILÉTICA

**Pensamento Central:** O Salvador Jesus diz para os seus filhos não se preocuparem exageradamente ao ponto de viverem ansiosos por causa do sustento e do vestuário. Isto é algo próprio dos pagãos, dos gentios. O ser humano é incapaz de providenciar qualquer coisa em sua vida. Assim como ele cuida de toda a sua criação, ele cuidará dos seus filhos, que valem muito mais. Deus sabe e conhece todas as nossas necessidades, por isso podemos priorizar em nossa vida o reino de Deus e aquilo que Deus quer, a sua justiça (o reino da graça e da glória – 2ª petição – a vontade de Deus – 3ª petição – salvação).

**Tema:** Venha o Teu reino e seja feita a tua vontade assim na terra como no céu.

*1. A preocupação exagerada nos desconecta de Deus, deixando-nos reféns de nós mesmos.*

- Mt 6.25, 27, 31, 34; 10.19; Lc 10.41; 12.11, 22, 25; Fp 4.6.

- Somos mais valiosos que os alimentos, as aves e as flores do campo (25 e 26)

- Não temos poder nenhum sobre nossas vidas (v. 27) Salmo 4.

2. *Deus conhece todas as nossas necessidades. 1Rs 17.8-16 – Viúva de Sarepta*

- Rm 8.27; Lc 10.42; Mt 6.8

3. *Deus nos dá todo o necessário para a nossa vida.*

- podemos pedir a Deus (Fp 4.5-6)

## **CONCLUSÃO**

Quando tomamos posse da salvação mediante a fé, poderemos usufruir com alegria de todas as bênçãos que Deus tem reservado para nós.

*Horst Siegfried Musskopf  
Cuiabá, MT*

# DÉCIMO SÉTIMO DOMINGO

## APÓS PENTECOSTES

*Décimo Sexto Domingo Após Trindade*  
Salmo 116.1-9, 1 Reis 17.17-24, 1 Coríntios 15.1-11,  
Lucas 7.11-16 ou João 11.17-27

### **João 11.17-27**

#### **CONTEXTO**

O evangelho de João traz como pano de fundo as constantes que-relas e discussões entre Jesus e os líderes judeus. Como lemos des-crito no final do capítulo 10, Jesus se retirou de Jerusalém, onde a sua cabeça estava a prêmio, depois de longa e acalorada discussão com os incrédulos judeus. No decorrer deste encontro, uma vez pegaram em pedras para eliminar aquele que julgavam estar blasfemando contra Deus, e na segunda investida contra Jesus tentaram prendê-lo, para, num segundo momento, tentar executá-lo.

Aí Jesus retirou-se para o outro lado do rio Jordão, onde ele esta-va livre dos ataques daqueles por quem choraria angustiadamente quando de sua última entrada em Jerusalém (Lc 19.41). Lá, no seu “esconderijo”, Jesus recebe a informação da morte de seu querido amigo Lázaro, e ele então volta para o meio do “ninho de cobras”, para Betânia, a poucos quilômetros da capital, Jerusalém, onde ele então desenvolve este lindíssimo discurso sobre a ressurreição e a vida. E no auge deste encontro com as irmãs do morto, Lázaro, opera a ressurreição de seu amigo.

#### **TEXTO**

V. 17: “Lázaro”, uma abreviatura de *Eleazar*, significa *Deus é auxí-lío*. É um personagem mencionado só por João. Suas irmãs Maria e Marta são mencionadas por Lucas, mas ele é omitido na ocasião (Lc 10.38-42). De que enfermidade ele foi acometido que o levou a óbito, não nos é dito. A enfermidade sempre causa apreensões de todo o tipo. Se a doença avança, a angústia avança na mesma proporção, também no coração e na mente do mais fiel discípulo de Cristo. A doença sempre traz algum ou muito sofrimento. Diante do sofrimen-to, o próprio Jesus, no Getsêmani, ficou muito angustiado, sabendo que o que o aguardava era a morte.

A doença é sempre um aviso de que algo está errado. E o desfecho deste “algo errado”, motivado pelo pecado, é a morte, como no caso de Lázaro. Nos salmos podemos encontrar aquilo que podemos chamar de “olhos arregalados”, provocados pela angústia diante das incertezas do futuro, trazidas pela presença de alguma enfermidade (Sl 4.1; 18.6; 25.17, etc.). O fato de João apontar que já há quatro dias Lázaro estava sepultado tem por alvo ressaltar ainda mais o poder da Palavra de Jesus quando operou o milagre da ressurreição de seu amigo.

V. 18: Betânia ficava a uns três quilômetros de Jerusalém.

V. 19: Velório sempre mostra dois lados: luto, angústia, quem sabe revoltas e até tentativas de suicídio, de um lado, e solidariedade do outro lado. Estatisticamente é constatado que em ambiente de velório os corações estão mais receptivos à mensagem. Por isso velório e enterro podem e devem ser oportunidades também de “fazer missão”, de semear a Palavra. Qual o teor do consolo que os judeus vieram trazer a Marta e Maria? Ofereceram seus ombros para as enlutadas chorarem? Certamente. Apontaram para o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, o Deus dos vivos e dos mortos? Provavelmente sim.

A morte pode oferecer duas situações opostas: frieza e agnosticismo total tanto de quem está morrendo como de quem vai levar os restos mortais do ente querido à morada provisória do cemitério, ou profunda confiança, esperança e resignação, até “desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor” (Fp 1.23).

Vv. 20-22: Marta, como sempre irrequieta e decidida, saiu ao encontro de Jesus, enquanto Maria, mais do tipo emocional e humana, permaneceu em casa, em silêncio, interrompido por soluços e choro (v. 33). Quis Marta forçar Jesus a uma decisão? Pode ser. Sempre que a vontade humana quer se impor a Deus e Deus não “cede”, podem haver decepções. Foi no caso do profeta Elias. Ele, após ter mandado matar os profetas de Baal, achou que a rainha e os ídólatras se renderiam à vontade de Deus e Israel seria um país temente a Deus outra vez após o milagre da descida do fogo do céu. Nada disso aconteceu, pelo contrário, e ele, por temer a perseguição e a morte, fugiu. Neste período de fuga, ele experimentou profunda decepção com Deus (?) e entrou num estágio que hoje chamamos de depressão.

Marta queria apressar as coisas? Pelo jeito, sim. De alguma forma, ela acreditava, Jesus daria um “jeito” de contornar a situação dolorosa. Mas quis interferir em Deus ser Deus.

Vv. 23,24: A questão da ressurreição tem sempre os dois lados: Do primeiro está Deus, o Criador todo-poderoso. Com sua palavra ele

criou os céus e a terra. A palavra de Deus é a peça chave para entendermos o universo como tendo saído das mãos do Senhor dos céus e da terra. É de fundamental importância crer na criação do universo. E neste "processo" da criação Jesus tomou parte ativa. João declara no começo do seu evangelho que "o Verbo (Jesus) era Deus... Todas as coisas foram feitas por intermédio dele" (Jo 1.1-3).

E aqui encontramos o Verbo falando a Marta da segunda grande criação: a ressurreição dos mortos. Jesus, para provar sua divindade, operou algumas ressurreições, como esta de Lázaro, que aconteceria na sequência. É desta ressurreição para uma vida física provisória que Jesus aqui fala a Marta, mas ela entende a ressurreição como algo do fim dos tempos. Entre os judeus, a doutrina da ressurreição não tinha aceitação livre. Os saduceus não criam nela. E entre os demais povos ela era tida como algo "do outro mundo", algo para não ser crido. Por isso Paulo, quando falou dela aos atenienses no areópago, foi largamente zombado, e ele até "perdeu a linha".

A doutrina da ressurreição, fundamental para a fé cristã, tendo Jesus como "as primícias" dos ressuscitados, está ancorada e baseada sobre o princípio criador de Deus. Quem crê na criação obrigatoriamente tem que crer na ressurreição, que não deixa de ser uma segunda (pequena) criação no fim dos tempos. Nesta Marta acreditava. Ela até podia crer na ressurreição "lá na frente" (juízo final). Mas crer que Jesus poderia trazer de volta à vida o seu irmão há quatro dias já sepultado? Bem, aí a questão complica para ela.

É assim para nós. Hoje nós cremos tão facilmente nos milagres de Jesus e cremos na ressurreição dos mortos. E se Jesus estivesse agora presente entre nós, no momento de um velório, creríamos nós que Jesus poderia levantar do caixão a pessoa morta? É a questão do racionalismo sempre presente que tenta interferir na ação de Deus. Foi o que Marta quis fazer. O jeito foi e é crer na palavra de Cristo (Deus). O resto se sucede.

Vv. 25-27: Marta aceitou a declaração de Jesus sobre a ressurreição como um lugar comum de consolação. Mas a sua incompreensão provocou um dos grandes "eu sou" de Jesus, no qual Marta finalmente creu, antes mesmo do milagre.

## PROPOSTA HOMILÉTICA

O Deus Criador, Salvador e Santificador é o eterno "EU SOU"

1. O "Eu sou" criou pela palavra "tudo do nada".
2. O "Eu sou" (re)criará tudo outra vez pela palavra no dia da ressurreição dos mortos.

3. Abandonemos a razão cega e creiamos no Verbo que é a ressurreição e a vida.

4. Pela angústia da morte à vida no Ressuscitado.

*Heldo E. Bredow  
Curitiba, PR*

# DÉCIMO OITAVO DOMINGO

## APÓS PENTECOSTES

*Décimo Sétimo Domingo Após Trindade*

Salmo 116.12-19; Gênesis 8.18-22; Gálatas 3.26-28; Mateus 26.26-29 ou Marcos 14.22-25

### **Mateus 26.26-29**

#### **CONTEXTO (CENÁRIO LITÚRGICO, HISTÓRICO)**

A missão de Jesus está chegando ao seu ponto máximo: a sua morte na cruz. Ele já havia instruído seus discípulos em como seria o juízo final. Por isso, motiva a todos ao preparo constante e adequado para aquele grande dia. O cenário, passo a passo, vai sendo construído: já havia um plano para matar Jesus; em Betânia uma mulher derrama perfume sobre Jesus (uma referência ao sepultamento dele); depois vem a traição de Judas (a revelação desse acontecimento se dá quando Jesus e os discípulos estão reunidos comemorando a Páscoa; ali Jesus fala abertamente que um deles vai traí-lo); durante a comemoração, Cristo institui a Santa Ceia (a nova aliança); depois disso, Pedro é avisado da sua negação; Jesus conversa com o Pai no jardim do Getsêmani; ele é preso e levado ao conselho superior; o aviso da negação de Pedro se cumpre; e já no capítulo 27 de Mateus lemos o desfecho da obra de Jesus pelos seres humanos.

Importante notar que é durante a ceia pascal que Jesus institui a Santa Ceia. Com isso, ele reafirma a importância da ceia no Antigo Testamento. Agora, porém, os sofrimentos de Cristo, a sua morte e o seu sangue formariam a nova aliança. Ou seja, estava chegando o momento histórico, prometido por Deus desde Adão e Eva, do sacrifício perfeito e definitivo. Não haveria mais a necessidade de sacrifícios de animais. A morte do Cordeiro é agora a garantia do perdão. Tanto a ceia pascal quanto a Santa Ceia instituída por Jesus mostram a ação de Deus pelos seus filhos, em momentos históricos distintos: o povo que vivia na esperança da vinda do Salvador, e o povo que conviveu com Jesus, bem como aqueles que vivem na certeza de que o Salvador já veio e que um dia voltará.

#### **ÊNFASES, EXPRESSÕES QUE SE DESTACAM, ANÁLISE**

Instituindo a Santa Ceia, Jesus está dando aos seus discípulos os

frutos do seu sofrimento. O seu corpo que foi dado e o seu sangue derramado eram o anúncio de muitas bênçãos para aqueles que confiaram nele. Jesus abençoa o pão e o vinho, ou seja, consagra e separa esses elementos externos e visíveis para um santo propósito. Esse propósito está claro no versículo 28, “para remissão de pecados”. No entanto, as grandes dúvidas levantadas sobre a instituição da Ceia do Senhor estão nestas palavras: “[...] isto é o meu corpo [...]”, “[...] isto é o meu sangue [...]”. Algumas interpretações surgiram – é representação, é simbolismo, é transformação – o que Jesus quis dizer? Ele quis dizer o que de fato disse. Jesus falava com precisão. Ele sabia fazer clara distinção quando falava simbolicamente e quando falava literalmente. Ele não tinha uma comunicação confusa. Quando Jesus queria fazer comparações, usava expressões como essa: “O Reino de Deus é como...”. E quando instituiu a Santa Ceia, ele usou expressões claras, “isto é o meu corpo”, “isto é o meu sangue”. Embora para a razão humana isso seja incompreensível, para a fé não o é. Por isso, submetemos a razão à nossa fé. Pois acreditamos que a Palavra de Jesus é verdade. Logo, podemos confessar com Martinho Lutero em seu Catecismo Menor: A Santa Ceia “é o verdadeiro corpo e sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, para ser comido e bebido, sob o pão e vinho, por nós cristãos”. E assim temos: o pão e vinho são os elementos visíveis e terrenos, e o corpo e o sangue de Cristo são os elementos celestes. No versículo 29 do texto, Jesus já fala do futuro eterno e feliz no Reino do Pai. Ele já está visualizando o banquete no céu. Este banquete ele deseja repartir com todos nós: “[...] hei de beber, novo, convosco [...]”. A instituição da Santa Ceia é uma expressão da suprema certeza que o Senhor tinha da vitória, antes do seu conflito final. Também o é de como o Senhor “transformou” o Antigo Testamento no Novo. É uma mensagem de esperança e confiança na misericórdia, na graça e no amor de Deus que a todos quer salvar.

## **PARALELOS, PONTES, PONTOS DE CONTATO**

A Santa Ceia é o “novo testamento” que Jesus deixou para todos nós, os pecadores, a sua igreja. Assim como deixamos um testamento para que alguém seja beneficiado com a nossa atitude, Jesus também deseja que todos aqueles que crêem nas palavras “Dado e derramando em favor de vós para a remissão dos pecados” recebam todos os benefícios de seu sacrifício, morte e ressurreição. Assim como os israelitas viveram fortalecidos com a Ceia Pascal e todo o seu significado, agora os cristãos vivem na força que a Santa Ceia lhes dá. A



Santa Ceia é uma refeição especial. Através da história, Deus sustentou e abençoou o seu povo através de refeições especiais. Refeições sustentam a vida. "Nós comemos para viver". E o nosso sustento vem unicamente de Deus. Portanto, tanto a nossa vida física quanto a espiritual são sustentadas pela Rocha Eterna que é Jesus Cristo. Por isso, o pecador precisa sentir fome e desejar desfrutar sempre desta refeição celestial. Jesus é o verdadeiro cordeiro pascal que tira os pecados do mundo (Jo 1.29, 1Jo 1.7). E é este cordeiro vitorioso, que nos abraça pessoalmente com seu corpo e sangue, na Ceia, para preservar nossa vida no corpo da igreja. Assim como o Senhor Jesus esteve presente na primeira Ceia, está e estará presente em todas as outras. Jesus é o único que pode fazer com que a Ceia tenha proveito para o crente. Por isso, a Santa Ceia é a grande festa da igreja, uma festa verdadeira (para nutrimento da vida espiritual), uma festa sagrada (separada de todo o prazer pecador), uma festa de pacto (autenticando a redenção), uma festa de amor (unidade dos redimidos), um banquete festivo (antecedendo a morte, o fim do mundo e a vinda de Cristo).

### **SUGESTÃO DE USO HOMILÉTICO (ASSUNTO, OBJETIVO, TEMA, DESDOBRAMENTOS)**

É fundamental anunciar que a Santa Ceia é evangelho puro para o pecador. O texto nos permite dizer que a Ceia que Jesus instituiu, a Ceia que celebramos em nossos cultos, é uma grande Boa Nova. Pois através dela o nosso Santo Salvador, que está realmente presente na Ceia, vem se unir a nós, pessoas pecadoras que precisam da sua santidade. E isso acontece não por méritos nossos, mas pela grande misericórdia do Filho de Deus que nos amou ao ponto de doar sua vida por nós. Podemos também ensinar que quando vamos à Santa Ceia, estamos admitindo nossa fraqueza, e diante da mesa do Senhor, pela fé Nele, nos entregamos e confiamos na sua misericórdia para nos perdoar e nos salvar de todo o castigo de Deus. Depositamos toda a nossa fé em Jesus, por sabermos que Ele é o único a quem o nosso Deus Pai enviou para salvar os perdidos (Lc 19.10; Jo 3.16-17). Afirmamos ainda que a fé em Cristo não nos confunde com ensinamentos humanos. Mas, nos dá clara certeza das palavras de Jesus: "isto é meu corpo", "isto é o meu sangue". Pela fé deixamos a razão de lado e nos concentramos no que a Ceia é, no que ela oferece, no preparo correto para recebê-la (arrependimento e confiança). Também pela fé, na Santa Ceia somos lembrados das promessas de Deus. Do texto queremos lembrar também a vitória que em Cristo alcança-

mos já nesta vida, e definitivamente na eternidade. Na Santa Ceia somos vencedores através de Cristo, o grande vencedor. Por causa dele, a vitória também é nossa. Pregamos ainda que a Santa Ceia é o testemunho incontestável do quanto Jesus ama os pecadores. Portanto, sempre que participamos da Ceia, sentimos e nos lembramos desse amor por nós. Através desse Sacramento, Jesus não quer nos dar apenas o seu amor, mas também recebemos: perdão, fortalecimento da fé, vida (Jo 10.10), salvação e vida eterna. E assim somos capacitados e motivados para também mostrar o nosso amor a Deus, na vida do próximo ao nosso redor (Mt 28.19; Jo 13.14-17, 17.21; 1Co 10.17; Ef 5.1,2). Ainda precisamos lembrar que o amor de Deus não o deixa, ao contrário dos seres humanos, quebrar a sua aliança. O nosso Deus é gracioso. Ele conhece bem as nossas sobrecargas e as nossas fraquezas. Por isso nos ajuda a levarmos o fardo, que para ele é levíssimo, mas para nós é pesadíssimo. A misericórdia de Deus não mudou. Assim como sempre ajudou seu povo em tempos antigos (providenciando tudo o que precisavam), ele continua providenciando todas as coisas através de Cristo. E hoje, Deus nos perdoa, alivia e fortalece todas as vezes que comemos o pão e bebemos o vinho consagrados. Na Santa Ceia também encontramos a Palavra de Deus que cria e renova a vida do cristão.

**Tema e partes:** Venham à grande festa da vida.

*Instituída por Jesus Cristo. Enfatizando ...*

- A Santa Ceia.
- Sombra da Ceia Pascal.
- "Isto é o meu corpo". "Isto é o meu sangue".
- Aliança de Deus com o seu povo - "Sangue da aliança" (Êx 24.8).
- Visão da vida eterna.

*Sustentada pela vitória do Senhor. Enfatizando ...*

- O único Cordeiro perfeito.
- Em favor de todos. Precisamos anunciar a todos.
- Testamento de vida.
- Perdão dos pecados. Fortalecimento da fé. Salvação. Vida Eterna. (Vitórias!)
- Mérito exclusivo de Cristo.
- Por graça, misericórdia e amor, a vitória é nossa também.

*Iderval Strelhow  
Porto Alegre, RS*

# DÉCIMO NONO DOMINGO

## APÓS PENTECOSTES

*Décimo Oitavo Domingo Após Trindade*

Salmo 103.1-14, Deuteronômio 6.4-15, Romanos 13.1-10, Marcos 12.28-34 ou Mateus 22.34-40

### **Mateus 22.34-40**

#### **CONTEXTO**

Os fariseus estão empenhados em encontrar algum motivo para incriminar Jesus. O conflito vai ficando cada vez mais intenso. Neste contexto, travam-se quatro discussões: (15-22) a pergunta sobre os impostos; (23-33) a pergunta sobre a ressurreição; (34-40) o texto em foco, o mandamento mais importante e, (41-46) a pergunta sobre o Messias.

Na discussão sobre impostos, haveria acusação independente da resposta de Jesus, pois se afirmasse que os judeus não deveriam pagar impostos ao imperador romano, as autoridades o prenderiam, e dizendo que deveriam pagar, o acusariam de traição. Já sobre a ressurreição, é preciso lembrar que os saduceus não acreditavam em ressurreição, embora os fariseus acreditassem (At 4.1,2; 23.6-8). A sua relutância em aceitar a autoridade de Jesus sempre os leva aos ensinamentos de Moisés. E assim Jesus responde uma a uma as questões, sem realmente dar a eles oportunidade de acusação fundada.

#### **TEXTO**

Quando Jesus resume a lei a uma só palavra – amor, embora separe em dois focos, mostra um novo tempo e uma nova forma da relação com Deus. Uma relação com Deus não a partir de obrigações e rituais, mas com uma forma de resposta interior, com todo o ser. Embora aprendamos sistematicamente que aqui está o resumo do Decálogo, e isso é inegável, para mim a resposta de Jesus vai muito além. Não se trata de uma nova apresentação da Lei, mas tem tudo a ver com a resposta dos discípulos Pedro e João quando estavam diante do Conselho Superior: “Nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos” (Atos 4.20). Jesus está dizendo aos fariseus que não basta cumprir tarefas e rituais, não bastam obras externas, mas a resposta aos mandamentos de Deus deve brotar de

uma vida transformada, de um coração cheio do Espírito Santo, que movido pela graça de Deus não consegue agir de forma diferente, senão amando porque ele nos amou primeiro (1 João 4.19).

Ainda observando o ensino de Jesus, fica evidente que o amor a Deus precede o amor ao próximo. E o amor a Deus é na intensidade total (todo) do corpo, da alma e da mente (caso queira enfatizar este aspecto, recomendo a exegese específica de cada um dos termos e seu significado). Na verdade, a forma de demonstrar amor a Deus passa a ter uma face nova em Jesus. Não é por meio de obediência apenas, mas com a expressão da vida espiritual, da vida emocional e da vida física – um estilo de vida. Isto passa a ser apresentado de forma muito bonita pelo apóstolo Paulo quando fala dos dons do Espírito Santo, de forma especial em Rm 12.6-13. Neste texto perceberemos a dádiva do Espírito para que o cristão possa manifestar o seu amor a Deus das mais diferentes formas, e diga-se, de formas muito simples que por vezes são menosprezadas entre nós cristãos (servir, animar, exercer misericórdia).

Já o segundo foco da expressão do amor a Deus tem como alvo a vida humana. A minha vida e a vida do outro (próximo). Novamente chamam atenção dois pontos. Este amor agora é manifesto em equidade. Amor a si mesmo e na mesma medida ao próximo. Ele não é com a mesma intensidade do amor a Deus que é de todo coração, alma, força e mente. O amor a Deus é a força motriz para que aconteça o amor a mim mesmo e o amor ao próximo.

## **PONTOS DE CONTATO**

Os fariseus e os saduceus estavam vivendo uma religiosidade externa, com uma obediência à letra, sem uma renovação espiritual de suas vidas. Sua “perseguição” a Jesus não os permitia ouvir e apreender os ensinamentos, pois estavam sempre preocupados em encontrar erros, ao invés de ouvir para fortalecer sua fé e convicção espiritual.

Esta realidade não é diferente na vida de algumas pessoas de nossos tempos. Temos irmãos e irmãs que não faltam a cultos e estudos bíblicos, mas sempre estão com a língua afiada para avaliar os outros, condenar e até fazer comentários que não constroem o corpo de Cristo, nem edificam cristãos individuais. Precisamos estar atentos para deixar a Palavra também falar aos nossos corações, e não apenas a endereçar a quem julgamos que deva ouvir este ou aquele conteúdo da Palavra. A Palavra sempre tem algo para mim, e não me autoriza expressões como: “Hoje o sermão foi para A, este foi para B”, e, com isso, acaba nunca havendo uma palavra para mim.

A ação recomendada por Jesus a partir da revelação da Lei (decálogo) é a de servir de suporte e força para o crescimento espiritual do outro. O amor como forma de crescimento diante do Senhor. O amor, não para encobrir erros, mas para fortalecer e construir a vitória sobre o pecado.

## **POSSIBILIDADE HOMILÉTICA**

**Tema:** Ame ao Senhor e ao próximo

**Introdução:** A vida cristã relaciona-se com Deus e com o próximo

1. *O egoísmo e a falta de amor*
  - a. O pecado isola e explora
  - b. O reflexo da falta de amor na sociedade atual
  
2. *O Mandamento do Senhor: Ame ao Senhor e ao próximo*
  - a. Participamos da manifestação do amor de Deus às pessoas
  - b. Deus permanece vivo e eficaz na vida dos que crêem
  - c. A essência de Deus (amor) manifesta-se na essência da santificação do cristão (amor)
  
3. *A ação do Espírito Santo através dos cristãos*
  - a. O Espírito Santo capacita através de dons
  - b. Somos o povo da aliança que testemunha os atos de Deus a esta geração
  - c. O amor de Deus chega ao próximo também através de nós.

*Airton Schroeder  
Natal, RN*

# DIA DA REFORMA

Salmo 46, Isaías 55.1-11, Apocalipse 14.6-7, Mateus 11.12-15

## Apocalipse 14.6-7

### DESTAQUES

**Sl 46** – Deus se apresenta como esconderijo seguro banhado por águas que, tranquilas, faz olhar o futuro com alegria.

**Is 55. 1-11** – Aliança perpétua que consiste 1. nas fiéis misericórdias de Deus ... 2. a palavra que não volta vazia

**Mt 11.12-15** – Deus levanta do nada aqueles que fazem a sua palavra ser ouvida. Não uma mensagem de poder, força e violência que os homens exercem, mas aquele poder que Deus revela na sua misericórdia trazendo a paz aos corações, removendo deles a culpa.

### TEXTO (Ap 14. 6,7)

Os textos relacionados focam na ação de Deus. Em datas como a da Reforma, tem-se a tendência de concentrar a atenção sobre pessoas, suas fraquezas, as faltas e erros e, por outro lado, aqueles que foram fiéis e que, ao final, restaram como testemunhas de Deus. Algo errado? Aparentemente, não. A não ser pelo fato de que, para o ouvinte, fica a impressão de que a história da igreja é feita de vilões e heróis. Ser ou não ser da igreja é uma escolha de lados? Deste ou daquele? Certos e errados?

O texto do Apocalipse é um texto de olhos fitos no céu, o céu que está visível aos olhos dos que vivem neste mundo. O lado de cá do céu mostra o mensageiro de Deus oferecendo um Evangelho eterno, uma boa notícia que não tem limites de tempo, nem de espaço, incondicionado, livre e libertador. Esta interface entre Deus e humanidade é a única visão possível ao ser humano. Qualquer outra visão de Deus, qualquer outra tentativa de ver Deus e os céus desencadeia sobre o ser humano a morte da qual o mensageiro liberta.

Esse mensageiro é o mensageiro da vontade de Deus aos homens. Vontade essa que, sem esse mensageiro, não existe na experiência do ser humano. Sua experiência lhe fala de outra vontade do alto. Sua experiência lhe diz sempre e a cada instante que ele é um devedor. Ele vê também todos ao seu redor como devedores. Olhar para o alto é um ato que desperta medo e até terror.

Esse é o único modo como a natureza humana olha para o céu: com medo e terror. Bem por isso toda e qualquer iniciativa religiosa do ser humano vem impregnada e determinada em abafar esse medo e terror. Como pode a natureza humana proteger-se?

Lutero ansiava que do céu lhe viesse um sinal de misericórdia, algo em que pudesse agarrar-se. Mas do céu somente lhe vinha a noção de ser um grande devedor diante do justo tribunal de Deus. Tudo nele lhe confirmava essa certeza. E Lutero não estava errado nisto. E todos os meios que a igreja lhe punha à disposição foram usados e esgotados no esforço de livra-se da culpa da qual se sentia responsável.

Essa é a palavra: responsável diante de Deus e do seu juízo. Não somente Lutero. Mas o publicano, no templo. O filho perdido ao lembrar-se do pai. Pedro, ao chorar no pátio do palácio. Pessoas que se deram conta de que sua natureza, sua tendência íntima e nada mais era responsável pela cobiça, inveja, soberba e tantas maneiras mais pelas quais convivemos diante do próximo na família, no trabalho e na sociedade. Como posso olhar para o céu se sou essa pessoa que eu conheço melhor do que qualquer outro? Não podemos estar diante de Deus diferentemente de Paulo: "O querer o bem está em mim. Não, porém, o efetuá-lo".

A lei de Deus é dura. Ela nos arranca da zona de conforto na qual queremos nos refugiar: "Não matei, não roubei. Ninguém pode me acusar de nada." Lutero, Paulo, o publicano, o filho perdido e cada um de nós é chamado a sair da zona de conforto e da falsa imagem de pessoa correta. Mas esta busca não se destina a aterrorizar. Pelo contrário. O evangelho eterno garante que, quanto maior o pecado que encontramos em nós, quanto maior é a consciência da própria pecaminosidade, mais intensa e urgente é a palavra da boa notícia que Deus interpõe entre ele e o pecador.

Essa boa notícia que o mensageiro de Deus tem para dar vai ainda mais além. Deus anuncia por ele que, além de nos aceitar e perdoar, Deus ainda nos dá a sua justiça como manto e cobertura. É por isso que não devemos e não precisamos confiar na nossa capacidade de fazer o bem. Nem precisamos e não devemos induzir as pessoas a olharem para nós como se tivéssemos capacidades de fazer o bem que outros não têm. O nosso desejo e esforço de fazer o bem seria totalmente, ou, melhor, é totalmente perdido se Deus não completasse e tornasse reais as nossas intenções de fazermos o bem. É Deus que realiza em nos tanto o querer como o fazer coisas boas, completa o Apóstolo.

Nem nos damos conta suficientemente de quanto Deus é fiel no

atendimento das nossas orações, especialmente as duas petições finais do Pai Nosso: "E não nos deixes cair em tentação. Mas livra-nos do mal." Ele, em sua misericórdia e amor, não permite que caiamos na tentação que se abriga em nosso coração. Ele nos dá freios e os aciona para não cairmos em vergonha e desgraça na dimensão da nossa capacidade de pecar. A vergonha e todo o mal que se permanentemente nos rondam com apetite de fera esfomeada, segundo a imagem do leão que Pedro oferece, deixam de ter poder de destruição e de morte que tem sobre a nossa natureza humana.

Este é o céu para o qual Deus levanta os olhos do Apóstolo João. Ele agora nos convida a olhar também e nos alegrarmos com a presença do mensageiro que oferece essa nova vida ao pecador. Sempre é tempo de olhar para os céus e confessar que nada somos por nós próprios, ao mesmo tempo em que o coração abriga feliz a palavra fiel do evangelho que nos cobre de justiça e dignidade. Sempre é tempo de olhar para os afastados, os desiludidos da igreja, os perdidos da casa de Israel, os caídos, os que estão de luto e convencê-los de que não há mais motivo de estarem afastados, temerosos, ou em angústia e dúvida. "Em Deus mais graça temos", diz o hino.

Ao mesmo tempo é importante descrever com coragem e clareza a natureza humana para que as pessoas não se iludam pensando que a justiça que ostentam os torna melhores ou superiores a qualquer pessoa cujo erro é notório. Pois o mensageiro com um evangelho eterno é de todos e de cada um que abriga a mensagem de consolo no íntimo e nela confia.

Olhar para o céu e reconhecer o evangelho eterno escrito com o sangue do Cordeiro é um privilégio a partir do qual olhamos com novos olhos para o mundo que nos cerca. Não é mais o mundo com esperanças e projetos humanos, frágeis e passageiros. Não estamos mais sujeitos a promessas que nunca se realizam e sempre se repetem. As promessas agora são promessas de Deus. As garantias são as garantias de Deus. E sobre o mundo que, no pecado, se encaminha para destruição, vemos o mundo que vem ao nosso encontro pelas mãos do Cordeiro de Deus. A paz e a harmonia que nos aguarda, e que já ocupa os nossos corações, são a paz e harmonia que já tentamos viver e praticar entre nós e, especialmente, com aqueles que ainda queremos ajudar a olhar para o céu assim como o evangelho eterno nos fez ver o céu.



## **SUGESTÃO PARA ORGANIZAÇÃO DO MATERIAL**

**Tema:** Reforma, um novo olhar para o céu

1. Numa realidade marcada pela culpa, veja o evangelho eterno
2. Numa realidade que se encaminha para o juízo, o céu vem ao nosso encontro.

*Paulo Weirich*  
*São Leopoldo, RS*

# ANTEPENÚLTIMO DOMINGO DO ANO ECLESIAÍSTICO

Salmo 114, Êxodo 32.1-6 (7-14) 15-20, Romanos 14.7-11, Mateus 24.15-28 ou Lucas 17.20-24 (25-30)

## Lucas 17.20-30

### Contexto

Lucas inicia seu evangelho dizendo: “[...] conforme nos transmitiram os que desde o princípio foram deles testemunhas oculares, e ministros da palavra, igualmente a mim me pareceu bem, depois de acurada investigação de tudo desde sua origem, dar-te por escrito, excelentíssimo Teófilo, uma exposição em ordem, para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído” (Lc 1.2-4). Como em toda Escritura, em Lucas fica nítido que o evangelho é universal. Não há barreiras entre judeus e gentios, entre escravos e libertos, entre homens e mulheres. Os fatos do capítulo dezessete ocorrem no terceiro ano do ministério de Jesus, no território da Judéia, onde Jesus passava por cidades e aldeias, ensinando, e de caminho para Jerusalém (Lc 13.22). Muitas pessoas vinham a Jesus com perguntas, como a que ocorre no início do texto.

### Texto

Vv. 20 e 21: Jesus tem à sua frente alguns fariseus. A pergunta “quando ia chegar o Reino de Deus” os incomoda. Por isso fazem-na a Jesus. Jesus responde que o Reino de Deus não pode ser identificado visivelmente, mas está “dentro das pessoas”. A palavra grega *entós* significa “dentro” ou “entre”. Almeida e NTLH usam o primeiro sentido. O texto de 1Co 3.16 nos ajuda a clarificar a resposta de Jesus. É importante que relembremos o “conceito de Reino de Deus”. Algumas peculiaridades no Antigo Testamento, Novo Testamento e quanto à vinda futura do Reino.

### Conceito de Reino de Deus

A Igreja, que é a congregação de todos os crentes entre os quais o Evangelho é pregado puramente e os santos sacramentos são administrados de acordo com o evangelho, participa do reino de Deus. Há uma relação pessoal entre Deus como Rei e o indivíduo como súdito. Este reino de Deus no qual os cristãos participam, e que perpassa todo o Antigo Testamento, manifestou-se de forma toda especial em

Jesus. Este reino está presente nos cristãos hoje e será manifestado em esplendor, glória e poder no retorno de Cristo. Scharlemann define reino de Deus dizendo: "O reino de Deus pertence ao plano de nosso Pai Celeste que ele designou por toda a eternidade como nosso caminho de salvação". Lutero, na Segunda Petição, no Catecismo Maior, fala sobre Reino de Deus dizendo que Deus enviou seu Filho, nosso SENHOR, ao mundo, para nos redimir e libertar do poder do diabo e nos levar a ele para que nos governe como rei da justiça, da vida e da bem aventurança, contra o pecado, a morte e a má consciência. Este reino é independente de relações temporais e espaciais. Quando pelos meios da graça – Palavra e Sacramento – a fé invade os corações, pelo poder do Espírito Santo, o Reino torna-se uma realidade presente, havendo relação pessoal de Deus com o indivíduo.

### **Reino de Deus no Antigo Testamento**

No Antigo Testamento, Deus é visto, frequentemente, como um Rei e é dito que ele governa ou governará como Rei. Em nenhuma parte do Antigo Testamento se encontra a locução "Reino de Deus" como conceito corrente. No entanto, a presença do Reino de Deus está em todo o Antigo Testamento ativamente na vida de seu povo. Dois textos do Antigo Testamento são de suma importância para se conceituar "Reino de Deus". São os textos de Êxodo 19.5,6 e Daniel 7.22-27. A presença do Reino de Deus entre o seu povo do Antigo Testamento torna-se evidente em inúmeros atos de livramento e na promessa do "Livramento Maior". Duas características deste Reino são importantes lembrar: Como primeira, o Reino de Deus é "graça". Não vem em resposta aos feitos dos homens. É inteiramente criação e poder de Deus. Deus escolheu Israel unicamente porque "Ele amou a Israel" (Dt 7.8), nenhum mérito da parte de Israel havia na escolha. Como segunda característica deste Reino, o fato de que Deus escolheu habitar com seu povo. O livro de Êxodo começa com a história da libertação de Israel do Egito e vai até a construção do Tabernáculo, a tenda do encontro. Ali foi o lugar que Deus dignou-se a usar como lugar de sua graciosa presença. Pelos profetas fica claro que o verdadeiro Reino de Deus, em sua plenitude, viria nos últimos dias.

### **Reino de Deus no Novo Testamento**

Não se pode falar da presença do Reino de Deus em Jesus sem mencionar João Batista e sua mensagem de "proximidade do reino dos céus" (Mt 3.2; Mc 1.15). João Batista iniciou seu ministério profético em pleno deserto da Judéia. A temática da pregação era o arrependimento e o anúncio da proximidade do Reino dos céus. O arre-

pendimento como transformação do coração e da mente pela pregação da Palavra de Deus, e a proximidade do Reino dos céus, como concretização da vinda do Messias. Ou seja, o início dos tempos do fim (Jo 18.36). A pregação de João Batista era voltada para o Messias. João Batista veio como precursor, anunciando que o Reino de Deus estava próximo. Jesus veio para proclamar que o Reino de Deus estava presente. Essa vinda presente é “o mistério do Reino de Deus” (Mc 4.11). O Reino de Deus não vem de maneira visível, mas absconditamente, através da ação humana de um semeador. Não pode ser conquistado por obra humana, mas somente ser encontrado. As parábolas de Jesus sobre o reino se dirigem a todos; mas apenas os que o seguem compreendem a causa em questão. Jesus veio como servo de Deus para levar sobre si os pecados da humanidade. Jesus escolhe um novo povo para levar a mensagem da salvação adiante. Escolhe os discípulos aos moldes do povo do Antigo Testamento, os escolhe em seu amor para seus propósitos. Eles eram remanescentes em Israel. A graça de Deus tornou-se manifesta na expansão do Reino por ocasião do Pentecostes (At 2.1-41). Scharlemann diz que essa comunidade de Pentecostes tornou-se a Igreja como último grande ato redentor de Deus na história. Deus passou a habitar com seu povo não mais em tabernáculo, como no Antigo Testamento, mas em “Palavra e Sacramento”. Deste modo, seu domínio tem vindo a nós pelo Evangelho que é proclamado. A Igreja tem sido criada para vida e nova dimensão de uma vida feita de amor, paz, paciência, perdão e sofrimento.

## **A VINDA FUTURA DE REINO DE DEUS**

O reino de Deus do qual os cristãos do Antigo Testamento participaram, do qual os cristãos do presente participam, não se restringe ao “já agora”, mas ao “ainda não”, por ser também uma realidade futura. Desde o Antigo Testamento temos claramente a perspectiva da vinda futura do Reino de Deus relacionada com a segunda vinda de Jesus, “O Dia do Senhor” (Dn 7.27) e a criação dos “Novos céus e nova terra” (Is 65.17). O Antigo Testamento é rico em apontar para o futuro escatológico. O Novo Testamento confirma o Antigo Testamento nesta perspectiva fazendo alusão desde os evangelhos onde Jesus conta várias parábolas do reino, passando por várias alusões nas cartas e culminando de forma especial com as referências do Apocalipse. Um dos textos de referência à vinda futura do Reino de Deus é o que estamos abordando, com ênfase para Lucas 17.24.

Vv. 22 a 24: Jesus passa, como diz o texto, a falar “aos discípulos”.

O Reino de Deus está presente na pessoa de Jesus. Têm eles a oportunidade de conviver com ele como discípulos para mais tarde serem designados como apóstolos. É preciso ter cuidado com os falsos profetas e as falsas mensagens (2Pe 2.1,17). O Dia do Senhor vem repentinamente como ladrão (2Pe 3.10). Há avisos num crescendo ao longo dos tempos Mt 24.5-14,37-39; Lc 21.8,18,17; 2Ts 2.3,4). Um incrédulo disse certa vez a um cristão que testemunhou sua fé falando sobre a segunda vinda de Jesus: "Vou ficar de olho no que você me falou sobre a volta de Jesus. Se realmente ele vier, assim que vê-lo vou acreditar". O v.24 de nosso texto descarta qualquer possibilidade para tal. Jesus virá repentinamente e visível a todos. Hebreus 11.1 define bem o que é "fé".

V. 25: A linha vermelha que perpassa toda a Escritura sobressai aqui, enfatizando o ápice da "missão do Filho" (Jo 3.16), seu sofrimento "vicário" em favor de toda a humanidade pecadora. O amor de Deus em Cristo Jesus fica evidente.

Vv. 26 a 29: Nos referidos versículos, Jesus traça um paralelo chamando a atenção para o "dilúvio" (Gn 7.6-24) e a destruição de "Sodoma" (Gn 18.20-19.25). A vida do povo transcorria em uma normalidade em comer, beber, casar, comprar, vender, plantar, construir, não dando ouvidos ao alerta de destruição. A oportunidade no dilúvio foi de 120 anos de tempo para arrependimento, até que veio o castigo.

V. 30: Apesar do registro no Antigo Testamento, tanto do "dilúvio" como da "destruição de Sodoma", e tendo a Escritura o propósito conforme diz em 2 Timóteo 3.16 "útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça", Jesus deixa claro que muitas pessoas continuarão em sua normalidade de vida não dando ouvidos ao chamado ao arrependimento e confiança nele como Salvador e em sua Palavra por ocasião de sua segunda vinda. Sofrem o castigo eterno.

## APLICAÇÃO

O povo de Deus prestes a partir desse mundo a qualquer hora, ou a presenciar a volta de Jesus, jamais deve esquecer-se dos grandes feitos do Senhor para com o seu povo (Sl 114). Cada um é convidado a olhar para a sua vida e enxergar o que Deus fez em termos de família, Igreja e sociedade. Reconhecer o que está escrito em Lamentações 3.22,23: "As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim, renovam-se cada manhã; grande é a tua fidelidade". Dias turbulentos

o povo do Antigo Testamento passou. Não é diferente hoje. Não o será no futuro. Por isso é confortador saber, conforme Mateus 28.20b: "Eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século". O mau exemplo do povo de Israel ao pé do monte Sinai, conforme Êxodo 32.1-14, sirva de um exemplo a "não" ser seguido. Que as palavras de Romanos 14.7-11 sejam o viver dos filhos de Deus incluídos no "Reino" já desde o "batismo". Agradecidos pelos ensinamentos de Jesus de maneira tão clara e com exemplos marcantes, possamos, em arrependimento e fé, continuar a caminhada de nossas vidas "preparados", testemunhando do que "vimos e ouvimos" (At 4.20), cientes de que: "[...] aquele, porém que perseverar até ao fim, esse será salvo" (Mc 13.13).

**Tema:** O Reino de Deus está dentro de vós.

*Guilherme Rodolfo Hasse Becker  
Cachoeirinha,RS*

# PENÚLTIMO DOMINGO DO ANO ECLESIÁSTICO

Salmo 143.1-10, Jeremias 8.4-7, Romanos 8.18-23 (24-25),  
Mateus 25.31-46

## Mateus 25.31-46

### LEITURAS

**Salmo 143. 1-10** – Destacamos o versículo 10: “Ensina-me a fazer a tua vontade”. Temos aqui um apelo em direção à santificação”, que é o tema doutrinário central do evangelho (Mt 25. 31-46). “Guie-me o teu bom Espírito” nos remete aos frutos do Espírito (Gl 5. 22) que resultam naquele tipo de vida que merece o “e-logio” de Jesus (ἔῃ ἡμῶν).

**Jeremias 8. 4-7** – O profeta lança um apelo de Deus ao seu povo no sentido deste povo migrar para o Senhor. Assim como as migrações da Palestina, citadas no versículo 7, também o povo é chamado a voltar-se para Deus. O motivo da volta vem da consciência que existirá um julgamento fiel. As premissas do julgamento são clareadas pelo Senhor em Mt 25.

**Romanos 8. 18-23 (24,25)** – O apóstolo aponta para o que resta no final da caminhada da fé (v.17) – seremos glorificados com Cristo. Somos filhos e herdeiros de Deus. A nossa herança já pode ser administrada aqui e agora. Todo o benefício do sacrifício de Cristo na cruz já é nosso. As virtudes esperadas dos filhos de Deus (cf. o evangelho Mt 25) já podem ser administradas por eles aqui e agora enquanto aguardam o recebimento da herança final.

**Mateus 25. 31-46** – Estamos no contexto do grande discurso escatológico de Jesus. Jesus está preparando seus seguidores para sua segunda vinda. O capítulo 24 de Mateus já vem sendo uma preparação que serve de transição profética para a segunda vinda de Cristo. Jesus vem falando sobre alguns sinais característicos da sua segunda vinda. Estes sinais têm um direcionamento proposital: Jesus parte do amplo e generalizado para o particular. Há aí um convite a não sermos curiosos apenas com o que acontecerá no universo, ou o que precisa acontecer fora de nós, mas estarmos atentos ao que precisa acontecer e ao que vai acontecer efetivamente conosco. A passagem pelo julgamento será individualizada, os sinais mais

extraordinários dos tempos do fim poderão ser os sinais que cada filho de Deus e crente em Cristo poderá deixar em suas ações.

## TEXTO

V.32: Todos serão reunidos e separados. O conceito aplicado ao verbo "separar" (*chorizo*) nos mostra uma separação a partir de diferenças que possam ser observadas. A separação das pessoas será feita com base naquilo que foi observado, pelos sinais deixados, pelas coisas feitas, pelo tipo de vida que levaram. Ovelhas e cabritos serão separados.

Hoje nós andamos juntos e podemos até ser parecidos: misturam-se cristãos, "meio-cristãos", não-cristãos, caridosos, benfeitores, solidários e outros que apresentam sinais externos semelhantes. O "Filho do homem" conhece a diferença e sabe fazer a separação.

V. 34: Então dirá: "Vinde benditos do meu pai." Benditos – "Ÿö ëüãåþ" – bem-falados, abençoados, de boa moral, *e-logia* – elogiados.

Quando Abraão foi chamado para o acordo com Deus e representar a Igreja, ele ouviu: "Sê tu uma bênção". O povo de Deus que estará diante do trono, é esse povo que foi chamado para fazer da sua vida algo elogiável, que simbolize bênção para quem está no seu convívio. Temos o convite para sermos uma bênção na vida do próximo, um Cristo na vida do outro (Lutero). Dos dez mandamentos, sete recomendam um tipo de vida "elogiável" em relação ao próximo. Serão trazidos para perto de Jesus estes que podem ser chamados de "Ÿö ëüãåþ" – benditos, elogiáveis.

Vv. 35,36: "Pois tive [...] estive [...] era [...]". Jesus elenca situações em que se colocam diante de nós oportunidades para fazermos coisas "elogiáveis", situações para demonstrarmos amor ao próximo. Jesus está enumerado as diferentes oportunidades de exercitar a santificação.

Podemos agregar aqui os textos de Romanos 1. 17: " O justo viverá da fé" e Tiago 2. 14: "Qual o proveito, irmãos meus, se alguém disser ter fé mas obras não tiver?" (... a fé se consuma pelas obras... [v. 22]. Crer, até os demônios crêem [v. 19]).

Jesus é enfático na santificação. Parece muito claro que o tipo de vida que levamos na prática terá um peso decisivo na hora e no processo de separação dos "benditos" e dos "malditos". Jesus está falando das recompensas, da fidelidade e da prática das obras cristãs. Há aqui um convite a sermos protagonistas das nossas vidas de filhos de Deus, justificados e potencializados pelo Espírito Santo. Percebemos também o eco da história do Bom Samaritano: "Vai tu e procede de igual modo".



Temos aqui duas dimensões dos juízos de Deus. O juiz das obras dos cristãos (1Co 3. 10-17 e 2Co 5.9,10) e o juízo dos ímpios (Ap. 20. 11-15). (Confira notas homiléticas da Bíblia Shedd – Vida Nova).

*Alcione Eidam*  
*Cachoeirinha, RS*

# ÚLTIMO DOMINGO DO ANO ECLESIAÍSTICO

*Domingo do Cumprimento*

Salmo 130; Isaías 65.17-25; 2 Pedro 3.3-4, 8-10<sup>a</sup>, 13  
ou Apocalipse 21.1-7, Mateus 25.1-13

## **Mateus 25.1-13**

### **CONTEXTO (CENÁRIO LITÚRGICO, HISTÓRICO)**

Uma parábola, contada pelo próprio Jesus, retratando os costumes judaicos para o casamento.

### **ÊNFASES, EXPRESSÕES QUE SE DESTACAM, ANÁLISE**

Fiquem vigiando...(v.13). Tem como propósito lembrar a importância de estar preparado para a segunda vinda de Cristo, no juízo final.

### **PARALELOS, PONTES, PONTOS DE CONTATO**

Esse texto aparece somente em Mateus, mas pode ser trabalhado em paralelo com o texto de Lucas 12.35-37.

### **TEMA**

*Fiquem vigiando porque vocês não sabem qual será o dia e a hora* (v.13).

Nesses tempos modernos, uma das regras mais importantes da vida humana é *estar preparado*. Estar preparado profissionalmente, psicologicamente, financeiramente, etc. Estar preparado pode ser o diferencial entre o ter e o perder; entre a vitória e a derrota, entre a vida e a morte. Estar preparado, por exemplo, para um comerciante, pode significar: estar atento às tendências do mercado. Para um vendedor pode significar: estar atualizado com técnicas de vendas e as necessidades dos clientes. Estar preparado para um motorista pode significar: estar com a documentação e o veículo em dia. E, para o cristão, o que significa estar preparado?

O evangelista Mateus escreve: [...] *fiquem vigiando porque vocês não sabem qual será o dia e a hora* (Mt 25.13). A palavra *vigiando* tem vários significados, entre os quais: *observar atentamente, espreitar,*

*velar, cuidar*, etc. (*Minidicionário da Língua Portuguesa* – Silveira Bueno). Essas palavras aplicadas à vida do cristão mostram como deve ser o viver de um filho de Deus.

A história contada por Jesus, que leva o título *A parábola das 10 virgens*, é um exemplo clássico do que faziam as moças convidadas, no momento que antecedia o casamento.

Para que possamos compreender a mensagem do evangelho, precisamos conhecer, primeiro, um pouco da cultura e da tradição do povo judeu da época de Jesus. Por isso, é importante lembrar que o casamento tinha *três estágios bem distintos*:

Primeiro vinha o COMPROMISSO, quando era feito um contrato formal entre os respectivos pais da noiva e do noivo. A este seguia-se o NOIVADO, cerimônia feita na casa dos pais da noiva, quando promessas mútuas eram feitas pelas partes contratantes diante de testemunhas, e o noivo dava presentes à sua prometida. O homem e a mulher ficavam unidos um ao outro pela cerimônia de noivado, apesar de ainda não serem de fato marido e mulher; na verdade, tão obrigatório era o noivado que, se o homem morresse durante o período de noivado, a mulher era considerada viúva; o cancelamento de um noivado não era permitido; se, porém, acontecesse tal coisa, era semelhante a um divórcio. E, finalmente, depois do transcurso de cerca de um ano, havia o casamento, quando o noivo, acompanhado dos seus amigos, ia buscar a noiva na casa do seu pai e a levava em cortejo de volta para sua casa, onde se fazia a festa de casamento. É bem provável que seja este o cortejo das dez jovens da história contada por Jesus. Provavelmente elas fossem as damas de honra oficiais da noiva, ou criadas do noivo, ou filhas de amigos e vizinhos [...] TASKER, R.V.G. **Mateus**: Introdução e Comentário, p. 184).

Em destaque na parábola contada por Jesus está o fato de essas jovens não saberem o momento que o noivo iria chegar ao local da festa. Isso exigia que elas ficassem *atentas, velando, cuidando*... Qualquer descuido poderia significar um grande vexame e vergonha para elas e para suas famílias.

É fácil perceber o ponto de ligação da parábola contada pelo Mestre com a vida do cristão. O crente não só vive uma noite de espera pelo noivo, mas vive toda a sua vida na espera do momento em que vai se encontrar com Ele, o seu Salvador. E, assim, como o descuido de algumas das moças representou um desastroso fim de festa, para nós, cristãos, o descuido, o "não estar preparado" pode significar um triste, sofrido e eterno afastamento da grande festa preparada para os convidados de Deus, ou seja, a vida eterna no céu.

O cristão, mesmo sabendo que foi chamado pelo Espírito Santo de

Deus a crer e que nada do que ele possa fazer lhe é atribuído como mérito para sua salvação, se preocupa e procura estar preparado. O cristão leva a sério a advertência do apóstolo Pedro, que diz: *Estejam alertas e fiquem vigiando porque o inimigo de vocês, o Diabo, anda por aí como um leão que ruge, procurando alguém para devorar* (1 Pedro 5.8). Para o cristão, perder a grande festa no céu é desperdiçar todo o sacrifício de Jesus em seu favor e em favor de toda humanidade. É subestimar o Diabo e suas armadilhas.

Estar preparado é, em primeiro lugar, estar ciente de que todos são pecadores e que os erros e falhas impedem a todos de entrar na vida eterna. Estar preparado é reconhecer que por esses pecados o ser humano merece nada mais do que o desprezo e a condenação de Deus. Estar preparado é alimentar o coração e a mente com a palavra de Deus através de leituras bíblicas, reflexões e a participação de cultos e estudos bíblicos. Estar preparado é ser capaz, pela fé e pelo poder do Espírito Santo, confessar para as pessoas a sua confiança em Jesus. Estar preparado, acima de qualquer coisa, é um estado de confiança, confiança em Deus.

Uma segunda coisa muito importante que essa parábola nos revela, é que a salvação é individual, ou seja, eu, com a minha fé, não posso salvar outra pessoa. Isso nos é revelado na resposta à pergunta: *Dêem um pouco de óleo para nós, pois as nossas lamparinas estão se apagando*, que as moças sem juízo fizeram para as moças prudentes. E a resposta: *De jeito nenhum [...] O óleo que nós temos não dá para nós e para vocês* nos lembra de que ninguém vai entrar na vida eterna com o azeite, ou a fé de outra pessoa.

Assim, por mais que amemos ou gostaríamos de poder salvar, com a nossa fé, aquelas pessoas que amamos e que estão à nossa volta, mas que, por um ou outro motivo estão afastados de Cristo, não podemos. O que podemos fazer é estimular, animar, motivar e criar oportunidades, colocando-as em contato com a palavra de Deus, para que o Espírito Santo possa agir nelas.

Prezados irmãos, as palavras: [...] *fiquem vigiando porque vocês não sabem qual será o dia e a hora* (Mt 25.13), ao mesmo tempo que soam como advertência, nos lembram que o Salvador virá. Isso é sinal de que aquilo que a Bíblia nos diz é verdade e que as promessas de Deus vão se cumprir.

Neste domingo, o último domingo do ano da Igreja – Domingo do Cumprimento – lembramos também que no próximo final de semana inicia o período do Advento o qual nos prepara para a primeira vinda de Jesus, como criança prometida para cumprir a grande missão de Deus, salvar a humanidade.

Que nós saibamos centrar nossos pensamentos e ações no que, de fato, é o mais importante: o menino Jesus. E que este Menino encontre a todos preparados, afinal: [...] *vocês não sabem qual será o dia e a hora*" (v.13) que o Salvador vai voltar.

Que estas palavras fortaleçam a vossa fé e os animem frente aos desafios de vossa vida. Em Jesus Cristo, Amém.

*Sergio Lauri Patzer*  
*Capão da Canoa, RS*

# AÇÃO DE GRAÇAS

*Dia Especial*

Salmo 65, Isaías 61.10-11, 1 Timóteo 2.1-8, Lucas 17.11-19 ou Mateus 6.24-34

*Mateus 6.24-34*

## CONTEXTO

**Mt 6.19-34** – Jesus convida seus seguidores para que ponham em primeiro lugar na sua vida o Reino de Deus e aquilo que Deus quer (v. 33). Deus não tolera rivais. Nem riquezas ou dinheiro (vv. 19-24), nem mesmo as preocupações (vv. 25-34) podem tomar o lugar de Deus e a confiança nele (Bíblia de Estudo NTLH). A perícopes faz parte do Sermão do Monte, no qual Jesus destaca os privilégios e as responsabilidades daqueles que são os cidadãos do Reino do Céu.

## TEXTO

Almeida coloca dois títulos para a perícopes: para o versículo 24 “os dois senhores” e para os versículos 25-34 “a ansiosa solicitude pela vida”. A NTLH coloca a perícopes completa sob o título “Deus e as riquezas”.

Jesus nos coloca nesta perícopes diante da decisão de servir a Deus ou servir às riquezas. Para isto faz a comparação de um servo a serviço de dois senhores. O resultado seria dedicar-se a um e desprezar o outro. A conclusão que Jesus faz a esta comparação é que não é possível servirmos a Deus e às riquezas ao mesmo tempo. Não há como conciliar ambas as coisas: se nosso ídolo é a riqueza, então não é possível servir a Deus.

Segue-se o conselho de Jesus sobre as preocupações com o sustento da vida. O avaro, apegado ao seu dinheiro, tem falta de confiança em Deus e esta falta de confiança vai se mostrar numa ansiedade pelos cuidados da vida. Comida e vestimenta, o necessário para o sustento da vida, não deveriam nos causar ansiedade. Jesus argumenta do mais importante ao menos importante: “Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo, mais do que as vestes?” Deus, que criou as coisas mais importantes, vai deixar faltar as menos importantes? Preocupação excessiva com comida e vestuário não somente esquece o Doador de todas as coisas como também enfraquece os

membros do corpo de maneira que eles não podem mais cumprir o trabalho rotineiro diário.

Os pássaros fazem muito menos do que é esperado pelas pessoas em providenciar para o futuro. Eles não têm celeiros onde armazenar alimentos para prevenir-se de uma fome vindoura. Pense, portanto, naquele que lhes provê alimento e deles cuida. A mesa dos pássaros está, em certos momentos, repleta de comida daquilo que mais gostam, noutras vezes têm que se contentar com o que acham. No entanto, eles sempre têm o suficiente para viverem. Se Deus cuida assim destas criaturas humildes, não há razão para que providencie também para as pessoas que são seus filhos?

Quão inútil é a ansiedade! Por acaso, pode a ansiedade encompridar a nossa vida? Por que, então, não deixar isto aos cuidados do nosso Criador? Assim como a ansiedade com a comida é desnecessária, o mesmo acontece com a ansiedade pela vestimenta. Salomão, que vivia em luxo incomparável, não teve o esplendor dos lírios do campo. Se Deus cuida assim da erva do campo, quanto mais não vai cuidar de nossa vestimenta?

Jesus faz a aplicação de seu argumento contra a ansiosa preocupação. Os lírios, cujas flores nos ensinam uma grande lição, pertencem às ervas do campo; podem até ser classificados entre as ervas daninhas quando se avolumam na terra cultivável. Portanto, são de pouco valor dentro da ordem da criação. No entanto, Deus ornamentou os lírios com uma beleza incomparável. Deveriam os filhos de Deus se atormentar e ficar ansiosos por causa de vestuário que necessitam? Ficar atormentado pela preocupação de comida e vestuário é coisa de descrentes. Eles não têm outra perspectiva de vida senão confiar nestas coisas passageiras, coisas que o mundo oferece para aqui e agora.

Não há erro nenhum em providenciar comida e vestuário para si e para a sua família. Também se deve lembrar que o cristão pode passar por necessidades e, nem por isso, Deus o está desamparando. O erro está numa preocupação ansiosa pelo sustento da vida sem confiar que Deus, através do trabalho, vai nos providenciar o necessário para comer e vestir. "O reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo" (Rm 14.17), diz o apóstolo Paulo. Possuir a justiça de Deus e ser rico em boas obras, este é um alvo adequado à ambição cristã.

Cada dia tem o seu próprio mal. Adicionar dificuldades para o dia, na preocupação do que o amanhã trará, não vai ajudar a resolver os problemas de hoje. É o futuro que nos traz ansiedade. Saibamos colocar cada dia diante de Deus, pois "as suas misericórdias não têm fim; renovam-se cada manhã" (Lm 3.22-23).

Buscar hoje, em termos práticos, o reino de Deus e sua justiça, é procurar no seu evangelho a orientação para a nossa vida e receber o ser perdão no sacramento da Santa Ceia. Seguindo o seu evangelho também vamos experimentar a companhia acolhedora dos irmãos na fé que podem socorrer-se mutuamente, assim como a igreja primitiva já fazia.

[Comentários do texto baseados em **Popular Commentary**, de Paul E. Kretzmann, e em **Concordia Commentary**, de Jeffrey A. Gibbs]

## **APLICAÇÕES HOMILÉTICAS**

O alvo para o qual aponta o texto é que busquemos em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça.

A moléstia que o texto apresenta é a preocupação ansiosa pela preservação de nossa vida: comida e vestuário.

Os meios que o texto nos mostra é que Deus providencia o sustento de sua criação.

## **PROPOSTA HOMILÉTICA**

### **Busquemos em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça**

- I. A ansiedade pela preservação da vida é própria de descrentes
- II. Deus é o Criador e Mantenedor de sua criação
- III. A justiça de Deus se revela em ele ter tomado a iniciativa de nos enviar o Salvador.

*Raul Blum  
São Leopoldo, RS*